

ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES

**Educomunicação e Democracia na Escola
Pública:**

O educom.rádio e o planejamento

Queila Cristina Goes Borges

Dissertação apresentada junto à Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, área Interfaces Sociais da Comunicação, como exigência parcial para obtenção de título de Mestre em Ciência da Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Ciência da comunicação. Área de concentração Comunicação e Educação.

Orientador Prof. Dr. Ismar de Oliveira Soares

São Paulo – março de 2009

Membros:

Dedico este trabalho,

Ao meu esposo Samuel Borges, também meu presente, sem ele nenhum sonho seria possível ou valeria a pena.

Aos meus filhos Ana Kathleen e Gustavo, que suportaram a minha ausência em muitos momentos de suas vidas, que me compreenderam, torceram por mim e hoje compartilham este importante momento comigo

AGRADECIMENTOS

Agradeço a **Deus**, pela vida e pelas conquistas que me proporcionou.

A todos que de alguma maneira me ajudaram a concluir este trabalho e me deram o incentivo para levá-lo adiante.

Ao meu orientador Ismar, pelos preciosos conhecimentos a mim concedidos, pela paciência e pela confiança depositada.

Ao meu esposo Samuel, pela compreensão, companheirismo e estímulo.

À minha família, em especial à minha mãe Cleuza, exemplo de luta, dedicação, coragem e apoio constante.

Aos meus sogros Ruth e João, obrigado pelo carinho, compreensão e pelos meus momentos de ausência.

À Izabel Leão pela gentileza, presteza e cooperação neste trabalho.

Ao meu amigo Maurício Sinzato, que me apresentou à universidade, presenteou-me com seus livros e me incentivou a fazer este mestrado.

À família de amigos Rogério, Simone e Thayná, que me ampararam nos problemas paralelos, possibilitando que eu tivesse condições para continuar este trabalho.

RESUMO

Este trabalho é fruto de uma investigação realizada junto Programa Educom.rádio, curso de extensão oferecido pelo Núcleo de Comunicação e Artes da USP a aproximadamente 11 mil professores e alunos de 455 escolas da rede municipal de ensino da cidade de São Paulo, entre 2001 e 2004, tendo como foco a maneira como o conceito e a prática do planejamento foram considerados tanto na elaboração do projeto quanto como conteúdo previsto no cronograma de atividades. Além da descrição das formas sob as quais o tema do planejamento esteve presente ao longo do desenvolvimento do curso, foram analisados especificamente a produção de 169 propostas de planejamento educacional de autoria conjunta de professores, alunos e membros da comunidade que participaram de duas das sete fases do Educom.rádio, respectivamente a 6ª e a 7ª fases. O resultado da pesquisa possibilita afirmar não apenas que o planejamento é um requisito fundamental para garantir o sucesso de qualquer trabalho educacional, como atesta o esforço de coerência epistemológica do próprio do projeto para garantir sua coerência interna, entre o que ensinou e o que praticou, enquanto atividade cultural e educativa.

Palavras Chaves: educação, planejamento, comunicação, educação, gestão participativa e ecossistema comunicativo.

ABSTRACT

This paper is the result of a research program conducted with Educom.rádio, extension course offered by the Center for Communication and Arts of USP to approximately 11 thousand students and teachers of 455 schools in the municipal system of education in the city of São Paulo, between 2001 and 2004, focusing how the concept and practice of planning were both in the preparation of the project as content as specified in schedule of activities. Besides the description of the ways in which the subject of planning was right to the development of the course, have been examined specifically the production of 169 proposals for planning education of joint authorship of teachers, students and community members who participated in two of the seven stages the Educom.rádio respectively the 6th and 7th phases. The search result provides not only to say that planning is a prerequisite for the success of any work educating, as evidenced by the effort of the epistemological consistency by design to ensure internal consistency, and what it taught and practiced as cultural and educational activity.

Keywords: education, planning, communication, education, ecosystem management and participatory communication.

1 - INTRODUÇÃO	07
1.0 Memórias : A Trajetória de uma educanda para educadora.....	07
1.1 Formação de uma educadora em projetos do NCE/USP.....	15
1.2 Contextualizando a pesquisa	17
1.3 Procedimentos Metodológicos	20
1.4 Os capítulos que compõem esta Dissertação	22
2.0 O CAMPO DA EDUCOMUNICAÇÃO	25
2.1 - Novos Tempos: novas demandas.....	25
2.2 – Diálogo necessário entre escola e comunicação.....	28
2.3 - Os discursos na relação comunicação e educação.....	30
2.4 - A Configuração da Educomunicação.....	33
2.5 - A relação Comunicação/Educação no espaço da educação formal	37
2.6 - Descompasso e Consequências.....	39
2.7 - Necessidade de Superação ou Proposições.....	42
2.8 - A Comunicação e a Leitura na Escola.....	45
2.9 – O Planejamento e a função social na Leitura.....	48
2.10 – Concepções que permeiam a prática escolar.....	49
2.11 - Contribuições das Pesquisas	51
3.0 – PLANEJAMENTO.....	55
3.1 – Definições de Planejamento	55
3.2 – Planejamento enquanto Processo.....	57
3.3 – Planejamento na Educação	58
3.4 – O Planejamento é Político	60
3.5 – Planejamento na Educação em Crise	62
3.6 – Planejamento flexível para um mundo em constantes mudanças.....	64
3.7 – O planejamento e um novo clima cognitivo de aprendizagem	66
4.0 - PLANEJAMENTO POR PROJETO: EM EDUCAÇÃO E EDUCOMUNICAÇÃO.....	69
4.1. Planejamento de projetos educativos.....	69
4.1.1 – Características do Planejamento de Projeto.....	70

4.1.2 – O sentido político do Projeto Pedagógico.....	72
4.1.3 – Avaliação do Projeto Político Pedagógico.....	74
4.1.4 – Construção do Projeto Político Pedagógico	74
4.1.5 – O planejamento e os diversos documentos presentes na rotina escolar.....	76
4.1.6 – Planejamento por projetos em Educação.....	79
4.2 – Planejamento por projetos em Educomunicação	80
4.2.1 - Planejando Ecossistemas Comunicativos	80
4.2.2 - O Planejamento educucomunicativo	83
4.2.3 – Os desafios do Planejamento do Educom.rádio	84
5.0 - O PLANEJAMENTO: NCE e o EDUCOM.RÁDIO.....	87
5.1 – Conceito de Planejamento no Programa Educom.rádio e SME	87
5.2 – O NCE	92
5.3 – Programa Educom.rádio	95
5.3.1 – O processo de planejamento no Programa Educom.rádio.....	98
5.3.2 – O planejamento nas reuniões de formação.....	102
5.3.3 – O planejamento na prática: Os encontros aos sábados	103
5.3.4 – A escolha do rádio	105
5.3.5 – Conceitos Trabalhados	108
5.3.6 – Estruturação do educucom.rádio	109
5.3.7 - Papel dos Atores no Projeto	110
5.3.8 – Fases do Programa Educom.Rádio	112
5.4 – O Planejamento no educucom.rádio	118
5.4.1- Ficha de Planejamento de Ação Comunicativa	119
6) ANÁLISE DOS MATERIAIS PUBLICADOS pelo NCE / USP	123
6.1- Orientações, não receitas	124
6.2 - Tipos de materiais impressos usados no Educom.rádio.....	126
6.2.1 – Caderno de Orientações de Atividades.....	127
6.2.2 – A formação da equipe.....	142
6.2.3 – Cronograma das reuniões de formação.....	143
6.2.4 – Palestras.....	144
6.3 – Agenda do Educom.rádio.....	146
6.3.1 – Agendas da 6ª Fase:.....	147

6.3.2 – Agendas da 7ª fase:.....	153
6.4 – Boletim: O Educomunicador.....	156
7.0 – ANÁLISE DOS DADOS DOS PLANEJAMENTOS.....	175
7.1 – Ficha de Planejamento: modalidades de uso.....	176
7.2 – Amostragem.....	178
7.3 – Ficha de Planejamento: sequência dos tópicos.....	179
7.4 – Partindo do diagnóstico.....	182
7.4.1 - Problema-foco no eixo da infraestrutura.....	185
7.4.2 - Problema-foco no eixo da indisciplina.....	186
7.4.3 - Problema-foco na Comunicação.....	187
7.5 – Analisando o problema-foco: Comunicação.....	188
7.5.1 – Ampliando o nosso olhar sob o problema-foco da Comunicação.....	190
7.6 – Analisando problema-foco: Indisciplina.....	198
7.6.1 – Ampliando o olhar sobre o problema-foco da indisciplina.....	205
7.7 – Analisando problema-foco: Infraestrutura.....	211
7.7.1 - Ampliando o nosso olhar sob o problema-foco da infraestrutura.....	213
7.8 – Inserindo os Eixos Temáticos.....	215
7.8.1 – Outros Eixos Temáticos.....	220
7.9 – Competências necessárias para um educador.....	224
7.9.1 – Definições de Competência.....	224
7.9.2 – Trabalhar numa abordagem por Competência.....	225
7.9.3 – Como desenvolver as competências.....	226
7.9.4 – Competências.....	227
7.10 - Funcionamento da rádio.....	230
7.11 - Rádio no projeto.....	232
7.12 – O término do Programa Educom.rádio.....	233
8) CONCLUSÃO.....	235
9) BIBLIOGRAFIA.....	243
10) SIGLAS.....	253
11) ANEXOS.....	257

Índice de Gráficos

Gráfico 01: Diagnóstico da 6ª Fase.....	184
Gráfico 02: Diagnóstico da 7ª Fase.....	184
Gráfico 03: Diagnóstico – 6ªfase: Eixo da Infraestrutura.....	185
Gráfico 04: Diagnóstico – 7ªfase: Eixo da Infraestrutura.....	185
Gráfico 05: Diagnóstico 6ªfase: Eixo da Indisciplina.....	186
Gráfico 06: Diagnóstico 7ªfase: Eixo da Indisciplina.....	186
Gráfico 07: Diagnóstico da 6ª Fase - Eixo da Comunicação.....	187
Gráfico 08: Diagnóstico da 7ª Fase - Eixo da Comunicação.....	187
Gráfico 09: Diagnóstico da 6ª Fase: Eixo da Indisciplina.....	198
Gráfico 10: Diagnóstico da 7ª Fase: Eixo da Indisciplina	198
Gráfico 11: Infraestrutura - 6ª Fase.....	211
Gráfico 12: Infraestrutura - 7ªfase.....	211
Gráfico 13: Inserindo Eixos Temáticos - 6ª Fase	216
Gráfico 14: Inserindo Eixos Temáticos - 7ª Fase.....	217
Gráfico 15: Outros Eixos Temáticos - 6ª Fase.....	220
Gráfico 16: Outros Eixos Temáticos - 7ª Fase	221
Gráfico 17: Competências – 6ª Fase	227
Gráfico 18: Competências – 7ª Fase	228
Gráfico 19: Funcionamento da Rádio – 6ª Fase	230
Gráfico 20: Funcionamento da Rádio – 7ª Fase.....	231

1.0 - Memórias: A trajetória de uma educanda que se tornou uma educadora

Nasci no interior de São Paulo, na pequena cidade de Macedônia. Pequena e linda, dessas com uma bela praça, canteiros cercados por murtas, um chafariz no centro e com vários banquinhos espalhados, ornamentados por primaveras coloridas, com um jardim cheio de dalias, rosas de diversas cores, margaridas, lírios, flores, flores e flores. Cada casa com sua árvore na calçada, cidade aconchegante e cheia de possibilidades para uma criança ser feliz. E assim, apesar das intempéries, eu fui uma criança feliz.

Com seis anos de idade fui aceita na primeira série, a título de experiência, já que tinham sobrado vagas. A experiência foi bem sucedida. Cheia de orgulho, vestida naquela saia azul marinho pregueada e jaleco branco, todo o dia de aula, lá estava eu abraçada à minha pasta pronta para estudar.

A escola era enorme, mas não me assustava. Desde que nasci, eu era sua vizinha portanto já estava acostumada aos seus sons, seus apitos, seu agito e sua grandeza!

O meu maior problema estava na saída das aulas. Assim que era liberada da fila, saía correndo para proteger da multidão aqueles que vinham me esperar no portão: meus três porquinhos. Não havia cerca que os segurasse por muito tempo. Era só eles escaparem que iam me buscar na escola.

Só havia uma escola na cidade. Ricos e pobres estudavam lá e éramos todos iguais. A única diferença era que eu pertencia à “caixa”, uma designação para quem dependia da Associação de Pais e Mestres (APM) para ter seu material escolar. Adorava pintar. Enchia meus cadernos de desenhos, até que fui chamada à atenção para não desperdiçar as folhas porque era a

escola que me dava o material. Diante da observação que limitava minha criatividade, indiferente às dificuldades financeiras da minha mãe, não quis mais receber material da escola e passei a ter meu próprio caderno. Mas mesmo assim tive que diminuir o tamanho dos meus desenhos e sua quantidade. As reclamações continuavam porque meu caderno ficava muito “bagunçado”.

De lá saí definitivamente na sétima série. Deixei centenas de amigos, professores queridos, meus primos e a memória da minha infância.

- Mudança

Mudamos para Fernandópolis, cidade bem maior que Macedônia, com dezenas de colégios. Fui estudar numa escola maior ainda. Tudo novo. Nenhum conhecido. Pessoas que falavam mais “bonito”, mais corretamente! Não tinha mais “recreio”, agora se falava em “intervalo”. Não havia mais “merenda”, tinha “lanche”...

A base que havia trazido de Macedônia era boa. Acompanhei sem dificuldades a nova escola. Socializei-me rapidamente e conquistei admiração dos professores e colegas pelas minhas boas notas. Não levava dúvidas para casa. Perguntava tudo o que eu não sabia. Um dia, passei um grande constrangimento por ignorar uma coisa que para os colegas era óbvio. Todos riram por eu não saber o que era “cardápio”, palavra totalmente fora do meu contexto... Na minha antiga cidade não havia nenhum cardápio e nem mesmo a necessidade de tê-lo. Se na hora da refeição você estivesse fora de casa, era prontamente convidado para fazer a refeição na casa de um amigo.

Ali aprendi que não podia falar tudo o que eu queria. Tinha que me policiar bastante. Escrevia na capa do caderno o que eu não compreendia e depois ia à biblioteca consultar o dicionário, já que em casa não havia nem dicionário nem quem pudesse me tirar as dúvidas.

Eu vivia duas realidades: falava “certo” na escola e “errado” em casa para não ser recriminada.

Talvez pelas dificuldades que enfrentei, passei a ser a defensora dos colegas mais tímidos, dos que tinham mais dificuldades. Ficava indignada com as injustiças, discriminações e preconceitos. Era dura e voraz com as palavras. Argumentativa. “Comprava” as brigas com quem quer que fosse: colegas, professores e direção.

Continuei naquela escola e optei por fazer o magistério. Estudei com paixão. Fui apresentada aos grandes pensadores: Rousseau, Freinet, Durkheim, Decroly, Piaget, dentre outros e fiquei fascinada por eles. Eram tantas disciplinas, tantos professores! Alguns não mereciam ser chamados assim e nem deveriam trabalhar na área de educação. Ávida por justiça e qualidade de ensino, lutei muito contra eles. Organizei abaixo-assinados. Participei de vários debates e, junto a outros colegas, consegui trocar alguns professores. Felizmente foram mais os bons professores que os maus. Tive professores maravilhosos, competentíssimos que me marcaram bastante: prof^a. Clélia, prof. Clóvis, prof. Ademar e outros de quem não me lembro o nome, mas tenho viva a lembrança deles.

- Jovem professora e sonhadora

Ao terminar o magistério, não tive chance de trabalhar na área. A oferta de profissionais era bem maior que a demanda. Em busca de trabalho, migrei para a capital do estado. Cheguei em 1990. Inscrevi-me em várias escolas para substituições.

Cheia de medos, insegurança, mas com muita expectativa fui atender um convite para substituição de uma licença gestante. Entregaram-me giz e apagador. Indicaram a sala e mais nada. Tive vontade de sair correndo dali. Não sabia o que fazer, por onde começar e bateu o desespero. Percebi que eu não sabia nada.

Fui para a sala, lembrava dos estágios, mas naquela hora não me ajudaram em nada! Percebi que os alunos estavam tão assustados quanto eu, alguns já tentavam “marcar seu território” e aos poucos fomos nos entendendo. Tive que me virar, buscar apoio nas colegas, nem todas estavam dispostas a ajudar... As que se dispuseram, me ajudaram bastante, dividi minhas angústias, peguei várias ideias e fiz um propósito de apoiar sempre

que chegasse um novo profissional na escola, ao longo da minha história procurei por isto em prática. Consegui terminar aquele ano satisfeita comigo mesma. No ano seguinte, já consegui uma sala na mesma escola, nem preciso dizer que fui a última a escolher, ou melhor, fui a escolhida para uma sala de multirrepentes e não alfabetizados ainda. As dificuldades foram imensas, vi que o que estudei não me ajudaria muito. Passei a buscar mais informações, estudar, trocar ideias e impressões e procurar formas alternativas para atrair a atenção daqueles alunos sem esperança de aprender, obrigados a estarem ali e com a sensação de fracasso cristalizada.

Angústias, dúvidas, receios e ainda ouvia professores dizendo com convicção que todo mundo começava como eu, mas que o meu pique acabaria e eu veria que alguns casos não têm jeito! Era frustrante e incômodo ouvir aquilo, mas não dava para aceitar, tentei várias coisas, planejava atividades diferentes, mas sempre que o movimento era maior na sala, algum professor reclamava do barulho e da minha incompetência em controlar a sala. Algumas vezes a diretora me dava um “toque”, mas eles sabiam que não tinha muito que fazer com aquela sala, procuraram me colocar no final do corredor para não atrapalhar as demais, a diretora entendeu o meu esforço e sem que os outros professores notassem, passou a me apoiar com materiais e outras coisas que eu solicitava. Ao final do ano, o susto foi geral, minha classe teve um grande índice de alfabetização e, conseqüentemente, de aprovação. Conteí com a ajuda de algumas professoras tímidas em mostrar seus trabalhos, dentre elas, Cristiane e Angelita que foram grandes companheiras e amigas. Era uma escola estadual, trabalhei na pré-escola e ensino fundamental, ampliei meu círculo de amizades e fiz grandes conquistas. Passei a amar essa escola, também foi minha primeira escola, só que como professora. Não se parecia com as demais escolas públicas, era linda, limpa, bem cuidada, cheia de vasos pendurados com samambaias, era um lugar em que as pessoas se sentiam bem, pelo modo como a escola era cuidada transmitia o respeito pelos que ali frequentavam.

No ano de 1992 assumi a coordenação pedagógica de 1ª a 4ª série daquela escola, foi uma experiência que me fez crescer bastante e conseguimos formar uma boa equipe juntamente com a coordenação de 5ª a 8ª

série. Neste ínterim, encontrei “minha cara metade” e me casei, em 1994 engravidei e mudei de cidade e de escola.

- *Novos ares*

Prestei concurso e fui trabalhar como professora na Prefeitura Municipal de São Bernardo do Campo (PMSBC), tive sorte de entrar numa gestão que investia bastante na formação e capacitação de professores, além disso, fazia vários cursos por conta própria. Em 1997, tive meu segundo filho e ambos foram logo cedo para a escola, saíam e voltavam comigo, estudavam na rede municipal de SBC.

Fazendo um curso de capacitação na Escola da Vila, conheci a Rosa, educadora da Fundação Projeto Travessia, também apaixonada pelo que fazia, fiquei bastante admirada com o seu trabalho com meninos em situação de rua, avaliei que eu não conseguiria ter aquela naturalidade em lidar com questões tão complicadas, mas despertou minha curiosidade em conhecer melhor o projeto. Ao final do curso ela já havia conseguido me ajudar a superar o meu preconceito em relação ao público que atendia e encaminhei através dela, o meu currículo. Não passaram muitos dias, participei do processo de seleção e consegui a vaga para educador de área. Apesar da relutância da família, aceitei o desafio, pedi exoneração na PMSBC e fui trabalhar na Fundação Projeto Travessia, voltando a morar em São Paulo.

- *Novos Desafios*

A Fundação Projeto Travessia nasceu em novembro de 1995, uma ONG mantida por sindicatos e empresas privadas. O trabalho era desenvolvido em três etapas:

1- atuação junto às crianças e adolescentes que vivem nas ruas, visando sua saída;

2- inserção de crianças e adolescentes que deixaram as ruas em oficinas pedagógicas e programas de acompanhamento, que visam sua preparação para a reintegração ao processo de escolarização regular, ao convívio familiar e comunitário;

3- acompanhamento e orientação às famílias que receberam suas crianças de volta em suas comunidades para que dêem suporte àqueles grupos familiares.

O meu trabalho localizava-se na segunda etapa, no PEACEL. A partir do momento em que a criança ou o adolescente manifestava o desejo de deixar as ruas, era encaminhado ao nosso programa que consolidaria sua passagem da rua para a vida na comunidade, em grupo familiar ou abrigo.

Era uma difícil tarefa de possibilitar e estimular essas crianças e adolescentes a incluir atividades planejadas em suas rotinas, assumir compromissos de participar das atividades em período integral, compreendendo e cumprindo as regras de convívio.

O nosso trabalho tinha como marco teórico a concepção construtivista de ensino e aprendizagem. Num primeiro momento, a participação das atividades da casa era em tempo integral, quando os (as) meninos (as) se adaptavam à nova rotina e quisessem voltar ao ensino formal, eram matriculados em escolas próximas às suas moradias e acompanhados por educadores sociais e de área. Num segundo momento, os meninos passavam a frequentar as oficinas de apoio às atividades escolares para ajudá-los a superar as dificuldades e favorecer a permanência no ensino formal. Esta parte correspondia às minhas funções e além de desenvolver oficinas que estimulavam a leitura e escrita e a resolução de problemas, fazia um acompanhamento individual das dificuldades encontradas por eles em sala de aula.

Nossas relações pessoais tinham que ser cuidadosamente trabalhadas, não podia perder a sensibilidade, só assim era possível estabelecer um contato, eles eram extremamente desconfiados e maltratados pela vida, esse contato só era possível através de muito afeto. Ao mesmo tempo, tínhamos que ser vigilantes para não ficar refém desse afeto e ser

manipulado por eles, a luta pela sobrevivência nas ruas davam a eles uma grande perspicácia para envolver as pessoas.

Nossas oficinas tinham que ser muito variadas, com bastante criatividade para que eles se interessassem. Através do programa de voluntariado tínhamos pessoas de formações diversas que periodicamente vinham dar alguma oficina. Uma dessas pessoas preferia trabalhar conosco na sala de aula, o Maurício, ele tinha experiência com mídias e muitas ideias, então, juntos montávamos projetos ligados à mídia. Muitos materiais e recursos ele mesmo trazia, desenvolvemos um projeto bem interessante de “foto história” como uma fotonovela. Os meninos escolhiam a história, pensávamos nas cenas, nas produções dos personagens e com uma câmera digital eles fotografavam as cenas. Isso desencadeou uma série de possibilidades de atividades tais como selecionar as melhores cenas, escrever as falas, escrever legendas, revisar, corrigir e finalmente expor o trabalho para apreciação do público. Mesmo quem ainda não soubesse escrever, queria participar e esforçava-se por fazê-lo. Muitos outros projetos foram desenvolvidos e logo o Maurício descobriu que alguém estudava sobre isso na USP. Foi onde conhecemos o professor Ismar de Oliveira Soares e assistimos como ouvintes, as aulas da pós-graduação que discutiam a interface da comunicação e educação, logo percebemos que o nosso trabalho se encaixava aí.

Paralelamente passei num concurso do SESI e fui trabalhar no Programa de Alfabetização Intensiva (PAI), numa sala de aula dentro de uma empresa de coleta de lixo. Dava aulas aos funcionários da coleta e varrição de rua; foi um trabalho encantador, pude aproveitar minha experiência no Travessia e propiciar aulas mais criativas aquelas pessoas que chegavam cansadas da lida do dia. Eles não faltavam e tinham muita vontade de aprender, eram grandes as dificuldades, a começar pela vergonha e baixa autoestima. Ao possibilitar atividades que de alguma forma todos conseguiam participar, abria as portas para acreditarem que ainda era possível aprender.

- *Novos Horizontes*

Nas aulas do professor Ismar, tomamos conhecimento das negociações com a prefeitura sobre um novo projeto. Era o Educom.rádio, logo me interessei e passei a frequentar as reuniões de formação. Foi um período muito importante de formação e integração da equipe, experimentávamos antes, tudo o que iríamos aplicar no sábado, isso nos divertia muito e também nos possibilitava a antecipar as dificuldades que se apresentariam.

Prestei um concurso na PMSP para professor de ensino fundamental e em 2003 ingressei na rede. Era interessante que como trabalhava em NAE diferentes, meus colegas não sabiam que eu trabalhava no Educom e os comentários que eu ouvia na escola sobre o curso de sábado, servia para avaliar a receptividade do curso.

Passei a acompanhar as aulas de Psicologia da Comunicação como assistente do professor Ismar. Foi outra oportunidade de aprender bastante, fiquei como assistente dele por quatro anos, e nenhum semestre foi igual ao outro.

Finalmente em 2007, ingressei no mestrado, tendo como orientador o Prof. Dr. Ismar de Oliveira Soares, apresentei como projeto inicial: A Educomunicação na superação do fracasso escolar, sendo que já usava o Educom.rádio como referência. À medida que fomos amadurecendo nossas discussões, chegamos à ideia do planejamento que é um dos muitos materiais para pesquisa que o programa Educom.rádio gerou.

Dessa forma, posso afirmar que a vida não é feita por tópicos isolados, mas como uma narrativa coerente, mesmo que às vezes não pareça. Um episódio ou fato nos afeta de uma maneira que acarretará em outros episódios e assim sucessivamente até desembocar no que somos hoje, que na interação com outras histórias continuará determinando o que seremos ainda.

1.1 - Formação de uma educadora em projetos do NCE/USP

Esta proposta de pesquisa nasceu a partir de minha preocupação frente à experiência pessoal como professora e coordenadora de projetos da rede pública de educação na cidade de São Paulo, onde pude visualizar um inaceitável índice de fracasso escolar, tendo como causa apontada pela maioria dos professores, a falta de atenção, interesse e compromisso por parte dos alunos.

Sabemos que atualmente, tanto os educandos como os professores, vivem num espaço social recheado por mensagens digitais, televisivas, radiofônicas, jornalísticas e todo o tipo de informação via meios eletrônicos, capazes de provocar alterações nos comportamentos e influenciarem na tomada de decisões. Contudo, salvas preciosas exceções, a escola parece ignorar o que acontece a sua volta.

A avaliação deste panorama levou-me a perceber a necessidade de aprofundar os estudos e a pesquisa dos meios de comunicação de massa e sua inserção na educação que se ressentem da concorrência desleal com a mídia.

No ano de 2001, nasceu o Programa Educom.rádio: a Educação pelas ondas do rádio. A partir de um contrato entre a Secretaria de Educação da Prefeitura de São Paulo e o NCE - Núcleo de Comunicação e Educação, o Educom.rádio visava atender a um dos objetivos do Projeto Vida que era o de construir, nas escolas públicas, um ambiente favorável às manifestações da cultura de paz e à colaboração mútua entre os membros da comunidade educativa, combatendo, desta forma, as manifestações da violência tanto física quanto simbólica. Para tanto, o NCE trabalhou com a linguagem radiofônica, envolvendo professores, alunos e membros da comunidade educativa.

O Educom.rádio se propunha a repensar a relação escola/comunicação, ponto que será descrito detalhadamente num capítulo adiante. O programa estruturou-se em palestras, workshops e oficinas. A série de palestras foi dividida em dois blocos tendo como assunto a Educomunicação e os eixos temáticos previstos nos Parâmetros Curriculares Nacionais. Possibilitou espaços de discussão e elaboração de um planejamento capaz de permitir a implantação dos conceitos de **ecossistema comunicativo** no plano pedagógico da escola. O Programa Educom.rádio compreendia um conjunto de três cursos de extensão universitária, com duração total de 100 horas de atividades, destinados a auxiliar os professores e a comunidade educativa a repensar suas relações com o mundo da comunicação.

Ao entrar em contato com esse projeto de Educomunicação, despertei-me para o fato de que grande parte do fracasso escolar poderia estar relacionada a problemas na inter-relação entre a comunicação e a educação, ou talvez pela ausência da mesma.

Participei do Programa Educom.rádio desde a primeira fase, tendo desenvolvido várias funções como mediadora, assistente de coordenação, articuladora e formadora. Atualmente trabalho na rede pública de educação municipal e estadual como professora do ensino fundamental e continuo nos projetos do NCE atuando como tutora no curso a distância intitulado “Mídias na Educação”, uma parceria do NCE com o Ministério da Educação.

1.2 – Contextualizando a Pesquisa

O exame do problema necessita que contextualizemos a presença da escola na sociedade da informação ou da denominada sociedade pós-moderna. A primeira observação é a de que a estrutura escolar encontra-se fincada em raízes disciplinares tradicionais e no saber fragmentado, encontrando-se desajustada e totalmente inadequada para uma educação que se volte para a produção do conhecimento em condições de solucionar os problemas que hoje afligem a infância e a juventude, como a violência, o desrespeito ao próximo, os vários tipos de individualismos etc. Não se trata de apagar tudo o que foi produzido até agora, mas de integrar esses saberes num novo quadro multidimensional. É bem mais que buscar uma interdisciplinaridade, é necessário observar as práticas sociais que envolvem comunicação e educação, a aceleração dos fenômenos comunicacionais e entender os novos modos de compreensão e aprendizagem.

Nossa pesquisa em Educomunicação buscará analisar de que forma a escola e os cursistas apreenderam a proposta conceitual do curso, especificamente, o planejamento.

Nosso objeto será examinar o conjunto de “planejamentos educ comunicativos” elaborados pelos participantes do projeto (professores, alunos e membros das comunidades educativas) ao final de seu período formativo. O conjunto dos “planejamentos educ comunicativos” escolhidos correspondem àqueles produzidos ao longo das duas últimas fases do Educom.rádio (referentes à 6ª e à 7ª fases do projeto), contabilizando um total de 169 planejamentos, sendo 109 da 6ª fase e 60 da 7ª fase.

Nossa proposta de estudo para o mestrado na linha de pesquisa em **Educomunicação** é analisar de que forma foi apreendido o conceito de Educomunicação, mais especificamente, o planejamento sob a proposta

de gestão educacional. Para tanto, serão analisados os planejamentos elaborados pelos cursistas no Programa Educom.rádio.

O conceito de Educomunicação tem sido entendido, segundo Soares¹, como o conjunto das ações inerentes ao planejamento, implementação e avaliação dos processos, programas e produtos destinados a criar e fortalecer ecossistemas comunicativos em espaços educativos, presenciais ou virtuais. Espaços tais como escolas, centros culturais, emissoras de TV e rádio educativa, centros produtores de materiais educativos analógicos e digitais, centros coordenadores de educação a distância ou *e-learning*, e outros. Com esta pesquisa, pretendemos avaliar a intensidade da assimilação do conceito de Educomunicação junto aos participantes (professores, alunos e membros da comunidade) do Programa Educom.rádio.

Os componentes das escolas que participaram do Programa Educom.rádio, ao final do curso, após terem estudado e discutido temas pertinentes à Educomunicação, elaboraram um documento correspondente a cada escola chamado “Ficha de Planejamento da Ação Educativa”. Neste documento, cada grupo, inicialmente fazia um diagnóstico da escola, identificando os problemas que impediam o bom funcionamento da mesma. Após o diagnóstico, o planejamento era desenvolvido procurando buscar possíveis soluções ou sugestões para os problemas levantados. A proposta era que tais planejamentos fossem elaborados em consonância com o Projeto Político Pedagógico da escola para que, de fato, o planejamento educacional pudesse ser viabilizado. Assim, algumas questões foram delineadas e consideradas fundamentais:

- Por que o projeto educacional tem que estar “casado” com o projeto político pedagógico da escola?

¹ SOARES, Ismar de Oliveira. “Educomunicação: um campo de mediações”. In: *Comunicação & Educação*, ano 7, set./dez. 2000, p.12-24.

- Houve coerência nos objetivos de análise, nos objetivos da Educomunicação com os objetivos de planejamento do Programa Educom.rádio?
- O conceito de Educomunicação esteve presente no processo de planejamento da equipe de formação e dos cursistas?
- Todo processo obedeceu aos “ditames” da teoria educucomunicativa?
- Como realizar uma pesquisa que seja capaz de contribuir para a reflexão de um processo de planejamento educucomunicativo?

Frente ao exposto, traçamos algumas hipóteses que tentaremos verificar:

1ª. O processo de planejamento do NCE era coerente com os princípios da Educomunicação, ou seja, a prática ou o ato de planejar do NCE era coerente com seu discurso educucomunicativo;

2ª. Os planejamentos no NCE eram um processo coletivo e aconteciam mediante experiências com a linguagem que se trabalhava;

3ª. O diferencial do Educom.rádio residiu na opção do NCE/USP de trabalhar conjuntamente com professores, alunos e membros das comunidades, fato que evitou ruídos na comunicação da mensagem do curso;

4ª. Apesar de ser bem realizado e de possuir uma documentação que orientava sua aplicação obedecendo a uma sequência, o planejamento do Educom.rádio era flexível o bastante para permitir uma adequação à realidade local e às características de cada grupo.

1.3 – Procedimentos Metodológicos:

Ao iniciar uma pesquisa de comunicação, é preciso ter claro quais métodos serão usados e fundamentar o porquê da opção feita. As questões de natureza metodológica são indispensáveis para a consolidação do campo científico (seja do campo da educação, da comunicação ou, mesmo, da Educomunicação), pois traduzem a reflexão da ciência sobre si mesma, facilitando seus procedimentos e dando legitimidade a seus resultados. Nas palavras de Lopes (2001):

“Entendida amplamente como teorização de produção de conhecimento e como “investigação da investigação”, a Metodologia, em uma ciência, constitui o espaço por excelência da reflexão de um campo de conhecimento sobre si mesmo, enquanto prática teórica.”

O pesquisador deve cultivar um sentido crítico e de vigilância sobre as questões metodológicas. A vigilância epistemológica deve estar presente em todos os níveis e fases da pesquisa como uma ação crítica e reflexiva que sirva de base ao pesquisador no decorrer de todo processo investigativo.

A metodologia utilizada baseia-se na análise documental, adicionando-se também a pesquisa bibliográfica e sua utilização como suporte teórico no desenvolvimento do trabalho e a vivência da autora que participou dos fatos pesquisados.

A unidade básica de análise são os planejamentos elaborados pelos cursistas participantes do projeto. Tais planejamentos fazem parte do acervo de documentação do Núcleo de Comunicação e Educação da USP.

Nosso universo de investigação foi formado pela observação e informações sobre coleta indireta de dados feita pela análise de materiais produzidos pelos cursistas, neste caso, os planejamentos produzidos por cada escola. A partir disto, foram feitas abordagens qualitativa e quantitativa.

1.4 – Os Capítulos que compõem esta Dissertação

Nos capítulos a seguir, nosso embasamento teórico estará em autores que desenvolveram seus estudos teóricos na intersecção dos campos de comunicação e educação e autores que abordaram a questão do planejamento. Sua estruturação está organizada da seguinte forma:

O presente capítulo, como vem ocorrendo, documenta a formação da autora e apresenta a natureza e metodologia do projeto de pesquisa.

No capítulo II, abordaremos o campo da Educomunicação, os avanços tecnológicos da atualidade e as mudanças que daí decorrem. Será abordada também a necessidade da escola incorporar este novo contexto social em sua prática, assim como os problemas oriundos desta incomunicabilidade e as ações propostas no campo da Educomunicação. A configuração da Educomunicação se perfaz no momento em que a educação possibilita a presença e interação da cultura oral e audiovisual em seu espaço.

No capítulo III, discorreremos mais especificamente sobre o planejamento, suas definições, características, seus níveis e sua elaboração sob determinadas concepções. Examinaremos ainda sobre o planejamento flexível para um mundo em constantes mudanças que exige um novo clima cognitivo de aprendizagem.

No capítulo IV, trabalharemos com o planejamento por Projeto nos campos da educação e da Educomunicação. Para melhor entendimento, analisaremos a construção do Projeto Político Pedagógico, assim como a avaliação do mesmo. Este capítulo abrangerá também a necessidade da escola de integrar o uso das mídias em suas atividades cotidianas de forma planejada.

No capítulo V, abordaremos o planejamento no Programa Educom.rádio, apresentaremos seus desafios nas diversas instâncias do programa. Este capítulo tratará também da proposta do Programa Educom.rádio de se

exercitar a prática da gestão democrática que envolve discussão, negociação, formulação e defesa de ideias e propostas.

No capítulo VI, será feita a análise dos materiais publicados pelo NCE como subsídios e/ou materiais de apoio, que serviram para potencializar as ações pedagógicas dos formadores, melhorar ou aprimorar as estratégias previstas e adequar a abordagem de cada assunto à realidade do grupo. Destacaremos neste capítulo que a produção do material não foi feita com a intenção de oferecer aos formadores uma receita pronta de como desenvolver as atividades, e sim de facilitar, organizar e sistematizar a proposta de trabalho.

No capítulo VII, serão examinadas as fichas de planejamento preenchidas pelos componentes de cada escola, que procuraram registrar a intenção de transformar a cultura educativa em cultura educacional, conforme vivenciaram no curso.

Nas conclusões finais, apresentaremos uma síntese do que foi tratado e as contribuições da pesquisa sobre o planejamento.

2.0 - O Campo da Educomunicação

2.1 - Novos Tempos: novas demandas

Na atual sociedade globalizada, em que as distâncias diminuíram e as novas tecnologias eclodiram, ratificou-se a ideia de que a informação é um capital simbólico de grande valor. A presença de novas tecnologias e de veículos de massa na sociedade moderna provocam impactos no modo de vida das pessoas, em seus modos de ver, sentir e em suas práticas sociais.

Pensar a inter-relação entre a educação e a comunicação, hoje, é pensar a educação ocorrida nos espaços mediatizados pelas novas tecnologias.

Há um mundo a ser descoberto por comunicadores, quando estes se propõem a “escutar” professores e estudantes a partir do que é produzido como saber e sabor na escola; há um mundo a ser desbravado por educadores, no sentido da apropriação urgente e necessária das linguagens e das técnicas de produção audiovisual, fonte de tanto fascínio e encantamento para as gentes de todas as idades².

² FISCHER, Rosa M B. Prefácio. In: OROFINO, Maria Isabel. *Mídias e Mediação Escolar*. São Paulo, Cortez, 2005.

A comunicação deve ser uma aliada do professor, da escola e da educação de um modo geral. Não se pode desprezar a especial sedução e interesse que os meios de comunicação despertam nas crianças e nos jovens, influenciando decisivamente suas formas de percepção do mundo atual.

O estudo da relação entre a comunicação e a educação é recente no Brasil. A nova Lei de Diretrizes e Bases (LDB) e os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) capitulam, em vários artigos, a necessidade da escola de estabelecer programas transversais com o objetivo de trabalhar os veículos de comunicação e apontar caminhos para romper o “status quo” da escola brasileira. Ainda sugere mudar esse prisma atual no qual o conhecimento passado nas escolas esteja, parcial ou totalmente, à margem do processo histórico da sociedade inundada de informações que circulam a uma velocidade estonteante. A educação formal, por sua vez, presa à fórmula tradicional de transmissão do saber, parece castrar o diálogo entre os elementos do processo de comunicação.

Segundo Macedo³, pelo fato das disciplinas tradicionais não dominarem um conjunto de questões postas pela realidade vivida pelos alunos, os PCNs trouxeram à discussão a ideia de temas transversais. O documento que trata do assunto é, porém, excessivamente diretivo nos volumes dedicados às disciplinas clássicas, deixando, contudo, inúmeras lacunas ao tratar dos assuntos de caráter transversal ao currículo. Apesar dessa deficiência, os PCNs garantem, entretanto, elementos que permitem uma leitura propositiva do tema. Sugerem essencialmente, que temas como a ética, o meio ambiente, a saúde, a pluralidade cultural e a orientação sexual sejam tratados, ao longo do currículo, de forma transversal aos conteúdos ditos curriculares. Considerando que os mesmos temas são objeto dos meios de comunicação, tal coincidência

³ MACEDO, Elizabeth Fernandes de. Parâmetros curriculares Nacionais: a falácia de seus temas transversais. In MOREIRA, Antonio Flávio Barbosa (Org). **Currículo: Políticas e práticas**. Campinas. SP, Papyrus, 1999.

aproxima ainda mais a educação da comunicação, pelo viés da leitura comparada sobre como a educação e a mídia elaboram significados a respeito desses temas.

Esta aproximação não deveria escandalizar o educador contemporâneo. Como sabemos, o mundo atual vem mostrando cada dia mais a impropriedade da extrema especialização em relação à análise dos problemas científicos e sociais. Disciplinas científicas tradicionais tornam-se incapazes de atuar isoladamente, levando à criação de novas especialidades híbridas, menos restritas. Ao mesmo tempo, as fronteiras entre as ciências naturais e sociais e entre conhecimento científico e senso comum vêm sendo constantemente questionadas.

O alerta sobre a necessidade de mudanças na concepção entre o curricular e o extracurricular nos é dada pela LDB e pelos PCN. A mudança nos regulamentos é reconhecidamente importante, porém insuficiente. A deliberação legal não tem feito a escola, por si só, deixar de exercer a educação "bancária" para, então, focar sua atenção no tema complexo da formação para a cidadania. Algo mais é necessário ser pensado.

2.2 – Diálogo necessário entre escola e comunicação

Trabalhar a relação da comunicação com a educação não é só disponibilizar, para o exercício didático, os veículos de comunicação como o vídeo, televisão, computadores, Internet etc. Mais do que isso, é necessária a compreensão do que envolve todas as relações sociais e cotidianas presentes no dia-a-dia dos sujeitos da educação (os professores e os alunos).

*O que se espera do novo desenho educativo formal é o compromisso com um ensino em diálogo crítico com as realidades comunicacionais e tecnológicas, preocupado em fazer o aluno aprender a aprender. Trata-se, pois, de trabalhar o conhecimento não apenas como repositório do já sabido, ou de um conjunto de informações - isso os bancos de dados, as enciclopédias armazenadas na memória dos computadores farão cada vez com maior eficiência, senão como algo socialmente construído e em construção.*⁴

De acordo com Frigotto, há necessidade de enxergar a escola dentro de um contexto menos arcaico, mais próximo do mundo tecnológico com novas exigências sociais.

*“Porém é uma postura equivocada atrelar a escola ao imediatismo do mercado de trabalho e à ideologia das competências para a ‘empregabilidade’. Porque, se a escola é básica, refere-se a todas as dimensões da vida humana e não unidimensionalmente ao mercado. Além disso, a relação do conhecimento básico com o mundo da produção é midiaticizada pelas relações sociais”.*⁵

Não é suficiente, pois, que a escola somente se aprimore tecnologicamente para formar cidadãos altamente capacitados com um

⁴ CITELLI, Adilson. *Comunicação e Educação – A linguagem em movimento*. São Paulo: ed. Senac, 2000.

⁵ FRIGOTTO, G. *Boletim Técnico do Senac*, nº 25, 2000.

conhecimento ideal, se a sociedade e a forma como ela pensa o mercado de trabalho e as relações interpessoais não passarem por uma profunda reavaliação.

Segundo Neidson Rodrigues⁶, a escola necessária é aquela que é democrática e que prepara os indivíduos para a democracia. Não se trata de um lugar que evita “uma contaminação” da realidade para não conviver com os conflitos. Uma escola democrática é aquela que compreende e permite o conflito, e que é capaz de administrá-lo. Permite, também, a manifestação das várias contradições que perpassam a escola e dá condições ao cidadão que ali está enfrentar estas contradições.

⁶ RODRIGUES, Neidson. *Da Mistificação da Escola à Escola Necessária*. Cortez Editora, São Paulo, 1987.

2.3 - Os discursos na relação comunicação e educação

Para entender os discursos existentes entre a educação e a comunicação é preciso, primeiramente, entender por quais reajustes as instituições educativas estão passando. Para tal, é necessário analisar os envoltórios dos sistemas e os processos comunicativos na vida da comunidade escolar e considerar todos os elementos pertencentes a ela como: diretores, assistentes pedagógicos e educacionais, professores, alunos e a comunidade do entorno.

Segundo Citelli⁷, o vetor mediativo entre a relação comunicação e educação é a linguagem, nessa pode-se criar discursividades. O suporte comunicativo seja ele o rádio, a televisão, o computador, o MP3 ou outro equipamento qualquer, o interessante é que possibilita o acesso à linguagem. O sujeito não adquire exclusivamente a matéria física da comunicação, ele busca, essencialmente, a linguagem que o equipamento proporciona.

Na educação acontece o mesmo, o que o indivíduo leva da escola é, primordialmente, o modo como o professor se comunica com os alunos e as linguagens usadas por eles. Estes são os registros simbólicos de valores, conceitos, crenças e indicadores que desencadeiam visões de mundo, sonhos e desejos. Tudo isso é decorrente da linguagem e é o que se pode levar da educação.

É interessante perceber que nos processos comunicacionais e na educação, a linguagem é recorrente e se faz necessário encontrar um ponto de convergência e não de concorrência.

A escola reconhece a necessidade de ser receptiva a outras linguagens, a outros discursos, mas resiste pelo receio em perder seu domínio discursivo. Não está, a escola, atenta para o fato de que

⁷ Termo extraído de anotações feitas na Disciplina: Linguagem, Comunicação e Educação, ministrada pelo Docente Adilson Citelli em 2007.

trabalhar dialeticamente identidade e alteridade é reconhecer-se no outro e pelo outro, sendo exatamente nessa relação que se encontra a preservação identitária.

É no espaço da abertura para novas linguagens que reside a inovação esperada da escola. Segundo Rodrigues, é impossível construir uma sociedade democrática nos moldes de uma escola autoritária e, portanto, será impossível a uma escola autoritária ensinar os homens a viverem e conviverem num processo democrático⁸.

O temor da escola em se perder, o medo pela invasão dos meios de comunicação fez com que a escola se fechasse e afirmasse de tal maneira sua identidade que, como consequência esqueceu-se da mídia que, paradoxalmente, já está dentro dela. Os discursos escolares estão cada vez mais hibridizados. Rodrigues afirma que, nesse atual contexto, é indispensável que a escola seja uma instituição de cultura que deve coletivizar e partilhar o saber, a ciência, a técnica e as letras produzidas socialmente, para que todos possam ter acesso a esses bens culturais.⁹

A escola não pode, pois, ignorar que os fenômenos da globalização e do multiculturalismo se configuram, hoje, em novos e diferenciados cenários sociais, políticos e culturais e, que o impacto destes processos no cotidiano escolar está adquirindo maiores proporções, causando profundas alterações.

O que está em jogo é a própria concepção da escola, suas funções e relações com a sociedade, o conhecimento e a construção de identidades pessoais, sociais e culturais. É um desafio articular a igualdade com a diferença, a base comum das expressões da pluralidade social e cultural. Rodrigues alerta que a escola necessária é aquela

⁸ RODRIGUES, Neidson. *Da Mistificação da Escola à Escola Necessária*. São Paulo: Cortez, 1987.

⁹ Idem

comprometida politicamente com esse processo, capaz de preparar o educando para o conhecimento e para a ação de cidadania numa sociedade moderna, através de suas ações educativas e da totalidade de suas ações pedagógicas¹⁰.

Para Citelli¹¹, o sujeito-educador preparado apenas para trabalhar com o texto verbal, depara-se, neste momento, com o grande desafio de lidar com uma nova rede discursiva que lhe apresenta problemas com os quais não está em condições de operar. O quadro que se apresenta - com educadores acuados diante dessa perplexidade pela falta de alternativas - só poderá ser revertido se houver a formação permanente dos professores que lhes proporcione uma maneira de fazer educação dialogicamente com o objetivo de transformar a inquietação, a insegurança e a dúvida em combustível para os avanços que a sociedade espera da escola.

¹⁰ RODRIGUES, Neidson. *Da Mistificação da Escola à Escola Necessária*. São Paulo: Cortez, 1987.

¹¹ CITELLI, Adilson. *Comunicação e Educação – A linguagem em movimento*. São Paulo: ed. Senac, 2000.

2.4 - A Configuração da Educomunicação

O termo Educomunicação não é recente. Passou a ser usado, a partir dos anos 1980, de forma esporádica, em textos da UNESCO e em escritos de autores como o uruguaio Mário Kaplún, para designar o que comumente era denominado como “leitura crítica da comunicação”, um esforço da educação não-formal para fazer frente ao impacto negativo dos meios de comunicação sobre crianças e jovens.

O conceito não guardava, no início de seu uso, qualquer outro significado que expressasse uma compreensão mais complexa sobre a relação comunicação/educação. Previa apenas a reação educativa aos denominados “efeitos manipuladores” da mídia, oferecendo metodologias de análises dos conteúdos veiculados pelos grandes meios, especialmente dos jornais e das emissoras de TV, tidas como vinculadas ao grande capital.

A ressemantização se deu em 1999, ao término de uma pesquisa desenvolvida pelo Núcleo de Comunicação e Educação da USP, sob a coordenação do Prof. Ismar de Oliveira Soares, passando a designar o conjunto dos elementos que compõem a relação Comunicação-Educação, numa perspectiva complexa e propositiva.

A pesquisa do NCE – que ouviu mais de 150 especialistas de 12 países do continente - tomou como justificativa para sua análise a constatação de que, em diversos países latino-americanos, a resistência aos regimes ditatoriais, que dominaram a região a partir dos anos 60, havia criado não apenas uma proposta forte e coerente de oposição à censura e ao controle sobre a informação, mas também, aos poucos, acabou por engendrar inusitadas formas de produzir comunicação intimamente vinculadas a novos modos de se pensar a educação. Fato que influenciou a união de responsáveis por agentes culturais em intervenções alternativas, consolidara uma nova maneira de se pensar a relação entre os dois campos.

Naquela situação, aproximar as duas esferas de ação significava uma tentativa de romper o cerco repressivo em torno da informação e levar a prática e a discussão da comunicação para espaços não-convencionais, especialmente para o movimento popular. Usava-se, então, para designar um mesmo ator, os termos “Educador Popular” (Freire) ou “Comunicador Popular” (Kaplún). Tanto para Paulo Freire quanto para Mario Kaplún, a comunicação não é um mero instrumento tecnológico, mas um componente pedagógico fundamental para a educação popular.

Na linha desses pioneiros, Soares (2000), define e discute a Educomunicação como resposta às necessidades do presente, na linha construída pela luta social do passado recente. Já não se fala mais em resistência cultural, mas em construção cultural. Já não se fala mais em “educador popular”, vinculado aos movimentos de resistência, mas em educador, presente em todos os setores da sociedade, da ONG à empresa, da mídia à escola.

O que Soares¹² fez foi propor a Educomunicação como um campo de planejamento e execução de políticas de comunicação e educação com o objetivo de criar, planejar sistemas comunicativos mediando o uso das tecnologias da informação. Desta forma, o autor define a Educomunicação como sendo:

O conjunto das ações inerentes ao planejamento, implementação e avaliação de processos, programas e produtos destinados a criar e fortalecer ecossistemas comunicativos em espaços educativos presenciais ou virtuais, assim como a melhorar o coeficiente comunicativo das ações educativas, incluindo as relacionadas ao uso dos recursos da informação no processo de aprendizagem.

¹² SOARES, Ismar de O. (2002) Metodologias da Educação para Comunicação e Gestão Comunicativa no Brasil e na América Latina. In: BACCEGA, M. A. (Org.). *Gestão de Processos Comunicacionais*. São Paulo: Atlas, 2002.

Pensar a Educomunicação como um processo significa recuperar as dinâmicas que as interfaces entre os campos da comunicação e da educação provocam e promovem. Representa uma tentativa de superar a fragmentação que surge quando se assume como ponto de partida uma ou outra disciplina original, isolada. Sem eliminar a história e a tradição de cada campo, a Educomunicação ressalta o seu entrecruzamento nas práticas sociais.

Entendendo o novo espaço como um campo complexo de intervenção social, Soares afirma que existem cinco áreas constituintes da Educomunicação e as define como:

- 2 *Área da educação para a comunicação*: consiste nas reflexões em torno da relação entre a comunicação e seus processos (produção, recepção, entre outros) e o campo pedagógico. Tem por objetivo possibilitar a leitura da relação entre os indivíduos e os meios, levando à intervenção nas políticas e processos de comunicação massiva;
- 3 *Área da mediação tecnológica na educação*: preocupa-se com o significado da presença das TIC nos processos educativos, propondo seu emprego desde uma perspectiva interdisciplinar, colaborativa e democrática, garantindo-se seu uso social pela comunidade;
- 4 *Área da expressão comunicativa através das artes*, superando uma visão historicista e elitista com que as artes foram apoderadas pela educação tradicional e criando procedimentos que transformem as manifestações artísticas em processos de comunicação abertos e criativos;
- 5 *Área da gestão da comunicação no espaço educativo*: trata do planejamento, execução e realização de procedimentos e processos que criam ecossistemas comunicativos;
- 6 *Área da reflexão epistemológica*: compreende a reflexão acadêmica que atribui unidade teórica ao campo e, assim, aprofunda, sistematiza e legitima o campo.

Ao descrever a emergência do conceito da Educomunicação, anunciamos o encaminhamento que estamos dando a este trabalho, cujo

objeto é pensar o planejamento escolar a partir dos pressupostos desse novo campo, tomando como referência o Projeto Educomunicação pelas Ondas do Rádio (Educom.rádio), uma proposta de intervenção socioeducativa do próprio Núcleo de Comunicação e Educação (NCE/USP).

2.5 - A relação Comunicação/Educação no espaço da educação formal

A discussão sobre as relações entre a comunicação e a educação que propiciou o surgimento do termo Educomunicação fez-se – como vimos no item anterior - à margem da educação formal, no espaço da denominada educação não-formal, ou seja, no movimento popular.

O tema da integração entre as duas áreas chega, contudo e finalmente, ao espaço da educação formal - a escola. Constata-se, independentemente da maneira como é denominada, a formação de uma “área de intersecção” entre os campos da educação e da comunicação, devido, entre outros motivos, a uma maior difusão dos meios de comunicação e de novas tecnologias de informação e comunicação no cotidiano dos alunos.

Segundo Citelli¹³, a escola pede a ampliação dos diálogos com os sistemas que trabalham a informação e o conhecimento sob outros moldes e os quais temos chamado institucionalmente de não-escolares. Certos modelos pedagógicos e procedimentos organizacionais da escola vivem em crise profunda exatamente por ignorarem os novos modos de ver e sentir dos alunos.

Constata-se que a educação e a comunicação formam um todo homogêneo na prática de projetos culturais de programas educativos que não se pautam nem pelos ditames da educação tradicional, aquela preocupada apenas em transmitir conhecimentos ou informações, nem pelas práticas da comunicação pensada pelos funcionalistas, tendo como objetivo exclusivo a transmissão de informações e a persuasão publicitária. Onde a simbiose comunicação/educação ocorre, nota-se, por exemplo, uma efervescência ao fazer uso das tecnologias de uma forma criativa e colaborativa.

¹³CITELLI, Adilson. *Comunicação e Educação: A Linguagem em Movimento*. São Paulo: Senac, 2000.

Certamente, as tecnologias da informação e da comunicação (TIC) caminham muito rápido, ficando, por sua vez, rapidamente ultrapassadas. As novas gerações não encontram dificuldades para se apropriar do mundo tecnológico, aliás, já nascem e se desenvolvem sob essa nova cultura. O choque ocorre quando entram na escola e se deparam com uma cultura totalmente diferente e que ainda não respeita a cultura do aluno, ou seja, ignora a dimensão comunicacional na formação do educando. Assim, o saber midiático e saber escolar se opõem e expõem os alunos a "culturas" diferentes.

Segundo Barbero (2000), isso demanda uma reorganização no mundo das linguagens, implicando em novos modos de ler e na ampliação do conceito de texto/leitura. Uma reorganização que precisa chegar à escola, espaço privilegiado para se transitar a interdiscursividade. No entanto, os esforços feitos permanecem, ainda, muito longe do ideal do “ecossistema comunicativo” proposto pelo recém-formulado conceito da Educomunicação.

2.6 - Descompasso e Consequências

Notícias que circulam na imprensa e que estão presentes nas falas de professores em todo o país, e não apenas no Brasil, revelam que as relações entre professores e alunos andam estremecidas! Tem-se observado que a agressividade dos alunos vem aumentando o que muitas vezes torna inviável o trabalho dos educadores. Por outro lado, muitos educadores andam desanimados e descrentes no poder da educação para reverter o quadro de violência institucionalizada nos espaços educativos.

Boa parte dos educadores atribuem à falta de atenção e ao desinteresse do educando, a culpa por seu próprio fracasso, eximindo-se da responsabilidade já que acreditam cumprir o seu papel, apenas transmitindo conhecimentos. Encaram a falta de atenção como um problema moral, em que o sujeito não respeita a deliberação de prestar atenção. Exigem do aluno uma atenção linear, o que é praticamente impossível, já que várias pesquisas revelam que a atenção é oscilante e só acontece quando o sujeito é capaz de atribuir sentido entre o que lhe é exposto e algum referencial original que já domine, sendo reforçado, neste campo, pela cultura dos meios de comunicação.

Acredita-se que a fonte dos problemas seja o descompasso entre os discursos ao qual o aluno está exposto e a prática educacional das escolas. Talvez a falta de atenção possa representar um desapontamento ante à falta de sentido entre o que o aluno vivencia fora e dentro da escola

Citelli (2000) adverte que enquanto o ritmo das aulas e o tempo dos discursos didáticos insistem na adoção de procedimentos discursivamente fechados, de pouca ou nenhuma plasticidade sógnica, os alunos dialogam crescentemente com as linguagens não-escolares, referentes à revolução digital, desenvolvendo outras formas de perceber, ver e sentir as coisas. Esse descompasso entre o que o aluno traz e ainda desconhecido pelo professor, gera a recusa dessa nova

linguagem na escola. Cria uma oposição entre sistemas, meios e processos que não se excluem; os desafios colocados à escola pelas linguagens plurais e complexas, já estão nas salas de aula.

Embora o educador saiba das mudanças que vêm ocorrendo na sociedade e da urgência de se utilizar novas alternativas para aprimorar os modelos escolares, ele se sente imobilizado devido ao seu despreparo em trabalhar com o ecossistema midiático que envolve tanto seus alunos quanto os próprios educadores.

Verifica-se, também, que boa parte dos programas escolares tem sinalizado para a necessidade de mudanças, mas não descobre caminhos que levem, finalmente, às transformações necessárias. A escola encontra-se, na verdade, numa fase de transição.

Na realidade, muito da dificuldade encontrada pela escola na relação com as linguagens não-formais se deve ao medo e a recusa da concorrência discursiva. Para Citelli¹⁴, o docente, de fato, tende a viver o descompasso que gera, como subproduto danoso para os processos de aprendizagem, a oposição entre sistemas, meios, e processos que não se excluem. Cria-se um falso dilema entre “métodos modernos” e “métodos tradicionais”.

Percebe-se, nos diversos espaços sociais, na área ou campo a que o indivíduo se dedique, que a tecnologia trouxe uma nova linguagem, um novo conhecimento, um novo pensamento, uma nova forma de expressão. É nessa linha que Barbero¹⁵ afirma ser imprescindível eliminar o descompasso gerado pela criação de novas formas de trocas e de produção do saber. Orofino¹⁶ acrescenta que o descentramento do livro e o desordenamento cultural provocam um novo *sensorium*.

Cabe às unidades escolares evitar visões instrumentais e reificadoras de equipamentos a fim de amadurecer projetos de uso

¹⁴ CITELLI, Adilson. Op. Cit., p. 219

¹⁵ BARBERO, Jesús Martín. *Dos meios às mediações*. Rio: Ed. URFJ, 1997.

¹⁶ OROFINO, Maria Isabel. *Mídias e Mediação escolar*. São Paulo: Cortez, 2005.

destes, em seus espaços. As tecnologias devem vir acompanhadas por uma cultura capaz de redefinir os próprios conceitos que presidem os modelos atuais de circulação das informações e do conhecimento no âmbito escolar.

2.7 - Necessidade de Superação ou Proposições

Como mostramos anteriormente os impactos que o campo da educação vem sofrendo devido às mudanças na sociedade contemporânea são os responsáveis por reorientar estratégias de pesquisa que redefinam o papel dos docentes e da escola num processo interdiscursivo.

Para Guimarães¹⁷, a imagem da escola, isolada da vida cotidiana por seu formalismo enfadonho, apesar de não ser recente e nem única, parece resistir, com muita intensidade, a muitas tentativas de modificação sugeridas e/ou empreendidas. Existe, por parte significativa dos educadores, um preconceito ou uma forte desconfiança quanto à relação e à aproximação possível entre, por exemplo, a televisão e a educação, particularmente a formal.

De acordo com Morin¹⁸, mais vale uma cabeça bem-feita do que bem cheia. O autor entende por “cabeça bem cheia” aquela onde o saber está acumulado, empilhado, e não dispõe de um princípio de seleção e organização que lhe dê sentido. Já uma “cabeça bem-feita” significa a que, ao invés de acumular o saber, dispõe de aptidão geral para colocar e tratar os problemas e princípios organizadores que permitam ligar os saberes e dar-lhes sentido.

Parafraseando Edgar Morin, a reforma do ensino deve levar à reforma do pensamento, e a reforma do pensamento deve levar à reforma do ensino. Para ele, a reforma do ensino demanda preparar as mentes aptas a responder aos desafios que a complexidade crescente dos problemas coloca para o conhecimento humano.

¹⁷ GUIMARÃES, Gláucia. *TV e Escola – Discursos em confronto*. São Paulo: Cortez, 2001.

¹⁸ MORIN, E. (2001), *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil.

A fim de que essas mentes enfrentem as incertezas que não param de crescer, é preciso educar para a compreensão humana entre próximos e distantes. Para o pleno emprego das aptidões intelectuais de cada cidadão, é vital que ocorra a reforma do pensamento. E essa reforma não é apenas uma necessidade, embora não seja a única solução, mas um caminho a ser trilhado para superarmos as dificuldades enfrentadas pela educação.

Não é possível descartar a comunicação ou impedir que seu discurso circule pelo âmbito da educação, já que a comunicação permeia qualquer relação entre sujeitos.

Para Charaudeau¹⁹, a natureza interlocutiva da comunicação se dá quando ocorre a alternância de papéis dos sujeitos. O mesmo autor chama a fala de monolocutiva, quando essa troca não acontece. De nossa parte, acreditamos que pensar a comunicação na educação é aceitar a cena histórico-social composta, por um lado, por sujeitos sociais em ação e, por outro, pela força interlocutiva dos receptores dos processos globais de comunicação.

Podemos, então, afirmar que o discurso escolar perdeu sua centralidade monolocutiva baseada na transmissão de saberes e conhecimentos. Tal perda advém da avalanche de informações na sociedade midiaticizada e é impossível impedir a entrada disto na escola. Qualquer ator social que circule pelo espaço escolar também se forma fora dela e de algum modo isso escorre ou respinga na escola. Desse modo, não há como seu discurso manter-se puro e cristalino. Há uma contaminação por discursos oriundos de outras instituições formadoras. Essa “contaminação” do discurso escolar, causada pela entrada de tantas informações e diversas culturas interagindo no mesmo contexto, propicia um fenômeno denominado como *hibridização*.

¹⁹ CHARAUDEAU, P. e MAINGUENEAU, D. *Dicionário de análise do Discurso*. Trad. Fabiana Komesu (coord.). São Paulo: Contexto, 2004.

A ideia de culturas híbridas foi proposta por Canclini²⁰, no início da década de 1990, buscando explicar a modernidade Latino-americana caracterizada pela mistura de culturas. Segundo o autor, o conceito de hibridismo é útil para abranger conjuntamente contatos inter-culturais.

Nestor G. Canclini destaca que para compreender o diálogo entre a cultura erudita, a popular e as massas no contexto Latino-Americano, é necessário lançar mão de uma abordagem interdisciplinar.

Emprestamos aqui o termo “hibridização” com o objetivo de definir o que também ocorre no campo da comunicação e da educação – a formação de dimensões inseparáveis do mesmo fenômeno, visto que o universo cultural dos atores sociais envolvidos na educação está carregado de informações advindas de diversas fontes midiáticas.

O discurso escolar sofreu uma hibridização, porém a escola continuará sendo lócus da sistematização e da produção de saber cabendo a ela garantir o acesso à cultura letrada e a sistematização do conhecimento.

Muitos são os estudos que propõem conhecer a realidade do estudante para que se possa compreender, por um lado, as diferentes culturas e as distâncias linguísticas existentes na escola; e, por outro, para que o professor possa planejar e executar o curso, os objetivos educacionais, os métodos de ensino e a própria avaliação do processo ensino-aprendizagem²¹.

A educação admite a urgência de ampliar o diálogo entre discursos escolares e não escolares, mas, no momento, o que há é uma projeção de vontade ou simplesmente uma resposta condizente com que a sociedade espera dela.

²⁰ CANCLINI, Nestor Garcia. (1998), *Culturas Híbridas. Estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo, Edusp.

²¹ GUIMARÃES, Gláucia. *TV e Escola – Discursos em confronto*. São Paulo: Cortez, 2001.

2.8 - A Comunicação e a Leitura na Escola

Aprender a ler, a escrever, alfabetizar-se é, antes de tudo, aprender a ler o mundo, compreender o seu contexto, e “não uma manipulação mecânica de palavras, mas numa relação dinâmica que vincula linguagem e realidade”. Paulo Freire²²

A inter-relação entre os campos da comunicação e da educação vem acentuando-se devido às mudanças da organização social moderna. Atualmente, o poder sobre o conhecimento historicamente produzido não é exclusividade dos especialistas ou privilégio da escola.

O desenvolvimento tecnológico e a disseminação dos meios de comunicação proporcionam, para grande parcela da população, o acesso às informações e aos saberes produzidos, possibilitando, inclusive, sua intervenção sobre essa produção. Estamos diante de uma nova realidade que nos permite estabelecer a comunicação, em tempo real, com o mundo inteiro.

A Comunicação também precisa ampliar sua forma de atuação, contribuindo para a formação do cidadão e para a transformação da sociedade.

O papel da leitura na vida do homem só poderá ser entendido se for analisado dentro de uma visão mais abrangente. A leitura é um processo complexo e amplo que faz exigências ao nosso cérebro, à nossa memória e às nossas emoções sem deixar de envolver a experiência de vida dos leitores.

Segundo Paulo Freire (1995), a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra. O ato de ler se dá na experiência existencial do indivíduo. A leitura de mundo feita pelo homem é fundamental para a compreensão da importância do ato de ler, é preciso partir da realidade

²² FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler. São Paulo: Cortez, 1995.

do aluno no sentido de se buscar uma construção de conhecimento significativo e entender a escola como um campo onde confluem e gravitam, permanentemente, diversas mediações expressas no jogo dialético das transformações sociais.

A maioria dos professores aponta a falta de atenção, interesse e compromisso por parte dos alunos como possíveis causas do fracasso escolar. Ora, alunos e professores vivem num espaço social recheado de mensagens digitais, televisivas, radiofônicas, jornalísticas etc., contudo, salvo preciosas exceções, a escola parece ignorar o que acontece à sua volta, formando em seu bojo um problema de leitura. Não é cabível delegar à escola apenas a função de ensinar a pessoa a codificar e decodificar a escrita, uma vez que isso não é leitura, mas também a de inserir-se em práticas sociais.

Nesse contexto, a Educação tem que repensar suas práticas, devido às exigências decorrentes da nova organização social e às possibilidades geradas pelas tecnologias da informação, ampliando seu campo de atuação para além dos muros escolares, contribuindo para a formação de um cidadão autônomo e participativo.

Segundo Rodrigues²³, a escola deve buscar a contemporaneidade histórica, ela é a mediação entre a realidade empírica e o seu conhecimento, portanto precisa possibilitar que o educando seja capaz de entrar no mundo dessa realidade para entendê-la. A instituição escolar tem, pois, por função repassar, organizar o saber e viabilizar a todos os membros de uma sociedade o acesso aos instrumentos de produção cultural, científica, técnica e política da sociedade em que esses indivíduos vivem. A escola deve estar comprometida politicamente e preparar o educando para o exercício da cidadania que compreende a totalidade dos direitos que o indivíduo tem que desempenhar nas mais diversas funções do tecido social, do ponto de vista individual e social.

²³ RODRIGUES, Neidson. *Da Mistificação da Escola à Escola Necessária*. São Paulo: Cortez, 1987.

Para Ângela Kleiman²⁴, leitura é um ato social, uma interação entre o leitor e o autor e a aprendizagem do indivíduo na escola está fundamentada nessa atividade. A leitura é um processo interativo, um intervir de vários fatores individuais, inconscientes e conscientes, que nos fazem compreender um texto escrito. A compreensão de um texto envolve desde o entendimento gramatical até o entendimento do contexto, utilizando o conhecimento prévio do leitor. O conhecimento prévio é o repertório do indivíduo, os conhecimentos adquiridos ao longo da vida e que fazem parte da memória e da inteligência e que são buscados quando se fazem necessários na leitura.

O conhecimento prévio dos alunos deve ser valorizado a fim de dar continuidade na aprendizagem. Este envolve o conhecimento linguístico, o textual e o conhecimento de mundo que são ativados na leitura para obter compreensão.

É importante destacar que conhecimento prévio é a base de qualquer aprendizagem, e ele não é estático, mas sim uma permanente transformação do que já foi aprendido em contato com um novo conhecimento. Isso não pode ser confundido com o pré-requisito desenvolvido com treino numa visão cumulativa e nem com uma matéria ensinada anteriormente pelo professor.

Para Paulo Freire²⁵, não é possível respeitar os educandos, a sua dignidade, seu ser e identidade em formação, se não se considerar as condições em que os educandos vêm existindo, se não se reconhece a importância dos “conhecimentos de experiência feitos” com que chegam à escola. O respeito devido à dignidade do educando não nos permite subestimar ou zombar do saber que traz consigo à escola.

²⁴ KLEIMAN, Ângela. *Texto e leitor*. São Paulo: Ed. Pontes, 2004.

²⁵ FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

2.9 – O Planejamento e a função social na Leitura

Ao se realizar qualquer atividade, o ser humano busca algum propósito ou objetivo traçando mentalmente um plano de ações que o levará ao objetivo pré-determinado. Não é diferente com a leitura!

Segundo Ângela Kleiman (2004), o contexto escolar não favorece o levantamento de objetivos específicos na atividade de leitura proposta ao aluno, ignorando que a aprendizagem ocorre de fato quando a experiência é significativa para o indivíduo. A explicitação de objetivos favorece o envolvimento do aluno com a tarefa e por consequência a compreensão.

No Programa Educom.rádio, uma experiência realizada pelo Núcleo de Comunicação e Educação (NCE) junto às escolas municipais de São Paulo, há relatos de alunos que eram considerados “alunos-problemas” tanto em aprendizagem como em disciplina, que se recusavam a realizar atividades e declaravam que detestavam ler. As atividades eram voltadas para a produção radiofônica, ao longo do projeto, esses alunos foram se envolvendo e participando cada vez mais, elaborando pautas, pesquisando, escrevendo falas e fazendo narrações. Seus comportamentos mudaram, surpreendendo professores e os próprios colegas. Ao serem questionados sobre por que faziam todas aquelas atividades que antes não conseguiam ou não gostavam, responderam simplesmente que agora tinham um motivo para ler e pesquisar e, mais, que precisavam ler bem porque tinham interlocutores para ouvi-los. É evidente que o delineamento de objetivos específicos os impulsionaram a ler com interesse e atribuir significado a essa leitura.

2.10 – Concepções que permeiam a prática escolar

O que vemos nas escolas são “modismos metodológicos” que discursam o que a sociedade espera ouvir, mas a prática pedagógica calcada em filosofias tradicionais continua a considerar o aluno como recipiente. Focam sua ação na transmissão de conhecimento e investem na tão exaltada “educação bancária”, metáfora criada por Paulo Freire expressar uma escola que espera “sacar” exatamente aquilo que se depositou na cabeça do aluno.

Segundo Ivani Fazenda²⁶, não basta “importar” um modismo e adotá-lo como solução dos problemas atuais. É necessário questionar seu significado, verificar os benefícios que ele pode propiciar, e sua aplicabilidade, com vistas à formação do homem-pessoa. É necessário pensar a educação em termos de processo de formação desse homem, mas sempre partir de um referencial seguro nas tentativas de renovação.

É com base numa concepção empirista que a escola vem educando e ensinando seus alunos. Aposta na memorização e fixação de informações através das cópias, ditados e repetições, acredita que a leitura parte da junção de pequenas partes (sílabas) da palavra, de uma leitura mecânica para somente depois de algumas etapas acumulando informações, chegar a leitura compreensiva. Sob tal concepção, muitos métodos foram desenvolvidos que variavam em alguns aspectos, mas no fundo possuíam os mesmos pressupostos.

Em contraponto a concepção empirista, encontramos a concepção construtivista que pressupõe uma atividade, por parte do aprendiz, de organização e integração dos novos conhecimentos aos já existentes. Esse aprendiz é um sujeito que constrói seu próprio conhecimento, agindo sobre o que é objeto de seu conhecimento em interação com

²⁶ FAZENDA, Ivani Catarina A. *Interdisciplinaridade – um projeto em parceria*. São Paulo: Edições Loyola, 1991.

outras pessoas. Dessa concepção surgiram várias distorções como o “espontaneísmo”, decorrente da crença de que se o aluno constrói seu próprio conhecimento, não seria necessário ensiná-lo. Houve ainda a tentativa de “mesclar” as duas concepções gerando graves problemas para a aprendizagem da criança.

Cabe aqui uma observação de Mary Kato²⁷ que afirma que “muito do insucesso escolar poderia ser evitado se, em lugar da obsessão pelo “método”, a escola procurasse ser um verdadeiro laboratório de observação do que ocorre no processo da aprendizagem, abordando a criança como sujeito ativo desse processo.”

²⁷ KATO, Mary. *O aprendizado da leitura*. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1999, 5ª ed.

2.11 - Contribuições das Pesquisas

Segundo ASSUMPÇÃO e BOCCHINI²⁸, muitas pesquisas que interessariam aos campos da comunicação e da educação estão apenas no campo da comunicação que, por motivos mercadológicos promove tais pesquisas para melhor chegar ao “receptor/consumidor”, enquanto isso a educação ignora ou se recusa a aproveitá-las em sua práxis para se aproximar de seu aluno, ou então melhorar o fluxo comunicacional entre escola e aluno.

Vários pressupostos com que a escola trabalha seriam facilmente rejeitados se ela fizesse uso de tais pesquisas, a começar pela leitura. Segundo Mary Kato²⁹, várias pesquisas revelam que a leitura proficiente se dá por reconhecimento instantâneo do todo, ou seja, ao ver a palavra, já se tem em mente a representação. Quanto mais eficiente for o leitor, maior será seu vocabulário visual e sua capacidade de reconhecimento instantâneo. Recurso este largamente usado pelas mídias, embora com a intenção de inculcar a marca ou slogan no imaginário do consumidor. Aqui já é esvaziada uma ideia muito presente na escola, a de concepção empirista, baseada num modelo sintético em que o aluno aprende sílaba por sílaba para compor a palavra e gradativamente o texto.

Segundo Mary Kato (1999), as pesquisas apontam que durante a leitura os olhos não deslizam linearmente sobre o texto impresso, eles dão saltos e acontece um tipo de adivinhação, já que de fato não estão vendo tudo. O tempo de fixação a cada salto vai depender da dificuldade oferecida pelo material lido. Essa dificuldade pode ocorrer devido à complexidade do texto, por palavras desconhecidas que não

²⁸ ASSUMPÇÃO, Maria Elena e BOCCHINI, Maria Otília. *Para escrever bem*. São Paulo: Ed. Manole, 2006, 2ªed.

²⁹ KATO, Mary. *O aprendizado da leitura*. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1999, 5ª ed.

fazem parte do glossário mental do leitor, ou ainda, devido a outras questões que podem dificultar a leitura.

Recorremos a um exemplo do que acontece na escola que as pesquisas no campo da comunicação poderiam contribuir bastante. Há uma crença de que o uso de letra bastão ou caixa alta facilita a leitura para a criança em processo de alfabetização por ser mais fácil grafar. Talvez o fosse pensando somente pelo lado da escrita, mas as pesquisas indicam que para realizar uma leitura, a escrita em caixa alta dificulta a legibilidade, pois o reconhecimento instantâneo se dá pela forma, pelo registro do contorno. Ao se empregar a caixa alta, todas as palavras ficam com a mesma forma, dificultando assim a leitura.

Outro entrave para a leitura pode ocorrer com a percepção visual. Embora pareça algo simples, trata-se de um ponto importante, principalmente na fase de alfabetização em que o indivíduo tem diversos desafios pela frente, sendo que, quanto menor o número de obstáculos, melhor será o aproveitamento. Estudos apontam que quanto maior o contraste, melhor a legibilidade, por exemplo, preto no branco. Apresentamos aqui um quadro contraditório, estamos tratando de tecnologias avançadas, entretanto nas escolas ainda existe o velho mimeógrafo que é usado a pleno vapor, sendo o roxo a cor mais contrastante. Porém o que comumente acontece é que, após algum tempo de uso do estêncil, o contraste diminui, deixando a letra clara e borrada. Mesmo assim, longos textos e atividades são “impressos” e utilizados nas salas de aula. Neste item, encontramos vários livros didáticos que abusam de fundos coloridos e outras decorações com a intenção de chamar a atenção do aluno demonstrando um grande despreparo no quesito leitura, ou talvez a preocupação da indústria cultural seja apenas com o mercado.

Há ainda outros fatores que prejudicam a legibilidade e a percepção visual: o uso de letra com corpo muito pequeno, escritas condensadas, espaçamento simples entre as linhas. Esses recursos são usados pelas escolas que já têm computadores e impressoras, mas que

procuram economizar fazendo caber o maior número de informação possível numa mesma folha.

O tamanho das linhas também não é levado em conta, a maioria dos textos usados na escola ultrapassa 60 toques. No sistema de apostilas, opção de muitas escolas particulares, todos esses problemas descritos até aqui são ainda mais gritantes. Num único texto é possível encontrar todos esses problemas de percepção visual e legibilidade. A maioria dos textos ultrapassa 100 toques por linha. Além de todos os problemas de legibilidade já citados, alguns textos conseguem ser piores no quesito comunicação pois reforçam vários preconceitos, trazem muitos termos de difícil compreensão e referências históricas que provavelmente o público destinatário ainda desconhece. A comunicação tem ciência de todas essas informações e faz uso delas em seu dia-a-dia, toda a mídia impressa é mais atraente do que os livros e textos usados na escola.

Optamos por abordar algo tão específico, como a leitura, para mostrar que a contribuição da comunicação pode se dar em todas as áreas do campo da educação. Aproveitando as informações que a comunicação pode oferecer, é possível planejar a educação com maior intencionalidade e qualidade, preparando o sujeito para um mundo real e não para um mundo que só existe dentro da escola.

A busca por essa inter-relação comunicação/educação confirma a necessidade da emergência de um novo profissional com um perfil diferenciado do que a educação e a comunicação oferecem isoladamente, surgindo assim a figura do **educador**.

Trata-se de um profissional que, atuando numa das áreas do novo campo, demonstra capacidade para elaborar diagnósticos, coordenar ações e gestões de processos, traduzidos em políticas públicas; assessorar os educadores no adequado uso dos recursos da comunicação ou promover ele próprio quando lhe cabe a tarefa, o emprego cada vez mais intenso das tecnologias, como instrumentos de expressão dos cidadãos envolvidos no processo educativo; implementar programas de educação pelo e para os meios e refletir sobre o novo campo, sistematizando informações que permitam um maior esclarecimento sobre as demandas da sociedade em tudo que diga respeito à inter-relação comunicação/educação³⁰. (SOARES: 1998)

No diagnóstico feito pelo Programa Educom.rádio, pudemos perceber que já acontecem algumas práticas na escola que poderiam ser chamadas de educomunicativas, assim como há educadores que inconformados com o conservadorismo da educação buscam alternativas que fujam da tradicional transmissão de conteúdos, apresentando assim um perfil de educomunicador. Infelizmente são situações isoladas e pontuais, sem uma intencionalidade definida ou prevista num planejamento.

³⁰ SOARES, Ismar de Oliveira. “Comunicação/Educação, a emergência de um novo campo e o perfil de seus profissionais”, in Revista Contato, nº2. jan./mar., 1999.

3.0 - Planejamento

3.1 – Definições de Planejamento

Ao buscar sinônimos para a palavra planejamento, encontramos vários significados: idealização, plano, programa, projeto, incubação.

Segundo a definição do dicionário Aurélio, **planejamento** é o ato ou efeito de planejar, já **planejar** é fazer o plano ou a planta de alguma coisa, é projetar ou elaborar um plano.

Todo sujeito ou organização realiza um planejamento em algum grau, na medida em que se aspira determinado objetivo e se traça ou busca meios para atingi-lo. Azanha³¹ afirma que no sentido trivial, qualquer indivíduo razoavelmente equilibrado, é um planejador.

O sujeito, desde o momento em que acorda, faz mentalmente um roteiro das atividades que tem para realizar no dia, organizando o tempo e as prioridades das ações a serem desenvolvidas. Nesse sentido, informalmente, está fazendo um planejamento. Ao pensar na organização prévia da ação em prol do objetivo que se quer alcançar, o indivíduo traça um planejamento.

Há diferentes enfoques para a palavra planejamento e uma vasta literatura sobre o assunto. As várias definições não se excluem, elas são complementares. Em geral, segundo MARTINEZ e LAHORE (1997), entende-se por planejamento:

³¹ AZANHA, José Mário. *Uma ideia de pesquisa educacional*. São Paulo: Edusp, 1993.

*Um processo de previsão de necessidades e racionalização do emprego dos meios materiais e dos recursos humanos disponíveis, a fim de alcançar objetivos concretos em prazos determinados e em etapas definidas, a partir do conhecimento e avaliação científica da situação original*³².

Tendo em foco o que se pretende alcançar, o sujeito traça o caminho a percorrer, estabelecendo os recursos materiais e humanos necessários, levantando etapas para administrar o processo dentro do prazo ou tempo que terá para executar tais ações, com base nas informações que já dispõe sobre o assunto.

Padilha³³ faz um levantamento da definição de planejamento dadas por diferentes autores, sendo recorrentes definições como: processo de tomada de decisão; processo de reflexão e tomada de decisão; pensar antes de agir, para organizar a ação; processo contínuo e sistematizado de projetar e decidir ações sobre o futuro; processo de busca de equilíbrio entre meios e fins; processo de previsão de necessidades e de racionalização de emprego dos meios materiais e dos recursos humanos disponíveis; processo de análise crítica que o educador faz de suas ações e intenções.

³² MARTINEZ, Maria Josefina e LAHORE, Carlos Oliveira. *Planejamento Escolar*. São Paulo: MEC/Saraiva, 1997.

³³ PADILHA, Paulo Roberto. *Planejamento Dialógico*. Editora Cortez, São Paulo, 2001.

3.2 – Planejamento enquanto Processo

É consenso entre os vários autores que abordam o assunto, que planejamento é um processo. Vasconcellos³⁴ ratifica que na qualidade de processo o planejamento é permanente e contínuo. É permanente porque a todo o momento o sujeito está planejando: o ato de planejar não se restringe ao momento que antecede as ações. É contínuo, porque o sujeito organiza as ações, avalia se há necessidade de ajustes ou reajustes, faz um replanejamento do que for necessário para materializar a meta proposta dentro do tempo e do contexto em que está inserido.

Na opinião de Kunch³⁵, é preciso considerar o planejamento como um ato de inteligência, um modo de pensar sobre determinada situação ou realidade, pressupondo estudo, questionamento, diagnósticos, tomadas de decisões, estabelecimento de objetivos, estratégias, alocação de recursos e curso de ações. Acrescenta ainda que planejamento é um processo complexo dotado de filosofia e políticas definidas sendo direcionado por princípios gerais e específicos. Como foi exposto, faz parte do ser humano o ato de planejar. Segundo Gandin³⁶:

É impossível enumerar todos os tipos e níveis de planejamento necessários à atividade humana. Sobretudo porque, sendo a pessoa humana condenada, por sua racionalidade, a realizar algum tipo de planejamento, está sempre ensaiando processos de transformar suas ideias em realidade. Embora não o faça de maneira consciente e eficaz, a pessoa humana possui uma estrutura básica que a leva a divisar o futuro, a analisar a realidade a propor ações e atitudes para transformá-la.

Após uma introdução sobre o assunto, focaremos agora nossa atenção no planejamento voltado para as áreas da educação e da comunicação, assim como também, na interface desses dois campos, mais especificamente na educomunicação.

³⁴ VASCONCELLOS, Celso dos Santos. *Planejamento: Plano de ensino-aprendizagem e projeto educativo*. São Paulo, Libertad, 1995.

³⁵ KUNSCH, Margarida Maria Krohling. *Planejamento de relações Públicas na Comunicação Integrada*. São Paulo: Summus Editorial, 2002.

³⁶ GANDIN, D. *Posição do planejamento participativo entre as ferramentas de intervenção na realidade*. Currículo sem Fronteira, v.1, n. 1, jan./jun., 2001, pp. 81-95.

3.3 – Planejamento na Educação

Segundo Kenski³⁷, os meios de comunicação inundam-nos de informações variadas sobre as mais novas descobertas e os mais novos posicionamentos em todos os ramos do conhecimento. A aprendizagem não se dá na transmissão e recepção de conhecimentos, há uma integração e reformulação do que temos e o que recebemos. Para a autora, realizamos mixagens – o velho e o novo; o homem e a máquina; o pensamento e o sentimento; o racional e o intuitivo; a natureza e o mundo artificial; o real e o virtual; o *cyber* e o *space*. A humanização do cientista-pesquisador impõe-lhe mais uma necessidade: a de busca, já não apenas do conhecimento e da reflexão original, mas, sobretudo, de parcerias e de comunicação.

Na esfera educacional, o processo de planejamento também ocorre em diversos níveis, dependendo do setor que se tem em vista trabalhar, das mudanças que se pretende fazer e das inovações que se espera implantar. O papel do planejamento será o de gerenciar as mudanças e minimizar as resistências que naturalmente surgem frente a qualquer tipo de transformação. Essas resistências tendem a diminuir se o planejamento for concebido como processo coletivo, de forma significativa a todos os atores envolvidos, em que a democratização da gestão passa a ser um conceito nuclear.

Para Philippe Perrenoud³⁸, não se pode programar as aprendizagens humanas como a produção de objetos industriais. Não é somente uma questão de ética, é simplesmente impossível, devido à diversidade dos aprendizes e à sua autonomia de sujeitos. É aí que reside a importância da escola, além de lidar com uma grande diversidade cultural, social e econômica de seus alunos, ao mesmo tempo, deve contribuir para a construção de uma escola mais igualitária, aberta à inclusão dos alunos e de suas famílias, de suas crenças e valores, de suas diferentes culturas, fazendo dessa heterogeneidade uma mola

³⁷ KENSKI, Vani Moreira. *Educação e Tecnologias, o novo ritmo da informação*. São Paulo: Papirus, 2007.

³⁸ PERRENOUD, Philippe. *Construir as competências desde a escola*. São Paulo: Artmed, 2005.

propulsora na busca de novos conhecimentos e da construção de novas aprendizagens.

O planejamento educacional não é um ato burocrático de se preencher formulários ou até mesmo copiar programas de anos anteriores, embora Essa seja ainda uma prática muito usada. O ato de planejar é inerente à educação, para saber onde se quer chegar, que políticas adotar e a partir de qual concepção pedagógica. Sem informações essenciais disponíveis como o diagnóstico, a política educacional, o ato de planejar não ultrapassa a burocratização de preencher papéis.

Quando o planejamento se restringe à reprodução de anos anteriores, denota que não há envolvimento dos atores inseridos na prática educativa, os quais, como consequência, trabalham isoladamente e de improviso. Nesse caso, o planejamento se resume a uma mera formalidade, faltando o fio condutor da ação que possibilita a socialização do conhecimento docente entre seus pares. Nas palavras de Padilha³⁹,

“a atividade de planejar é um processo que visa dar respostas a um problema, estabelecendo fins e meios que apontem para a sua superação, de modo a atingir objetivos antes previstos, pensando e prevendo necessariamente o futuro, mas sem desconsiderar as condições do presente e as experiências do passado, levando em conta os contextos e os pressupostos filosófico, cultural, econômico e político de quem planeja e de com quem se planeja.”

O planejamento deve ser norteador do processo, e não delimitador, adequando-se a cada realidade educativa. É preciso respeitar a vivência e a realidade do educando, sem que isso interfira na ampliação de novos conhecimentos que favoreçam, positivamente, o processo educativo desse indivíduo. Além de planejar e acompanhar o processo, é necessário avalia-lo constantemente para melhor orientar as tarefas e papéis mediadores da formação humana que acontecem nos múltiplos espaços.

³⁹ PADILHA, Paulo Roberto. *Planejamento Dialógico*. São Paulo: Editora Cortez, 2001.

3.4 – O Planejamento é Político

O planejamento é uma atividade racional que materializa a política educacional e a filosofia subjacente. Precisa ser concebido e realizado de forma significativa para todos os atores do processo, através de ações ordenadas e definidas no tempo e no espaço, possibilitando assim, encaminhamentos didáticos na interface de diferentes campos do conhecimento.

Para Antonio Joaquim Severino, encontramos-nos historicamente situados e sitiados no contexto de uma nova era, a da pós-modernidade. Ser interdisciplinar, para o saber, é uma experiência intrínseca, não uma circunstância aleatória. Com efeito, pode-se constatar que a prática interdisciplinar do saber é a face subjetiva da coletividade política dos sujeitos⁴⁰.

As decisões tomadas no planejamento não são infalíveis e nem fechadas e intocáveis. O planejamento precisa ter flexibilidade para rever decisões, meios, recursos e até mesmo os objetivos. Como foi dito anteriormente, o planejamento está sempre em processo, portanto, em constante evolução e readaptação. Ajustes e reajustes do planejamento inicial poderão surgir a partir dos estudos realizados e das experiências sociopedagógicas vividas.

Para Arroyo⁴¹, faz parte do planejamento, direcionar o olhar pedagógico sobre toda manifestação em que os seres humanos, também os estudantes, vão se tornando sujeitos. Diagnosticar, auscultar, perceber são atitudes que passam a integrar a arte do ofício de mestre.

O ofício de mestre, de pedagogo, vai encontrando seu lugar social na constatação de que somente aprendemos a ser humanos em uma trama complexa de relacionamentos com outros seres humanos. Esse aprendizado só acontece em uma

⁴⁰ SEVERINO, Antonio Joaquim. In FAZENDA, Ivani (org). *Didática e Interdisciplinaridade*. Papirus editora. Campinas, SP 1998.

⁴¹ ARROYO, Miguel G. *Ofício de Mestre - Imagens e auto-imagens*. 4ª ed., Ed. Vozes. Rio de Janeiro, 2001.

*matriz social cultural, no convívio com determinações simbólicas, rituais, celebrações, gestos. No aprendizado da cultura.*⁴².

A instituição de educação tem que saber o que quer formar, seja um cidadão ativo ou um sujeito passivo, mas é preciso ter sua opção política para orientar o processo de formação. Recorrendo às palavras de Arroyo, a escola é um espaço de diálogo de gerações, entretanto, a relevância da escola está em poder pensar de forma intencional, pedagógica e programada, planejando desde os momentos de formação dos educadores, tempos e espaços de pesquisa e estudo de planejamento e avaliação.

Segundo Severino (1998), o fundamental no conhecimento não é sua condição de produto, mas seu processo. Essa interdisciplinaridade exigida na esfera do pedagógico-educacional não se refere unicamente aos requisitos epistemológicos da formação do cientista. À luz dos pressupostos anteriormente colocados⁴³, ela se impõe também em relação à formação do profissional, dos agentes sociais em um sentido amplo. O homem só pode ser efetivamente formado como humano se for formado como cidadão. O projeto educacional se torna necessário tanto para os indivíduos como para a sociedade⁴⁴.

A escola, coletivamente, planejará que dimensões de sua realidade pretende abranger, através de quais atividades, em que tempos e espaços, definindo que tipo de organização será a mais adequada. Decidirá, em consonância com o coletivo de educadores, quais as responsabilidades específicas de cada um e quais as formas mais apropriadas de se trabalhar com determinados grupos de educandos.

⁴² Ibidem

⁴³ Grifo nosso.

⁴⁴ SEVERINO, Antonio Joaquim. In FAZENDA, Ivani (org). *Didática e Interdisciplinaridade*. Papirus editora. Campinas, SP 1998.

3.5 – Planejamento na Educação em Crise

Vani Kenski afirmar, em seu texto “A formação do professor-pesquisador”⁴⁵, que o mundo mudou. As pessoas mudaram. A simples constatação da velocidade em que ocorrem as transformações em nossa vida cotidiana já nos mostra que estamos diante de uma nova sociedade, uma outra realidade, que nos envolve e nos desafia. Na atualidade, a única certeza que temos ao sermos informados de novas descobertas ou de novos posicionamentos científicos é a de sua transitoriedade.

A escola atravessa uma crise existencial. Por um lado, a produção do saber é muito intensa e circula rapidamente pelos meios de comunicação, fato que exige uma urgente redefinição do papel do professor. Por outro lado, constata-se a resistência da escola em incorporar novas linguagens e competências. A burocratização, os recursos limitados e uma comunicação hierárquica explicitam a incapacidade da escola em criar novos caminhos que a realidade social pede.

Para Valderrama⁴⁶, este panorama exige uma revisão de caráter pedagógico e político. Implica em gerar práticas pedagógicas que ressignifiquem e atualizem concepções pedagógicas retrógradas. É necessário adotar uma concepção que reconheça o sujeito pedagógico como sujeito ativo, que possui saberes construídos a partir de suas experiências cotidianas e que tem um grande potencial criativo. Político porque toda essa mudança é também uma nova forma de desigualdade social que se fundamenta na exclusão dos processos de produção.

⁴⁵ FAZENDA, Ivani (org). *Didática e Interdisciplinaridade*. Campinas: Papirus, 1998.

⁴⁶ VALDERRAMA H, Carlos Eduardo. *Médios de comunicación y globalización: tensiones de la política, las identidades y la educación*. Revista Nómadas nº 21. Médios de comunicación: Tecnologías, Política y Educación. Universidade Central, IESCO-UC, 2004.

Soares⁴⁷ afirma que o ato de receber as mensagens dos meios (ato da recepção) não é um momento de “passividade”, mas um instante que permite mobilizar uma quantidade imensa de “microssaberes” acumulados que o professor pode ajudar o aluno a coloca-los em relação, para construir seu conhecimento e dar-lhe sentido.

De acordo com Arroyo⁴⁸, na escola convivem sujeitos totais e não apenas mentes sem histórias, sem corpo e sem identidades. É preciso formar a curiosidade, a paixão de aprender, a emoção e vontade de conhecer, de questionar a realidade em que se vive, sua condição de classe, raça, gênero, sua idade, corporeidade, memória coletiva, sua diversidade cultural e social. Essa nova consciência profissional prioriza a função social e cultural da escola responsável por ampliar sua função educativa.

⁴⁷ SOARES, Ismar de oliveira. *Venha ser um educador, você também*. Educom.TV, textos de apoio. NCE/ECA/USP

⁴⁸ ARROYO, Miguel G. *Ofício de Mestre - Imagens e autoimagens*. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

3.6 – Planejamento flexível para um mundo em constantes mudanças

A escola precisa preparar-se para essa nova realidade. Isso, como vimos, implica em repensar o planejamento que precisa ser flexível o bastante para trabalhar, segundo Vani Kenski (2007), num caminho descontínuo e sem direcionamento, antecipadamente previsto em sua totalidade. Implica também em se estar atento a um caminho cheio de diversidades, multiplicidades e dispersões, como é o caminho do conhecimento em uma sociedade de grandes e velozes transformações.

Novas demandas sociais têm provocado mudanças ou pelo menos inquietações na escola e, conseqüentemente, em seus projetos pedagógicos e planejamentos. Nas palavras de Soares:

As disposições legais traduzem um movimento mundial em favor de uma educação mais atenta às formas como circulam as informações e aos consensos através dos quais elas são produzidas na sociedade pós-moderna. Ao mesmo tempo, estão atentas para a influência dos meios de informação e para a necessidade de se preparar cidadãos capazes de conviver com os sistemas de meios de comunicação numa sociedade onde os simulacros e os interesses econômicos fazem-se presentes de forma incontestável na produção da indústria cultural.⁴⁹

Para Quiroz⁵⁰, as tecnologias do conhecimento e da comunicação afetam a forma como sentimos e pensamos, fazendo surgir um novo ambiente comunicacional que modifica as possibilidades e a nossa maneira de perceber e viver no mundo, tornando indispensável pensar a educação para além das fronteiras da sala de aula. Trata-se de uma época em que se deve integrar ao

⁴⁹ SOARES, Ismar de oliveira. *Venha ser um educador, você também*. Educom.tv, textos de apoio. NCE/ECA/USP

⁵⁰ QUIROZ, Maria Teresa. *Aprendizaje y Comunicación em el siglo XXI*. Argentina: Grupo Editorial Norma, 2003.

processo educativo, o conjunto de imagens, experiências e referências, ainda que haja resistência.

É imperativo pensar as tecnologias não como instrumentos, mas como diálogos que podem potencializar nossas possibilidades expressivas. Essa nova demanda pede que se abra a escola ao conhecimento e as práticas de outras linguagens e competências.

Analisar a relação entre educação e os meios de comunicação de massa significa refletir sobre a importância de incluir o tema da comunicação no planejamento educativo, considerando que a mídia está presente na cultura dos educandos, em suas vidas cotidianas e organização do tempo.

3.7 – O planejamento e um novo clima cognitivo de aprendizagem

Soares (2000), aponta para a necessidade de uma ação planejada de análise que permita a necessária comparação entre a realidade e os propósitos da Educação, e a realidade e os propósitos do sistema midiático, visando confrontar pontos de vista e construir conhecimento com autonomia. Ele alerta ainda que todo trabalho de planejamento deve ser colaborativo, envolvendo os segmentos que tomarão parte nas ações planejadas.

A cultura de massa, segundo Quiroz (2003), se mostra a todo instante além da presença do meio eletrônico. Por essa razão, não é possível seguir pensando a educação fora da sociedade que, por sua vez, está permeada pelos meios de comunicação e informação. A mídia, seu crescimento contínuo e sua ocupação do espaço e tempo social, vem configurando um novo clima cognitivo de aprendizagem.

Para enfrentar esses novos desafios a autora propõe um projeto pedagógico que questione o caráter monolítico e transmissível do conhecimento. Um projeto de saber, que não pense mais a escola e os meios audiovisuais como objetos antagônicos.

Um projeto que vai além da “pedagogia da imagem”, aquela que faz uso da mídia como mero apoio didático ao que se quer comunicar. A proposta é tomar o próprio processo midiático como conteúdo do ensino, permitindo aos alunos ultrapassar o que é visível e explorar em profundidade os pontos de vista, as diferenças culturais e o contexto social em que as mensagens midiáticas estão inseridas. Arroyo (2001) acrescenta que a elaboração do projeto pedagógico é um momento propício para que o coletivo de profissionais se vejam – eles próprios, em seu cotidiano – como atores sociais relacionados com o mundo da mídia. Isso facilitará o resultado de seu planejamento pedagógico.

Falar em comunicação no planejamento escolar não significa, apenas, pensar na mídia e em sua análise. Paulo Freire⁵¹ aponta que o conhecimento é, ele próprio, um ato comunicativo, considerando que ele exige uma presença curiosa do sujeito em sua relação com o mundo. Implica uma busca permanente da invenção e da reinvenção que somente se pode fazer através da comunicação. O mestre pernambucano propõe uma reflexão crítica de cada um sobre o ato mesmo de conhecer, “pelo qual se reconhece conhecendo e ao reconhecer-se, se percebe o como do seu conhecer e os condicionamentos a que está submetido o seu ato”. Destaca, ainda, que “ser dialógico é vivenciar o diálogo, é não invadir, é não manipular, é empenhar-se na transformação constante da realidade”, pelo que não há e nem pode haver invasão cultural dialógica.

Para Paulo Freire, a comunicação implica, pois, numa reciprocidade em que não é possível compreender o pensamento fora de sua dupla função: cognoscitiva e comunicativa. Na comunicação não há sujeitos passivos, já que eles estão em constante relação dialógica-comunicativa e são denominados sujeitos interlocutores. Ele afirma ainda que a educação é comunicação, é diálogo na medida em que promove um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a explicação dos significados.

No tocante às relações dialógicas, Arroyo (2001), acrescenta que é preciso perder o medo de ocupar longos tempos de interação, planejá-los e avaliar suas virtualidades formadoras. Afirma, ainda, que é necessário valorizar mais as dimensões formadoras das atividades programadas na sala de aula, na escola, dada à sua importância no desenvolvimento humano dos educandos, possibilitando que se descubram como pertencentes de um coletivo de produtores de saberes, de cultura, de habilidades e competências. Produtores de si mesmo. Neste sentido, Soares propõe que se busque um planejamento educacional, já que:

⁵¹ FREIRE, Paulo. *Extensão ou Comunicação*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

O conhecimento que se busca a partir do planejamento educomunicativo é essencialmente aquele que venha favorecer a descoberta de caminhos que possibilitem criar e fortalecer “comunidades de convivência”, de compartilhamento, de colaboração, de maneira a promover o potencial comunicativo de cada um dos membros da comunidade educativa, assim como a ampliar suas habilidades no uso dos recursos da informação.⁵²

⁵² SOARES, Ismar de oliveira. *Venha ser um educomunicador, você também*. Educom.TV, textos de apoio. São Paulo: NCE/ECA/USP

4.0 - Planejamento através de Projeto: em Educação e Educomunicação

Neste capítulo, trataremos, em primeiro lugar, do tema relacionado a planejamentos de projetos educativos. Na sequência, abordaremos, especificamente, sobre o planejamento de projetos educacionais.

4.1. Planejamento de projetos educativos

Projeto é uma palavra bastante comum e usada cotidianamente em diversas situações. O recurso ao dicionário⁵³ indica-nos que a palavra provém do latim *projectu*, representando o particípio passado do verbo *projecere*, que significa lançar para diante. O termo designa também: Plano, intento, desígnio. Ou, ainda: empresa, empreendimento; redação provisória de lei, plano geral de edificação.

No sentido amplo da palavra, o conceito significa planejar o que temos intenção de fazer, de realizar, lançando-nos para diante a partir do que temos ou de onde estamos. Através de um projeto, é possível, em boa parte das vezes, antever um futuro diferente daquele que temos no presente, ganhando, nesse caso, uma dimensão utópica, indicando a exploração de novas possibilidades.

Boutinet⁵⁴, em seu estudo sobre a antropologia do projeto, explica que o termo teve seu reconhecimento no final do século XVII, sendo a primeira tentativa de formalização de um projeto uma criação arquitetônica, com o

⁵³ FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, s.d, p.1.153.

⁵⁴ BOUTINET, Jean Pierre. *Antropologia do Projeto*. Porto Alegre: Artmed, 2002.

sentido semelhante ao que nele se reconhece atualmente, apesar da marca do pensamento medieval "no qual o presente pretende ser a reatualização de um passado considerado como jamais decorrido".

Trata-se de uma ideia para se concretizar em outro momento, segundo Terezinha A. Rios. Para esta autora,

... projetar-se é relacionar-se com o futuro, é começar a fazê-lo. E só há um momento de fazer o futuro - no presente. O futuro é o que viveremos como presente, quando ele chegar. E que já está presente, no projeto que dele fazemos. Pode parecer complicado, mas trata-se de algo que se constata em nossa vivência do cotidiano. O presente - momento único de experiência e relação - traz no seu bojo o passado, enquanto vida incorporada e memória, e o futuro, enquanto vida projetada⁵⁵.

Fazer um projeto é trabalhar com o futuro no presente. É preparar uma mudança que se faz necessária, mas que não é possível ocorrer no agora, no presente, uma vez que exige uma sondagem das condições necessárias que possibilitem sua realização. Para Rios, trata-se de uma confrontação do que temos com o que queremos e precisamos construir. Trabalhar numa perspectiva de projetos gera sentimentos de pertença quando o que articulamos é concebido, desenvolvido e avaliado como uma prática social coletiva.

4.1.1 – Características do Planejamento de Projeto

BAGNO (1998) afirma que fazer um projeto, tal como planejar, é lançar ideias para frente; é definir até onde se quer chegar com ele; é estabelecer os passos que temos que dar em direção ao objetivo desejado. Esse autor defende o pressuposto de que todo planejamento educativo deveria ser participativo. Sugere, por exemplo, que o líder (o professor, o coordenador, o diretor) deve estar em condições de trazer sugestões, mas que não caberia a ele decidir, e sim ao coletivo (educadores e educandos) o que incluiria a definição do

⁵⁵ RIOS, Terezinha Azeredo. *Significado e Pressupostos do Projeto Pedagógico*. Publicação: *Série Idéias n. 15*. São Paulo: FDE, 1992. Páginas: 73-77

título, dos objetivos, da metodologia, da justificativa, do produto final, do cronograma etc.

Ainda segundo Bagno, deve-se tomar cuidado com algumas características do planejamento. O planejamento educativo se traduz na organização e sistematização das ideias, não podendo, contudo, ser assumido como uma camisa de força, um engessamento. Ao contrário, ele precisa ser flexível sem ser espontaneísta, correndo, assim, o risco de se perder nas muitas novidades e informações que se encontram pelo caminho.

Ao redigir um projeto, segundo esse autor, temos que ter clara a ideia de provisoriedade, pois se trata de um trabalho em processo, que deve pressupor mudanças, ajustes, reajustes, revisão de conceitos de estratégias. Zen⁵⁶ adverte que apesar de toda contradição e limites de previsão de mudanças, é necessário realizar algo que tenha consistência, efetividade e permanência, cuidando para que as mudanças não sejam aleatórias, mas que façam parte de um processo planejado, coerente e sistemático.

Para Zen⁵⁷, o tema do planejamento escolar está contido no conceito de “Pedagogia de Projetos”, inserindo, no cotidiano dos educadores, as discussões atuais sobre a construção de uma escola onde o educando seja protagonista de sua aprendizagem, numa concepção interdisciplinar de organização do ensino, buscando-se, como método, o estabelecimento de múltiplas relações entre as áreas temáticas e as aprendizagens significativas.

Nessa concepção, o aluno é ouvido e seus interesses e entendimentos são pontos de partida para o planejamento. Em princípio, o conhecimento do aluno e seu histórico possibilitam respeitar a estrutura de tempo e do modo de aprender de cada um.

Espera-se da escola, nessa perspectiva, que faça bem mais que transmitir conteúdos ou preparar para o vestibular. Espera-se que a escola possa “ensinar a aprender”⁵⁸, o que significa criar condições ou possibilidades

⁵⁶ ZEN, Maria Isabel Dalla (org). *Projetos Pedagógicos: Cenas de Sala de Aula*. Coleção Cadernos de Educação Básica. Porto Alegre, Editora Mediação, 2001.

⁵⁷ Idem

⁵⁸ BAGNO, Marcos. *Pesquisa na Escola – O que é – como se faz*. São Paulo: editora Loyola, 1998.

para que o indivíduo chegue sozinho às fontes de conhecimento que estão disponíveis na sociedade. Para BAGNO, ensinar a aprender é não apenas mostrar os caminhos, mas também orientar o aluno com o objetivo de que ele desenvolva um olhar crítico que lhe capacite a buscar e selecionar informações verossímeis para transformá-las em conhecimento útil. Isso ocorre quando o aluno é parte integrante do planejamento de seu próprio processo de aprendizagem.

Nessa linha, Romão e Padilha⁵⁹ trabalham com a ideia de “planejamento socializado ascendente”, onde o objetivo é inverter a relação vertical, linear e hierarquizada que tem caracterizado a prática do planejamento no sistema educacional. Para esses autores, o planejamento socializado ascendente pretende quebrar a espinha dorsal do planejamento educacional autoritário, de cima para baixo, seja em que nível for, invertendo a relação de poder na educação e, por conseguinte, na própria sociedade.

4.1.2 – O sentido político do Projeto Pedagógico

A ideia de projeto pedagógico começa a aparecer e a ocupar espaço no discurso oficial e nas instituições de ensino em meados da década de 1990.

O Projeto Pedagógico é um “tratado de intenções” da escola, de seus profissionais e de toda a comunidade escolar tendo em vista realizar um trabalho de qualidade, inovando a prática pedagógica da escola para elevar a qualidade do ensino. Ele resulta de reflexões e questionamentos de seus atores sobre o que é a escola, hoje, e sobre o que poderá a vir a ser, amanhã.

Nessa linha de pensamento, o Projeto Pedagógico acaba conferindo identidade à escola, justamente por refletir o pensamento de seu coletivo.

Atualmente, o Projeto Político Pedagógico tem sido exaustivamente discutido, dada sua extrema importância no percurso em busca de caminhos

⁵⁹ ROMÃO, José Eustáquio e PADILHA, Paulo Roberto. “Planejamento Socializado Ascendente Na Escola”. In. GADOTTI, Moacir. ROMÃO, José Eustáquio. (orgs) *Autonomia da Escola - Princípios e Propostas*. São Paulo: Cortez, Instituto Paulo Freire, 2001.

para a escola se perceber como parte integrante de uma sociedade em grandes transformações. É o que pensa Gadotti:

A crise paradigmática também atinge a escola e ela nem se pergunta sobre si mesma, sobre seu papel como instituição numa sociedade pós-moderna e pós-industrial, caracterizada pela globalização da economia, das comunicações, da educação e da cultura, pelo pluralismo político, pela emergência do poder local. Nessa sociedade cresce a reivindicação pela participação e pela autonomia contra toda forma de uniformização e o desejo de afirmação da singularidade de cada região, de cada língua⁶⁰ etc.

Pudemos perceber que, num mundo pluralista como o que vivemos, o projeto pedagógico da escola deveria também estar inserido num contexto marcado pela diversidade. Frente a esse cenário mutante, é natural, pois, e, sobretudo, esperado que haja uma pluralidade de projetos pedagógicos, compondo, assim, um novo panorama na história da educação pós-moderna.

Gadotti (2001) afirma que todo projeto pedagógico é necessariamente político. Não se constrói um projeto sem uma direção política, um norte, um rumo. Cada escola é resultado de um processo de desenvolvimento de suas próprias contradições. Um PPP constrói-se de forma interdisciplinar, pressupõe uma ação intencionada com um sentido definido, explícito, sobre o que se quer inovar. Segundo o autor, a gestão democrática é uma exigência do projeto político. Isto implica que a comunidade e os usuários da escola, sejam – eles próprios – seus dirigentes e seus gestores e não apenas meros fiscalizadores ou, menos ainda, clientes ou simples usuários dos serviços educacionais.

Para Veiga⁶¹, o projeto pedagógico é “um produto específico que reflete a realidade da escola, situada num contexto mais amplo que a influencia e que pode ser por ela influenciado”. Para a autora, o projeto pedagógico é “um processo permanente de reflexão e discussão dos problemas da escola, na busca de alternativas viáveis à efetivação de sua intencionalidade, que não é descritiva ou constatativa, mas é constitutiva”.

⁶⁰ GADOTTI, Moacir. ROMÃO, José E. (orgs) *Autonomia da Escola – princípios e propostas*. Cortez Editora, São Paulo 2001.

⁶¹ VEIGA, Ilma Passos A. e RESENDE, Lúcia G. de (orgs.). *Escola: espaço do projeto político-pedagógico*. Campinas, SP: Papyrus, 1998.

4.1.3 – Avaliação do Projeto Político Pedagógico

É necessário o acompanhamento da execução das operações. Acompanhar significa interagir com a realidade, ou seja, estar atento para mudar os rumos das operações, caso elas não satisfaçam os objetivos do planejamento, pois a dinâmica escolar pode se alterar exigindo certas modificações nas operações inicialmente pensadas. Devemos estar sempre atentos às necessidades de mudança no percurso, se realmente estamos interessados em alcançar determinados objetivos.

A escola recebe influências "externas", como por exemplo, as políticas implementadas pelos diferentes níveis de governo, a instituição do programa TV Escola e os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), a municipalização do ensino fundamental, os investimentos ou ausência deles na formação permanente do professor. Enfim, a escola é influenciada por diferentes fatores além-muros, sendo de fundamental importância a compreensão do significado desses fatores para o seu dia-a-dia.

A escola é também influenciada por fatores internos, advindos de sua "realidade particular", exigindo que os agentes sociais presentes em seu cotidiano façam uma análise desse mesmo cotidiano, de suas práticas. O conhecimento da realidade escolar passa a ser uma exigência no processo de planejamento.

4.1.4 – Construção do Projeto Político Pedagógico

Na construção do Projeto Pedagógico, os atores envolvidos explicitam seus propósitos, apontam metas e objetivos comuns, vislumbrando caminhos para melhorar a atuação da escola. Durante o processo de construção do Projeto Pedagógico, a escola deve levar em consideração as práticas e necessidades da comunidade escolar, as diretrizes nacionais, as normas, regulamentos e orientações curriculares e metodológicas de seu sistema.

Para Veiga⁶² (2001, p. 11), a concepção de um projeto pedagógico deve apresentar as seguintes características:

- a) ser processo participativo de decisões;
- b) preocupar-se em instaurar uma forma de organização de trabalho pedagógico que desvele os conflitos e as contradições;
- c) explicitar princípios baseados na autonomia da escola, na solidariedade entre os agentes educativos e no estímulo à participação de todos no projeto comum e coletivo;
- d) conter opções explícitas na direção de superar problemas no decorrer do trabalho educativo voltado para uma realidade específica;
- e) explicitar o compromisso com a formação do cidadão.

A mesma autora defende que um projeto pedagógico de qualidade deve:

- a) nascer da própria realidade, tendo como suporte a explicitação das causas dos problemas e das situações nas quais tais problemas aparecem;
- b) ser exequível e prever as condições necessárias ao desenvolvimento e à avaliação;
- c) ser uma ação articulada de todos os envolvidos com a realidade da escola;
- d) ser construído continuamente, pois como produto, é também processo;

O Projeto Pedagógico é o documento que define as intenções da escola de realizar um trabalho de qualidade. O Plano de Escola diz respeito à execução dessas intenções.

Todo processo de planejamento tem por objetivo alterar uma dada realidade, ou seja, espera-se, com a implantação do planejamento, que ocorram mudanças políticas, pedagógicas e administrativas na realidade escolar. A mera formalidade do planejamento, não passa de um documento

⁶² VEIGA, I. P. A. (Org.) *Projeto político-pedagógico da escola: Uma construção possível*. 23. ed., Campinas: Papyrus, 2001.

legal sem influência no cotidiano escolar que em nada afetará a realidade e a prática educativa, sendo necessário sua real implantação, só assim ocorrerão as mudanças esperadas.

4.1.5 – O planejamento e os diversos documentos presentes na rotina escolar

A relação entre o Projeto Pedagógico e o Planejamento é bem próxima, porém, eles têm significados distintos:

- O Projeto Pedagógico busca a construção da identidade da escola; estabelece seu direcionamento; almeja o comprometimento da comunidade escolar com uma visão comum e compartilhada de educação. É, portanto, o norteador de todas as práticas da escola;

- O Planejamento é o processo de uma ação organizada que pretende transformar a escola. Ele tem diferentes abordagens em diferentes partes do país. A partir da missão e dos objetivos estratégicos definidos pela comunidade escolar, é preciso elaborar o Plano de Ação.

- O Plano de ação é o documento que apresenta a forma de operacionalização e de implementação de todas as ações planejadas. Deve conter as metas, os objetivos específicos, a justificativa, as ações ou estratégias de ações, os responsáveis pela implantação das ações, o período em que elas vão acontecer e os recursos materiais e humanos necessários para a execução dessas ações ou estratégias.

Se a “multiculturalidade é a marca mais significativa do nosso tempo”, conforme afirma Gadotti⁶³, está claro que a escola está imersa numa diversidade e pluralidade sócio-político-cultural inimaginável. Em outras palavras, a escola trabalha com grupos bastante heterogêneos, tornando

⁶³ GADOTTI, Moacir e ROMÃO, José E. (orgs) *Autonomia da Escola – princípios e propostas*. São Paulo: Cortez, 2001.

necessário um constante exercício de cidadania na aceitação do outro e no respeito às diferenças. Para organizar e favorecer essa convivência entre os participantes é necessário que as normas sejam muito bem definidas pelo coletivo. A materialização dessas normas será o Regimento Escolar, cujas diretrizes encontram-se no Projeto Pedagógico.

O Regimento Escolar estabelece os direitos e os deveres de todos os segmentos, é o instrumento que permite à equipe gestora tomar decisões com base nos princípios e normas estabelecidas pelo grupo. Para que o Regimento favoreça essas ações, é necessário que, na elaboração do PP, os problemas do cotidiano sejam abordados.

Para Padilha⁶⁴, a construção do projeto da escola exige a definição de princípios, estratégias concretas e, principalmente, muito trabalho coletivo. A elaboração coletiva do marco referencial é a primeira exigência na construção do projeto. É preciso explicitar qual é a visão de mundo, os valores e compromissos que a escola está assumindo hoje e que expressam a sua própria “cara”, sua identidade e a direção, o rumo que deseja tomar daqui para frente. A equipe precisa conhecer profundamente sua realidade, juntamente com toda comunidade escolar através da leitura da realidade em que a escola está inserida e de seu entorno.

Segundo o mesmo autor, a estrutura básica de um Projeto Pedagógico é sempre indicativa e pode variar de escola para escola. É interessante registrar as vivências durante o processo e a subjetividade do grupo em relação ao que está produzindo. Um PPP pode variar em muitos aspectos em relação a outro, mas é importante que se tenha uma estrutura comum para facilitar e favorecer a construção, execução e a permanente avaliação do processo:

- Identificação do Projeto
- Histórico e justificativa
- Objetivos Gerais e específicos
- Metas
- Desenvolvimento Metodológico

⁶⁴ PADILHA, Paulo Roberto. *Planejamento Dialógico*. Editora Cortez. São Paulo 2001.

- Recursos
- Cronograma
- Avaliação
- Conclusão

Tanto o Projeto Pedagógico como o Plano de Escola, dele decorrente, devem resultar de um desejo coletivo, ou seja, obra de todos os que militam nessa escola. É algo que se vai construindo aos poucos. Para a consecução desse desejo coletivo, será preciso que a comunidade docente assuma realmente o seu papel interagindo para alcançar as metas estabelecidas. O Plano de Escola é um documento com a duração de muitos anos, que se vai remodelando após sistemáticas avaliações.

Em suma, no momento de elaboração do Plano Escolar, ou seja, quando analisamos participativamente a realidade a ser planejada, levantando as suas principais necessidades (diagnóstico) e dessas passamos a decidir sobre o que desejamos alcançar (objetivos), como também sobre os caminhos que vamos seguir para alcançar esses objetivos (programação) e o que vamos precisar para seguir nesse caminho (recursos). Ainda, nesse momento, teremos de decidir sobre o momento e a forma de avaliação do planejamento (avaliação). Todas as decisões coletivamente tomadas, no primeiro momento, devem ser registradas no documento que chamamos de Plano Escolar.

Um projeto pedagógico, segundo o professor João Ribeiro, nunca está pronto se a escola é um espaço vivo. O PP considera o conjunto de todos os elementos objetivos, subjetivos e culturais que compõem a ação educacional. Ele transcende o agrupamento de planos de ensino, é um instrumento de trabalho produzido coletivamente e de forma articulada.

Segundo Baffi⁶⁵, citando André (2001) e Veiga (1998), o PP tem duas dimensões:

⁶⁵ BAFFI, Maria Adelia Teixeira. O perfil profissional do formando no Projeto Pedagógico. *Pedagogia em Foco*, Petrópolis, 2002. Disponível em: <<http://www.pedagogiaemfoco.pro.br/gppp02.htm>>. Acesso em: 25/02/2007.

- 7 Política – é político no sentido de compromisso com a formação do cidadão para um tipo de sociedade.
- 8 Pedagógica - é pedagógico porque possibilita a efetivação da intencionalidade da escola, que é a formação do cidadão participativo, responsável, crítico e criativo.

4.1.6 – Planejamento através de projetos em Educação

Para Hernandez⁶⁶, os projetos de trabalho significam um enfoque do ensino que tenta re-situar a concepção e as práticas educativas na escola, e não simplesmente readaptar uma proposta do passado, atualizando-a. O autor adverte que trabalhar por projetos, é buscar meios de ajudar a repensar e refazer a escola, reorganizando a gestão do espaço, do tempo, da relação entre os docentes e alunos para redefinir o discurso sobre o saber escolar. Esse autor apresenta algumas características do trabalho através de projetos:

- Parte-se de um tema ou problema negociado com a turma;
- Inicia-se um processo de pesquisa;
- Busca-se e seleciona-se fontes de informação;
- São estabelecidos critérios de organização e interpretação das fontes;
- São recolhidas novas dúvidas e perguntas;
- São estabelecidas relações com outros problemas;
- Representa-se o processo de elaboração do conhecimento vivido;
- Recapitula-se e avalia-se o que se aprendeu;
- Conecta-se com um novo tema ou problema.

Hernandez (2000) destaca que o que é distintivo no trabalho através de um projeto, é o fato de a aprendizagem e o ensino são realizados por meio de uma trajetória que nunca é fixa, mas que serve de fio condutor para a atuação do docente em relação aos alunos.

⁶⁶ HERNANDEZ, Fernando. *Cultura Visual, Mudança Educativa e Projeto de Trabalho*. Ed. Artes Médicas, Porto Alegre, RS, Brasil, 2000.

O trabalho com projetos favorece a criação de ecossistema comunicativo, o que implica numa pluralidade de opiniões e pontos de vista, fazendo com que os indivíduos convivam e interajam com a diversidade de ideias e possam transpor os limites da informação, produzindo conhecimento à medida que levantam hipóteses e buscam explicações para a relação com o conhecimento próprio e dos outros no contexto em que vivem.

4.2 – Planejamento através de projetos em Educomunicação

Examinadas as especificidades do planejamento através de projetos no campo da educação, passamos, agora, ao planejamento através de projetos no campo da educomunicação.

4.2.1 - Planejando Ecossistemas Comunicativos

O que distingue a Educomunicação não é exatamente sua preocupação com os processos de ensino/aprendizagem. A definição construída por Soares garante que a Educomunicação é um campo que se corporifica a partir da implementação de conjuntos coordenados de ações voltadas a formar “ecossistemas comunicativos” favorecedores das relações humanas e, em consequência, das ações educativas. No caso, apresenta-se como uma condição para o próprio exercício da educação.

Para a biologia, a noção de ecossistema inclui tanto fatores bióticos quanto abióticos inter-relacionados dinamicamente. Em outras palavras, trata-se dos relacionamentos mútuos entre os seres vivos e o meio ambiente.

Barbero (1996) se vale do conceito “ecossistema comunicativo” para designar o novo ambiente formado pela presença das tecnologias em nosso cotidiano. Segundo o autor, através do ecossistema comunicativo se expressam novas sensibilidades. Trata-se de um sistema descentrado e difuso,

de saberes múltiplos, articulados a partir do acesso que se tenha às tecnologias.

Soares trabalha com o conceito “ecossistema comunicativo”, tratando das novas comunidades de aprendizagem, do contexto comunicacional e da busca em desenvolver a melhor resposta e construir o caminho mais adequado para esse ecossistema.

Para Soares⁶⁷, o ecossistema comunicativo é implementado no espaço educativo através do planejamento, execução e realização de programas e projetos sob a perspectiva da gestão da comunicação. Segundo ele, a gestão comunicativa compreende, por sua vez, “a organização do ambiente, a disponibilidade dos recursos, o *modus facendi* dos sujeitos envolvidos e o conjunto das ações que caracterizam determinado tipo de educação comunicacional”.

Analisar um ecossistema comunicativo implica, portanto, a busca da dialogicidade e a interação com equilíbrio e harmonia nos vários ambientes onde convivem diferentes atores.

Sobre esse assunto, Soares cita múltiplos ecossistemas através dos quais, uma pessoa vê-se envolvida em círculos concêntricos de processos comunicativos que se sobrepõem, incluindo a família, o grupo de amigos, o ambiente do trabalho, a escola, a igreja ou o partido, o bairro ou cidade, entre outros âmbitos de convivência, sem incluir o ambiente midiático a que Barbero faz alusão. Segundo Soares⁶⁸:

Os indivíduos e as instituições podem pertencer e atuar, simultaneamente, em distintos ecossistemas comunicacionais, uns exercendo influências sobre os outros, o que torna complexo e rico o trabalho do gestor de processos comunicacionais em ambientes educativos.

⁶⁷ SOARES, Ismar de Oliveira. Metodologias da Educação para Comunicação e Gestão Comunicativa no Brasil e na América Latina. In BACCEGA, M. A. (org.). *Gestão de Processos Comunicacionais*. São Paulo: Atlas, 2002.

⁶⁸ SOARES, Ismar de Oliveira. “Metodologias da Educação para Comunicação e Gestão Comunicativa no Brasil e na América Latina”. In: BACCEGA, Maria Aparecida (org). *Gestão de Processos comunicacionais*. São Paulo: Atlas, 2001.

A educomunicação preocupa-se com esta multiplicidade de espaços que se entrelaçam, e para cada um vislumbra a hipótese da procura pela convivência harmoniosa. Autores que observam as relações humanas no espaço relacional de ecossistemas comunicativos compartilham o mesmo modo de ver. Segundo Calil⁶⁹, por exemplo, a busca pela construção coletiva da forma de gestão possibilita o exercício de lideranças, o compartilhamento de responsabilidades, a divisão adequada de tarefas, facilitando a descentralização das decisões e a operacionalização das ações.

O projeto desenvolvido numa concepção educ comunicativa, calcada na gestão comunicativa, promove a interdisciplinaridade ou ainda, a transdisciplinaridade, isto porque não cabe no processo dialógico presente neste tipo de gestão, disciplinas formais e fragmentadas e nem mesmo um conhecimento pronto e cristalizado.

A complexidade inerente à coexistência de diversos anéis, representando, cada um, um ecossistema distinto em abrangência, extensão e significado existencial, exige que, em cada espaço, a educomunicação seja pensada a partir de uma “pedagogia por projetos”. Isto vale dizer: ações (projetos) educ comunicativas necessitam ser pensadas no espaço da família, do grupo de amigos, do ambiente de trabalho, da escola, da igreja ou do partido, ou, mesmo, do bairro ou da cidade.

No caso, reafirma-se que educomunicação não diz respeito exclusivamente à educação formal, mas a todo tipo de ecossistema em que se dê o relacionamento humano. Pensar, por exemplo, a educomunicação para as relações em família, na escola ou no bairro exigirá, em cada caso, um tipo de planejamento para uma realidade determinada.

⁶⁹ CALIL, Maria Izabel. *Da rua para a cidadania*. Fundação Projeto Travessia. São Paulo: Pblisher , 2000.

4.2.2 - O Planejamento educ comunicativo

A educomunicação, como uma opção paradigmática de se viver no mundo e de se vivenciar a relação comunicação/educação tem no planejamento através de projetos seu principal instrumento de implantação e desenvolvimento.

Toma-se por princípio que a educomunicação, como gestão democrática dos processos de construção do saber e das estratégias de intervenção no social, não se apresenta como um processo dado, natural. Ao contrário, trata-se de um processo a ser construído, considerando, especialmente, que a expectativa em relação à comunicação é a de que esta não passa de um mero conjunto de instrumentos em favor dos processos de difusão ou mesmo de ensino, sejam estes quais forem.

Nesse sentido, criar e gerenciar o compartilhamento do conhecimento para a intervenção educ comunicativa, desenvolvendo o processo de forma democrática e participativa, converte-se em um desafio que necessita ser enfrentado de maneira planejada e específica, em cada um dos diferentes âmbitos da vida em sociedade.

No caso, os próprios projetos de planejamento no âmbito educ comunicativo necessitam, por sua vez, passar pelo crivo dos princípios da educomunicação. Foi o que ocorreu no Projeto Educom.rádio.

4.2.3 – Os desafios do Planejamento do Educom.rádio

Quando o projeto Educomunicação pelas Ondas do Rádio foi contratado pela Secretaria de Educação da Prefeitura de São Paulo, o Núcleo de Comunicação e Educação dispunha de um pequeno grupo de pesquisadores⁷⁰. As questões que se apresentavam eram:

1a. Como fazer frente à necessidade de atender a 25 professores/alunos de cada uma das 455 escolas do município, num período de sete semestres, mantendo-se a mesma qualidade de atendimento, do primeiro ao último dos 1008 encontros⁷¹?

2a. Como promover a formação de equipes de atendimento⁷², de maneira a garantir a coerência epistemológica⁷³ do projeto, nos pólos⁷⁴?

3a. Como favorecer a apropriação dos objetivos e conteúdos do curso no cotidiano da vida da rede municipal de ensino⁷⁵?

⁷⁰ - No NCE, o projeto teve início com cinco pessoas (Prof. Ismar, Patrícia Horta, Grácia Loppes, Eliany Salvatierra e Márcia Coutinho). Na 6ª fase, momento em que atendeu o maior número de pessoas, simultaneamente, o projeto contou com aproximadamente 400 pessoas sintonizadas no mesmo objetivo e seguindo as mesmas metodologias.

⁷¹ - O curso era constituído por 12 encontros de oito horas cada um, oferecidos ao longo de um semestre, uma vez por semana, aos sábados. Ao todo, em três anos e meio de trabalho, foram realizados 1008 encontros semanais.

⁷² - Cada pólo contou com uma equipe formada por articulador (em nível de especialização ou de mestrado/doutorado), um assistente e um grupo de mediadores, à razão de um especialista por grupo de dez cursistas. Ao todo, ao redor de 800 mediadores ofereceram sua contribuição para o sucesso do programa. Para as cem (100) horas passadas junto aos curistas, a equipe se comprometia a passar sessenta (60) horas na ECA/USP em processo de formação e planejamento. O trabalho de coordenar a formação da equipe contava com uma equipe central especializada.

⁷³ - Entende-se por “coerência epistemológica” as relações entre teoria e prática no interior do próprio projeto.

⁷⁴ - As escolas foram reunidas em pólos, para onde se dirigiam, na manhã de cada encontro. O número de pólos dependia do número de escolas atendidas no semestre. Na primeira fase (2º semestre de 2001), foram organizados 5 pólos; na segunda, 11 pólos. Já na 6ª, foram formados 17 pólos, cada um com uma média de 80 pessoas atendidas.

⁷⁵ - O objetivo da Prefeitura era o de reduzir a violência nas escolas. O objetivo NCE/USP era o de propor a criação de ecossistemas comunicativos dialógicos como forma não apenas de combater a violência, mas essencialmente de rever as relações de comunicação no interior do ecossistema comunicativo formado pela escola e seu entorno.

4a. Como superar os problemas relacionados com as contínuas mudanças de funcionários nos cargos da administração municipal com poder de ingerência sobre a continuidade do projeto⁷⁶?

Enfim, eram tão complexos os desafios e as questões que se levantavam, que o projeto apresentava todos os ingredientes para o fracasso, caso não fosse capaz de agregar novos e numerosos agentes culturais sintonizados com os mesmos parâmetros de ação.

Era, portanto, essencial planejar tanto a seleção e a preparação dos auxiliares, como todas as formas de negociações com a Prefeitura, seus responsáveis e o grupo imenso dos cursistas⁷⁷. Desse modo, sem sombras de dúvida, o sucesso do projeto se deveu à capacidade de planejamento de sua equipe central.

O resultado final, de aprovação, veio com a decisão da própria Secretaria de Educação de transferir o Educom do âmbito dos projetos especiais para o âmbito encarregado do cotidiano curricular. Era o reconhecimento de que a gestão comunicativa, objeto e meta do Educom, passava a ser entendida como algo tão transcendente que deveria incorporar-se ao próprio currículo.

Isso ocorreu no último semestre de 2004. Com a mudança de governo, na Prefeitura, a partir de janeiro de 2005, as prioridades da Secretaria de Educação passaram a ser outras. No entanto, o Educom permaneceu, não apenas no imaginário dos que fizeram o curso, mas no cotidiano de um

⁷⁶ - A gestão das relações entre a equipe central do projeto (NCE/USP), de um lado, e, de outro, a equipe central do Projeto Vida (na Secretaria de Educação) a que se somavam as 17 equipes administrativas responsáveis pelas Coordenadorias de Educação, nas várias regiões da cidade, traziam uma sobrecarga de preocupações, exigindo perícia no manejo dos fluxos de informação e total flexibilidade no tratamento e superação dos obstáculos vividos a cada momento, em cada uma das bases do projeto.

⁷⁷ - Ato todo, 11 mil pessoas passaram pelo curso, ao longo de seus três anos e meio de desenvolvimento.

número razoavelmente grande de escolas, agora assistidas a partir da própria estrutura facilitada pela Lei Educom⁷⁸.

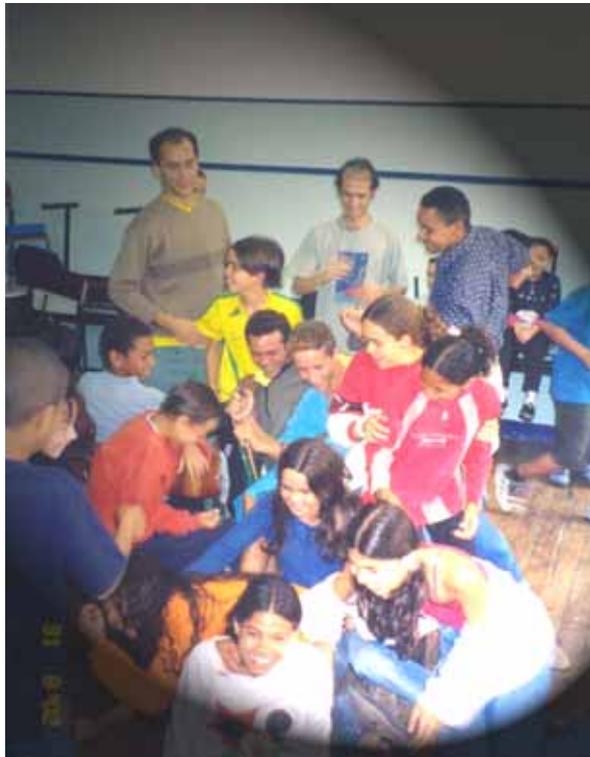
Além de passar por um processo de planejamento, que lhe valeu o sucesso, o Educom.rádio também se preocupou em inserir o planejamento como um dos temas a serem desenvolvidos em seu próprio currículo.

É sobre esse assunto que falaremos no capítulo subsequente, momento em que identificaremos como o conteúdo “planejamento” foi trabalhado em cada pólo onde ocorreu o projeto.

⁷⁸ - A Lei Educom, uma iniciativa do Vereador Carlos Neder, que foi sancionada pela Prefeita Marta Suplicy, em dezembro de 2004, e regulamentada pelo Prefeito José Serra, em agosto de 2005, estabelece que os princípios da educomunicação devem ser estendidos a todas as secretarias que trabalham com atendimento ao público. No caso, a Secretaria de Educomunicação criou uma coordenação para o Projeto Nas Ondas do Rádio, que passou a fazer um trabalho colaborativo com os especialistas em tecnologias da informação. Atualmente, um blog possibilita um diálogo com o projeto: <http://blogandonasondasdoradio.blogspot.com>.

5.0 - Planejamento: NCE e o Educom.rádio

5.1 – Conceito de Planejamento no Programa Educom.rádio e SME



O que marcou a educação na gestão em que foi implantado o Programa Educom.rádio, foi a concepção de que o conhecimento precisa ser construído e não apenas transmitido.

Segundo o ideário da Secretaria Municipal de Educação (SME) da cidade de São Paulo⁷⁹, entre 2001 e 2004, período em que se realizou o processo de formação de alunos e professores no Educom.rádio, os atores dessa construção de conhecimento agem coletivamente, aprendem

⁷⁹ REVISTA Educação Nº3. (2002). São Paulo, Secretaria Municipal de Educação/ Diretoria de Orientação Técnica.

e ensinam intencionalmente, superando a dicotomia ensino-aprendizagem. Essa construção de conhecimento não se dá de maneira espontaneísta, mas resulta da capacidade de diagnosticar os problemas e de respeitar a pluralidade de identidades para planejar a ação.

O enfoque da política educacional conduzida pela SME, no quesito qualidade social da educação está na ideia de que qualidade é processo. Em seu bojo há a formação permanente que reflete sobre a prática educativa e a reorientação curricular.

Atender a essa exigência implica lidar com as diferenças culturais, étnicas, de gênero e de religiões, presentes no interior das escolas, organizando planos de trabalho que possibilitem a inclusão, o respeito e a valorização das diferenças. Os referenciais teóricos que sustentam essa concepção de educação têm implicações intransponíveis para a definição de currículo, que requer o diálogo e a dialogicidade como pressupostos. Segundo Abramovay⁸⁰:

As iniciativas são consideradas inovadoras porque propiciam processos criativos de articulação e transformação do clima escolar, promovem uma maior integração dos diferentes setores da escola, fortalecendo laços e mecanismos de compartilhamento de interesses e objetivos. E, neste sentido, permitem um contraponto aos diferentes tipos de problemas vivenciados, contribuindo para a diminuição da violência na escola, para a melhoria do desempenho escolar e para a promoção da motivação de alunos e professores.

Com base Nessa afirmação, podemos ratificar que o Educom.rádio foi um projeto que buscou inovar o processo de aprendizagem dentro da escola, possibilitando uma melhor integração e comunicação entre alunos, professores, funcionários e a comunidade escolar. Juntos refletiram sobre os problemas enfrentados pela escola, assim como sobre possíveis soluções e ainda contribuiu para a diminuição dos

⁸⁰ABRAMOVAY, Miriam. (coord) *Escolas Inovadoras*. Unesco/Mec. Brasil 2004.

índices de violência na escola, dados estes que podem ser comprovados nas entrevistas feitas com os jovens educadores e que compõem o vídeo institucional do Programa Educom.rádio.

A concepção de planejamento no Programa Educom.rádio encontra consonância com a concepção da SME, que acredita que o diálogo, em bases democráticas, precisa estar aliado ao ato de planejar. Para isso é preciso organizar as ações, avaliá-las, redefini-las ou não, e acompanhá-las.

O planejamento é uma atividade racional que materializa a política educacional e sua filosofia subjacente. Precisa ser concebido e realizado de forma significativa para todos os atores do processo, através de ações ordenadas e definidas no tempo e no espaço. No capítulo 3 afirmamos que o processo e o fato de termos um planejamento não garantem uma gestão democrática, porque esse tanto pode promover a autonomia como pode ser utilizado como instrumento de controle, dependendo da concepção de homem e de educação que a instituição ou o grupo planejador possua. Nesse sentido, podemos verificar que o Programa Educom.rádio primou por garantir a dialogicidade tanto na formação de seus capacitadores quanto na formação dos cursistas.

Como já informamos em capítulo anterior, Soares (2000) afirma que existem cinco áreas constituintes da educomunicação, conforme explicitado no capítulo 2, e as define como:

- 9 *Área da educação para a comunicação;*
- 10 *Área da mediação tecnológica na educação;*
- 11 *Expressão comunicativa através das artes;*
- 12 *Área da gestão da comunicação no espaço educativo;*
- 13 *Área da reflexão epistemológica;*

Segundo Soares⁸¹, na educomunicação o planejamento situa-se na **4ª área** de intervenção, a da gestão da comunicação na educação. Nessa área, a gestão comunicativa volta-se para o planejamento, prevê e orienta a execução ou realização dos procedimentos e processos que se articulam, no âmbito da comunicação/cultura/educação, com a intencionalidade de criar uma forte inter-relação entre os sujeitos do processo, elemento básico denominado “ecossistemas comunicativos”.

O planejamento foi um assunto cuidadosamente pensado dentro do Programa Educom.rádio. A proposta visava um planejamento resultante de um processo coletivo, que previsse avaliações e replanejamentos periódicos e sistemáticos a partir de um fluxo de informações, cujo funcionamento dava-se de forma organizada e com foco no sujeito que se queria formar. O planejamento embasou-se também na teoria freiriana que defende:

*O que importa fundamentalmente à educação é a problematização do mundo do trabalho, das obras, dos produtos, das ideias, das convicções, das aspirações, dos mitos, da arte, da ciência, enfim, o mundo da cultura e da história que resultando das relações homem-mundo, condiciona os próprios homens, seus criadores.*⁸²

Segundo Soares, numa entrevista a Seabra⁸³, a escola é um espaço comunicativo por excelência. A questão é saber de que tipo de comunicação se trata, pois pode ser uma comunicação autoritária ou dialógico-participativa. O autor defende que se leve produtos da indústria cultural para a sala de aula, desde que os educadores estejam preparados para conduzir o processo de diálogo entre seus alunos e o

⁸¹ SOARES, Ismar de Oliveira. Comunicação/Educação, a emergência de um novo campo e o perfil de seus profissionais, in *Revista Contato*, nº2. jan./mar., 1999.

⁸² FREIRE, Paulo. *Extensão ou Comunicação*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1971.

⁸³ SEABRA, S. O possível (e necessário) diálogo entre Mídia e Escola. Disponível em: [http://www.portalgens.com.br/downloads/o_possivel-e_%20necessario-dialogo-entre-midia](http://www.portalgens.com.br/downloads/o_possivel-e_%20necessario-dialogo-entre-midia_escola.doc) escola.doc, acesso em 01/04/2008

mundo midiático. Para ele, quando os alunos descobrem as contradições presentes na produção cultural dos meios massivos, tornam-se efetivamente críticos.

Na mesma entrevista, Soares afirma ainda que a escola demonstrará real interesse em integrar a mídia nos currículos como objeto de análise e conhecimento, quando esse tema aparecer em seu projeto pedagógico e for amplamente discutido em seus planejamentos.

Para Penteado⁸⁴, o planejamento preliminar inicial vai se tecendo, procedimentalmente e de maneira conjunta, num processo de co-decisão e de corresponsabilização entre alunos/professor, favorecedor/facilitador da conscientização do sentido ou do significado das ações escolares e promotor da coerência entre seus agentes.

⁸⁴ PENTEADO, Heloísa Dupas. *Comunicação Escolar: uma metodologia de ensino*. São Paulo: Salesiana, 2002.

5.2 – O NCE



A partir da parceria com SME, conforme abordamos no item anterior, o NCE/USP pôde realizar mais um grande projeto de pesquisa-ação sobre como se dá na prática da educação a aplicação do conceito da educomunicação. Para que isso fosse possível, o Núcleo trabalhou intensivamente com o conceito de planejamento e o colocou em prática, zelando por garantir uma coerência entre seu discurso, calcado numa teoria que garanta a dialogicidade dos processos comunicativos, e a prática desenvolvida.

O NCE, ao longo de sua história, vem pesquisando e desenvolvendo projetos, cujas finalidades são, simultaneamente, realizar experiências educacionais e fornecer material para futuras pesquisas sobre a natureza e a especificidade do campo onde atua: a educomunicação.

Atualmente é um centro de referência nacional e internacional, dedicado tanto ao fomento da pesquisa, quanto à capacitação de professores, alunos e membros da comunidade escolar, na área da educomunicação. A ECA/USP já conta com uma série de trabalhos de investigação em nível de especialização, mestrado e doutorado que o legitima como o principal centro de pesquisa do País voltado para o campo da educomunicação. Segundo o Banco de Dados da Biblioteca da ECA, www.rebeca.eca.usp.br, estão catalogadas 54 teses e dissertações sobre Educomunicação. Estes 54 trabalhos (40 dissertações e 12 teses) foram defendidos entre os anos de 1996 e 2004, dentre os quais 80% estabeleceram um vínculo de pesquisa com o NCE.

Em meio aos projetos mais significativos desenvolvidos pelo NCE/USP, destaca-se o Educom.rádio (Educomunicação pelas ondas do rádio).

O projeto, que será descrito em capítulo subsequente, propiciou a construção de um banco de dados aberto à consulta de pesquisadores.

Já há várias teses de doutorado e dissertações de mestrado que têm contribuído para o entendimento da área que foram orientadas pelo professor Ismar de Oliveira Soares e defendidas no programa de Pós-Graduação da Escola de Comunicações e Artes da USP, na área de *Interfaces Sociais da Comunicação*, na linha de pesquisa *Educomunicação*.

As dissertações de mestrado de Patrícia Horta Alves (2002)⁸⁵, Valéria Aparecida Bari (2002)⁸⁶ e Grácia Maria Lopes Lima (2002)⁸⁷ já deram o primeiro passo no estudo da educomunicação.

Em 2007, Patrícia Horta⁸⁸ continuou seus estudos na área e defendeu sua tese de doutorado sobre a educomunicação enquanto política pública; Genésio Zeferino Silva Filho (2004)⁸⁹ e Maria Verônica Resende de Azevedo (2003)⁹⁰ trabalharam os conceitos teóricos abordados pela educomunicação, assim como mostraram experiências práticas da área.

⁸⁵ ALVES, Patrícia Horta. *Educomunicação: a experiência do NCE-ECA/USP*. Dissertação de mestrado, ECA/USP, 2002.

⁸⁶ BARI, Valéria Aparecida. *Por uma epistemologia no campo da educomunicação: a inter-relação comunicação e educação nos textos geradores do I Encontro Internacional sobre Comunicação e Educação*. Dissertação de mestrado, ECA/USP, 2002.

⁸⁷ LIMA, Grácia Maria Lopes. *Educomunicação, psicopedagogia e prática radiofônica*. Dissertação de mestrado, ECA/USP, 2002.

⁸⁸ ALVES, Patrícia Horta. *Educom.rádio: uma política pública em educomunicação*. Tese de doutorado da ECA/USP, 2007.

⁸⁹ SILVA FILHO, Genésio Zeferino. *Educomunicação e sua metodologia: um estudo a partir de ONGs no Brasil*. Tese de doutorado, ECA/USP, 2004.

⁹⁰ AZEVEDO, Maria Verônica Resende de. *Telejornalismo e educação para a cidadania: uma experiência de educomunicação*. Tese de doutorado, ECA/USP, 2003

O mesmo podemos dizer dos mestrados de Cláudia Vicenza Funari (2007)⁹¹ que aborda a prática da mediação em processos educacionais, analisando os relatórios produzidos pelos mediadores no Programa Educom.rádio; e de Renato Tavares Júnior (2007)⁹² que trabalhou em sua dissertação a educação e expressão comunicativa, analisando a produção radiofônica de crianças e jovens no Programa Educom.rádio.

Mais recentemente, em 2008, Maria Izabel de Araújo Leão⁹³ defendeu o mestrado com o tema “A internet nos projetos educacionais do NCE/USP”, buscando entender como a Web pode contribuir para o campo da educação, e Marciel Aparecido Consani⁹⁴ defendeu sua tese de doutorado sobre Mediações tecnológicas na educação: conceitos e aplicações. Outra pesquisa realizada, sob a autoria de Eliany Salvatierra, em nível de doutorado, entregue em fevereiro de 2009, trata da natureza do conceito da educação, tendo como objeto de estudo o Educom.TV.

Ainda que relevantes em cada um de seus objetos, as pesquisas não abordam o tema do planejamento desenvolvido no curso. A presente pesquisa pretende dar sequência aos temas pesquisados, focando, especificamente, o planejamento educacional.

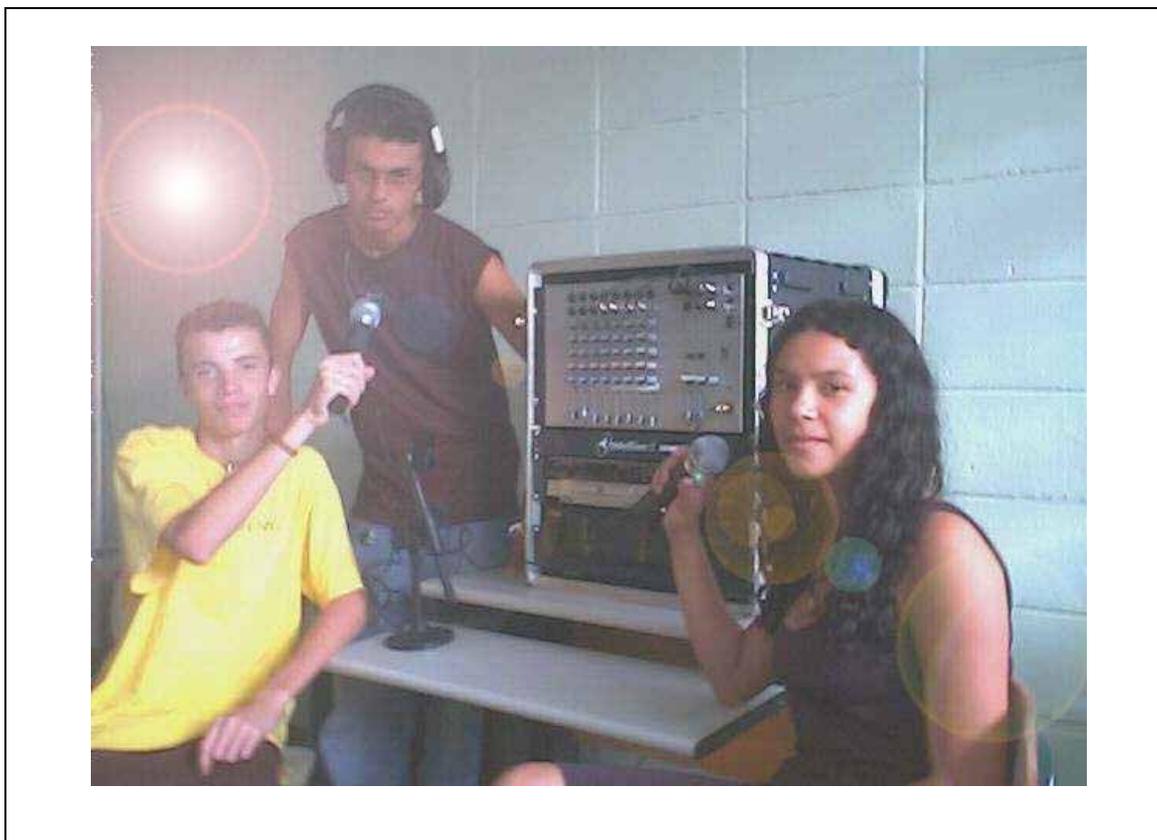
⁹¹ FUNARI, Cláudia Vicenza. *A prática da mediação em processos educacionais: o caso do projeto Educom.rádio*. Dissertação de mestrado, ECA/USP, 2007.

⁹² TAVARES JUNIOR, Renato. *Educação e expressão comunicativa: a produção radiofônica de crianças e jovens no projeto Educom.rádio*. Dissertação de mestrado, ECA/USP, 2007.

⁹³ LEÃO, Maria Izabel de Araújo. *A internet nos projetos educacionais do NCE/USP*. Dissertação de mestrado, ECA/USP, 2008.

⁹⁴ CONSANI, Marciel Aparecido. *Mediações tecnológicas na educação: conceitos e aplicações*. ECA/USP, 2008.

5.3 – Programa Educom.rádio



A Secretaria Municipal de Educação de São Paulo (SME-SP) criou o Projeto Vida em 2001, com o encargo de implantar ações de prevenção e combate à violência. Para atender a essa necessidade, instituiu o Programa de Prevenção da Violência nas Escolas que tinha como metas⁹⁵:

- Desenvolver ações educativas e de valorização da vida dirigidas às crianças, aos adolescentes e à comunidade;
- Aumentar o vínculo estabelecido entre a comunidade e a escola;

⁹⁵ Informações obtidas na tese de ALVES, Patrícia Horta. *Educom.rádio: uma política pública em educomunicação*. Tese de doutorado da ECA/USP, 2007.

- Garantir a formação de todos os integrantes da equipe técnica, do corpo docente e servidores operacionais da rede de ensino, com vistas a evitar a ocorrência de violência nas escolas;
- Garantir a preparação dos profissionais da educação para estimular e exercer mediações de conflitos, de modo que os impasses possam ser substituídos pelo diálogo.

Para ajudar Nessa missão, o Núcleo de Comunicação e Educação (NCE) aceita o desafio de capacitar 455 escolas da rede municipal de ensino. A partir de um contrato entre a Secretaria de Educação da Prefeitura de São Paulo e o NCE, ainda no ano de 2001, nasce o Programa **Educom.rádio: a Educomunicação pelas Ondas do Rádio**.

O Educom.rádio visava atender a um dos objetivos do Projeto Vida, que era o de construir, nas escolas públicas, um ambiente favorável às manifestações da cultura de paz e à colaboração mútua entre os membros da comunidade educativa, combatendo, desta forma, as manifestações da violência, tanto física quanto simbólica. Para tanto, o NCE trabalhou com a linguagem radiofônica, envolvendo professores, alunos e membros da comunidade educativa.

O Programa Educom.rádio foi implementado em 7 fases semestrais, atendendo cada fase a um número diferenciado de escolas da rede pública municipal da Cidade de São Paulo, no período compreendido entre o início do segundo semestre de 2001 e o final do segundo semestre de 2004, para a capacitação de professores, alunos e membros da comunidade.

Cada fase do Programa Educom.rádio contava com um número pré-determinado de escolas, inscritas pelo Projeto Vida, respeitando uma distribuição de 25 vagas por escolas, sendo que este número constituía uma turma. Essas vagas obedeciam a critérios propostos pelo NCE que eram: 25 membros, sendo 10 professores, 10 alunos e 5 membros da comunidade. As escolas provinham de cada um dos 13

Núcleos de Ação Educativa (NAE), o que levou a uma programação de atendimento em que se incluíam, por semestre, impreterivelmente, escolas de todas as regiões da Cidade de São Paulo.

Para atender as escolas em todas as regiões da cidade, foram formados Pólos que ficavam em escolas com estrutura para receber os cursistas das demais escolas das mediações.

Em cada Pólo, trabalhava uma equipe do Projeto Educom, composta por um articulador, um assistente e mediadores, proporcional ao número de escolas participantes em cada Pólo, com algumas alterações feitas durante o processo.

O Educom.Rádio⁹⁶ disponibilizou 11.375 vagas para cursistas, durante os três anos e meio. Para arcar com tamanha proporção do Projeto, cerca de mil profissionais passaram pelo Núcleo de Comunicação e Educação da USP, entre palestrantes, especialistas, articuladores, assistentes, equipe técnica e pedagógica, sendo que destes, 457 exerceram o papel de “mediadores”, que eram agentes responsáveis pela implementação dos procedimentos previstos no organograma do Programa Educom. Rádio, nos Pólos.

⁹⁶ Informações e dados capturados da tese de Doutorado de Patrícia Horta.

5.3.1 – O processo de planejamento no Programa Educom.rádio

O conjunto de fases que caracteriza o processo de planejamento⁹⁷ pode ser representado pelo *diagnóstico da realidade* (ou da situação), *definição dos procedimentos* (escolha dos referenciais, eleição da metodologia, indicação dos papéis), *apresentação do projeto* (detalhamento das fases, descrição do orçamento, cronograma etc), *crítica* (indicação dos processos de acompanhamento e avaliação). Transcrevemos a seguir, um trecho elaborado por Soares, que citando o exemplo do Educom.rádio, descreve o projeto e, ao mesmo tempo, didaticamente as fases do planejamento:

*Ilustramos estes conceitos com um dos casos vivenciados pelo Núcleo de Comunicação e Educação da USP quando recebeu da Prefeitura de São Paulo, nos meses iniciais de 2001, o desafio de colaborar - através de um projeto de formação de seu quadro de professores - para a redução da violência em 455 escolas públicas do ensino fundamental. Esta era a **meta**, identificada a partir de **diagnóstico** elaborado conjuntamente pela autoridade pública e pelo NCE. O **prazo** passou a ser constituído pelos semestres que restavam à administração da prefeita Marta Suplicy, exatamente sete (com início no segundo semestre de 2001 e término no segundo semestre de 2004).*

*Para desenhar uma proposta que funcionasse como um sistema bem articulado, o NCE passou a ouvir o “cliente”, constituído à época, pelos funcionários do Projeto Vida, um setor da Secretaria de Educação encarregado justamente de articular ações de combate à violência, através de suas áreas de intervenção nos campos jurídico, multicultural e artístico. Junto com os técnicos da Secretaria se definiu o **tema** ou conteúdo do curso*

⁹⁷ SOARES, Ismar de Oliveira Soares. *Planejamento de Processos de Comunicação*, disponível em www.usp.br/nce.

e o **público** a ser atendido. O **conteúdo** previsto para ser compartilhado com aproximadamente 10 mil pessoas, pretendia partir do universo da prática escolar (o cuidado com os temas transversais do currículo do ensino fundamental) trabalhados sob a perspectiva da experiência da comunicação popular, de visão freiriana, presente na prática da ONGs desde os anos 70. Elegeu-se, neste contexto, a linguagem radiofônica como instrumento do processo de mediação cultural. Quanto aos **procedimentos**, o NCE contou com a compreensão da coordenação do Projeto Vida, pois entendia que não bastaria “treinar” professores para usar a ferramenta midiática. A proposta previa promover uma ação que integrasse mestres, alunos e membros da comunidade, a razão de 25 pessoas por escola, numa ação comunicativa conjunta e autogestionada. Para o atendimento, as unidades foram distribuídas em sete **etapas** ou fases, a primeira com 26 escolas, atendidas a partir de agosto de 2001, e as demais com sucessivos grupos de 40, 60 até se chegar a 130 escolas atendidas simultaneamente, a cada novo semestre, em **Pólos** que, por sua vez, reuniam de 5 a 10 escolas, iniciando-se com 5 **Pólos**, em 2001, para se chegar a 17, em 2004, cada um com um grupo de 120 pessoas em média.

Para garantir a **excelência do processo**, o NCE passou a empenhar igual esforço na **formação em serviço** de sua equipe de jovens estudantes universitários e de profissionais da comunicação, oferecendo-lhes, em média, 60 horas de formação por semestre para cada 100 horas de atendimento ao público do projeto. A equipe que atendia nos **Pólos** era composta por um articulador (em geral, um pós-graduando), um assistente de direção e de um mediador (graduando ou profissional formado) para cada turma de 10 cursistas. Para garantir a **rotina do atendimento**, entre 6h30 e 7h00 das manhãs dos sábados, partia da Av. Lúcio Martins Rodrigues, em frente à ECA/USP, uma **vã** para cada **Pólo**, levando as equipes de serviço. Em 2004, foram necessários 17 carros, partindo por doze vezes, para os mais longínquos destinos da cidade, levando os mediadores que permaneceriam em contato com suas turmas até o final da tarde. De outros cantos da cidade, partiam - rumo aos mesmos destinos - outros veículos levando os palestrantes que enriqueceriam o diálogo sobre os temas previstos, a cada encontro, no programa do curso.

Como se pode observar tratou-se de uma ação complexa que exigiu a

constituição de uma equipe central permanentemente atenta às revisões e às adaptações de procedimentos que se fizessem necessários para garantir o cumprimento da meta final a ser atingida: motivar a comunidade escolar e oferecer subsídios teórico-metodológico para que os professores, alunos e membros da comunidade pudessem - levando em conta a prática que se estabelecia nos próprios Pólos - introduzir a comunicação nos seus respectivos espaços escolares, a partir da reprodução de um processo de planejamento que igualmente teria suas metas, seus ritmos, seus procedimentos e seus processos de avaliação.

Planejava-se, enfim, para que os cursistas fossem capazes de, eles mesmos, diagnosticarem sua própria realidade comunitária, planejando, em equipes multidisciplinares, as ações que possibilitariam – por meio da produção cultural mediada pela tecnologia da linguagem radiofônica - a criação de uma política pública voltada à revisão dos procedimentos que sustentavam as formas de relacionamento que se davam no interior da escola. Como resultado final, almejava-se a redução da violência nas escolas da prefeitura, fato constatado pela Secretária Cida Perez já no segundo ano da implantação do projeto.

*No provimento da **infraestrutura** do projeto, caberia ao poder público fornecer um kit de equipamento de rádio, que chegou efetivamente a 245 das escolas matriculadas, e que não foi entregue às outras 200, por problemas nas licitações, em 2004, ano eleitoral. Como a prioridade do projeto não era exatamente o “treinamento” para o uso do rádio, mas a formação para a revisão dos processos comunicativos nas escolas, a ausência dos equipamentos – ainda que sentida e lamentada – não se colocou, em princípio, como obstáculo para que os cursistas levassem a diante propostas de reverem suas formas de comunicação à luz da teoria educomunicativa.*

*A continuidade do processo ficou parcialmente garantida no momento em o poder legislativo aprovou, em dezembro de 2004, a denominada **Lei Educom**, pela qual caberia às futuras administrações manter as propostas da educomunicação nos espaços da prefeitura de São Paulo. Graças a esse diploma legal, a Administração Serra/Kassab garantiu que um professor formado no Educom desse atendimento às escolas interessadas na continuação da proposta. E foi com orgulho que a coordenação do projeto*

“Nas Ondas do Rádio” pode levar, em 2008, quatro anos após a saída do NCE do processo de formação, grupo de cem alunos, a eventos nacionais e internacionais ocorridos na cidade, para realizarem a coberturas jornalísticas, com entrevistas e comentários elaborados pelos próprios alunos, difundido a próprias produções pela web-rádio.

*Quanto aos **resultados** obtidos fora do espaço escolar, observou-se, primeiramente, que os maiores beneficiados foram os aproximadamente 500 mediadores que trabalharam no projeto, hoje, prestando serviços educacionais para outras instituições. O **Educom.rádio**, somado aos demais projetos do NCE que, entre 2000 e 2008, atenderam mais de 20 mil pessoas em suas experiências formativas presenciais e via e-learning, obteve a legitimidade do conceito, possibilitando que o mesmo acabasse se transformando em política pública até mesmo em nível federal, permitindo que a USP admitisse a necessidade de implantar, ela mesma, um novo programa de graduação, uma Licenciatura em Educomunicação⁹⁸.*

⁹⁸ SOARES, Ismar de Oliveira Soares, *Planejamento de Processos de Comunicação*, disponível em www.usp.br/nce

5.3.2 – O planejamento nas reuniões de formação

A equipe de profissionais vinculados ao NCE realizava reuniões específicas, semanais, para avaliação de atividades ocorridas e planejamento da programação para o encontro subsequente. Essas reuniões demandaram de cada integrante da equipe a capacidade pessoal para ordenar e utilizar os dados sistematizados no desenvolvimento de estratégias, métodos e técnicas para atender a situações diferenciadas. Estes procedimentos correspondiam ao acompanhamento e avaliação dos processos de implementação do programa em cada escola-Pólo.

Havia também reuniões gerais com palestras apresentadas pelo supervisor do projeto ou por outros professores do conselho gestor. Nesses encontros, planejados nos moldes do que seriam aplicados na escola, os formadores, que eram os cursistas, vivenciaram as oficinas, as dinâmicas, as conversas e podiam antecipar possíveis dúvidas ou dificuldades que encontrariam na prática, neste ponto concordamos com BAGNO⁹⁹ (1998) quando diz que “você só pode obter um *produto* depois que tiver conhecimento do *processo*.” Imbuídos dessa ideia, foi criada a Vivência Radiofônica, que consistia em produzir um programa de poucos minutos avaliando o encontro, aplicando a metodologia e os procedimentos para a produção midiática que se propõe aos cursistas.

⁹⁹ BAGNO, Marcos. *Pesquisa na Escola – O que é – Como se faz*, São Paulo: Edições Loyola, 1998.

5.3.3 – O planejamento na prática: os encontros aos sábados

O Programa Educom.rádio destinou-se a capacitar a comunidade escolar, possibilitando a aquisição dos conhecimentos e das habilidades indispensáveis para a promoção de uma prática dialógica, solidária e participativa no ambiente escolar.

Os encontros constituíam-se de dois momentos. De manhã, o grupo subdividia-se em duas turmas: uma turma de participantes adultos, composto em sua maioria de membros da escola e da comunidade que participavam de palestras e *workshop*, e outra turma composta por estudantes participava de atividades planejadas especificamente para esse público.

Alguns temas foram priorizados durante o curso, são eles:

Eixo Temático e Palestrantes – 6ª fase	
Eixo	Professor Coordenador
Pluralidade Cultural e Educomunicação	- Profª. Dilma Melo e Silva - Luciene Cecília Barbosa - Conceição Acioli
Meio-ambiente e Educomunicação	Lila Santos
Protagonismo Juvenil e Educomunicação	Marilda dos Santos Lima
Políticas de Comunicação e Participação Popular	Terlânia Bruno João Paulo Charleaux Ciro Pedroza
Práticas Educomunicativas	Profª. Maria Cristina Costa Profª. Marília Franco
Saúde e Educomunicação	Terlânia Bruno Rafael Garcia
Linguagens da Comunicação	Prof. Adilson Citelli Profª Roseli Fígaro
Mediações	Prof. Mauro Wilton de Souza

No período da tarde, o grupo subdividia-se em grupos menores, separados por escola de origem, reunindo membros da escola e da comunidade com os estudantes. As atividades da tarde centravam-se em oficinas sobre linguagem radiofônica e planejamento da prática na escola.

No período matutino, a programação tinha um caráter mais teórico, enquanto no vespertino era mais prático, com oficinas de planejamento e de produção radiofônica, nas quais estudantes e educadores aprendiam juntos a elaborar, produzir, apresentar e avaliar produções radiofônicas, incluindo isso no planejamento pedagógico da escola.

Tais oficinas constituíram-se em espaços privilegiados de discussão sobre as práticas pedagógicas dialógicas e participativas sob o viés da gestão da comunicação no ambiente educativo.

O conceito de Educomunicação (SOARES, 1999), serviu, portanto, como norteador para a prática diária do conjunto de ações inerentes ao planejamento, implementação e avaliação do Educom.rádio em todas as suas instâncias de atuação, tendo como fio condutor a promoção da cidadania.

A aquisição dos equipamentos para as escolas ficou a cargo da Secretaria Municipal de Educação, que deveria adquirir uma rádio de caráter restrito, operando em faixa específica do dial, somente dentro do espaço da escola.

5.3.4 – A escolha do rádio

A repórter Priscila Portela¹⁰⁰ afirma que a escola precisa incorporar, de alguma forma, o processo de aprendizagem e de internalização dos conteúdos das várias mídias, ao currículo, e ao projeto escolar. Há uma estética da sensibilidade nutrida por linguagens fora do padrão escolar que precisa ser didaticamente digerida pelo cotidiano da escola, seja na formulação de agendas de aprendizagem, seja na definição de canais de articulação escola/ vida/ comunidade.



A linguagem radiofônica é o meio de comunicação mais democrático, penetra em todas as classes sociais. O aparelho de rádio é de mais fácil aquisição, tem um longo alcance, atingindo zonas rurais e lugares mais afastados, além de permitir o resgate da oralidade do aluno, aspecto que tem se mostrado fundamental para ajudar a ampliar sua autoestima. Outras mídias também foram trabalhadas em sua interface com a linguagem radiofônica, possibilitando a integração destas na prática educativa.

¹⁰⁰

PORTELLA, Priscila. *Tagalerice didática*. In Revista nova Escola, fevereiro de 2001.

A força do rádio junto à população e ao universo juvenil relaciona-se diretamente à cultura da oralidade, desse modo, o meio de comunicação que os adolescentes mais têm acesso é o rádio.

Portella, numa reportagem sobre o rádio na escola, apresentou dez motivos relevantes que recomendariam o uso do rádio em sala de aula:

- O rádio desenvolve a expressão;
- Ajuda as crianças a perderem a inibição para falar em público;
- Exercita o raciocínio lógico;
- Leva o aluno a descobrir – e mostrar aos outros – seus talentos;
- Eleva a autoestima;
- Permite conhecer e utilizar novas tecnologias;
- Estimula a imaginação e a criatividade;
- Dá um sentido concreto ao conhecimento escolar;
- Promove a cidadania;
- Favorece a interdisciplinaridade;

Soares¹⁰¹ afirma que a força do rádio e da TV na vida da população e, portanto, no mundo juvenil é inquestionável e a escola precisa trazer para o espaço curricular conteúdos veiculados pela mídia eletrônica como forma de motivação do jovem e de melhor entendimento do que está mudando nos padrões culturais da juventude.

Ainda segundo Soares, o projeto vai além do ensino de técnicas radiofônicas. Ele propõe repensar a relação escola/comunicação. Porém, o rádio foi escolhido porque possui algumas características próprias como a instantaneidade, mobilidade, oralidade, sensorialidade, além de ser de baixo custo e fácil acesso.

¹⁰¹ SOARES, Ismar de Oliveira. “Agora, é planejar a educomunicação!”, in *Agenda do educom.rádio* nº2 do Núcleo de Comunicação e Educação da ECA/USP.

Pesquisas do Núcleo de Comunicação e Educação da Escola de Comunicação e Artes, da USP apontam que, partindo da oralidade que caracteriza nossa forma mais estreita de comunicação, o rádio revelaria maior potencialidade para levar educadores e educandos, num clima de prática dialógica de comunicação, a co-promoverem uma leitura do mundo e construir, em suas escolas, um “ecossistema comunicativo”, aberto, democrático e participativo.

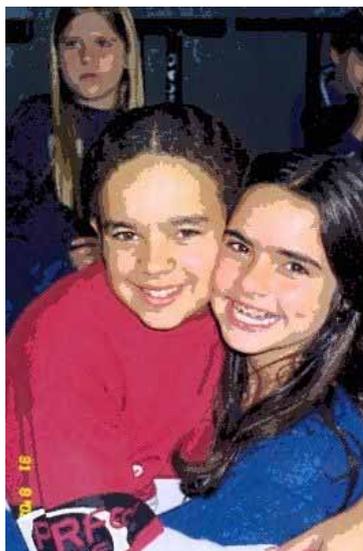
O projeto privilegia o emprego da linguagem radiofônica através da introdução de um laboratório de rádio em cada escola. A base técnica da radiodifusão – com alcance restrito às dependências da escola –, estava centrada num aparelho transmissor de baixíssima frequência acoplado a um *CD player* e a um *double deck*, o que permitia aos usuários gravarem programas valendo-se do uso de mixagens. Para a difusão dos programas, a estação de rádio contava com caixas acústicas – dotadas de controle individual de volume –, que podem ser colocadas em diferentes locais. A miniestação radiofônica também permite a transmissão de programas ao vivo. O equipamento previsto pelo Projeto para estar em cada escola era composto de 5 gravadores de mão, 3 microfones, sendo 2 sem fios, 10 caixas de som receptoras, uma antena e um rack contendo uma mesa com 8 canais, tape duplo, gravador de CD e transmissor de rádio.

Dominar a montagem e operação do equipamento implicava num maior entendimento da lógica de funcionamento dos sistemas de gravação, amplificação e transmissão de áudio. Para esse domínio, o NCE previu e realizou uma capacitação técnica.

O ato de capacitar para o NCE/USP é também desmistificar o uso dos sistemas tecnológicos, fortalecer a autoestima dos membros do grupo e a crença na capacidade de integrar ao seu cotidiano e às suas práticas comunicacionais, utilizando-se de aparatos técnicos mais complexos.

5.3.5 – Conceitos Trabalhados

O Programa Educom.rádio trabalhou com o conceito de Educomunicação, e teve como objetivo capacitar alunos, professores e membros da comunidade, para a construção de um ambiente ou ecossistema mais comunicativo, aberto e democrático, no sentido de diminuir atos violentos nas escolas, e de propiciar um melhor relacionamento entre a comunidade escolar. O rádio, como apresentado anteriormente, foi o meio escolhido como instrumento facilitador para incentivar a produção e a expressão dos participantes.

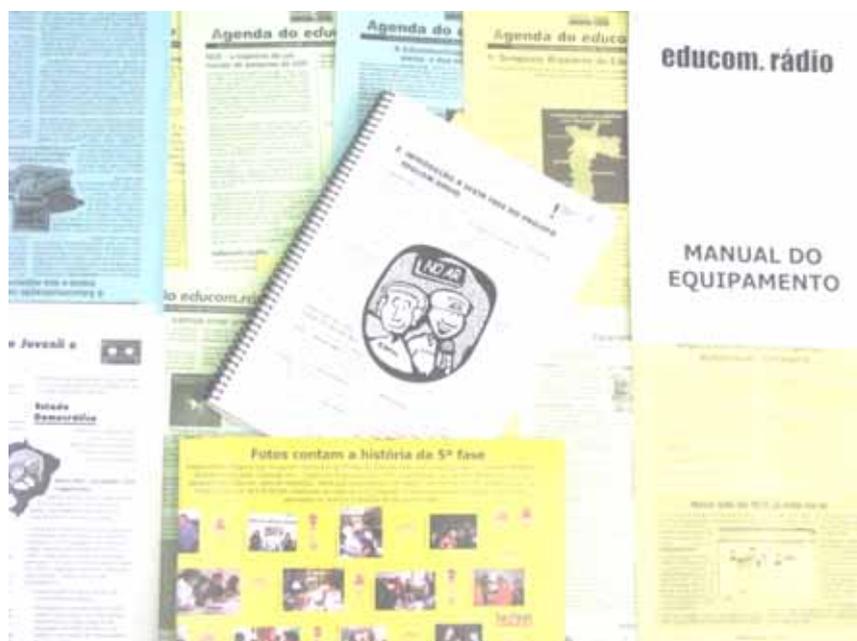


Os participantes tiveram a oportunidade de abordar temas que envolvessem os campos da comunicação e da educação de uma maneira diferente das perspectivas mais comuns trabalhadas pelos professores e para os alunos.

O objetivo foi viabilizar conceitos fundamentais da educomunicação, que valorizam a importância do diálogo como prática, o protagonismo de cada ator e a liberdade de expressão, visando à criação no ambiente escolar de um ecossistema comunicativo propício às práticas solidárias, como afirma Soares (2000).

5.3.6 – Estruturação do educom.rádio

Como citamos anteriormente o Educom.rádio foi pensado e planejado para atender às perspectivas de criar ecossistemas comunicativos nas escolas, para isso, a própria formação do projeto necessitava seguir princípios educacionais, como o diálogo, o planejamento em equipe, a avaliação criteriosa e uma estrutura democrática. Sendo assim, o Núcleo de Comunicação e Educação formou uma equipe de trabalho organizada da seguinte forma: Supervisão Geral, exercida por Ismar de Oliveira Soares, Coordenação Geral, exercida por Patrícia Alves Horta. Junto a eles existia um Conselho Gestor composto de três áreas: Coordenação de Audiovisual, Coordenação de Comunicação, Coordenação dos Formadores, Coordenação Técnica, além da parte administrativa composta de secretaria e apoio operacional,



A Coordenação Pedagógica cuidava da formação dos articuladores, assistentes e mediadores. Além de toda esta equipe, somam-se ao número de integrantes da equipe do NCE/USP os palestrantes convidados, articulados por subtemas específicos.

5.3.7 – Papel dos Atores no Projeto

Os atores envolvidos no Programa Educom.rádio que atuavam nas escolas tinham as seguintes denominações: articulador, assistente e mediador.

A seguir definimos as funções de cada um recorrendo às informações obtidas na dissertação de mestrado de Claudia Vicenza Funari¹⁰² :

Articulador

O articulador era o responsável pelos trabalhos na escola Pólo, durante os 12 encontros. Entre outras funções o articulador fazia a abertura dos trabalhos nos Pólos, acompanhava as palestras, fazia a ligação entre uma palestra e outra. A partir da 5ª fase, o articulador passa a ser também o responsável pela formação da sua equipe de trabalho, organizando o planejamento e a avaliação com a equipe. Além de desempenhar um papel político de relacionamento entre os funcionários das escolas e a equipe de formação.

Assistente

O assistente era o responsável pela organização física e material de toda capacitação na escola Pólo. Cuidava dos horários, alimentação, logística, providenciava os materiais necessários entre outras tarefas.

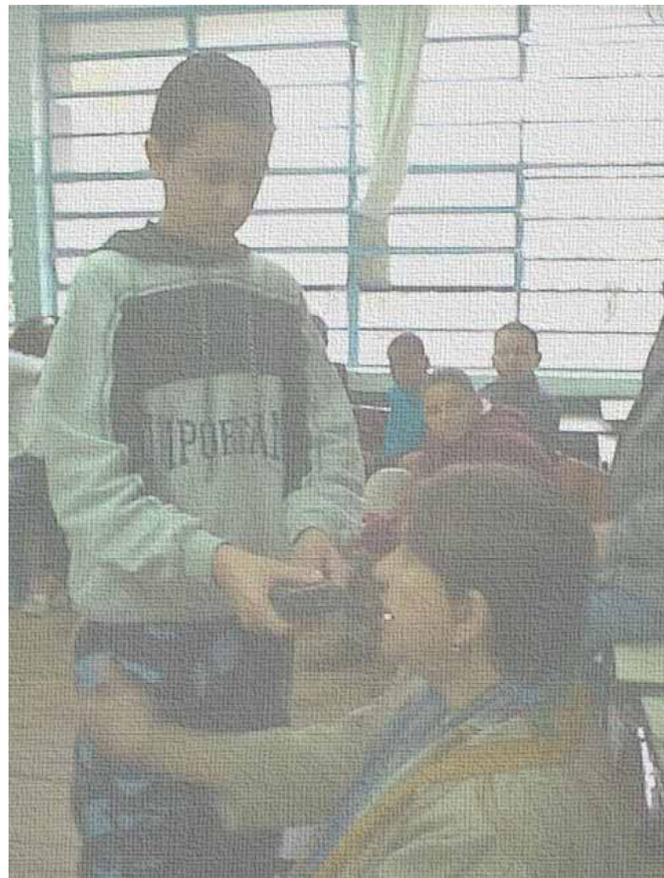
Mediador

Segundo o supervisor do Programa, Ismar de Oliveira Soares, o “mediador” também tinha como responsabilidade capacitar atores para que no futuro, também, fossem “mediadores” em outros processos

¹⁰² FUNARI, Cláudia Vicenza. *A prática da mediação em processos educacionais: o caso do projeto Educom.rádio*. Dissertação de mestrado, ECA/USP, 2007.

comunicativos, sendo assim, o “mediador” teria um dos papéis mais relevantes na formação dos ecossistemas comunicativos futuros.

Os “mediadores” do Educom.Rádio tinham uma formação diferenciada, eram concluintes do ensino médio, universitários em diferentes áreas, comunicadores, educadores, mestres e doutores que passaram por uma das 17 turmas de formação, para atuarem no Projeto. Para 100 horas de atuação os “mediadores” receberam 60 horas de capacitação.



5.3.8 – Fases do Programa Educom.Rádio

Primeira Fase

A primeira fase do Educom.rádio foi implantada no segundo semestre de 2001, em 5 Pólos que ofereceram capacitação para 26 escolas municipais. O curso era estruturado em 12 encontros presenciais de 08 horas cada, divididos em 03 módulos, que aconteciam, na maioria das vezes, em uma das escolas chamada de Pólo que recebiam professores, alunos e membros da comunidade das outras escolas pertencentes aos NAEs.

1ª Fase: 5 Pólos

Pólo Paulo Freire – agrupava 4 escolas

Pólo Mariazinha Fuzari – agrupava 7 escolas

Pólo Januz Korjacak – agrupava 4 escolas

Pólo Mário Kaplun – agrupava 6 escolas

Pólo Celestin Freinet – agrupava 6 escolas

Segunda fase

A 2ª fase do Educom.rádio deu-se no primeiro semestre de 2002, e representou um grande crescimento para a implantação do Projeto, de 5 Pólos passou-se para 13 Pólos que ofereceram capacitação para 40 escolas municipais. Houve o aprofundamento temático e ampliação dos conceitos e práticas educacionais que foram relacionadas aos eixos temáticos dos currículos escolares.

2ª Fase: 13 Pólos

Pólo Paulo Freire – NAE 1

Pólo Domitila Chungara – NAE 2

Pólo Ari Barroso – NAE 3

Pólo Mariazinha Fusari – NAE 4

Pólo Landell de Moura – NAE 5

Pólo Janusz Korzack – NAE 6

Pólo Darcy Ribeiro – NAE 7

Pólo Mario Kaplún – NAE 8

Pólo Nise da Silveira – NAE 9

Pólo Celèstin Frenet – NAE 10

Pólo Roquette Pinto – NAE 11

Pólo Monteiro Lobato – NAE 12

Pólo Carlos Leôncio – NAE 13

Terceira Fase

A 3ª Fase do Educom.rádio aconteceu no segundo semestre de 2002, com os mesmos 13 Pólos e com a participação de 55 escolas. Essa fase marcou a estabilização de um grande trabalho e esforço que havia sido empregado na 2ª Fase. Os Pólos e respectivos NAEs se repetem.

Quarta Fase

A 4ª Fase realizou-se no primeiro semestre de 2003, o número de cursistas chegou a 1.300, divididos entre os 13 Pólos. Para poder atender esta demanda, 160 pessoas responsáveis pela implantação do Programa Educom.rádio estiveram em permanente formação. A ênfase dessa fase foi o planejamento, com intuito de criar ecossistemas comunicativos abertos, democráticos e criativos nas escolas. Houve troca de pessoal da coordenação pedagógica do Projeto, gerando mudanças estruturais nessa fase e nas seguintes.

Como parte das mudanças, os articuladores assumiram o papel de formadores da equipe. Eles passaram a ser responsáveis pela avaliação dos trabalhos desenvolvidos no Pólo e pelo planejamento juntamente com a equipe de mediadores.

As orientações e planejamento passaram a ser feitos por escrito, houve uma formalização dos procedimentos que deveriam ser observados. Participaram 65 escolas dessa fase, seguindo a mesma divisão de Pólos e NAEs da fase anterior.

Quinta Fase

A 5ª fase ocorreu no segundo semestre de 2003 e teve como fato marcante, a produção do material de apoio para a equipe. Nessa fase as orientações chegavam antes da aplicação de cada módulo, facilitando muito o trabalho nas escolas. Foram 78 escolas participantes, 6 para cada um dos 13 Pólos. A estruturação dos Pólos, a equipe e a prática de trabalho, permaneceram as mesmas da 4ª fase. Nesse período aconteceu o 1º Simpósio Brasileiro de Educomunicação, com participação de todos os cursistas.

A 6ª Fase aconteceu no primeiro semestre de 2004, o Programa cresceu ainda mais e passou de 13 para 17 Pólos, atendendo um total de 131 escolas. Nessa fase, foi dada ênfase à consolidação das propostas do Educom, visando à integração, mediante a construção de uma rede de comunidades educacionais.

A equipe continuou estruturada da mesma forma da 5ª fase, e passou a contar com a estrutura virtual como apoio, otimizando os encontros presenciais.

6ª Fase: 17 Pólos

Pólo 1: Paulo Freire – 9 escolas

Pólo 2: Mario Lago – 4 escolas

Pólo 3: Ari Barroso – 10 escolas

Pólo 4: Mariazinha Fuzari – 7 escolas

Pólo 5: Landell de Moura – 9 escolas

Pólo 6: Janusz Korczak – 9 escolas

Pólo 7: Darci Ribeiro – 6 escolas

Pólo 8: Mário Kaplun – 10 escolas

Pólo 9: Nise da Silveira – 5 escolas

Pólo 10: Celèstin Freinet – 7 escolas

Pólo 11: Roquette Pinto – 9 escolas

Pólo 12: Monteiro Lobato – 10 escolas

Pólo 13: Carlos Leôncio da Silva – 9 escolas

Pólo 14: Gisela S. Ortriwano – 7 escolas

Pólo 15: Anísio Teixeira – 7 escolas

Pólo 16: Cásper Líbero – 7 escolas

Pólo 17: Vicente Leporace – 6 escolas

Sétima Fase

A 7ª fase aconteceu no segundo semestre de 2004 e contou com 10 Pólos, que totalizaram 68 escolas.

7ª Fase: 10 Pólos

Pólo 1: Paulo Freire

Pólo 2: Mario Lago

Pólo 3: Mariazinha Fuzari

Pólo 4: Landell de Moura

Pólo 5: Janusz Korczac

Pólo 6: Nise da Silveira

Pólo 7: Gisela S. Ortriwano

Pólo 8: Mário Kaplun

Pólo 9: Celèstin Freinet

Pólo 10: Roquette Pinto

A proposta era que as escolas restantes que ainda não haviam participado do projeto, fossem divididas para a última fase do projeto, porém com a morosidade na entrega dos equipamentos e mudança na gestão municipal, houve uma resistência ou desmotivação de tais

escolas previstas. Deste modo, informalmente, os representantes do Educom nos NAEs, autorizaram a participação de outras escolas não inscritas. Não há nenhum documento oficial que comprove a participação das escolas que efetivamente participaram nestas duas últimas fases, temos apenas os planejamentos elaborados por elas que trazem os nomes de quem realmente participou.

Ao final do Projeto foram capacitados 5200 professores, 2861 estudantes e 575 membros da comunidade. A equipe do Núcleo de Comunicação e Educação participou com 1025 pessoas entre articuladores, assistentes, mediadores, secretários, palestrantes e membros do conselho gestor¹⁰³. Foram disponibilizadas pelo Educom.Rádio 9500 vagas para cursistas, durante os três anos e meio. Aconteceram 1008 encontros nos Pólos.

¹⁰³

Dados do Boletim Informático do NCE – out/nov/dez de 2004.p.30.4

5.4 – O Planejamento no educom.rádio

Desde o primeiro encontro, sem citar a nomenclatura “planejamento”, foi proposto aos cursistas que observassem e escolhessem, em suas escolas, uma ação que julgassem ser uma prática educacional e assim, junto às outras escolas, serviria de base para discussão e consideração no encontro seguinte. Sem nomeá-lo, a proposta atendia ao interesse de fazer um Diagnóstico sobre as práticas existentes em cada escola e, à luz das teorias abordadas, rever e ampliar tais práticas.

Ao trabalhar com a ideia de planejamento, as propostas eram sempre reunir por escola, cada segmento ali representado (professores, alunos, administração e demais membros da comunidade escolar), para promover a construção de um “ecossistema comunicativo” democrático e participativo. Dentro dessa nova ótica dialógica, o planejamento deixa de ser uma mera formalidade burocrática para se tornar um contrato de responsabilidade coletiva, ou seja, torna os atores envolvidos em cúmplices de um processo educacional. Para tal Soares¹⁰⁴ afirma que

É preciso criar contextos favoráveis à incorporação das tecnologias de comunicação e de suas características atuantes nos ambientes educativos, não só instrumentalizando as mediações educativas a favor dos sujeitos envolvidos, mas otimizando ações educativas e culturais através do contexto favorável a uma produção participativa de produtos midiáticos, propiciando a educação para e pelos meios de comunicação.

¹⁰⁴ SOARES, Ismar de Oliveira. *Agora, é planejar a educação*. Agenda do educom.rádio nº 2, Material de apoio. Núcleo de comunicação e educação (NCE/ECA/USP)

Para facilitar a organização do planejamento e aproximar professores familiarizados com essa ferramenta, o projeto apresentou uma “Ficha de Planejamento de Ação Educomunicativa” que deveria ser preenchida. A criação da ficha foi inspirada no Sistema Transversal de Ensino-Aprendizagem desenvolvido por Stella Piconez do NEA-FEUSP e adaptada pelo supervisor do projeto professor Ismar de Oliveira Soares do NCE-ECA/USP.

5.4.1 - Ficha de Planejamento de Ação Educomunicativa

Doc.02 - FICHA DE PLANEJAMENTO DE AÇÃO EDUCOMUNICATIVA
<i>Inspirada no SISTEMA TRANSVERSAL DE ENSINO – APRENDIZAGEM desenvolvido por Stella Piconez, do NEA – NÚCLEO DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS E FORMAÇÃO PERMANENTE DE PROFESSORES - FEUSP</i>
Adaptação: Ismar de Oliveira Soares – NCE/ECA/USP
01 – AUTORES
02 - O DIAGNÓSTICO (IDENTIFICANDO O PROBLEMA)
03 – AMPLIANDO NOSSO OLHAR!
04 – INSERINDO OS EIXOS TEMÁTICOS
05 - SOBRE A PARTICIPAÇÃO DOS INDIVÍDUOS E/OU GRUPOS
06 - COMPETÊNCIAS BÁSICAS DOS EDUCOMUNICADORES
07 - PERÍODOS DE REALIZAÇÃO DO PROJETO
08 - O PROJETO EDUCOM.RÁDIO (introduzir o título e as ações previstas)
09 - NOSSO RÁDIO NO PROJETO! (inclua detalhes no campo 10)
10 – DETALHAMENTOS PARA O FUNCIONAMENTO DA RÁDIO

O objetivo desta ficha era facilitar a elaboração de um planejamento da ação educacional de forma precisa e concisa.



Orientava que o trabalho deveria ser feito por uma equipe, com membros de uma mesma escola (educadores, alunos e comunidade). Começando por grupos separados por segmento e depois conjuntamente.

A ficha era composta por 10 (dez) campos e detalhadamente explicada pelo mediador/articulador. Todos os assuntos dos campos já tinham sido trabalhados nas diversas oficinas de planejamento, a ficha seria mais uma sistematização. Deveria ser preenchida ao longo do curso e serviria como forma de avaliação.

1 - O primeiro campo da ficha era destinado à **identificação** tanto da escola quanto dos autores envolvidos no processo.

2 - No segundo campo, deveria constar o problema-foco da escola, identificado pelos participantes do planejamento. Este campo de identificação do problema foi intitulado como “o **diagnóstico**”. Ao refletir sobre esse campo, os participantes deveriam reconhecer o que já vinha dando certo na escola, bem como identificar o que dificultava a comunicação no espaço escolar e a construção de uma convivência de paz. O problema-foco deveria ter relação com os ecossistemas comunicativos da escola.

3 - “**Ampliando nosso olhar**” nomeava o terceiro campo do planejamento. Os cursistas eram estimulados a procurar entender o problema sob vários aspectos, científicos ou não. Eram convidados a observarem o espaço escolar, identificando como se dava os processos de comunicação entre as pessoas, grupos e as diferentes funções na comunidade escolar (pais, agentes escolares, professores, diretor, coordenador e outros). Com base nas teorias da educomunicação estudadas durante o projeto, deveriam analisar o problema para facilitar a reorganização e reelaboração dos argumentos, hipóteses e estimativas para a resolução do problema-foco. Percebidos os problemas, é necessário questionar as causas e então priorizar qual o maior problema ou o que é mais urgente e como a educomunicação e todas as mídias existentes na escola podem ajudar na resolução do problema.

4 - O quarto campo era “**inserindo os eixos temáticos**”, assunto também abordado durante o curso, apresentados como valores básicos para o educom.rádio como exercício da cidadania, respeito à diversidade étnica, sócio, política, cultural e ambiental que poderiam ser considerados na solução do problema-foco. Esses eixos temáticos correspondiam aos temas transversais propostos pelos Parâmetros Curriculares Nacionais e, na maioria dos casos, constavam nos currículos das escolas.

5 - O quinto campo era sobre a **participação dos indivíduos e/ou grupo** na busca da solução do problema-foco. Nesse campo, o grupo precisava identificar de que forma cada membro da comunidade escolar (incluindo direção, professores, funcionários e demais membros da comunidade) tomaria parte da solução do problema-foco, qual função e responsabilidade cada um assumiria. A participação dos indivíduos na produção de mídias coletivas abre espaço para um canal de entendimento e, portanto de comunicação. Torna-se também num espaço de expressão de arte, de invenção e criação, que é fundamental ao ser humano. Os conceitos que envolvem a gestão participativa podem

ajudar a ter mais alternativas para os problemas, possibilitam colocar o discurso em prática e refletir sobre ela.

6 - O destaque às **competências básicas dos educadores**, ocupava o sexto campo do planejamento. O grupo deveria indicar o conjunto de habilidades que deveriam existir durante a atuação de todos os envolvidos na solução do problema-foco.

7 - O sétimo campo destinava-se ao **período de realização do projeto**, de sua implantação e o período em que o projeto funcionaria na escola.

8 - O oitavo campo referia-se ao **projeto propriamente dito**. Sugeriu que se pensasse sobre como a educação poderia desenvolver as habilidades de expressão dos educadores, membros da comunidade e estudantes, destacando a meta principal do projeto que era a criação de um ecossistema comunicativo escolar cada vez mais aberto e democrático. Nesse campo, sugeriu-se ainda que se criasse um **título para o projeto**, que procurasse unir o educom.rádio e o problema-foco. Os títulos deveriam ser sugestivos e ligados ao cotidiano, despertando curiosidade, geralmente em forma de pergunta.

9 - O nono campo propunha que se indicasse a **participação da rádio no projeto**, a partir do que já foi feito como a sondagem de um espaço no projeto político pedagógico para o educom.rádio.

10 - O décimo campo do planejamento era mais específico para o **funcionamento da rádio**. Nesse campo, o grupo fazia um detalhamento do funcionamento: duração dos programas de rádio, local onde os programas seriam ouvidos, metodologia que seria usada na elaboração dos programas e gestão do uso da rádio, cronograma de veiculação dos programas e resultados obtidos e esperados.

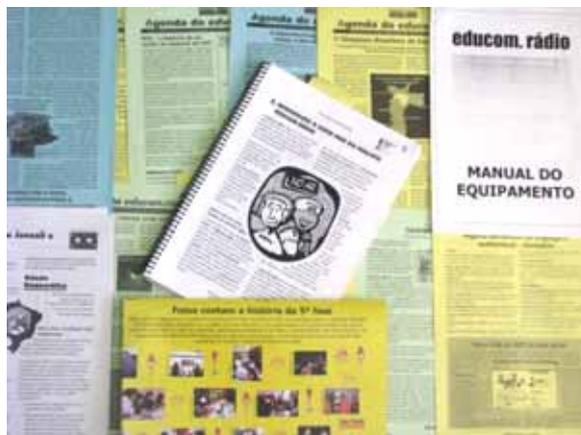
Avaliação do material de apoio ao programa de formação do Educom.rádio

No capítulo anterior, analisamos o processo de planejamento no espaço do projeto Educom.rádio.

No presente capítulo, abordaremos o tema da produção de subsídios destinados a servir aos propósitos do programa.

A elaboração de materiais específicos levou em conta o fato de que a matriz conceitual do curso era inicialmente desconhecida mesmo pelos especialistas convocados para colaborar com a ação empreendida pelo NCE/USP. No caso, o material, enquanto servia como fonte de informação básica para os cursistas, cumpria o papel de orientar o trabalho dos formadores nos Pólos.

Nesse sentido, os subsídios eram entendidos como peças centrais do próprio processo de planejamento, levando em conta que seu principal objetivo era o de garantir a ortodoxia conceitual do projeto.



6.1. Orientações, não receitas!

O programa partiu, desde seu início, do princípio segundo o qual a Educomunicação é o espaço “em que membros da sociedade se encontram para implementar ecossistemas comunicativos democráticos, abertos e participativos, impregnados da intencionalidade educativa e voltados para a implementação dos direitos humanos, especialmente o direito à comunicação¹⁰⁵. Seguindo esta filosofia, o projeto optou, em suas quatro primeiras fases, por uma produção negociada de metodologias e procedimentos. Nesse sentido, criou-se uma Equipe de Formação, entre cujas tarefas se encontrava a coordenação dos trabalhos destinados a definir os procedimentos a serem aplicados pelos articuladores e mediadores em seu serviço junto aos cursistas (professores, alunos e membros das comunidades), nos Pólos.

A partir da quinta fase (início do segundo semestre de 2003), após uma avaliação que reconhecia os avanços obtidos e levava em consideração a necessidade de se assegurar a coerência epistemológica do projeto justamente no momento em que seria ampliado o número Pólos destinados a receber os cursistas e, conseqüentemente, o número de formadores em serviço, tomou-se a decisão de se concentrar esforços na produção dos subsídios, de forma a facilitar o entendimento da natureza e da especificidade da proposta.

Com a introdução do caderno de orientações, distribuído no início de cada novo semestre, na 5a (2º sem de 2003), 6a e 7a fases (1º e 2º semestres de 2004) – justamente no momento em que se atendia a 2/3 de todo o contingente do curso - ficou mais fácil aos articulares e mediadores formarem uma visão de conjunto sobre as várias fases do processo e as ações previstas em cada uma delas.

¹⁰⁵

Na qualidade de membro da equipe de articuladores de Pólos desde o início do projeto¹⁰⁶, sentimo-nos em condições de atestar que o material de apoio e os demais subsídios serviram de orientação, tendo jamais sido usados como receituário. O que fale dizer, em outras palavras, que havia uma margem de espaço para a criatividade da equipe, sendo-lhe permitido atender as especificidades da equipe de formadores e de cada novo grupo de cursistas.

Aos responsáveis pela formação, nos Pólos, era informado, além disso, que o Programa Educom.rádio deveria ter, em seu bojo, a preocupação de respeitar os cursistas, vinculando a formação em educomunicação aos saberes que estes já possuíam, capacitando-os a formularem um planejamento adequado às necessidades locais, com ressonância no Projeto Político Pedagógico da escola.



A proposta de planejamento partia, desta forma, da práxis dos atores envolvidos e resgatava o que já acontecia nas escolas, em termos de experiências significativas vivenciadas no campo da comunicação, propondo a reflexão sobre a ideia do que representaria a aventura de implementar a educomunicação no espaço escolar.

¹⁰⁶ Trabalhei na equipe do Educom.rádio, entre 2002 e 2004, tendo exercido as funções de mediadora, assistente e articuladora.

6.2 – Tipos de materiais impressos usados no Educom.rádio



Os materiais impressos produzidos/publicados pelo NCE/USP, nesta perspectiva, foram os seguintes:

1º. Para a formação pedagógica da equipe de capacitadores:

- *Caderno de Orientações de Atividades Educom.rádio*, destinado aos articuladores e mediadores.

2º Para a formação pedagógica dos cursistas:

- *Agenda do Educom.rádio*, destinada a todos os cursistas;
- *Textos de apoio para as palestrantes*: destinado a todos os cursistas;
- *Manual do Equipamento*: destinado às escolas.

3º Para informação sobre o programa:

- *“O Educomunicador”*, boletim informativo destinado a todos os cursistas e à equipe de formação e demais interessados.

6.2.1 – Caderno de Orientações de Atividades



O Caderno foi destinado à equipe de formação (articulador, assistente e mediadores). Trata-se de um caderno de 105 páginas, em formato espiral, branco e preto¹⁰⁷, oferecendo orientações sobre cada um dos 12 encontros, indicando o caminho a ser seguido pela equipe de formação durante as atividades das escolas no Pólo.

Transcrevemos, a seguir, o sumário do Caderno referente à 6ª fase, que tomamos como amostragem, com os principais assuntos abordados:

¹⁰⁷ O caderno foi idealizado por Patrícia Horta, contando, em sua elaboração, com o trabalho de Claudemir Viana, Ana Maria Marotto, Francine entre outros. As ilustrações foram elaboradas por Suzana Narimatsu, da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP.

SUMÁRIO

1. Introdução: NCE – Trajetória de um Núcleo de Pesquisa.....	03
2. Introdução à 6ª Fase do Projeto Educom.rádio.....	05
3. Orientações de Atividades.....	07
1º encontro: A Educomunicação.....	07
2º encontro: Práticas educacionais.....	13
3º encontro: Oficina de Produção Radiofônica	19
4º encontro: Oficina de Produção Radiofônica.....	25
5º encontro: Workshop de Rádio.....	29
6º encontro: Oficina de Rádio e Jornal.....	35
7º encontro: Oficina de Rádio e Jornal.....	43
8º encontro: Oficina de Rádio e Vídeo.....	49
9º encontro: Simpósio Brasileiro de Educomunicação.	55
10º encontro: Oficina de Rádio e Vídeo.....	59
11º encontro: Oficina de Planejamento.....	65
12º encontro: Encerramento.....	71
4. Calendário Geral.....	75
5. Cronograma dos Encontros de Formação e Planejamento.....	76
6. Roteiros de Ações para os Encontros de Formação.....	77
7. Material de Apoio.....	92
8. Tabela de Palestras.....	94
9. Sinopse de Palestras.....	95

Cronologicamente, o Caderno apresenta cada passo a ser seguido pela equipe de formação, durante às 8 horas de atividades de cada sábado, sugerindo uma dinâmica para a integração do grupo de cursistas, explicando quais os objetivos a serem desenvolvidos naquele dia, assim como a lista de materiais necessários para a aplicação das atividades. Dessa forma, a coordenação central ajudava a equipe de formação a se preparar para o curso no sábado, facilitando o desenvolvimento das atividades.

A seguir, apresentamos uma tabela com o resumo, por encontro, do título da palestra e dos materiais a serem utilizados nas atividades previstas para o primeiro semestre de 2004:

Educom.rádio		
Orientações de atividades– 6ª fase: 1º semestre de 2004		
Data	Palestras	Material de apoio
1º encontro: 06/03/2004	A Educomunicação	- Boletim informativo - Agenda do educador n°. 01 - Transparências sobre o tema da palestra - Vídeo sobre o Educom.rádio (senac) - Kit Básico*
2º encontro: 13/03/2004	Práticas educacionais	- Textos de apoio sobre o “Diagnóstico” da realidade comunicacional das escolas - Prática educacional (exercícios com os educadores) - Vídeo sobre projetos educacionais - Transparências sobre o tema da palestra - Kit Básico*
3º encontro: 20/03/2004	Oficina de Produção Radiofônica	- Agenda do educador n°. 02 - Fichas de Planejamento - Kit Básico*
4º encontro: 27/03/2004	Oficina de Produção Radiofônica	- Textos de apoio: Rádio (linguagem) - Vídeo sobre gêneros radiofônicos - CD com programas radiofônicos - Kit Básico*
5º encontro: 17/04/2004	Workshop de Rádio	- Vídeo sobre rádio - Instrumentos sonoros - Kit Básico*
6º encontro: 24/04/2004	Oficina de Rádio e Jornal	- Revista Viração para todos - Agenda do educador n°. 03 - Kit Básico*
7º encontro: 08/05/2004	Oficina de Rádio e Jornal	- Cartão da Revista Viração - Registros Fotográficos - Kit Básico*
8º encontro: 15/05/2004	Oficina de Rádio e Vídeo	- Cartão já escrito (troca entre Pólos) - CD com programas de rádio - Agenda do educador n°. 04 - 1 jogo de 6 cartões com imagens - Kit Básico*
9º encontro: 29/05/2004	Simpósio Brasileiro de Educomunicação	SIMPÓSIO: material específico para o evento.
10º encontro: 05/06/2004	Oficina de Rádio e Vídeo	- Fita de vídeo VHS com programas de TV
11º encontro: 19/06/2004	Oficina de Planejamento	- Agenda do educador n°. 05: - Planejamento da ação educacional. - Kit Básico*
12º encontro: 26/06/2004	Encerramento	- Ficha de Avaliação Geral para todos - TNT para painéis - Kit Básico*

***Kit Básico:** uma caixa contendo materiais de consumo (lápiz, caneta, folha, giz, tesoura, cola, lápis de cor, canetinha etc.) e gravadores de mão, fita K7, pilhas, ficha de avaliação, lista de presença, textos de apoio para as palestras etc.

Para melhor analisarmos o material, faremos, primeiramente, uma descrição de cada capítulo do Caderno:

O primeiro capítulo *Introdução: NCE – Trajetória de um Núcleo de Pesquisa* faz um breve histórico do Núcleo, explicando sobre a pesquisa que

deu origem ao reconhecimento do campo da Educomunicação com citações das áreas específicas de atividades que compõe o campo:

- Educação para a recepção crítica dos meios de comunicação;
- Mediação tecnológica em espaços educativos;
- Expressão da comunicação através das artes;
- Gestão da comunicação em espaços educativos.

Ainda neste capítulo há a descrição sucinta dos quatro Projetos desenvolvidos pelo NCE\USP:

- Educom.rádio;
- Educom.TV;
- TodeOlho.TV ;
- Educomradio. Centro-oeste.

Com estes conteúdos, a entidade implementadora do programa se situa frente a seus auxiliares, justificando a razão pela qual opta pelo referencial teórico escolhido.

O segundo capítulo, *Introdução à 6ª Fase do Projeto Educom.rádio*, explica como se dará o desenvolvimento da 6ª fase do Programa, detalhando o número de vagas destinadas a docentes, alunos e membros da comunidade. Adianta a intenção de transformar 2004 num ano destinado à consolidação das propostas do Educom.rádio, buscando construir uma rede de comunidades educacionais nas escolas da Prefeitura. Explicita que o projeto não se entendia como um conjunto de oficinas de rádio-escola, mas como uma mobilização estratégica em torno de uma nova proposta de educação, tendo como base as relações de comunicação no interior do espaço escolar. Esse capítulo vem seguido de uma página em branco para anotações dos cursistas

O terceiro capítulo, *Orientações de Atividades - 1º Encontro - A Educomunicação*, apresenta os objetivos do tema a ser abordado no dia.

Objetivo Principal

Deixar claro aos cursistas quais são os principais objetivos do curso:

- Planejar a inserção do Educom.rádio no PPP da escola visando à gestão participativa e a integração de educadores, estudantes e membros da comunidade.
- Conhecer o conceito de educomunicação (não é um curso para formar radialistas).
- Rever as práticas comunicativas no interior de cada escola.
- Criar novas perspectivas de intervenção social.
- Imprimir nos cursistas um desejo de continuidade no projeto.
- Ressaltar o diferencial deste projeto em relação a outros, a saber: o trabalho integrado com educadores, estudantes e membros da comunidade valorizando o diálogo entre eles.

Com esses objetivos notamos a preocupação da equipe em integrar o processo educomunicativo ao PPP da escola, como forma de garantir a continuidade da educomunicação no espaço escolar.

A seguir, é apresentado um quadro para o planejamento da semana com os dias e espaços a serem preenchidos pelos cursistas. Ainda nas *Orientações de Atividades* do dia, seguem lembretes de ordem prática direcionados aos Articuladores, essenciais a fim de promover a boa organização das atividades do dia, como por exemplo:

- Entrar em contato com o representante da coordenadoria de educação.
- Combinar com a equipe para chegar ao local do curso com antecedência.
- Relembrar com a equipe o que foi planejado na reunião de formação.
- Localizar e preparar os ambientes disponíveis.
- Providenciar e distribuir nos grupos os materiais que serão utilizados.
- Arrumação das cadeiras em círculo e relembrar a importância deste formato.
- Conhecer bem os espaços que serão usados na escola-Pólo e saber o nome das pessoas responsáveis pelas diferentes instâncias da escola e da coordenadoria de educação.
- Apresentar a equipe nominalmente ao diretor ou ao responsável pela escola.
- Orientar a equipe para se integrar com os cursistas.
- Combinar os horários de intervalos para que todos cumpram o combinado.
- Planejar com a equipe de mediadores o momento dos estudantes apresentarem suas produções radiofônicas para o grupo de professores.

Nas orientações, podemos destacar o fato de que a equipe estava a todo momento voltada para o bom desenvolvimento das atividades, assim como preocupada em manter uma relação mais próxima com a diretoria das escolas, assim como com os cursistas procurando saber quais os problemas enfrentados e o que eles esperavam do curso.

Em seguida, vem o cronograma do dia, dividido em manhã e tarde com os respectivos horários.

De manhã, todos ficam juntos, tomam café e se reúnem para o início das atividades, que por ser o primeiro dia, começa com as apresentações da equipe de formação do NCE, das escolas, dos funcionários da escola Pólo, dos representantes da Subprefeitura e\ou Coordenadorias. Cabe ao articulador entregar aos cursistas o boletim “O Educomunicador” e a “Agenda do Educom.rádio”. A equipe, em sua reunião prévia de formação, já havia planejado uma dinâmica para aquele momento, assim como as demais atividades previstas.

No início da tarde, a turma de cursistas é dividida em dois grupos:

- Educadores e membros da comunidade.
- Alunos e membros da comunidade.

O primeiro grupo (professores e comunidade) assiste a uma palestra, ministrada por um especialista¹⁰⁸. Enquanto isso, os alunos se reúnem em outro espaço da escola Pólo, acompanhados de um mediador para cada grupo de dez alunos, para tomar parte da oficina de prática radiofônica.

Ao final do dia, os grupos se juntam novamente para apresentar os programas produzidos, fazer a avaliação dia e conversar sobre o próximo encontro.

Propositamente, alunos e professores se separavam no período diurno para que, na parte da tarde, pudessem trabalhar em conjunto. Neste momento, adota-se a práxis de se iniciar os trabalhos com a participação dos jovens, afim de que estes pudessem mostrar seu potencial, construindo a mídia ao invés de permanecerem apenas como receptores da mensagem. A intenção era a de que os jovens viessem a se transformar em protagonistas do processo de educomunicação e de uma mídia feita por eles mesmos.

¹⁰⁸ O especialista podia ser da Universidade de São Paulo (especialmente do Departamento de Comunicação e Arte da ECA), de outras universidades, do terceiro setor (como foi o caso da Oboré) ou da mídia (jornalistas e radialistas profissionais).

Tudo isso aparece minuciosamente explicado nas orientações. Há também espaço para anotações que porventura surjam nas reuniões de formação da equipe.

As orientações seguem um mesmo padrão em todos os encontros, compondo um total de doze:

- Assunto;
- Objetivo Principal;
- Espaço para planejamento da semana;
- Lembretes ou instruções à equipe;
- Cronograma do dia;
- Descrição das atividades;
- Objetivo da atividade ou da dinâmica;
- Espaço para anotações.

No terceiro, quarto e quinto encontros a temática trabalhada é a linguagem radiofônica. No entanto, cada um dos encontros tem objetivos específicos.

Vejamos os objetivos do **terceiro encontro**:

- Apresentar o conceito de Ecosistemas Comunicativos;
- Identificar as facilidades e dificuldades nas relações comunicativas nas comunidades escolares;
- Diagnosticar as relações dos cursistas com os meios de comunicação;
- Realizar a primeira produção radiofônica do grupo;
- Trabalhar o item *Diagnóstico* do roteiro de planejamento;
- Motivar nos cursistas um desejo de continuidade no projeto.

Neste encontro trabalha-se o conceito de “ecossistema comunicativo” a fim de mostrar aos cursistas o que o mesmo significa e como se forma na escola. O texto lembra Soares¹⁰⁹, para afirmar que “o ecossistema comunicativo é uma meta que a prática educomunicativa se propõe no sentido de criar as condições necessárias para o diálogo entre as partes envolvidas no processo. O ecossistema comunicativo leva em conta a harmonia e acontece quando a pessoa consegue associar seu sonho ao sonho dos demais para construir juntos”.

Como podemos notar esse conceito tem grande importância no desenvolvimento da práxis educomunicativa uma vez que sem um ecossistema consistente e integrador a educomunicação não se concretiza de forma plena.

Passemos aos objetivos do **quarto encontro**:

- Apresentar o conceito de Gestão Participativa e a metodologia das etapas da produção radiofônica na escola.
- Identificar facilidades e dificuldades em relação ao uso do “roteiro de planejamento” a ser empregado pelos cursistas.
- Identificar o problema foco de cada unidade escolar, identificado como o tema a ser trabalhado a partir da busca de uma solução educomunicativa.
- Exercitar a compreensão e o preenchimento da “Ficha de Planejamento” entregue aos cursistas para posterior preenchimento.
- Alimentar, nos cursistas, o desejo de continuidade no projeto.

Este encontro marca mais um conceito importante para a educomunicação: a gestão participativa. Com base em Soares, podemos afirmar de forma resumida que a gestão participativa são conjuntos de ações

¹⁰⁹ http://www.aprendaki.com.br/entrevista_ver.asp?id=102; acessado em 01 de fev/2009.

baseadas em interação, diálogo e tomada conjunta de decisões de forma a mais democrática possível. Sem esse princípio, a prática da educomunicação não se estabelece, pois somente numa gestão em que todos opinam, trocam ideias, partilham, elaboram as diferenças e constroem conhecimento é que se faz uma comunicação em que todos se tornam emissores e receptores, sem deixar que um se sobressaia sobre o outro.

As etapas da produção radiofônica citadas nas orientações são:

- 1ª. Levantamento de pauta,
- 2ª. Produção,
- 3ª. Apresentação ao coletivo,
- 4ª. Avaliação compartilhada e
- 5ª. Aplicação da metodologia ao cotidiano das práticas escolares.

Metodologia das 5 Etapas	
Levantamento de Pauta	Momento para escolha do tema do programa e definição do gênero. É importante que todos possam opinar e construir juntos, exercitar a gestão participativa.
Produção Do Programa	Nesta etapa são distribuídas as funções próprias do processo de produção. Deve-se criar os textos, escolher as músicas e os efeitos sonoros que serão usados. Organiza-se o roteiro, isto é, a sequência da apresentação. Faz-se o ensaio, usando gravador de mão. Procede-se à gravação na sequência desejada incluindo a sonoplastia (no caso das oficinas do Educom.rádio, a produção era precária, não se dispo no nos Pólos de estúdio de rádio: o importante era vivenciar o processo de produção colaborativa).
Apresentação	É o momento em que se ouve o programa, ao vivo ou gravado.
Auto-avaliação	É hora de avaliar o próprio trabalho: todos analisam a qualidade do programas, em termos de conteúdo e de técnica. É momento também de avaliar a relação entre si de todos os participantes, especialmente no que diz respeito à gestão do processo produtivo.
Aplicação	Momento de se perguntar sobre a utilidade do que se está fazendo; sobre o público alvo, o melhor horário para apresentação e sobre como um programa como este poderia melhorar a comunicação na escola.

Essas etapas foram estabelecidas como forma de se construir uma metodologia de produção radiofônica, assim como de qualquer outra mídia como o jornal mural e vídeo. É neste encontro que os cursistas já começam a tomar conhecimento da “ficha de planejamento” (que será usada efetivamente

na parte final do curso) para que possam entender a viabilidade e importância do planejamento para o adequado uso das mídias na escola.

Passemos, agora, aos objetivos do **quinto encontro**:

- Vivenciar o conceito de Gestão Participativa e a metodologia das 5 etapas, à luz da avaliação das produções conjuntas (encontros anteriores) e da palestra de rádio deste encontro.
- Dar a este encontro um caráter de homenagem ao “rádio”.
- Alimentar, nos cursistas, o desejo de exercitar produções radiofônicas em suas escolas.

Neste encontro pede-se para vivenciar a gestão participativa para que os cursistas possam concretizar o conceito na práxis e saiam do abstrato para o concreto, assim como do uso prático das cinco etapas na construção do programa radiofônico.

Podemos observar que os objetivos dos três encontros citados acima são complementares. Vão sendo construídos de uma forma que o cursista entenda que os conceitos são fundamentais serem estabelecidos para que a educomunicação tome forma e se constitua com pilar do PPP da escola.

Objetivos do sexto e sétimo encontros:

- Ampliar a ação educacional inserindo a reflexão e a prática da comunicação através da mídia impressa e sua inter-relação com a comunicação em rádio.
- Vivenciar a metodologia das 5 etapas utilizadas para a produção radiofônica também nas atividades com imprensa (revista/jornal).
- Orientar os cursistas para organizar e produzir “matérias” jornalísticas sobre fatos da comunidade local para compor o jornal mural.
- Planejar uma divulgação do Educom.rádio para os não cursistas de suas escolas, via jornal mural.
- Enfatizar as etapas de pauta e início da produção (planejamento, criação, distribuição de funções e procedimentos).
- Recolher os disquetes de planejamento e pesquisas.
- Acompanhar a montagem do jornal mural, intervindo e orientando sempre que julgar necessário e/ou for solicitado pelos cursistas.
- Enfatizar as etapas de Produção, Apresentação e Avaliação.

O **sexto** e **sétimo** **encontros** dão continuidade ao uso da linguagem radiofônica, e acrescenta o jornal impresso como mais uma mídia a ser aprendida e estudada.

- Ampliar a ação educomunicativa para a construção do ecossistema comunicativo inserindo a reflexão sobre a linguagem visual em sua relação com a linguagem radiofônica e a prática da comunicação através da mídia audiovisual (vídeo) e sua inter-relação com a comunicação em rádio.
- Vivenciar a metodologia das 5 etapas utilizadas para a produção radiofônica também nas atividades audiovisuais.
- Ressaltar a importância do planejamento em qualquer prática educomunicativa.
- Produzir um roteiro/*story board* a partir de uma produção radiofônica.

O **oitavo** e **décimo** **encontros** dão continuidade ao uso da linguagem radiofônica, e acrescenta a linguagem visual, o vídeo. A partir da inserção do conceito de planejamento em todos os demais encontros devem ressaltar a importância dessa atividade.

Entre o oitavo e o décimo encontro, ocorre o que o programa identifica como **Simpósio de Educomunicação**, com atividades simultâneas em cada um dos Pólos.

No caso, cada Pólo realiza uma programação específica dentro do objetivo geral. A organização é partilhada entre todos os cursistas. Cada escola decide o que apresentar de significativo para o campo da educomunicação. O simpósio teve como objetivo:

- Tema central do simpósio nos 17 Pólos: “Como implantar Políticas Públicas em Educomunicação?”.
- O encontro se dará com o envolvimento dos cursistas e de convidados especiais que tragam experiências educomunicativas, sobretudo se envolverem o uso do rádio.
- Fomentar os cursistas a avançar nos planejamentos a partir do que puderem conhecer através dos exemplos trazidos.
- Devolver os disquetes com os apontamentos da equipe Educom.rádio.

Entre os doze encontros podemos observar que seus objetivos são complementares, procurando mostrar ao cursista, seja ele professor, aluno ou membro da comunidade, que o uso de diferentes mídias como o rádio, o jornal mural ou o vídeo permite ao jovem uma melhora na sua expressão comunicativa, na sua relação entre seus colegas e professores, assim como o espaço escolar deixa de ser apenas um lugar onde as pessoas só estão por obrigação e passam a vê-lo como um lugar mais prazeroso, em que todos têm vez e voz.

Vale ressaltar que a temática do planejamento é abordada desde o terceiro encontro para que, no final do processo de aprendizagem, os cursistas tenham clareza sobre a noção de como inserir as mídias, com destaque para o rádio, no Planejamento Político Pedagógico de suas escolas. Também é importante destacar que ao final de cada encontro contou-se com avaliação das atividades daquele dia, momento em que eram apresentados os programas radiofônicos e outras produções midiáticas e todos observavam os pontos positivos e o que poderia ser melhorado no planejamento das atividades.

No quarto encontro, por exemplo, é mostrando os detalhes do que o NCE entende por planejamento. Neste encontro específico é discutida a integração dos planejamentos dos alunos, com dos educadores e membros da comunidade, que vieram ao longo do curso detalhando o desejo de cada grupo de cursista. Este dia representa primeiro momento de discussão para se chegar a um planejamento único por escola, buscando integrar o que de melhor foi apreendido no curso.

Embora, desde o primeiro encontro já se tratava sobre planejamento e propunha-se uma retomada ao Projeto Político Pedagógico da escola. Os objetivos do planejamento (página 65) são:

- Promover a intersecção dos planejamentos dos estudantes com o dos educadores e membros da comunidade;
- Ressaltar a importância do planejamento em qualquer prática; educacional;
- Fazer uma produção radiofônica – “a rádio que queremos”;

- Retomar conceitos e práticas trabalhados no decorrer do projeto.

O tema é retomado de forma integral no Décimo Primeiro Encontro, quando se propõe uma simbiose entre os exercícios de planejamentos elaborados, separadamente, pelos estudantes, professores e membros da comunidade, de maneira a construir apenas um que contemple a visão, a intenção e a compreensão de todos integrantes da unidade escolar.

O papel da equipe de formação, especialmente dos mediadores, é fundamental no sentido de garantir a participação de todos os envolvidos no processo, esclarecer as dúvidas que surgiam sobre a ficha de planejamento e orientar quanto à construção de algo que seja realizável dentro do cotidiano escolar.

Apesar não integrar palestra específica sobre o tema do planejamento, o curso privilegiou substancialmente o ato de planejar. Para os coordenadores do curso, fazer um bom planejamento e desenvolvê-lo à risca, não garante, por si só, que haja educomunicação. É preciso que o planejamento contemple os princípios da educomunicação, ou seja, que respeite e trabalhe a questão da pluralidade cultural, questione e entenda a cultura massiva, aborde a vertente do respeito às diferenças e a quebra dos paradigmas preconceituosos.

Vejamos os objetivos do 11º encontro:

- Promover a intersecção dos planejamentos dos estudantes com o dos educadores e membros da comunidade.
- Ressaltar a importância do planejamento em qualquer prática comunicativa.
- Fazer uma produção radiofônica: *A Rádio que Queremos*.
- Retomar conceitos e práticas trabalhados no decorrer do projeto.

O último encontro – o Décimo Segundo da série - destina-se à socialização dos planejamentos, permitindo que os professores de uma escola tomem conhecimento sobre o planejamento da outra unidade escolar. Avaliação e despedidas caracterizam o encerramento do processo de ensino-aprendizagem promovido pelo Educom.rádio.

Após oferecer elementos substanciais para a aprendizagem sobre como implementar a prática educomunicativa no ambiente escolar, o Caderno de Orientações traz outras informações importantes de caráter administrativo para a equipe se organizar e evitar possíveis falhas na comunicação, a saber:

- Calendário Geral da 6ª fase, dividido em 3 módulos
- Cronograma dos Encontros de Formação e Planejamento
- Roteiros de Ações para os Encontros de Formação
- Material de Apoio
- Tabela de Palestras
- Sinopse das Palestras

6.2.2 – A formação da equipe

O NCE preocupou-se bastante com a formação dos seus profissionais, promovendo encontros gerais com todas as equipes e organizando reuniões semanais, por equipe, para estudar, avaliar e planejar os encontros de sábados.

Nos encontros gerais, os formadores faziam o papel dos cursistas. Esses encontros de formação foram pensados nos moldes do que seria desenvolvido nas escolas. Desta forma, os formadores vivenciaram as oficinas, as dinâmicas, as conversas e puderam antecipar possíveis dúvidas ou dificuldades que encontrariam na prática. Nestes encontros gerais, havia palestras com o supervisor do projeto ou outros professores do conselho gestor.

Os encontros por equipe de formação aconteciam num dia fixo da semana. Cada equipe escolhia o dia e o período mais propício para a reunião de formação, assim reuniam-se articulador, assistente e mediadores que atuavam em cada Pólo.

Essas reuniões de formação serviam para avaliar o sábado anterior, verificar pendências, levantar as dificuldades encontradas e o grupo apresentava ideias que poderiam ajudar no encontro seguinte. O conceito que seria abordado na escola com os cursistas era revisado e discutido pela equipe, assim como a leitura dos textos, as atividades e dinâmicas propostas. Conforme a equipe ia conhecendo melhor os cursistas, já era possível trocar ou adequar as sugestões do Caderno de Orientações. Na reunião de formação da equipe, com base no Caderno de Orientações, a equipe fazia o planejamento do encontro do sábado seguinte, vivenciando as atividades de Construção Prática do Conceito de Ecosistema Comunicativo (CPEC).

Havia também um momento de Vivência Radiofônica que consistia em produzir um programa de poucos minutos refletindo o que se deu no encontro, aplicando a metodologia e os procedimentos para a produção midiática que se propunha aos cursistas. Desta forma, a própria equipe de formação se

integrava no conceito que pregava na escola e experimentava o processo de construção radiofônica para que na escola, junto aos cursistas, pudesse entender e manifestar-se melhor na sua conduta de formador.

6.2.3 – Cronograma das reuniões de formação

Reproduzimos a seguir, uma tabela com o cronograma das reuniões de formação e planejamento. Embora pareça simples, era fundamental que as pessoas integrantes da equipe de formação tivessem de antemão uma previsão dos encontros de formação, para que na prática, se organizassem para garantir a participação. O bom desempenho durante as reuniões refletia diretamente na prática com os cursistas aos sábados.

Cronograma dos Encontros de Formação e Planejamento		
Programa de imersão – fevereiro de 2004		
Oficinas: 10 e 11/02 – 16 a 19/02		
Encontros de Formação	Data	Tipo
1° Encontro	07/02	Encontro Geral - Sábado
2° Encontro	01/03 a 05/03	Encontro por Equipe
3° Encontro	08/03 a 12/03	Encontro por Equipe
4° Encontro	15/03 a 19/03	Encontro Geral - Sábado
5° Encontro	27/03	Encontro por Equipe
6° Encontro	29/03 a 02/04	Encontro por Equipe
7° Encontro	12/04 a 16/04	Encontro por Equipe
8° Encontro	19/04 a 23/04	Encontro por Equipe
9° Encontro	03/05 a 07/05	Encontro por Equipe
10° Encontro	10/05 a 14/05	Encontro por Equipe
11° Encontro	22/05	Encontro Geral - Sábado
12° Encontro	24/05 a 28/05	Encontro por Equipe
13° Encontro	31/05 a 04/06	Encontro por Equipe
14° Encontro	14/06 a 18/06	Encontro por Equipe
15° Encontro	21/06 a 25/06	Encontro por Equipe
16° Encontro	27/06	Encontro Geral - Domingo

6.2.4 – Palestras

Por fim, o caderno apresenta as sinopses das palestras de acordo com o eixo temático e com o material que cada palestrante fornecia a respeito do assunto que iria abordar. Deste modo era possível prever quais e quando seriam tratados os assuntos.

Cada eixo temático tinha um professor responsável. Este professor se encarregava das palestras de seu respectivo eixo temático e formava uma equipe com especialistas no assunto para conseguir atender aos 13 Pólos consecutivamente.

Eixo Temático e Palestrantes – 6ª fase	
Eixo	Professor Coordenador
Pluralidade Cultural e Educomunicação	Profª. Dilma Melo e Silva
Meio-ambiente e Educomunicação	Lila Santos
Protagonismo Juvenil e Educomunicação	Marilda dos Santos Lima
Políticas de Comunicação e Participação Popular	Terlânia Bruno
Práticas Educomunicativas	Profª. Maria Cristina Costa Profª. Marília Franco
Saúde e Educomunicação	Terlânia Bruno e Rafael Garcia
Linguagens da Comunicação	Prof. Adilson Citelli Profª Roseli Fígaro
Mediações	Prof. Mauro Wilton de Souza

Por meio dos temas estudados durante o curso, é possível posicionar-se politicamente frente à educação que queremos e, aí sim, elaborar um planejamento educacional reorganizando a gestão do espaço, do tempo e das relações entre as pessoas e com o meio-ambiente.

Quanto ao **Caderno de Orientações de atividades da 7ª fase** (2º semestre de 2004), as variações em relação ao Caderno da 6ª fase são poucas,

e seguem o mesmo padrão de formatação e sequência das atividades da 6ª fase.

Houve mudança na capa. No material da fase anterior a capa constituía-se de um microfone, e na última fase traz uma fita cassete como ilustração. O desenho ou ilustração que os cadernos trazem na capa, foram também os logotipos das respectivas fases. Todos os documentos, textos e materiais impressos trazem o logo da respectiva fase em que foram utilizados, permitindo uma rápida identificação por parte de todos os integrantes do curso (equipe de formação e cursistas) como também facilitando a organização do armazenamento dos materiais.



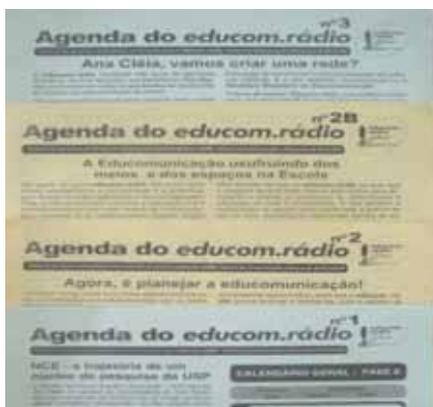
Logotipo da 6ª fase

Logotipo da 7ª fase

6.3 – Agenda do Educom.rádio



As agendas são subsídios ou material de apoio aos cursistas. São impressas em papel colorido e possuem quatro páginas cada uma.



6.3.1 – Agendas da 6ª Fase:

Agenda do Educom.rádio número 1

A **Agenda Número 1** da sexta fase é impressa em papel sulfite de cor verde e fonte de cor preta. A primeira página é organizada em duas colunas, uma coluna traz a trajetória do NCE e, de modo sucinto, aborda desde a fundação do núcleo em 1996, quando se deu sua primeira grande pesquisa que possibilitou definir o campo da Educomunicação até o Programa Educom.rádio, com informações sobre o Programa, que nasceu da parceria do NCE com o Projeto Vida da SME/PMSP.

Na segunda coluna da primeira página é apresentado o calendário geral da sexta fase, dividido em três módulos de quatro encontros, indicando também o assunto e atividades previstas para cada dia.

A página 2 mostra um calendário com as cinco semanas do módulo 1, com espaço para que os cursistas pudessem planejar as tarefas entregues e discutidas nos encontros dos sábados.

A terceira página é reservada para anotações e registros dos cursistas. Já a página 4, traz um texto produzido pela equipe de Produção Radiofônica do NCE, com o título *Características do Rádio*. O texto aborda as seguintes características do rádio:

- Imediatismo;
- Instantaneidade;
- Penetração;
- Mobilidade;
- Individualidade;
- Oralidade;
- Sensorialidade.

Além disso, discorre sobre os recursos sonoros, como:

- Música;
- Ruídos;
- Efeitos especiais;
- Silêncio.

O texto ainda adverte sobre o que precisa ser evitado durante um programa de rádio como rimas e cacofonias.

É neste texto que o cursista tem contato com o conceito teórico de como se deve produzir um programa radiofônico com qualidade.



Agenda do Educom.rádio número 2

A **Agenda Número 2** é impressa em papel sulfite de cor amarela e usa fonte de cor preta. A primeira página traz um texto produzido pelo supervisor geral do programa, Ismar de Oliveira Soares, com o título *Agora, é Planejar a Educomunicação!*

O texto propõe um olhar atento sob as complexas relações entre mídia, escola e aprendizagem a partir da perspectiva da educomunicação.

O autor adverte que o Programa Educom.rádio não é apenas um curso de técnicas radiofônicas, ressaltando que o objetivo é repensar a relação escola/comunicação/educação.

O texto ocupa a primeira página inteira e metade da segunda página. O restante da segunda página, juntamente com a terceira, fica reservado aos registros dos cursistas mediante discussão do texto.

A página 4 apresenta os equipamentos de rádio aos cursistas e orienta quanto ao uso dos mesmos. Orienta ainda, quanto à comunicação com o NCE, sobre o agendamento de capacitação técnica e indica o site do Educom.rádio como recurso para consultas e novas informações.

Agenda do Educom.rádio número 2B

A **Agenda Número 2B** é impressa em papel sulfite de cor amarela e usa fonte de cor preta. Traz um texto elaborado pela equipe de formadores do NCE, sob a supervisão de Ismar de Oliveira Soares, com o título *A educomunicação usufruindo dos meios e dos espaços na escola*.

O texto ocupa a primeira página e metade da segunda página, aborda a questão de que diferentes linguagens podem colaborar com a aprendizagem a partir de práticas educacionais. O texto trata também das interações do rádio com a imprensa, propondo o trabalho com o jornal e as revistas, tratando a imprensa sob dois aspectos: como objeto de estudo e como meio de comunicação.

No restante da página 2, há um quadro com a metodologia das cinco etapas de produção de práticas educacionais no Educom.rádio e suas definições, conforme o quadro abaixo:

Metodologia das cinco Etapas	
1 Levantamento e Definição de Pauta	– Momento em que todos podem opinar sobre o que querem incluir no programa. Os itens propostos devem ser anotados e expostos para todo o grupo, daí procede-se à votação, anotando o resultado na frente do item apreciado, zelando para que haja a gestão participativa.
2 Preparação e Produção do Programa	– Etapa em que são distribuídas as funções, de acordo com a necessidade e estilo do programa. É também o momento em que todos podem preparar-se ou ensaiar para apresentação do programa.
3 Apresentação	– Esta é a etapa em que os participantes tornam público o que juntos idealizaram. O grupo pode apresentar-se “ao vivo” ou através de gravação que fizeram na fase anterior. O critério para a ordem de apresentação (no caso de mais de uma equipe) deve ser discutido sempre com os participantes.
4 – Avaliação	– Momento em que os próprios participantes avaliam o processo e o produto final de suas produções.
5 - Aplicação	– Plano de aplicação do produto em situações diversas do ambiente escolar, seja em momentos festivos ou de recreação como os intervalos, seja em situações mais formais de ensino, como em sala de aula, na biblioteca, no laboratório de informática etc. É quando o grupo pensa no “para quê” daquilo que produziu.

A terceira página traz outro texto elaborado pela equipe de formadores do NCE, sob a supervisão de Ismar de Oliveira Soares dos mesmos autores, com o título *Educomunicação e a Linguagem Impressa*.

Este texto trabalha com algumas características da linguagem impressa, destacando que a linguagem jornalística completa deve responder às seguintes questões para que a informação não fique incompleta causando estranhamento ao leitor:

- Quem?
- O quê?
- Onde?
- Quando?
- Como?
- Por quê?
- Qual o contexto?
- Quais as consequências?

A leitura crítica dos meios também é incentivada. Há uma proposta de reflexão sobre a mídia, para se entender o que está por trás da notícia.

Por fim, na quarta página, há um glossário com palavras específicas e pertinentes ao assunto de produção midiática.

Agenda do Educom.rádio número 3

Esta **Agenda Número 3** é impressa em papel sulfite de cor verde e usa fonte de cor preta. Na primeira página traz um texto baseado no relato da mediadora Maria Célia Rehder, que conta sobre uma jovem que já havia participado da 5ª fase do Programa Educom.rádio e que, por ter ido para o ensino médio, mudara de escola, mas voltou a participar do curso como membro da comunidade. O nome da jovem é Ana Cléia, daí originou o título do texto: *Ana Cléia, vamos criar uma rede?* Ações como esta da jovem Ana

Cléia, alimentaram a ideia de formar a Rede Brasileira de Educomunicadores e o texto, encerrando-o com essa proposta.

Num box, ao final da primeira página, aparecem informações sobre o II Simpósio Brasileiro de Educomunicação com o tema: *Educom.rádio: uma Política Pública para uma Rádio Cidadã na Escola*.

A segunda página ficou como espaço destinado às anotações. Já na terceira página é apresentado o texto *Construindo a notícia no Rádio*: neste texto são abordados temas ligados ao rádio e à construção de produções radiofônicas como:

- Cabeça da Matéria;
- Estrutura da Redação Radiofônica;
- Entrevista;
- Reportagem;
- Edição.

Na quarta página há um glossário com elementos da linguagem audiovisual: planos e tipos de planos, posição de câmera e tipos de movimentos de câmera.

Na última parte da quarta página, há um quadro com informações e uma carta sobre a mídia produzida pelos jovens do fórum dos adolescentes no Rio de Janeiro, onde ocorreu a 4ª Cúpula Mundial de Mídia e o NCE esteve presente com vários jovens e alguns membros da equipe de formação.

6.3.2 – Agendas da 7ª fase:

As **Agendas da Sétima Fase** são bastante parecidas com as da sexta fase. Também são impressas em papéis coloridos, como forma de distinguir cada momento, e usam fonte de cor preta.

Agenda do Educom.rádio número 1

A primeira página da **Agenda número 1** é praticamente igual a da agenda da fase 6, variando apenas nas datas do calendário geral. Esta agenda possui 12 páginas impressas num papel de cor verde.

A segunda página traz uma tabela de palestras distribuídas por Pólos e uma indicação de que as sinopses das palestras estariam disponíveis no site do Educom.rádio.

A agenda traz um texto com o título *Caminhos da Educomunicação, na América Latina e nos Estados Unidos*, de autoria de Ismar de Oliveira Soares. Este texto ocupa as páginas 3, 4, 5, 6, 7 e 8. Ele apresenta a tese do NCE sobre a emergência de um novo campo e as áreas que o compõem:

- 14 Área da “Mediação Tecnológica na Educação”;
- 15 Área da “Educação para a comunicação”;
- 16 Área da Gestão Comunicativa.

A página 9 dispõe de um texto elaborado pela equipe de Produção Radiofônica do NCE, com o título *Características do Rádio*. Assim como na agenda da fase 6, o texto aborda as seguintes características do rádio:

- Imediatismo;
- Instantaneidade;
- Penetração;
- Mobilidade;
- Individualidade;
- Oralidade;
- Sensorialidade.

Além disso, discorre sobre os recursos sonoros, como:

- Música;
- Ruídos;
- Efeitos especiais
- Silêncio.

A página 10 é destinada às anotações dos cursistas, enquanto a página 11 traz o espaço para o planejamento das semanas do módulo 1. Na página 12 estão disponíveis informações sobre assiduidade e certificação e também as escolas que fizeram parte da sétima fase, divididas nos 10 Pólos.

Agenda do Educom.rádio número 2

A **Agenda Número 2** da sétima fase possui 8 páginas e é impressa em papel de cor amarela e usa fonte de cor preta. As páginas 1, 2 e 3 são exatamente iguais às páginas da agenda nº 2 da sexta fase, descritas anteriormente.

Essa agenda apresenta um diferencial em relação à fase anterior, o texto de autoria da prof^a. Maria Luisa Rinaldi da Universidade Metodista de São Paulo, com o título *Uma breve história do rádio no Brasil*, com os seguintes subitens:

- A década da virada;
- As décadas de ouro do rádio brasileiro;
- A implantação da TV e do rádio;
- O rádio hoje;
- As rádios comunitárias.

A página 8 apresenta os equipamentos de rádio aos cursistas e orienta quanto ao uso dos mesmos, assim como na agenda da 6ª fase.

Agenda do Educom.rádio número 3

A **Agenda Numero 3** da sétima fase possui quatro páginas, é impressa em papel de cor azul, usa fonte de cor preta e seu conteúdo é o mesmo da **Agenda 2B** descrita na sexta fase.

Agenda do Educom.rádio número 4

A **Agenda Número 4** tem quatro páginas, papel de cor amarela e corresponde à **Agenda Número 3** da sexta fase. O que há de diferente entre as duas agendas é que na sexta fase há um texto com uma proposta de se criar uma rede, enquanto na sétima fase, a RBE – **Rede Brasileira de Educomunicação** já está criada e inclui um convite para participar da mesma. Esta Rede foi lançada oficialmente no III Simpósio Brasileiro de Educomunicação que teve como tema **Educom.rádio: Protagonismo para Democratizar**. Atualmente a RBE encontra-se com mais de 4.500 emails de professores da rede, especialistas em comunicação, educação e terceiro setor.

Na última página dessa agenda, há um box informando que o novo site do NCE já está no ar: www.usp.br/nce/.

6.4 – Boletim: O Educomunicador



Os primeiros números do Boletim Informativo do NCE da ECA/USP e da Editora Salesiana – O Educomunicador foram impressos em papel couchê, quatro cores e entregues aos cursistas e equipe de formação do NCE. Os boletins tiveram 25 números impressos. Seu conteúdo baseava-se em artigos sobre educação, comunicação, televisão, rádio, escolas e ONGs que usavam a mídia como forma de ampliar o conhecimento dos envolvidos, assim como também a trajetória do Programa Educom.rádio.

A partir do número 25 o boletim passou a ser virtual, sendo enviado para aproximadamente 4500 emails de profissionais ligados à área de comunicação, educação e terceiro setor. Com o boletim virtual foi possível abranger um maior número de pessoas interessadas nas informações da área da educomunicação.

Apresentamos, a seguir, os boletins que foram impressos e os tópicos que os compõem:

O Educomunicador Nº. 0 - Setembro de 2001



. Este boletim constitui-se de 04 páginas e traz as seguintes matérias:

- **Projeto leva o rádio a 455 escolas municipais.**
- **Democratização da Comunicação une empresas e centros de pesquisa da USP.**
- **Padrinhos: Comunicadores Voluntários.**
- **O que é o Projeto Vida.**

Conheça os Patronos do Projeto Educom.rádio: Celestin Freinet, Januz Korczak, Mário Kaplún, Paulo Freire e Mariazinha Fusari foram escolhidos como patronos e emprestam seus nomes a cada Pólo, por sua contribuição ao campo da comunicação / educação. Esta matéria apresenta cada um deles com uma breve biografia de cada um.

O Educomunicador Nº. 01 - Novembro/2001

Este boletim traz as seguintes matérias:

- **O Projeto Educom.rádio é apresentado na Assembleia Legislativa no dia 19 de outubro.**
- **Educação, Comunicação e Livros, uma parceria que dá samba!**

- **A opinião dos participantes do Educom.rádio:** depoimentos de alunos e professores ressaltam a liberdade criativa do curso, o caráter participativo do projeto e a aprendizagem propiciada.
- **Supervisor do Projeto divulga Educomunicação:** o professor Ismar de Oliveira Soares foi eleito presidente da UCIP, entidade que reúne pesquisadores e profissionais da comunicação de 130 países. O professor Ismar participou em Brasília de um debate no Senado, em defesa do diálogo entre comunicadores e educadores.
- **Estudantes da rede discutem a paz mundial:** cada unidade escolar participante apresentou uma proposta para a paz mundial, em diferentes manifestações culturais.
- **Notas:** Educom.rádio na semana Paulo Freire; NCE perde acervo em incêndio na ECA-USP; “Fazenda Esperança” pesquisa sobre telenovela; Congresso sobre educação à distância no México; CAAP faz avaliação presencial.
- **SOS Telenovela, o que você guardou de lembrança pode ajudar nossa memória:** Professora da ECA-USP descreve danos causados ao NPTN por incêndio e lança campanha em favor da memória da telenovela, o gênero mais popular da televisão brasileira.

O Educomunicador N°. 02 - Dezembro de 2001

Este boletim constitui-se de 08 páginas e traz as seguintes matérias:

- **NCE da USP forma os primeiros Educomunicadores do Município de São Paulo:** um grupo de aproximadamente 350 professores da rede pública municipal concluiu, no dia 15 de dezembro de 2001, sua fase de preparação teórico-prática para o planejamento e introdução da Educomunicação nos planos pedagógicos das escolas.
- **Vale a pena conferir:** Supervisor Geral do Educom.rádio no programa AÇÃO, comandado por Serginho Grosman. Professor Ismar falou de Educomunicação e TV em sala de aula.
- **Impressões que legitimam o êxito do Educom.rádio.**

- **Educom.Escolas:** estampa uma proposta de jornal informativo, criado pelo Pólo Celestin Freinet.
- **Diário Aflito de uma articuladora Kapluniana:** por Teresa Melo.
- **Carta de um membro da equipe escolar:** inspetora Terezinha Maria da Silva conta emocionada a experiência com produção radiofônica de uma professora de Ciências na sua escola.
- **Educomunicadores do Mariazinha Fusari em Ação.**
- **Alunos do Educom.rádio levam mensagem de paz à UMESP.**
- **Educom.rádio pelo grupo Janusz Korzack nas escolas da zona sul de São Paulo.**
- **A metodologia de trabalho do Educom.rádio.**
- **Os grêmios favorecem o Educom.rádio.**
- **Editora Salesiana conta as histórias de Marina Silva e do padre Rosalvino.**
- **Olimpíadas da cidadania.**

O Educomunicador N.º. 03 - Fevereiro de 2002

Constitui-se de 08 páginas e traz as seguintes matérias:

- **Segunda fase do Educom.rádio tem início com 39 novas escolas.**
- **Escolas participantes do Educom.rádio 2002.**
- **Patronos do Educom.rádio:**
 - Grupo Paulo Freire
 - Grupo Domitila Chungara
 - Grupo Ari Barroso
 - Grupo Mariazinha Fusari
 - Grupo Landell de Moura
 - Grupo Janusz Korzack
 - Grupo Darcy Ribeiro
 - Grupo Mário Kaplún
 - Grupo Nise da Siveira

- Grupo Celèstin Freinet
- Grupo Roquette Pinto
- Grupo Monteiro Lobato
- Grupo Carlos Leôncio da Silva
- **Calendário de atividades.**
- **Editora Salesiana firma parceria com revista Comunicação e Educação.**

O Educomunicador N°. 04 - Abril de 2002

Constitui-se de 08 páginas e traz as seguintes matérias:

- **Projeto do UNICEF reúne as 66 escolas do Educom.rádio:** a “campanha diga sim pela criança no Brasil” reúne as 26 escolas da primeira fase do projeto e as 40 escolas da segunda fase do projeto.
- **Educom.rádio em Florianópolis:** professora Pollyana Rímoli Alves, a aluna Marina Silva Ramos e o aluno Izael Altino dos Santos juntamente com o supervisor do projeto, professor Ismar, participaram da *Terceira Jornada de Debates Mídia e Imaginário Infantil*.
- **Primeira fase do Educom.rádio é bem avaliada pelos participantes.**
- **Momentos inesquecíveis.**
- **Depoimentos.**
- **História do rádio no Brasil** (primeira parte).
- **Estrutura do Educom.rádio muda para atender demanda:** a estrutura do projeto foi alterada, passando de 5 grupos na primeira fase, para 13 na segunda fase.
- **Bilhete aos diretores.**
- **ECA 30 anos de Pós-graduação em Comunicação.**
- **Conferência de Orozco dá início às comemorações dos 30 anos da Pós-graduação da ECA.**
- **Editora Salesiana promove lançamentos na 17ª Bienal do Livro.**

O Educomunicador N°. 05 - Maio de 2002

Este boletim constitui-se de 08 páginas e traz as seguintes matérias:

- **A Comunicação nos Eixos Temáticos, o próximo capítulo do Educom.rádio.**
- **Projeto Educom.rádio participa de campanha da UNICEF e motiva escolas da PMSP a votar ações prioritárias.**
- **Ações Prioritárias.**
- **Delegação do Educom.rádio em Brasília.**
- **Salesianas adotam Educomunicação em suas obras nas três Américas.**
- **NCE realiza curso na Cidade do Conhecimento.**
- **História do rádio (última parte).**
- **Conhecer os equipamentos do Educom.rádio, para melhor usá-los.**
- **Cidadania em ação revoluciona escola e comunidade.**
- **Cidadania em ação: um projeto com a participação da sociedade.**

O Educomunicador N°. 06 - junho de 2002

Este boletim constitui-se de 08 páginas e traz as seguintes matérias:

- **Educom.rádio: o que fazer depois do curso?**
- **Novo Projeto do NCE discutirá a TV na sala de aula.**
- **NCE e Universidade Estadual de Ponta Grossa promovem o IV Simpósio Brasileiro de Comunicação e Educação.**
- **As redes radiofônicas: conflitos e convivência com as rádios locais e regionais.**
- **O rádio e a internacionalização da mídia.**
- **O global e o local.**
- **“Todos os dias o mundo nasce pelas crianças”, diz Laila, 9 anos, participante do Educom.rádio, na BBC.**
- **Fátima Silveira da Silva, a poetisa do Educom.rádio.**

- **Projeto Vida promove Samba-Teatro em Escolas Abertas.**
- **Revista Comunicação & Educação ensina a discutir mídia.**

O Educomunicador N°. 07 – Agosto de 2002



Este boletim constitui-se de 08 páginas e traz as seguintes matérias:

- **Quando o Rádio, a TV e a Internet se encontram no Educom.**
- **Educom.rádio: há quase um ano soltando a voz.**
- **Estrutura do Projeto.**
- **Resultados do Educom.rádio.**
- **Avaliação da segunda fase:** Novamente a equipe do NCE obteve índices elevados de aprovação.
- **Ao “professor doutor” Igor, 15 anos, 8ª série.**
- **Representante do PNUD conhece o projeto.**
- **Educom.humor.**
- **Ato religioso lembra Tim Lopes e pede paz.**
- **Educomunicação é tema de teses e dissertações.**
- **Centro UNISAL abre suas portas para o Educom.rádio.**
- **Educação com amor.**
- **Educom.rádio 2001/2002:** mapa com distribuição das escolas municipais de ensino fundamental atendidas no projeto.

O Educomunicador Nº. 08 – outubro de 2002



Este boletim constitui-se de 08 páginas e traz as seguintes matérias:

- **Educom.TV, um projeto em parceria.**
- **Professores da rede estadual de ensino se preparam para ver TV na escola.**
- **Encontros Presenciais confirmam sucesso do Educom.TV.**
- **Educom.TV se baseia em ambiente virtual de aprendizagem.**
- **Mídia destaca Educom.TV.**
- **Tutores do Educom.TV participam de encontros e atendem orientandos.**
- **Conversando com os coordenadores do Educom.TV: em busca de outra postura pedagógica.**
- **Os sentidos da aprendizagem.**
- **Mario Lago: homenagem a um comunicador-educador.**
- **Adolescentes esperam a palavra dos educadores sobre a mídia.**
- **Mensagem de um cursista do Educom.TV.**
- **Tôdeolho.tv: projeto direcionado aos jovens (10 alunos de 35 escolas) da escola pública estadual.**
- **Teleconferência discute Protagonismo Juvenil e Educomunicação.**
- **Educom.humor.**
- **Educom.TV no estado de SP: mapa do estado com diretorias de ensino atendidas pelo Educom.TV.**

O Educomunicador N°. 09 – outubro de 2002



Este boletim constitui-se de 08 páginas e traz as seguintes matérias:

- **A festa da Educomunicação.**
- **Um dia muito especial, a abertura da 3ª fase.**
- **Estudantes da FIRB colaboram com evento no Salesiano de Santa Terezinha.**
- **Repórter por um dia.**
- **INTERCOM discute Comunicação e Educação: XXV Congresso da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação: Comunicação para a Cidadania.**
- **Educomunicação é tema de livros lançados na INTERCOM.**
- **Professores da ECA/USP lançam livros.**
- **Crônicas do Educom.rádio.**
- **Noticiário para adolescentes é tema de pesquisa.**
- **Estudantes do Educom.rádio recebem o Prêmio de Educomunicação.**
- **Os estudantes Gabriela e Vinícius falam do Educom.rádio em Porto Alegre.**
- **Projeto Educom.rádio é mostrado em seminário internacional.**
- **Rádio comemora 80 anos no Brasil.**
- **NCE realiza cursos na Paulus.**

- **Estudantes de Fortaleza analisam projetos do NCE.**
- **Equipamentos do Educom.rádio estão chegando às escolas: é hora de usá-los.**
- **Filme: uma onda no ar.**
- **Orientação para as escolas quanto ao equipamento e instalação.**
- **Educom.rádio saúda 80 anos do rádio no Brasil.**

O Educomunicador Nº.10 – novembro de 2002

Este boletim constitui-se de 04 páginas e traz as seguintes matérias:

- **NCE inicia a preparação do V Simpósio.**
- **V Simpósio Brasileiro de Comunicação e Educação:** tema: *Comunicação/Educação: entre a academia e a prática social* – 14 a 17 de agosto de 2003.
- **Objetivos do V Simpósio Brasileiro de Comunicação e Educação.**
- **Prêmio Mariazinha Fusari de Educomunicação.**
- **O perfil do educador:** por Ismar de Oliveira Soares.
- **Pesquisa aponta a emergência do campo da Educomunicação.**
- **Linguagens da Comunicação e Desafios Educacionais:** limites e possibilidades para a ação dos professores do ensino fundamental – por Adilson Odair Citelli.
- **NCE/ECA-USP: seis anos de muito trabalho.**

O Educomunicador N°. 11 – Dezembro de 2002



Este boletim constitui-se de 04 páginas e traz as seguintes matérias:

- **A Educomunicação faz um teste de ouro:** encerramento da 3ª fase do educom e conclusão do curso Educom.TV.
- **Felicitações do NCE.**
- **Planejar para comunicar bem.**
- **4ª Cúpula Mundial de Mídia para Crianças e Adolescentes – Summit 2004.**
- **Secretaria de Comunicação do Rio de Janeiro visita escolas do Educom.rádio.**
- **Educom.TV é concluído e capacita quase 2000 educadores de 1024 escolas estaduais.**
- **Alunos do Educom.rádio entrevistam Antonio Candido.**
- **Saiba mais sobre Antonio Candido de Mello.**

O Educomunicador Nº. 12 – fevereiro de 2003



Este boletim constitui-se de 12 páginas e traz as seguintes matérias:

- **Educom.TV forma 1925 educadores.**
- **Parabéns, educadores do estado de SP.**
- **A aprendizagem no século 21: por Gabriel Chalita.**
- **Educom.TV: construção coletiva.**
- **Uma nova leitura do audiovisual.**
- **O Educom.TV na mídia.**
- **Transformar para educar.**
- **Tutoria: confiança e amizade**
- **Encontros presenciais aproximaram tutores e cursistas.**
- **Educação na era da tecnologia.**
- **TV Escola: a releitura de um grande acervo.**
- **Vocação para a educação.**
- **A hora e a vez da educação.**
- **900 projetos de Educação para 1.024 escolas.**
- **Educom.TV vira livro.**
- **A telinha no contexto da educação.**
- **Por um uso democrático das tecnologias da informação.**

O Educomunicador Nº. 13 – março de 2003



Este boletim constitui-se de 15 páginas e traz as seguintes matérias:

- **Bem-vindos à quarta fase do Educom.rádio.**
- **Fique por dentro do Educom.rádio.**
- **Dados necessários para certificação.**
- **Calendário de participação dos cursistas.**
- **Crônicas de cada um dos 13 grupos.**
- **Acompanhe o Educom.rádio também pela internet:**
www.educomradio.com.br
- **Educom.serviço:** endereços e telefones dos serviços mostrados nos mapas dos grupos de formação.
- **Projeto Vida: presente e futuro**
- **Projeto Vida irá colaborar na implantação dos CEUS**
- **Cursista do Educom.TV diz a Dimenstein como descobriu a educomunicação.**
- **Liceu Coração de Jesus abre suas portas para o Educom.rádio.**
- **Educom.rádio 4ª fase: mapa com as 64 escolas que participarão do projeto.**

O Educomunicador N°. 14 – Abril de 2003

Este boletim constitui-se de 04 páginas e traz as seguintes matérias:

- **Por uma cultura da Paz.**
- **Marta Suplicy visita o Educom.rádio.**
- **Estudantes entrevistam secretária da educação do município: Maria Aparecida Perez.**
- **Bombeiro se engaja como agente multiplicador.**
- **Jovens do Educom.rádio usam RAP para se expressar.**
- **A família inteira está no educom: pai vai como membro da comunidade e convence filho, aluno da escola a participar também.**
- **Professores deixam-se seduzir pela Educomunicação.**
- **Genebra 2003 e a democratização do rádio.**
- **Educomunicação terá seminário na Europa em 2003.**

O Educomunicador N°. 15 – agosto de 2003

Este boletim constitui-se de 04 páginas e traz as seguintes matérias:

- **O Educom.rádio e as políticas públicas do Município de São Paulo.**
- **É preciso planejar o ano de 2004.**
- **Fique por dentro do Educom.rádio: Programação – Palestras – Emefs participantes – certificados e faltas.**
- **Da escola à internet: a viagem pelas ondas do rádio.**
- **Educom.rádio cria I Simpósio Brasileiro de Educomunicação.**

O Educomunicador Nº. 16 – setembro e 2003



Este boletim constitui-se de 04 páginas e traz as seguintes matérias:

- **Rádio, democracia e educomunicação.**
- **Deu na mídia: escolas de vários estados querem o Educom.rádio.**
- **Rádio: vocação para a democracia.**
- **Por que Roquette-Pinto lutou pelo rádio?**
- **Radiofusão digital: entre o arroz e o caviar.**
- **Livros sonoros abrem nova perspectiva de produção e trabalho com áudio.**

O Educomunicador Nº. 17 – novembro de 2003

Este boletim constitui-se de 04 páginas e traz as seguintes matérias:

- **A educomunicação já se transformou em política pública?**
- **Pesquisa mapeia desafios para a Educomunicação.**
- **Jovens da África lideram manifestações sobre rádio.**
- **Avaliação: entusiasmo, apesar das dificuldades.**
- **Simpósio debate a implementação de políticas públicas de Educomunicação.**
- **Projeto de lei transforma Educom em política permanente.**

O Educomunicador Especial: Educom em Cartaz

Nº. 18 – Dezembro de 2003



Este boletim constitui-se de um cartaz de 60X40cm. Este cartaz apresenta as seguintes matérias:

- **2004, ano de consolidação do Educom.rádio.**
- **Ações da SME/Projeto Vida.**
- **Um novo ano, repleto de projetos!**
- **Projeto Vida: avaliação e planos para o futuro.**
- **Superdicas para implantar a rádio na sua escola.**
- **Fotos que contam a história da 5ª fase.**

O Educomunicador

Nº. 19 - Março de 2004

Este boletim constitui-se de 04 páginas e traz as seguintes matérias:

- **A educomunicação na agenda do Brasil (e do mundo).**
- **Educom.rádio atenderá 122 escolas.**
- **Revista Viração adota novo projeto.**
- **Educomrádio.centro-oeste: a educomunicação na rádio escola: um projeto do NCE com o Ministério da Educação que levará a educomunicação para 70 escolas.**
- **Articuladores do centro-oeste reúnem-se em São Paulo.**
- **Educomunicação repercute na Europa.**
- **Vem aí a Cúpula Mundial de Mídia para Criança.**

O Educomunicador Nº. 20 – abril de 2004

Este boletim constitui-se de 04 páginas e traz as seguintes matérias:

- **Já ouviu algum adolescente falar nisso antes? Nem eu!**
- **4ª Cúpula Mundial de Mídia para Crianças e Adolescentes:** Rio vira a capital mundial da mídia para crianças e jovens.
- **O NCE no Summit: Fórum dos Adolescentes – Mesas Redondas – Parceiro no Diretório de Pesquisas e Experiências.**
- **A Educomunicação como Política Pública.**

O Educomunicador Nº. 21 – maio de 2004



Este boletim constitui-se de 04 páginas e traz as seguintes matérias:

- **Cheiro de Festa: vem aí o 2º simpósio.**
- **Educom.rádio veio para ficar.**
- **Uma política pública para uma radio-cidadã na escola.**
- **Rádio fomenta protagonismo nas escolas.**
- **Educom pode ajudar a consolidar o OP Criança.**
- **Projeto Vida lança material de apoio.**

O Educomunicador N°. 22 – junho de 2004



Este boletim constitui-se de 04 páginas e traz as seguintes matérias:

- **Para garantir a continuidade do educom.**
- **NCE articula criação da Rede Brasileira de Educomunicadores.**
- **Rede incluirá também os adolescentes.**
- **Quem fará parte da RBE.**
- **Rede latino-americana de *Educomunicación* tem proposta semelhante.**
- **A palavra do MEC sobre o Educom.**
- **O Educom.rádio tem que fazer parte do currículo.**

O Educomunicador N°. 23 – agosto de 2004

Este boletim constitui-se de 04 páginas e traz as seguintes matérias:

- **Educom em festa, aqui e na Tailândia!** Congresso Mundial da UCIP em Bangkok 2004.
- **A Educomunicação e os 70 anos da USP:** Estação Ciência e NCE organizam debates, palestras e exposição que enfocam o papel da Educomunicação junto aos projetos de Extensão da USP.
- **Estação Ciência:** Vocação para a Difusão Científica.
- **3º Simpósio Brasileiro de Educomunicação.**
- **NCE participa da Jornada de Comunicação e Democracia.**



Sábado, 4 de dezembro, 7h33, manhã do sol radiante parte, da Av. Prof. Lúcio Martins Rodrigues, 443, Cidade Universitária, a última van com destino ao Céu Atlântica, no Jaraguá. Outras nove vans já haviam partido, levando, cada uma, dez integrantes da equipe do NCE. Era a última viagem dos mediadores do projeto **Educom.rádio**, para atender aos cursistas da sétima e última fase do programa, em seu último dia de atividades.

Com chuva, mormaço ou sol, mais de 1008 viajantes, no decorrer de três anos e meio, levaram as equipes do NCE ao mesmo destino, a periferia de São Paulo, com a mesma expectativa, a mesma animação, a mesma alegria.

Valiou tanto esforço? A Profa Cida Perez diz que sim, ao garantir que houve uma redução substancial nos registros de atos de violência após a instalação do projeto. Outro sinal positivo foi a decisão da prefeitura de instalar o **Educom** no coração da DDT, isto é, na área do currículo. Segundo a Profa Marília Torelli, coordenadora da Diretoria de Orientação Técnica, a grande contribuição do **Educom** foi trazer para o espaço escolar a gestão democrática da comunicação, garantindo o protagonismo do professor, do aluno e dos membros das comunidades.

O NCE/USP despede-se da atual administração da Secretaria de Educação e dos dirigentes e professores das 455 EMEFs e dos 21 CEUs, agradecendo a confiança e manifestando a certeza de que, de sua parte, ofereceu muito mais do que lhe era exigido pelo contrato de prestação de serviços. Referências, por exemplo, ao desenho (sem custos para a Prefeitura) do laboratório multimídia que, adquirido pelo Banco Santander, acabou sendo enviado a cada um dos CEUs inaugurados ao longo de 2003/2004. Fazemos votos que os equipamentos digitais sejam instalados de forma adequada, por educadoras competentes, e usados de modo processual, de forma a superar a tradicional perspectiva de uso performativo das tecnologias, gerando, ao contrário, processos de integração da mídia no currículo escolar.

Festa de encerramento

Quando as equipes do NCE retornaram, no final da tarde do dia 4 de dezembro, fizemos uma festa e vários brindes de despedida, lembrando os nomes do Secretário Fernando de Almeida, que aprovou o projeto para três anos e meio; das Secretárias Einy Maia e Cida Perez, que deram sustentação ao programa; da Profa Dirce Gomes, primeira coordenadora do Projeto Vida, que convidou o NCE para a parceria; da Profa Marília Torelli e das várias equipes do Vida, que acompanharam o dia-a-dia do projeto. Um brinde especial foi dedicado à equipe de apoio e a cada um dos 1008 especialistas que ao longo do processo mantiveram aberta a chama da educação nos 84 pólos em que o projeto se desenvolveu.

Fica, como herança, a RBE – Rede Brasileira de Educadoras (www.usp.br/rbe) e o site do projeto (www.educomradio.com.br), através do qual os participantes do Educom poderão estar divulgando suas conquistas e dialogando sobre os caminhos da educação no município de São Paulo.

Pelos meses a seguir, ficará na memória a partida da última van, às 7h33, para o Jaraguá.

Prof. Dr. Ismar de Oliveira Soares
Supervisor Geral do Núcleo de Comunicação e Educação da ECA/USP

Este boletim constitui-se de 06 páginas e traz as seguintes matérias:

- **Encontro n.º 1008: última van para o Jaraguá.**
- **A memória do Educom transmitida com Arte.**
- **O Educom.rádio firma raízes e atinge novas áreas.**
- **Lembra da Ana Cléia? Virou uma Educomunicadora.**
- **Quase 100 mil visitas ao site do Educom.**

7.0 – Análise dos dados dos Planejamentos

Reservamos este capítulo para apresentar a análise dos dados colhidos a partir da leitura das fichas usadas para examinar o tópico do programa do curso Educom.rádio, referente ao processo de planejamento da educomunicação nas escolas do município.

Adiantamos que encontramos certa dificuldade na tabulação dos dados. Por não terem sido organizados por tópicos e por haverem favorecido respostas valorativas, com expresso carácter subjetivo, a gama de respostas que deles resultou ficou muito vasta. Nesse sentido, as fichas foram lidas com muito cuidado.

7.1 – Ficha de Planejamento: modalidades de uso

Observamos que a equipe teve o mesmo cuidado ao apresentar a ficha de planejamento aos cursitas, como atesta o texto que apresenta o subsídio e informa sobre seu correto entendimento e uso. Reproduzimos, no quadro abaixo, as orientações quanto ao preenchimento da Ficha de Planejamento do Educom.rádio:

Sobre a ficha de planejamento é importante entender que:

- O objetivo da ficha é facilitar a elaboração de um planejamento da ação educacional de forma precisa e concisa.
- O trabalho deve ser feito por uma equipe, com membros de uma mesma escola. Este trabalho se dá, inicialmente, em grupos separados (estudantes/membros da comunidade e educadores/membros da comunidade), mas resultará num planejamento único da escola com o trabalho da oficina de Planejamento da Educação.

O Problema – Foco: Obstáculos que impedem a comunicação na escola. Questão a resolver: *Que projeto especial poderia ser desenvolvido com o uso da produção radiofônica visando à resolução do problema-foco levantado pelo grupo?*

A Ficha de Planejamento é um roteiro para a elaboração deste projeto.

Com as fichas em suas mãos os cursitas (professores, alunos e membros das comunidades) eram informados que a construção do planejamento educacional na escola deveria ser obra da coletividade e não apenas de um dos segmentos. Nesse sentido, o planejamento previa dois momentos: o da

construção dos planejamentos por setores (professores, de um lado, e alunos do outro, com os membros da comunidade elegendo com quem se aliariam); e no momento de finalizar o processo de construção do planejamento, era proposto que os três segmentos dialogassem entre si sobre suas respectivas propostas.

O objetivo era que cada escola obtivesse um planejamento único, que fosse resultado da contribuição e do consenso de cada unidade escolar enquanto grupo.

7.2 – Amostragem

Trabalhamos com uma amostragem constituída por 169 fichas de planejamento, correspondentes aos trabalhos de representantes de comunidades educativas (professores/alunos e membros da comunidade escolar) de 169 escolas que frequentaram a 6ª e 7ª fases do Educom.rádio.

A amostragem representa a documentação que se encontra nos arquivos do NCE, na USP. Levando em conta que, em sua totalidade, a 6ª e 7ª fases atenderam 200 escolas, a amostragem com a qual trabalhamos representa uma porcentagem significativa de 84,5% do universo em foco.

7.3 – Ficha de Planejamento: sequência dos tópicos

Apresentamos, a seguir, a FICHA DE PLANEJAMENTO DE AÇÃO EDUCOMUNICATIVA, inspirada no “Sistema transversal de ensino – aprendizagem” desenvolvido por Stella Piconez, do NEA – Núcleo de Educação de Jovens e Adultos e Formação Permanente de Professores da Faculdade de Educação da USP.

A ficha continha 10 tópicos que permitiam aos planejadores contextualizar o trabalho, buscando a solução educomunicativa para os problemas diagnosticados. Fugia-se, assim, essencialmente, da perspectiva tecnicista do uso do rádio como mídia. Vejamos:

<p>Doc.02 - FICHA DE PLANEJAMENTO DE AÇÃO EDUCOMUNICATIVA</p> <p><i>Inspirada no SISTEMA TRANSVERSAL DE ENSINO - APRENDIZAGEM desenvolvido por Stella Piconez, do NEA - NÚCLEO DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS E FORMAÇÃO PERMANENTE DE PROFESSORES - FEUSP</i></p> <p>Adaptação: Ismar de Oliveira Soares – NCE/ECA/USP</p>
<p>01 – AUTORES: indicar o nome dos cursistas, a Emef e o grupo (patrono do pólo).</p>
<p>02 - O DIAGNÓSTICO (identificando o problema): é preciso reconhecer o que vem dando certo, bem como identificar o que vem dificultando a comunicação no espaço escolar e a construção de uma convivência de paz. Identifiquem e descrevam um problema-foco que esteja inquietando sua equipe, este problema-foco deve ter relação com os ecossistemas comunicativos da escola.</p>
<p>03 – AMPLIANDO NOSSO OLHAR! Ilumine o problema-foco sob vários aspectos (científicos ou não) procurando entendê-lo melhor. Para tanto observem com mais cuidado o espaço escolar e procurem identificar como ocorrem os processos de comunicação entre pessoas, grupos e as diferentes funções na comunidade escolar (pais, agentes escolares, professores, diretor, coordenador, outros). Façam também uma leitura da realidade sob o foco das teorias da Educomunicação apresentados durante o curso Educom.rádio a fim de facilitar a re-organização e re-elaboração dos argumentos, hipóteses, conceitos e</p>

estimativas para resolução do problema-foco.

04 – INSERINDO OS EIXOS TEMÁTICOS: destaquem como os valores básicos para o Educom.rádio (exercício da cidadania, respeito à diversidade étnica-sócio-política-cultural e ambiental) apresentados durante o curso, poderão ser considerados na resolução do problema-foco. Ou ainda, indiquem os temas transversais do currículo que estarão sendo tratados através deste planejamento da ação educacional.

05 - SOBRE A PARTICIPAÇÃO DOS INDIVÍDUOS E/OU GRUPOS: Identifiquem de que forma os membros da comunidade escolar tomarão parte da solução do problema-foco, qual função e responsabilidade que cada um assumirá.

06 - COMPETÊNCIAS BÁSICAS DOS EDUCOMUNICADORES: indiquem aqui o conjunto de habilidades que deverão existir durante atuação de todos envolvidos.

07 - PERÍODO DE REALIZAÇÃO DO PROJETO: Indicar o período em meses, semestres ou anos em que o projeto estará sendo implantado, e ainda o período em que o projeto estará funcionando na escola.

08 - O PROJETO EDUCOM.RÁDIO (introduzir o título e as ações previstas): Pensem como a educação poderá desenvolver as habilidades de expressão dos educadores, membros da comunidade e estudantes, lembrando que o projeto tem como meta principal a criação de um ecossistema comunicativo escolar cada vez mais aberto e democrático, e caminhar para a solução do problema-foco.

09 - NOSSO RÁDIO NO PROJETO! (inclua detalhes no campo 10): Indicar como o rádio será usado no projeto, a partir do que já foi elaborado anteriormente no plano de implementação do educom.radio na sua escola.

10 – DETALHAMENTO PARA O FUNCIONAMENTO DA RÁDIO:
 Duração dos programas de rádio.
 Local onde os programas serão ouvidos.
 Metodologia a ser utilizada na elaboração dos programas.
 Cronograma de veiculação dos programas.
 Resultados obtidos e esperados.

Na leitura e análise dos planejamentos produzidos pelos cursistas, a partir do uso desta ficha, ficou notório que eles, de um modo geral, buscaram um canal para expressar os elementos do cotidiano escolar que os afligiam, dando a entender que encontraram neste canal um caminho para ordenar suas aflições.

Alguns grupos de cursistas chegaram a expressar que aquela seria a última tentativa deles, enquanto outros agarravam-se ao planejamento educacional como se fosse uma tábua de salvação. Por tratar-se de uma parceria da Universidade de São Paulo com a Secretaria Municipal de Educação, acreditaram que um planejamento geral no contexto do Educom.rádio teria mais crédito e/ou talvez fosse pelo menos ouvido pela SME.

Na sistematização das fichas de planejamento com que trabalhamos, buscamos aproximar as respostas semelhantes por suas afinidades. Criamos, assim, os eixos temáticos de referência.

7.4 – Partindo do diagnóstico

Os planejamentos foram elaborados de modo dissertativo. Para facilitar a análise de seu conteúdo, optamos por classificar o material a partir da natureza do problema descrito no item 01 da ficha, o “diagnóstico”.

Num primeiro contato com o material, detectamos uma recorrência nas reclamações em torno das questões relacionadas a) à comunicação; b) à postura dos alunos e c) à infraestrutura.

Em outras palavras, os autores pretendiam encontrar soluções educativas para problemas relacionados com a comunicação, a disciplina dos alunos ou a melhoria da infraestrutura da escola usando, para tanto, a linguagem radiofônica.

Para entender o eixo “comunicação”, recorremos à definição de McLuhan¹¹⁰, para quem o conceito pode ser definido como o processo que envolve a troca de informações, tomando-se, para tanto, os sistemas simbólicos como base para o entendimento das informações a serem passadas. Quando os planejamentos se referem a problemas no eixo comunicação, estão denunciando as falhas no fluxo de informações ou, até mesmo, a ausência deste processo.

Quanto à postura dos alunos ou a questão da indisciplina, notamos, nos documentos analisados, a existência de diferentes concepções. Enquanto para uns, determinados comportamentos correspondiam apenas a um excesso de vitalidade, para outros, revelavam, pura e simplesmente, um comportamento intencionalmente inadequado ou indisciplina.

¹¹⁰ [McLUHAN, M.](#) *Os meios de comunicação como extensões do homem*. São Paulo: Ed. Cultrix, 1964.

Para o entendimento do conceito de indisciplina, recorremos a um texto de SANTOS e NUNES¹¹¹:

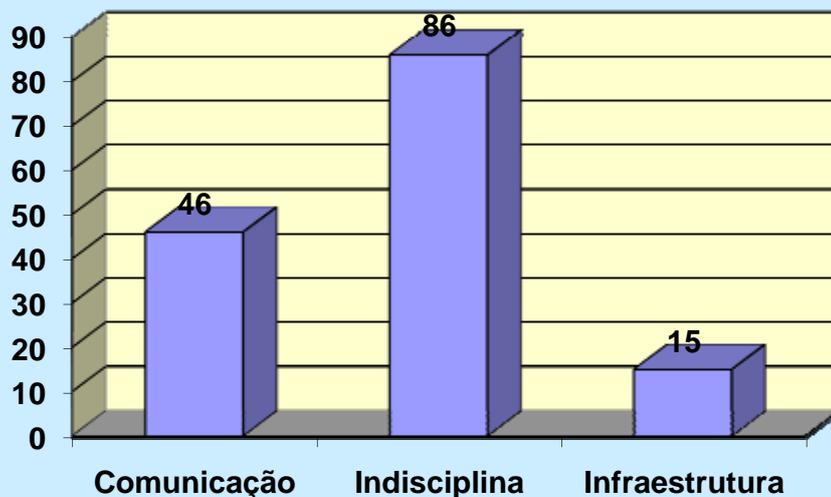
A indisciplina no cotidiano da escola atual tem sido vista como problema, como desvio das normas disseminadas nos sistemas escolares, que inviabiliza a prática educacional. Associada à desordem, ao desrespeito a regras de conduta e à falta de limites, a indisciplina é, frequentemente, centralizada no aluno, o que evidencia um modo individualizante de lidar com questões produtoras/produzidas do/no cotidiano escolar.

O eixo infraestrutura é conceituado neste trabalho como o ambiente escolar, compreendendo espaço físico, instalações escolares, recursos materiais e técnicos e equipamentos disponíveis. Portanto, as análises qualitativa e quantitativa feitas neste trabalho têm a preocupação de considerar a infraestrutura escolar nestes vários aspectos.

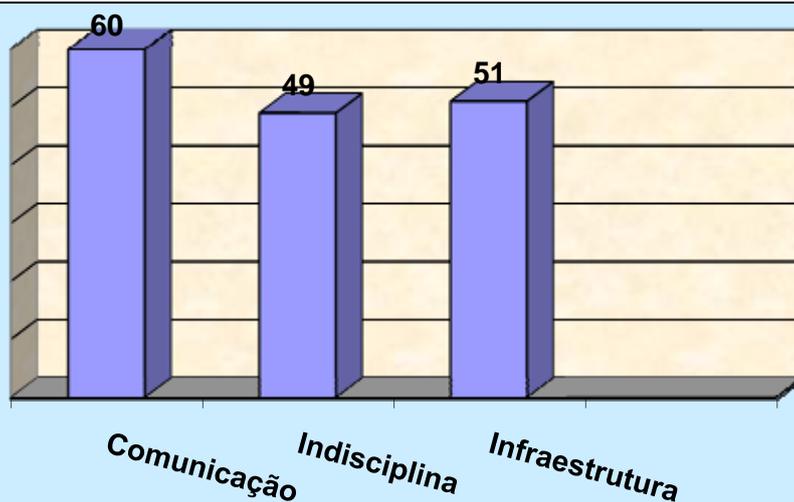
Lembramos finalmente, que se em alguns planejamentos aparecem os três eixos (Comunicação, indisciplina e infraestrutura), em outros o foco se amplia ou se reduz.

A seguir apresentaremos dois gráficos sobre o campo do diagnóstico da ficha de planejamento das 6ª e 7ª fases:

¹¹¹ SANTOS, Claudovone Ferreira e NUNES, Marinildes Figueredo. *A indisciplina no cotidiano escolar*. <http://www.fja.edu.br/candomba/2006-v2n1/pdfs/MarinildesNunes2006v2n1.pdf>.

Gráfico 01: Diagnóstico da 6ª Fase

Conforme o **gráfico 01**, que apresenta o diagnóstico da **sexta fase**, analisando 109 planejamentos, a indisciplina vem em primeiro lugar, apontada por 86 planejamentos; a comunicação aparece em 46 planejamentos, ocupando assim, o segundo lugar e por último, a infraestrutura é apontada por 15 planejamentos.

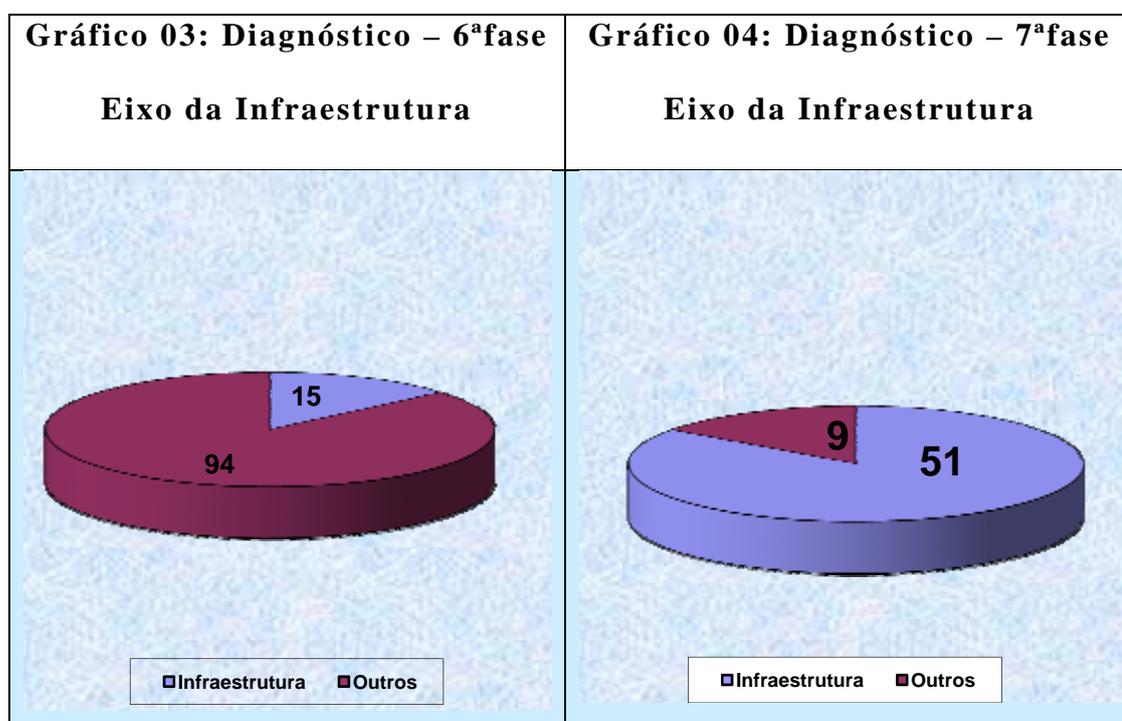
Gráfico 02: Diagnóstico da 7ª Fase

Na **sétima fase**, os planejamentos apresentaram várias respostas para um mesmo item, de modo que um mesmo planejamento pode apresentar os três eixos. Foram 60 planejamentos analisados e todos eles apontaram para o **eixo comunicação** como problema em suas escolas. Destes 60 planejamentos

que já haviam apontado o eixo comunicação, 51 deles indicaram também a infraestrutura e 49 apontaram a indisciplina como itens do problema-foco.

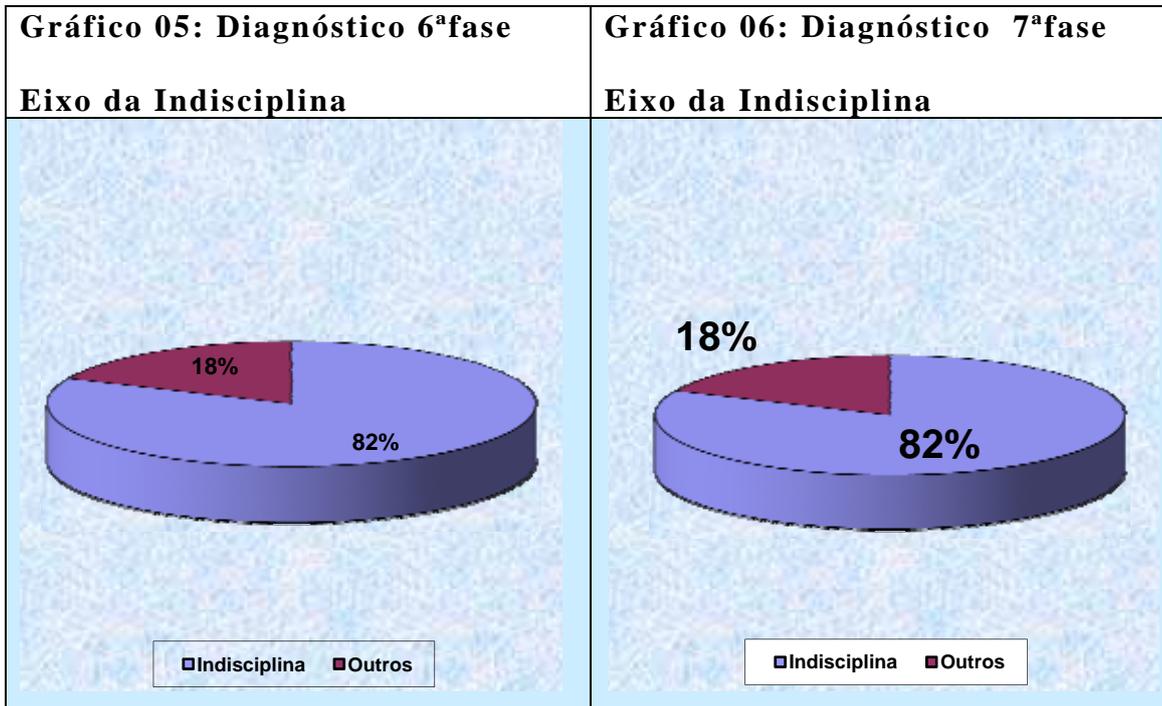
Conforme observamos, o **gráfico 02** apresenta o diagnóstico da sétima fase, analisando 60 planejamentos. A Comunicação vem em primeiro lugar, apontada por todos os planejamentos, a infraestrutura aparece em 51 planejamentos, ocupando assim, o segundo lugar e, por último, a indisciplina é apontada por 49 planejamentos.

7.4.1 - Problema-foco no eixo da infraestrutura



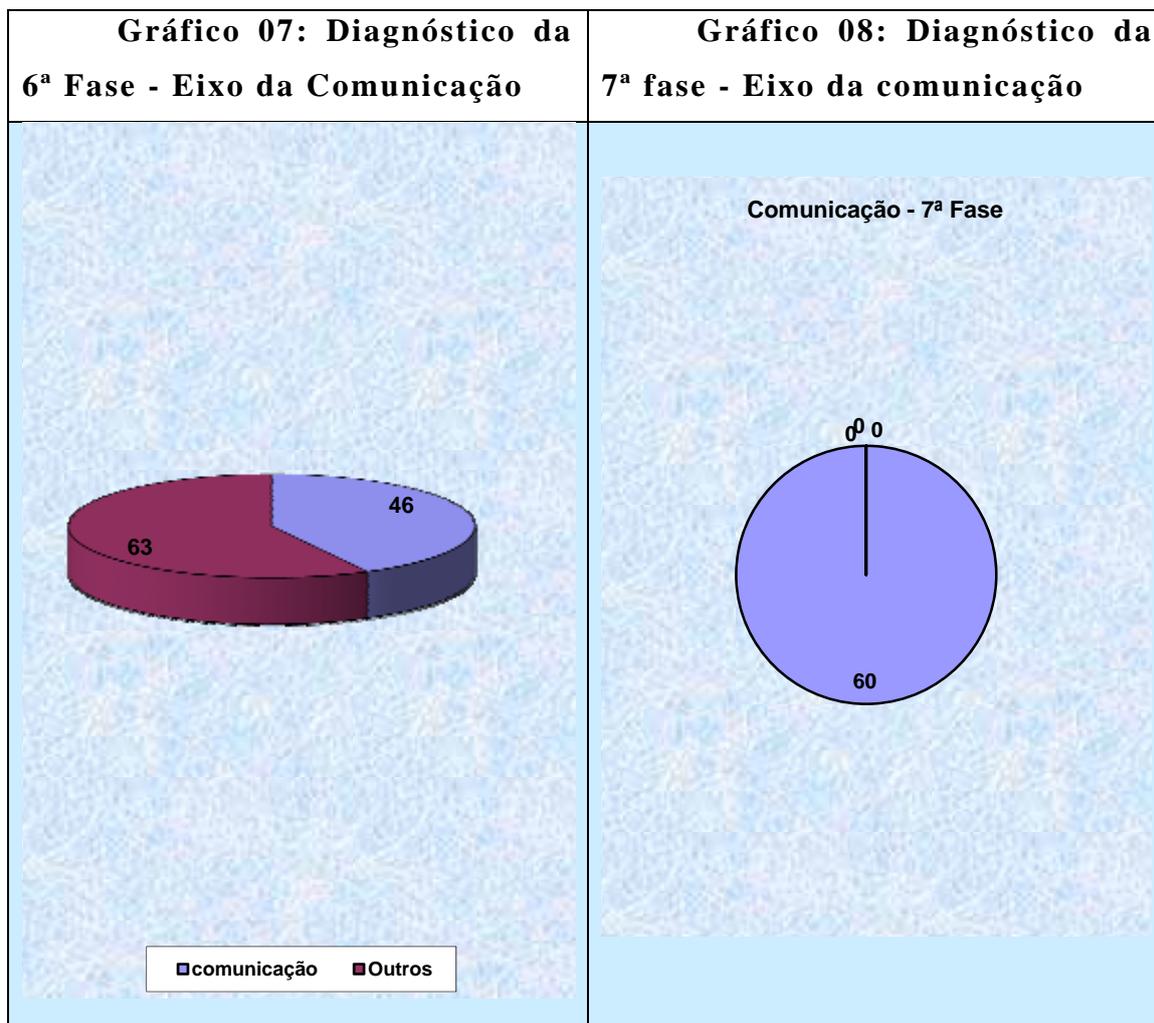
O **eixo infraestrutura** aparece em terceiro lugar na 6ª fase, em 15 dos 109 planejamentos. Na 7ª fase, aparece em segundo lugar, em 51 dos 60 planejamentos. Ao apontar este eixo como problema-foco, os planejamentos estavam se referindo às salas superlotadas, à péssima acústica nas salas de aula, às carteiras e cadeiras quebradas, aos banheiros quebrados, à pouca iluminação, ventilação precária e falta de materiais e equipamentos.

7.4.2 - Problema-foco no eixo da indisciplina



Podemos observar que no *eixo indisciplina*, a preocupação expressa nos planejamentos das duas fases analisadas foram equitativamente iguais. Na 6ª e 7ª fases, 82% dos planejamentos apontaram a indisciplina como o problema-foco.

7.4.3 - Problema-foco na Comunicação



Já 46 dos 109 planejamentos da 6ª fase, apontam como segunda posição o **eixo comunicação**, pois consideram como um dos grandes problemas da escola a falta de comunicação.

A Comunicação, expressada de diferentes formas, é o eixo mais recorrente nos diagnósticos, 31% dos planejamentos da 6ª fase e todos os planejamentos da 7ª fase apontam algum problema ligado à comunicação.

7.5 – Analisando o problema-foco: Comunicação

A seguir será exposta uma série de problemas diagnosticados pelas escolas que, dado o contexto em que foram escritos, levam-nos a supor que estão ligados à comunicação:

- 17 Dificuldades ou falhas na comunicação dentro da escola;
- 18 Falta de comunicação e/ou diálogo com a direção da escola;
- 19 Desorganização quanto às responsabilidades de repassar informações;
- 20 Falta de diálogo entre os atores e até entre os segmentos da escola;
- 21 As informações não circulam entre a equipe técnica e os professores e muito menos entre pais e alunos;
- 22 Informações circulam de maneira truncada e confusa, muitas vezes, os funcionários não sabem a procedência e nem mesmo a quem realmente se destina;
- 23 Informações burocráticas, numa linguagem pouco usual, tornando-as ininteligíveis para muitos;
- 24 Falta de diálogo entre professores e alunos, extremando cada vez mais as posições: professor mais autoritário ou descompromissado e aluno desinteressado ou indisciplinado;
- 25 Falta de preparação ou má formação de alguns profissionais dificulta a comunicação na sala de aula;
- 26 Dificuldade de comunicação entre os vários períodos que a escola atende, não há intercâmbio de informações entre os períodos, nem troca de experiência. É um prédio fragmentado em várias escolas;
- 27 Descumprimento do direito de expressar opinião independente da hierarquia escolar;
- 28 Falta de comunicação entre as pessoas do administrativo para filtrar o volume de informação que chega muitas vezes repetida, ou ainda a outro destinatário, gerando desinteresse em relação aos comunicados;

29 Comunicação sem clareza e objetividade, assim como cartazes com textos longos e sem nenhuma atração;

30 As rupturas no fluxo informacional atrapalham a comunicação, dando espaço às especulações;

31 A falta de divulgação dos eventos no ambiente escolar e a comunicação entre as pessoas dificultam a formação de ecossistemas comunicativos, gerando atritos e impossibilitando o desenvolvimento dos projetos coletivos;

32 Produção e divulgação de informação deficiente;

33 Desconhecimento quanto ao uso das tecnologias na escola e ausência de quem possa orientar;

34 Faltam planejamento e organização das ações e não há uma gestão participativa.

A comunicação é o centro de todas as atividades humanas. Literalmente nada acontece sem que haja comunicação e um grande número de problemas pode ser gerado pela falta de uma comunicação clara e eficiente. São diversas as situações em que ocorrem falta de comunicação, desde a interpretação errada de algo que dizemos, ou que ouvimos até à dificuldade da informação chegar até o receptor. Uma análise de qualquer dos aspectos da vida social vai prescindir da referência aos meios de comunicação e aos fluxos de informação.

Segundo o professor **Gustavo Gomes de Matos**¹¹²,

Em sua essência, a comunicação necessita de resposta para se realizar, pois a mensagem sem retorno não é comunicação, é apenas um comunicado, pura transmissão de dados. É como se fosse o impulso eletrônico ou mecânico de uma máquina para outra. Infelizmente, de um modo geral, é esse tipo de comunicação formal e burocrática – sem feedback, e, por

¹¹² Gustavo Gomes de Matos é professor, consultor de comunicação empresarial e autor dos livros *Comunicação Sem Complicação* e *A Cultura do Diálogo* (Editora Campus / Elsevier)

isso, falha e incompleta – que as empresas mais utilizam em seu cotidiano.

A dificuldade de se encontrar solução para os problemas ligados à falta de comunicação está exatamente na falta de uma educação norteada pela cultura do diálogo, pelo ato de refletir em grupo e pensar com espírito de compartilhamento, respeitando as diversidades culturais e ideológicas de cada pessoa ou grupo, para consolidar um ambiente de convivência das diferenças.

De um modo geral, as escolas não educam as pessoas para a comunicação plena, que engloba as dimensões do falar, ouvir e dar um retorno sobre a comunicação apreendida. Privilegia-se o escutar mecânico e não o ouvir orgânico. Não fomos incentivados a refletir sobre a relação de causa e efeito dos fatos que acontecem no meio ambiente em que vivemos. As pessoas não se sentem comprometidas a dar um retorno, seja por uma sensação de poder, falta de hábito, negligência, desvalorização do outro ou por simples falta de educação. Dessa forma podemos entender as várias reclamações das escolas a esse respeito, isso torna as comunicações deficientes e geradoras de conflitos, improdutividade, crises de relacionamento, disputas de poder, falta de integração, ausência de diálogo e tantas outras queixas citadas anteriormente.

7.5.1 – Ampliando o nosso olhar sob o problema-foco da Comunicação

“Ampliando nosso olhar” é o terceiro campo do planejamento proposto. Neste campo, também buscamos uma aproximação por afinidade de assunto, embora seja ainda mais difícil fazê-lo por tratar-se muitas vezes de textos subjetivos, narrativos e não um texto feito por tópicos.

Para iniciar essa discussão, lançaremos mão do texto da escola da 6ª fase, Emef “Dr. Antônio Carlos de Abreu Sodré”, que retrata bem o que foi proposto:

Educar é um diálogo de gerações, logo, educar é um ato que não está restrito exclusivamente a uma instituição escolar propriamente dito, haja vista que a Escola é um espaço que vive e sobrevive a muitos conflitos, é um espaço de resistência, é heterogênea e adversa. Adversa no sentido de resistir às transformações e avanços.

Aceitar o ato de educar como ato além dos muros escolares, exige de nós uma abertura, uma nova forma de dialogar com o novo e com as novas gerações.

Sendo a escola um lugar de convivência e diversas gerações, o nosso foco maior de trabalho é a infância e a adolescência predominando muitas vezes o olhar das antigas gerações, isso gera muitos conflitos. Até 1987 Benjamim Spack apontava a televisão como uma interferência muito grande na relação dialógica, principalmente na adolescência, o autor aponta “até que a televisão venha a ter programas interessantes e úteis para as crianças, os pais podem simplesmente se livrar do aparelho. Isto evitará que seus filhos sejam brutalizados pela violência e que se tornem passivos por longas horas de imobilizada atenção. Benjamim Spack pediatra (Comunicação Pessoal, 1987), citação feita por Victor C. Strasburguer em seu livro: “Os adolescentes e a mídia - impacto psicológico” (Artemed). Hoje podemos observar novas tecnologias que superam a televisão e continuam gerando adversidade nos meios escolares, adversidades estas que superam o diálogo, o respeito, as diferenças. Diante destes conflitos buscamos bases teóricas que sirvam como suporte ao nosso projeto, viabilizando um diálogo dinâmico, colocando a U. E. em sincronia com todos os elementos que a compõe (fazendo um elo), sociabilizando os espaços existentes, trabalhando os conflitos, sendo a rádio na escola um recurso e ao mesmo tempo proporcionando um espaço democrático, ou seja, um espaço de diálogo e respeito às diferenças, possibilitador de mudanças, produtor e construtor de suas ideias.

Integrar o projeto educativo às práticas curriculares reconhecendo então a inter-relação entre Comunicação e Educação.

Os demais planejamentos sob este foco, encontram ressonância no texto anterior. Tentamos levantar alguns tópicos no campo “Ampliando nosso olhar”, comuns nos planejamentos cujos diagnósticos do problema-foco destacam o eixo da Comunicação:

- Com o Educom, houve estímulo à participação de todos os segmentos;
- Domínio dos códigos da modernidade;
- Viabilizar o diálogo;
- Integrar o projeto educacional às práticas curriculares e garantir seu espaço no PPP;
- Buscar integração para desenvolver um trabalho coletivo com a comunidade;
- Criar ou ampliar espaços de comunicação;
- Proporcionar uma melhor integração dos períodos escolares, através da gestão participativa.

Segundo a Emef Franklyn Augusto de Moura Campos (6ª fase), a comunidade escolar envolve muita gente, em períodos diversos, em horários não coincidentes e com muitas atividades acontecendo ao mesmo tempo, além de avisos internos e informes constantes advindos das coordenadorias (SME, DOM), sobre os quais funcionários e professores devem se inteirar quase que diariamente. Tal situação provoca, muitas vezes, a “quebra” da comunicação, acarretando falta de sequência e de eficiência nas ações. Buscando ampliar o olhar, essa escola foi mais longe, evidenciando a preocupação com o sucesso do projeto, já que é bem comum ser implantados verticalmente os projetos na escola e esta levar o selo de fracassada pelo projeto não ter vingado. O texto a seguir mostra esse desabafo:

Será que o Educom dará conta de tudo isto?

Se der, está aí alcançando a meta ...

- *Que todos tomem conhecimento do que ocorre na escola*

... e dizemos mais, estarão também justificados “os nossos sábados” ...

... e se não der conta ficaremos todos com cara de bobos, achando mesmo que a Escola Pública virou um grande laboratório para ONGs “não lucrativas”, e a USP, a nossa USP – trabalhar com a comunidade porque assim “reza” todo estatuto das universidades.

Mas ... aos olhos dos nossos parceiros “a leitura” será outra ...

Não deu certo?

Também pudera ... funcionários, comunidade, professores, não souberam levar adiante; os professores são incompetentes, sem vontade, mal informados e fizeram o curso só para ganhar ponto.

Fracasso?

A culpa é deles e ponto final.

CASO CONTRÁRIO SERÁ MAIS UM FARDO QUE EMPILHARÃO SOBRE NOSSOS OMBROS.

Emef Franklyn Augusto de Moura Campos

Muitas escolas se ressentem com a falta de comunicação entre os turnos, poucos funcionários do período da manhã conhecem os colegas do período da noite, e vice-versa. Citando um exemplo, dentre os que existem na escola, mesmo procurando ampliar o olhar neste sentido, percebemos que não tiveram muito êxito.

A Emef Professor José Ferraz de Campos, da 6ª fase, tem o entendimento de que o processo de comunicação faz parte do processo de formação das pessoas, não só como alunos, mas como cidadãos. Para a escola

atualmente, a sociedade também espera uma participação efetiva das pessoas através da comunicação. A função social da comunicação passa a ser formadora e instrumento de mobilização. Assim, nessa relação das pessoas com a sociedade, o processo educativo também passa a ser comunicativo. Estar a par de informes e comunicados, é participar.

Neste campo, foi abordada a questão do desenvolvimento tecnológico que acabou criando novos campos de atuação e espaços de convergência de saberes, com isso, várias escolas reconheceram a inter-relação entre Comunicação e Educação e enxergaram como novo campo de intervenção social e de atuação profissional, considerando que a informação é um fator fundamental para a Educação. A “educação para a comunicação”, o “uso das tecnologias na educação” e a “gestão comunicativa” transformaram-se em objeto de políticas educacionais, sob a denominação de educomunicação.

Entendendo a comunicação como bem social, propuseram-se a investir e analisar formas de utilização de instrumentos que valorizassem a comunicação, capacitando o indivíduo a produzir e até a entender melhor o funcionamento da mídia.

Muitas escolas relataram que infelizmente, a diversidade cultural, étnica, de gênero, econômica é muitas vezes desrespeitada. A Emef Prof. Airton Arantes Ribeiro, também da 6ª fase, exemplificou dizendo que, em reuniões de professores, em sala de aula, no intervalo, entre outros momentos, percebem que muitos problemas surgem devido às pessoas terem dificuldade em ouvir e considerar o outro, propiciando más interpretações que geram situações de violência. Acreditam que por meio de um programa de rádio, que enfoque a problemática citada, poderão minimizar as situações de conflito no ambiente escolar.

O espaço escolar, como já é sabido, é múltiplo e comportam pessoas com uma grande diversidade de pensamentos, valores, culturas, crenças e opiniões. Respeitando essa diversidade, a escola se compromete a garantir

que todos tenham acesso às informações e, mais que isso, que tenham o direito de se expressar, sob a ótica da gestão participativa.

É interessante postar aqui um texto da Emef João Domingues Sampaio da 7ª fase, que apresenta uma visão abrangente neste campo, demonstrando que a escola reconhece o conflito e se dispõe a buscar soluções:

A tentativa de ampliar nosso olhar recaiu sobre a questão do “desejo”. Percebemos que os educandos necessitam encontrar no espaço escolar, a possibilidade de efetivarem suas relações sociais, utilizando o mesmo como uma possibilidade de ser feliz no vínculo com o outro.

Não demonstram uma preocupação em relação à aquisição do conhecimento, pois neste momento não estão presentes as necessidades do conhecer institucionalizado, estão voltados para o conhecimento na vertente do seu cotidiano.

Já os professores, bem como, a direção, preocupam-se com o conhecimento formalizado, pois é isto que é solicitado deles, ou seja, o preparo do aluno através dos conhecimentos formais.

É nossa intenção continuar as leituras indicadas ampliando assim nossos conhecimentos.

Temos o objetivo de multiplicar algumas dessas leituras na JEI para fixar, fortalecer e ampliar o conhecimento adquirido no Educom, para que desta maneira esteja integrado em nossos PEA e no Projeto Político Pedagógico.

Outra escola da 7ª fase, a Emef Engenheiro José Amadei, reproduz em um texto que a comunicação é uma forma de expressão e quando se apropria das tecnologias, torna o discurso educativo mais prazeroso.

Falar bem, expressar-se melhor ainda e ter bons discursos são mais educativos do que livros, cadernos, giz e lousa. É por meio da fala que a criança aprende a expressar as suas ideias, defender seus pontos de vista, fazer argumentos e reivindicações.

Nossa cultura brasileira é marcada pela oralidade, no processo de desenvolvimento cognitivo a criança aprende a falar para enriquecer o seu vocabulário de vida, mas quando chega à escola torna-se um aluno que não tem acesso às atividades orais. Durante a sua vida escolar só se prioriza o ler e o escrever. Em nossa sociedade o rádio é tão popular, sejam pobres ou ricos, todo mundo ouve rádio desde a lavadeira com seu radinho de pilha, até o jovem com seu disk-man, além do que a nossa rádio permitirá uma programação integrando os conteúdos estudados e a realidade do aluno.

Não se estuda para ser alguém no futuro, mas sim porque se é alguém agora. O fato das decisões serem coletivas e democráticas ensina a dividir os conhecimentos e opiniões, a própria postura em sala de aula muda. Os alunos agem com mais desenvoltura, fazem mais perguntas, aumenta o senso crítico, a autoconfiança, a autoestima e aprendem a se expressar melhor, exercendo a cidadania de uma forma plena.

O Educom.rádio permitirá aos alunos conhecer e utilizar novas tecnologias, estimulando a imaginação e a criatividade, favorecendo a interdisciplinaridade dos conteúdos estudados.

A Emef Aureliano Leite amplia seu olhar sobre os problemas levantados, buscando embasar-se nos conceitos de educomunicação, citando ainda uma contribuição de Sierra¹¹³ no sentido de encontrar interfaces entre comunicação e educação:

Fatores (princípios) que permitem essa aproximação segundo a educomunicação para a Emef Aureliano Leite:

¹¹³ Sierra, Francisco. *Introducción a la teoria de la comunicacion educativa*. Sevilla: Editorial Mad. 2000.

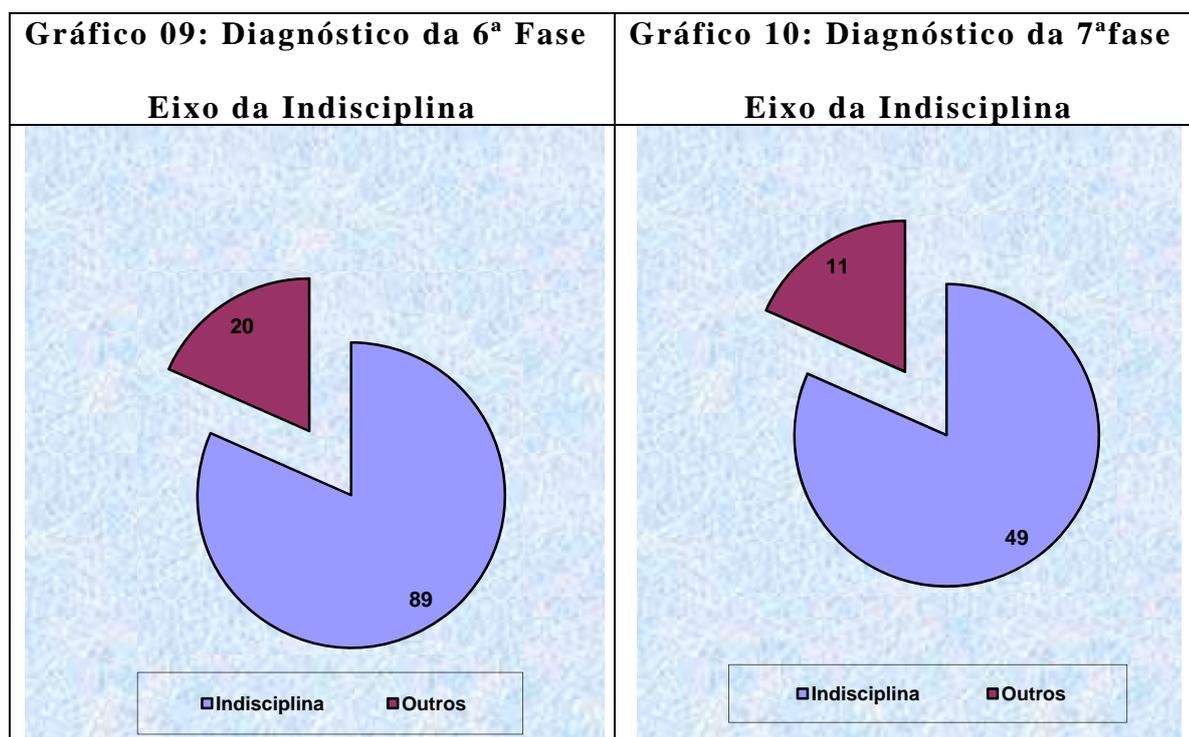
- Princípio da relacionabilidade: A educação é uma forma de relação e a comunicação uma forma de abertura necessária ao outro.
- Princípio da alteridade: O indivíduo é uma entidade constituída no processo de interação com os outros. É o encontro com os outros que nos constitui como sujeitos.
- Princípio da dialogicidade: O diálogo é uma condição de existência. A educação é mais do que um espaço para a transmissão de conhecimento, é um espaço de reconhecimento, uma forma de construção do saber a partir do entendimento e compreensão dos outros e com outros.

Para a Emef Assad Abdala (7^a fase), levar o Audiovisual ou o Rádio para sala de aula é romper barreiras, onde estes, anteriormente, eram usados somente para lazer. Destacam que o uso do rádio ou do audiovisual como agente pedagógico pode trazer melhor entendimento das disciplinas:

“o que estamos propondo é trabalhar com os dois, discutindo temas atuais, que para melhor entendimento leva a necessidade de incluirmos, pesquisas, busca de conhecimentos, mais vocabulário e sem que percebam estão estudando. Aprendizagem lúdica gera proximidade entre todos, transformando o ambiente.”

7.6 – Analisando o problema-foco: Indisciplina

Como já indicamos anteriormente, o tema da indisciplina esteve presente dentre os problemas apontados pelo diagnóstico entre aqueles que deveriam merecer especial cuidado das práticas educomunicativas nas escolas. Vejamos os gráficos que sintetizam o conteúdo das tabelas:



O assunto da indisciplina é, na verdade, um velho conhecido dos que trabalham em escolas e principalmente em salas de aula. Atualmente é um dos temas que mais mobilizam professores, técnicos e pais de diversas escolas brasileiras inseridas em contextos distintos. Apesar do que este quadro mostra, esse assunto ainda é superficialmente debatido nas instituições escolares. A reduzida bibliografia sobre o tema demonstra certo descaso de pesquisadores sobre o assunto.

Entretanto, a questão representou o segundo problema apontado no diagnóstico do planejamento. Para os professores, a indisciplina é um grande obstáculo à aprendizagem.

Nos formulários, o conceito vem acompanhado de substantivos que qualificam o que se pretende afirmar. Foram comuns, pois, frases e palavras como:

- a) Falta de respeito com os professores e funcionários;
- b) Violência entre alunos;
- c) Vandalismo;
- d) Desinteresse;
- e) Agressividade;
- f) Preconceito;
- g) Bagunça ;
- h) Tumulto;
- i) Conduta desordenada;
- j) Grande movimentação;
- k) Gritos.

A disciplina escolar, compreendida no âmbito mais geral da violência, está na raiz do próprio projeto Educom.rádio, considerando o fato de ter representado uma das justificativas da Secretaria de Educação para contratar a assessoria do NCE/USP.

Nesse sentido, cabe-nos deter nossa atenção ao que esta prática comum aos alunos representou no imaginário dos que identificaram os problemas a

ela referentes, como um objeto específico sobre o qual a prática educacional, através do rádio, deveria incidir.

Segundo Ambrósio¹¹⁴, uma intervenção educacional se justificaria pois:

Precisamos de uma ética em que o respeito pelas diferenças comportamentais de cada indivíduo e pela diversidade cultural esteja associado à solidariedade do homem para com seus semelhantes nas necessidades de sobrevivência e de transcendência. (...) esta é a essência da construção de uma sociedade sã e de uma humanidade em harmonia global. Essa ética pede uma redefinição de prioridades da ciência e da tecnologia para que os caminhos em direção ao desenvolvimento respeitem o meio vivo.

Ao discorrermos sobre o tema da indisciplina, buscando saber o que a literatura afirma a respeito, nossa intenção é a de melhor entender o sentido dos planejamentos produzidos pelos professores/alunos/comunidade no momento conclusivo de sua participação no treinamento oferecido pelo Educom. Queremos chamar atenção para o fato de que os cursistas haviam entendido, principalmente, que a indisciplina identificada no diagnóstico era sobretudo um forte sintoma de uma instituição doente e carente de comunicação. Em outras palavras, somente a educação poderia fazer frente a esta incomunicação.

Por outro lado, os sujeitos que planejavam (professores/alunos/comunidade) se entendiam como integrantes das respectivas comunidades, preocupados com a construção de um ecossistema comunicativo harmonioso e tranquilo. Por isso, compreendiam a importância de encontrar meios de superar os incidentes e indisciplinas. Segundo Aquino¹¹⁵, os novos fenômenos que ocorrem na escola, assim como a indisciplina, “podem estar indicando o impacto do ingresso de um novo sujeito histórico, com outras demandas e valores, numa ordem arcaica e despreparada para absorvê-lo plenamente”. No caso, a educação viria

¹¹⁴ D'AMBROSIO, Ubiratan. *Transdisciplinaridade*. Palas Athena, São Paulo, 1997.

¹¹⁵ AQUINO, Júlio Groppa. (org). *Indisciplina na Escola*. São Paulo: Summus, 1996.

justamente dar conta deste novo sujeito histórico (um aluno novo, por exemplo), permitindo que ele se integrasse e se iniciasse no ambiente através de seu poder de fala. O rádio ajudaria muito nisso!

Observamos que as comunidades planejantes (professores/alunos, especialmente) estavam cientes da gravidade do fenômeno representado pelo descompasso entre a instituição escolar e os indivíduos que são frutos de uma nova forma que configura o contexto social atual. É o que afirma Guimarães¹¹⁶, em seu texto “Indisciplina e Violência”:

A escola, como qualquer outra instituição, está planejada para que as pessoas sejam todas iguais. (...) A homogeneização é exercida através de atividades que esquadriham o tempo, o espaço, o movimento, gestos e atitudes dos alunos, dos professores, dos diretores, impondo aos seus corpos uma atitude de submissão e docilidade.

Os planejadores entenderam que os alunos, os professores e todos os atores sociais envolvidos na questão educacional são sujeitos socioculturais que necessitam de espaço para comunicação. Nisso concordam com Laurizete Passos¹¹⁷, quando afirma: “Indisciplina parece ser um sintoma daquilo que a própria escola produziu, seja em termos do significado dos seus conteúdos, das estratégias de trabalho na sala de aula, ou, ainda, do modo de encarar os alunos e partilhar com eles os espaços, as vozes, o tempo”.

Outro ponto que parece ter permeado a análise dos planejadores já havia sido objeto de um estudo de Aquino, quando apontava para a necessidade da escola encontrar um diálogo com o mundo externo, como, aliás, o Educom propunha¹¹⁸:

¹¹⁶ GUIMARÃES, Áurea M. “Indisciplina e Violência”, in AQUINO, Júlio Groppa. (org). *Indisciplina na Escola*. São Paulo: Summus, 1996.

¹¹⁷ Passos, Laurizete Ferragut. “O sentido dos desafios no cotidiano escolar”. In: Júlio Groppa Aquino. (org.). *autonomia e autoridade-alternativas teóricas e práticas*. São Paulo: Summus, 1999.

¹¹⁸ AQUINO, Júlio Groppa. (org). *Indisciplina na Escola*. São Paulo: Summus, 1996.

Não é possível supor a escola como uma instituição independente ou autônoma em relação ao contexto sócio-histórico, não é lícito supor que o que ocorre em seu interior não tenha articulação aos movimentos exteriores a ela. (...) Há um entrelaçamento, uma interpenetração de âmbitos entre as diferentes instituições que define a malha de relações sociais do que uma suposta matriz social e suprainstitucional, que a todos submeteria.

O planejamento educomunicativo, na ótica dos cursitas do Educom.rádio, deveria, pois, estar atento ao fato de que muitos desses excluídos, marginalizados pela postura adotada, abandonam a escola, o que para ela pode ser um alívio imediato, mas que se converte num desastre para sua missão civilizatória. No caso, o projeto educomunicativo deveria se voltar para todos os que, por motivos variados, permanecem na escola desrespeitando as regras, atrapalhando ou até mesmo impedindo as aulas, depredando o patrimônio e os recursos materiais disponíveis. Nesse contexto, o Educom poderia ajudar o sistema escolar a ter “autoridade”, evitando o “autoritarismo”, como supõe a proposta de Vasconcellos¹¹⁹:

"Sem autoridade não se faz educação; o aluno precisa dela, seja para se orientar, seja para poder opor-se (o conflito com a autoridade é normal, especialmente no adolescente), no processo de constituição de sua personalidade. O que se critica é o autoritarismo, que é a negação da verdadeira autoridade, pois se baseia na coisificação, na domesticação do outro".

É importante lembrar que os planejamentos apontaram como possíveis causas da indisciplina: a organização interna da escola (ou a falta de organização); a falta de planejamento; a improvisação; a aula vaga; o uso do vídeo como “tapa buraco”; os trabalhos sem devolutivas entre vários outros fatores. No caso, concordavam com Aquino, para quem “a indisciplina ultrapassa o âmbito estritamente didático-pedagógico. É um sintoma de outra ordem, o mundo mudou, nossos alunos mudaram”.

¹¹⁹ VASCONCELLOS, Celso dos S. *Publicação: Série Ideias n. 28*. São Paulo: FDE, 1997. Páginas: 227-252

Frente a essa nova realidade de constantes transformações, Aquino questiona “*Mudou a escola? ou Mudamos nós?*” Parece que os planejadores entenderam que era necessário que todos mudassem para enfrentar o problema. Nesse contexto, a Educomunicação poderia ajudar, problematizando o tema e oferecendo algumas saídas, especialmente se considerando a ampliação das formas de expressão da comunidade.

É o que reconhece como prioritário autores como Passos¹²⁰ quando afirma em seu texto intitulado “A indisciplina e o cotidiano escolar”:

O ato pedagógico, enquanto momento de construção de conhecimento, não precisa ser um ato silenciado. O ato pedagógico é o momento do emergir das falas, do movimento, da rebeldia, da oposição, da ânsia de descobrir e construir juntos, professores e alunos.

Os planejamentos do Educom.rádio apontavam para a necessidade das instituições escolares reverem um modelo de escola com padrões de comportamentos que não servem mais- uma escola pensada ou moldada para um aluno idealizado e totalmente incompatível com o contexto social em que vivemos. Sobre este tema, Guimarães (1998) lembra que “*uma disciplina homogeneizadora que valha para a escola toda, feita para um conjunto de alunos equivalentes àqueles de um passado idealizado, está destinada ao fracasso*”.

A proposta do planejamento educutivo foi feliz por possibilitar, ao menos, um questionamento acerca da prática pedagógica da escola e sua consequência no bom funcionamento da mesma. Mesmo que não tenha de imediato provocado uma mudança visível, só pelo fato de abrir espaço para a reflexão, já cumpriu sua principal função: refletir sobre a prática. É preciso, contudo, ir além do diagnóstico e cabe aqui a orientação feita por Guimarães (1998):

¹²⁰ PASSOS, Laurizete Ferragut. A Indisciplina e o cotidiano escolar: novas abordagens, novos significados. In: *Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas* (1996).

É preciso construir práticas organizacionais e pedagógicas que levem em conta as características das crianças e jovens que hoje frequentam as escolas. A organização do ano escolar, dos programas, das aulas, a arquitetura dos prédios e sua conservação não podem estar distante do gosto e das necessidades dos alunos, pois, quando a escola não tem significado para eles, a mesma energia que leva ao envolvimento, ao interesse, pode transformar-se em apatia ou explodir em indisciplina e violência.

Muitos planejamentos apontaram para questões consideradas externas ao âmbito escolar como problemas familiares, dependência química, alcoolismo, tráfico de drogas que são problemas complexos, com os quais a escola também precisa conviver, sem saber como e sem nenhum apoio de profissionais qualificados. Os planejamentos também apontaram para a importância de se considerar o papel da mídia na construção do imaginário infantil, com consequências para o ambiente escolar, detectando que há ainda pessoas que atribuem a indisciplina aos tempos modernos, com influência maciça dos meios de comunicação.

Consideraram, contudo que, se de um lado, é inegável a importância e o impacto da instituição familiar e das diferentes instituições sociais na vida do aluno, este não é determinante e seu poder não é absoluto e irrestrito.

Outra questão que emerge dos diagnósticos, diz respeito à culpabilidade dos professores, incriminados pela falta de autoridade, pela incapacidade de exercer seu poder de controle e aplicação de sanções, revelando-se a existência de uma concepção de disciplina como sinônimo de ordem, confundindo-se ideia de autoridade com a de autoritarismo. No caso, a proposta era a de enfrentar estes preconceitos com uma ação positiva, através da educomunicação.

Os planejamentos procuraram discriminalizar também os alunos, uma vez que responsabilizar o aluno ou um grupo, pelas manifestações indisciplinadas no cotidiano escolar, é adotar uma concepção de desenvolvimento inatista, como se eles tivessem nascido com algum distúrbio

e sem nenhuma possibilidade de mudança. Neste ponto, os planejadores contam com o apoio teórico de Passos (1996) quando propõe que façamos um esforço de perceber e deixar entrar na escola outra realidade, “*aquela trazida pelos alunos, poderá permitir que habitemos territórios mais amplos, onde os modos de ensinar e aprender sejam determinados pelas relações que acontecem na sala de aula.*”

Rego¹²¹ adverte, neste sentido, que não cabe à escola suprir as diversas carências dos alunos e sim “*oferecer a oportunidade de ele ter acesso a informações e experiências novas e desafiadoras, capazes de provocar transformações e de desencadear novos processos de desenvolvimento e comportamento.*” É que propõe o Educom.rádio.

7.6.1 – Ampliando o olhar sobre o problema-foco da indisciplina

O item “Ampliando o olhar sobre o problema foco” analisou o tema da indisciplina com merecida profundidade. Vejamos:

A Emef Paulo Nogueira Filho (6ª fase), em sua reflexão sobre a indisciplina, faz a seguinte observação:

Efetivar na escola as práticas educacionais pode ser um caminho que nos auxiliará a fixar mais o nosso aluno na escola, pois terá a oportunidade de planejar, executar e socializar atividades de seus interesses, fazendo uso de linguagens mais próximas de suas vivências e assim tornar as aulas mais agradáveis.

¹²¹ REGO, Teresa Cristina. Configurações sociais e singularidades: o impacto da escola na constituição dos sujeitos. In: OLIVEIRA, M. K.; REGO, T. C.; SOUZA, D. T. R. (Orgs.). *Psicologia, educação e as temáticas da vida contemporânea*. São Paulo: Moderna, 2002.

Apostamos também que a indisciplina dará espaço à responsabilidade e envolvimento, já que, como foi mencionado anteriormente, os alunos poderão gerir a programação.

Os alunos que fizeram parte do grupo da Emef Pedro Aleixo opinaram que a indisciplina pode advir da falta de comunicação. Explicam no registro abaixo:

Os alunos se sentem inseguros de falar com os professores não sobre a matéria ou sobre o que ele está ensinando, mas sim, do modo como ele ensina. Alguns professores ensinam de uma maneira a qual o aluno não está acostumado ou simplesmente tratam o aluno como se ele fosse inferior, o que faz com que nos sintamos totalmente inseguros em falar com ele de igual para igual. Mas claro, não são todos os professores que são assim.

Nesse caso particular, podemos recordar a teoria de Paulo Freire, para quem deve-se pensar com muito cuidado na qualidade do ensino e na indisciplina, ele afirma também que a incompetência profissional desqualifica a autoridade do professor¹²².

Transcrevemos, aqui, o texto da Emef Comandante Gastão Moutinho (6ª fase), cujo problema-foco foi a indisciplina e a violência.

Sabemos que o conhecimento resulta de um processo de transformação, que acontece nas relações sócio-pedagógicas vividas no interior da escola. Todas as relações partilhadas no ambiente escolar devem ser consideradas, e todos os membros da comunidade escolar têm o direito de falar e, sobretudo, de serem ouvidos. Sendo assim, a escola deve primar por sua função social, transformando a informação em conhecimento; e, a convivência, em participação. Nosso compromisso como educadores é

¹²² FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

construir, num contexto educacional/comunicacional, um ambiente propício a esta transformação, facilitando-a e, sobretudo, buscando-a incansavelmente.

Analizando o problema-foco, podemos perceber que a falta de comunicação no ambiente escolar é um dos grandes causadores e/ou agravantes da indisciplina e da violência na escola. A comunicação manifesta-se deficitária nas diversas relações vividas no ambiente escolar: na distância entre pais e escola, na falta de critérios para o estabelecimento de regras de convivência, na ausência de diálogo entre os diferentes segmentos da comunidade escolar etc.

Sendo assim, abrir espaço para que as pessoas exponham suas opiniões e ideias, e participem direta e ativamente do processo educativo é, hoje, mais do que uma proposta – é uma necessidade. E, por que não, um iluminado caminho para a construção de um ambiente escolar de paz e solidariedade.

A manifestação da Emef Comandante Gastão Moutinho coincide com o pensamento de Ubiratan d'Ambrósio, para quem “aluno feliz, que faz o que gosta, rende muito”.

Houve escola que apostou alto e desenhou metas para longo prazo, visando mudanças atitudinais e procedimentais, como foi o caso da Emef Frei Antonio Santana Galvão (6ª fase):

A nossa clientela escolar está inserida em um quadro de pobreza, agressividade, consumo de drogas, vandalismo, desajuste familiar, carência afetiva e emocional. Tal contexto está interligado ao desemprego, falta de moradia e

aumento constante da violência.

O nosso Planejamento de Ação visa um resgate dos valores morais e éticos, o crescimento interior e, conseqüentemente a melhoria da qualidade de vida; através da comunicação. Toda Unidade Escolar deve ser um espaço onde se formarão indivíduos para serem construtores ativos da sociedade em que vivem e exercem a cidadania. A grande tarefa da Educomunicação é integrar diferentes aspectos de uma situação, de uma pessoa e de um conhecimento, na busca de um trabalho que exige participação de todos os integrantes, sem isolamento. (...)

O nosso planejamento tem como meta principal, trazer para a vida escolar desses alunos a possibilidade para que se entendam, uns com os outros e comecem a usar a educomunicação no seu dia a dia. De modo que nenhum aluno fique isolado, mas fazendo que se tornem construtores de uma nova comunidade mais acolhedora, mais unida, mais educadora, e que espalhem a educomunicação para a melhoria de vida de todos.

Como foi dito anteriormente, o mundo passa por grandes e velozes transformações e segundo Ambrósio¹²³, tem profundos efeitos nos modos de produção e na aquisição de conhecimento. O jovem sabe que aprende muito mais fora da escola. Sabe que há uma nova prática para a aquisição de conhecimento, e que a escola está descompassada. O referido autor adverte que se pretendemos uma educação abrangente, envolvida com o estado do mundo, abrindo perspectivas para um futuro melhor, temos que repensar nossa prática, nossos currículos. Muitas são as formas e possibilidades de desmistificar e democratizar o saber. Os alunos que sabem disso, não podem

¹²³

D'AMBROSIO, Ubiratan. *Transdisciplinaridade*. São Paulo: Palas Athena, 1997.

respeitar o professor repetidor. O autor propõe que cada aula deve ser uma oportunidade única de se ouvir o que não está em livros, o que não está gravado em áudio ou em vídeo e que não é repetido.

A Emef Imperatriz Leopoldina levantou uma série de questões sobre o seu problema-foco - a indisciplina - demonstrando maturidade ao questionar a sua própria prática:

A ideia de “ampliando nosso olhar” tem que ser pensada e respondida com várias indagações:

O porquê de o aluno destruir o que é dele?

Aquilo que ele está fazendo é bom para ele ou para quem?

Se ele está fazendo isso ele deve ter um motivo, que motivo é este?

Estes temas têm de ser trabalhados e pensados para encontrarmos soluções viáveis para os nossos problemas.

Para Jaime Penerai Alves –

“A indisciplina manifesta-se de diversas formas na vida de um estudante, apesar da bagunça e do barulho não serem as únicas formas, são elas que mais se destacam na sala de aula. Pois, quase sempre, a indisciplina passa a ser vista como um problema quando a sala começa “a pegar fogo”, ou seja, quando a indisciplina influencia o comportamento dos alunos e é percebida na “bagunça”, no “barulho”, na “falta de atenção” e de forma mais agravante na agressividade. Nessas horas, é que realmente a preocupação do professor cresce e o faz pensar sobre a indisciplina do aluno... A indisciplina dos estudantes pode, posteriormente, ter consequências graves para a sociedade, entre elas, a violência, a criminalidade e até mesmo envolvimento com drogas.”

A proposta coincide com as ideias de Candau¹²⁴, juntamente com outros autores, quando afirmam que se torna necessário a construção de uma escola que forme crianças e jovens **construtores ativos** da sociedade, capazes de viver no dia-a-dia, nos distintos espaços sociais, incluída a escola, uma cidadania consciente, crítica e militante. Para que isto ocorra é preciso que se desenvolva uma prática educativa **participativa, dialógica e democrática**, que supere a cultura profundamente autoritária presente em todas as relações humanas e, em especial, na escola. Neste sentido, todas as atividades escolares devem promover a **construção conjunta**, na qual a apropriação pessoal e coletiva constituam elementos fundamentais.

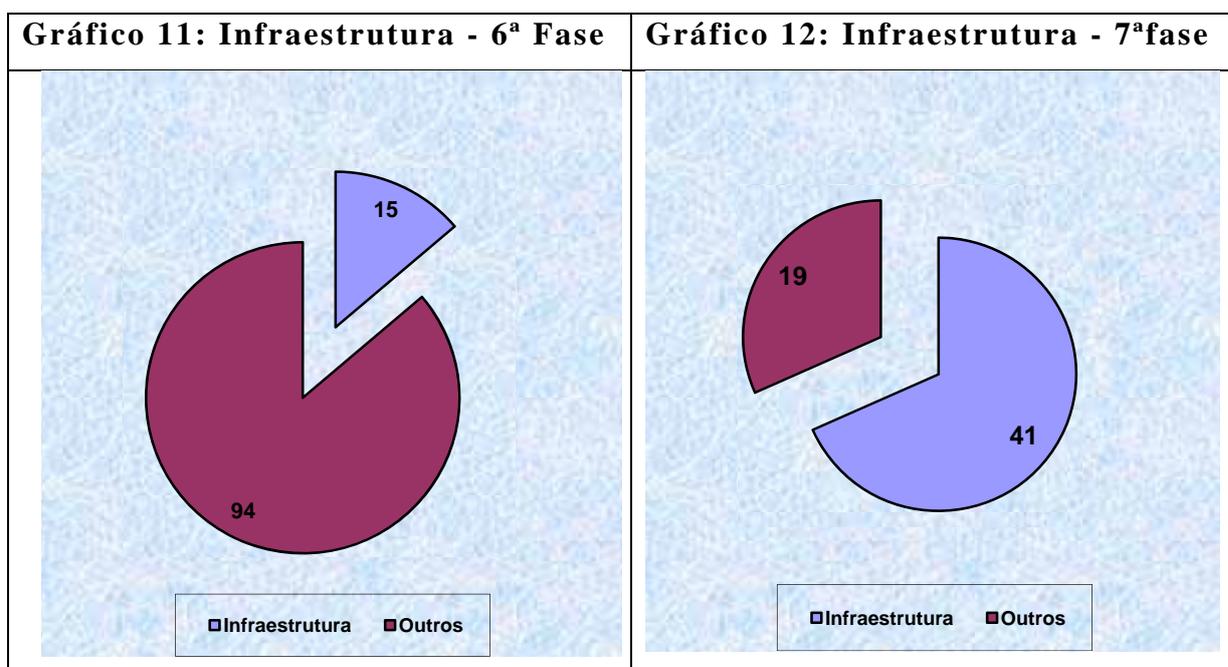
Na 7ª fase, houve maior participação dos CEUs – Centro Educacional Unificado – de modo que apareceram questões muito semelhantes no tocante à disciplina. Os cursistas alegam falta de orientação, os professores e funcionários encontram-se “perdidos” sobre a utilização dos espaços, não sabendo a quem recorrer, com tudo isso se refletindo nos alunos que também se sentem inseguros. Apontam que a falta de comunicação entre as escolas e as várias secretarias, bem como uma gestão geral inadequada têm sido um grande entrave para o bom funcionamento do CEU. Os professores registram que o espaço é propício para o lazer, mas não é adequado para a aprendizagem formal, pois os alunos se dispersam com facilidade e não se interessam pelo que acontece dentro da sala de aula, já que lá fora é mais interessante e está tudo à vista.

Nas escolas da 7ª fase, apareceram questões ligadas ao tema da globalização, das rápidas transformações, das mudanças de valores, como possíveis causas da indisciplina derivada do descompasso da escola que permanece aquém dessas evoluções.

¹²⁴ CANDAU, Vera Maria. SACAVINO, Suzana Beatriz. MARANDINO, Martha. MACIEL, Andréa Gasparini. *Tecendo a cidadania: oficinas pedagógicas de direitos humanos*. Petrópolis: Vozes, 1999.

7.7 – Analisando o problema-foco: Infraestrutura

Como foi assinalado, o terceiro problema apontado pelos diagnósticos como obstáculo a ser transposto encontrava-se na infraestrutura das escolas. Vejamos os dados:



As questões de infraestrutura incluem:

- a) Espaço inadequado;
- b) Falta de espaço;
- c) Excesso de barulho (externo e interno);
- d) Falta de recursos materiais;
- e) Falta de canal de comunicação;
- f) Salas superlotadas;
- g) Péssima acústica das salas de aula;

h) Falta de conservação do prédio: iluminação precária, instalações sanitárias, água para lavar as mãos etc.

A infraestrutura aparece como sendo fundamental para a qualidade da educação, atuando diretamente sobre a autoestima dos alunos e dos que ali trabalham. Interfere na segurança e na predisposição em aprender.

Ainda que o item barulho apareça também como elemento favorecedor da indisciplina, optamos por abordá-lo dentro deste eixo, considerando as reclamações, associando a infraestrutura com o alto nível de ruído nas escolas.

É interessante observar que uma pesquisa realizada pela equipe de fonoaudiólogas da Secretaria Municipal de Saúde de São Paulo, já havia apontado que professores e alunos da cidade de São Paulo são vítimas de situações extremas de poluição sonora nas escolas, normalmente localizadas próximo a locais barulhentos, como grandes avenidas. A constatação vem de um levantamento prévio realizado em escolas municipais pela equipe de Saúde Auditiva da Prefeitura. Em algumas medições, o nível de ruído havia ultrapassado os 100 decibéis (dB), sendo que a Organização Mundial de Saúde (OMS) ressalta que os índices adequados para a aprendizagem devem ficar entre 38 e 48 dB. Como resultado, os alunos têm seu processo de aprendizado prejudicado e os professores ficam sujeitos a uma carga de estresse adicional, resultando na piora da qualidade do ensino.

Além do barulho, outro quesito que atrapalha o desempenho em sala de aula, segundo os planejamentos, é a quantidade de alunos por sala. A superlotação diminui a possibilidade de o professor dar uma atenção mais individualizada ao aluno, recorrendo com maior frequência ao giz e à lousa, necessitando falar mais alto e elevando o estresse geral.

7.7.1 - Ampliando o nosso olhar sob o problema-foco da infraestrutura

É interessante observar que para os planejamentos, uma boa comunicação é uma solução comum para todo tipo de problema, seja a indisciplina ou mesmo a infraestrutura. Quase nada foi alterado nas escolas onde a comunicação foi elegida como problema. Nas reflexões feitas nos planejamentos, no tópico “Ampliando o nosso olhar”, muitos acabam chegando sempre à comunicação como aliada para superar os problemas apresentados.

As escolas cujo problema-foco foi a infraestrutura, os cursistas queixaram-se do espaço físico alegando ser insuficiente para comportar a quantidade de alunos atendidos. Os alunos não têm como gastar energia, não podem correr, brincar ou exercer qualquer atividade que exija espaço; essa situação torna-se propícia para os esbarrões, empurrões e tumultos que muitas vezes resultam em violência. Esse clima vai do pátio à sala de aula, gerando a tão falada indisciplina. Tais escolas conseguiram constatar o problema, refletir sobre as possíveis causas, mas pouco puderam sugerir para superá-lo.

Os planejamentos das escolas de zinco - as “escolas de latinhas” - apontaram todas as dificuldades possíveis: frio, calor, barulho e espaço. Obviamente, essas condições tão desfavoráveis muito contribuem para a indisciplina.

Alguns planejamentos sugerem melhorar o aspecto da escola como limpeza, manutenção, pintura e espaços para atividades físicas, acreditando que tais mudanças melhorariam a autoestima dos que ali frequentam. Os planejamentos atribuem à gestão autoritária e verticalizada, o impedimento de possíveis soluções como essas.

Tais impressões lembram Paulo Freire¹²⁵, para quem há muito mais mensagens em nosso modo de agir do que podemos imaginar. Para ele, o

¹²⁵ FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

descaso frente às condições materiais da escola vai denotar o cuidado que esta tem pelo aluno. Ele questiona: *Como cobrar das crianças um mínimo de respeito às carteiras escolares, às mesas, às paredes se o Poder Público revela absoluta desconsideração à coisa pública?*

Era como se tivessem acabado de ler Freire quando este dizia que a significação do “discurso” formador que faz (ou não) uma escola respeitada em seu espaço é maior do que imaginamos. Para o mestre pernambucano, a eloquência do discurso é “pronunciado” **na e pela limpeza** do chão, na **boniteza** das salas, na **higiene** dos sanitários, nas flores que adornam. O autor considera que há uma pedagogicidade indiscutível na materialidade do espaço. Acrescenta ainda que o educador se emaranha na rede das contradições, cujo testemunho, inautêntico, perde a eficácia.

7.8 – Inserindo os Eixos Temáticos

O Programa Educom.rádio teve a preocupação em que os participantes tivessem contato e refletissem sobre os eixos temáticos e a relação destes com a comunicação, trabalhassem com conteúdos que possibilitam um entendimento da prática educacional, propiciando elementos para os exercícios do fazer comunicacional de professores, estudantes e membros da comunidade.

Segundo os PCN¹²⁶, os eixos temáticos representam uma organização articulada de diferentes conceitos, procedimentos, atitudes e valores para cada um dos ciclos da escolaridade.

Os eixos temáticos priorizados pelo Programa Educom.rádio foram os temas transversais: **Ética, Saúde, Meio Ambiente, Orientação Sexual, Pluralidade Cultural, Trabalho e Consumo** (Brasil, 1998).

O Centro de Referência em Educação Mário Covas¹²⁷, apresenta de forma resumida cada um dos temas:

*A **Ética** constitui um dos temas transversais propostos nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN/MEC) e reflete a preocupação com a constituição de valores de cada aluno, ajudando-o a se posicionar nas relações sociais dentro da escola e da comunidade como um todo. São quatro blocos temáticos principais: respeito mútuo, justiça, diálogo e solidariedade.*

*O **Meio Ambiente** não se restringe ao ambiente físico e biológico, mas inclui também as relações sociais, econômicas e culturais. O objetivo é propor reflexões que levem o aluno ao enriquecimento cultural, à qualidade de vida e à preocupação com o equilíbrio ambiental.*

¹²⁶ Brasil, Ministério da Educação. Parâmetros Curriculares Nacionais: Ciências Naturais. Brasília: Ministério da Educação, 1998.

¹²⁷ http://www.crmariocovas.sp.gov.br/tet_1.php?t=001 acessado em 20/01/2009

Pluralidade Cultural - O desafio é respeitar os diferentes grupos e culturas que compõem o mosaico étnico brasileiro, incentivando o convívio dos diversos grupos e fazer dessa característica um fator de enriquecimento cultural.

Trabalho e Consumo - A preparação dos jovens para a sua inserção no mundo do trabalho requer a discussão de temas como consumo, direitos, desemprego, entre outros, ao final do Ensino Fundamental e Ensino Médio.

Saúde e Orientação Sexual - A escola tem a função de orientar o estudante com as noções básicas de higiene e saúde, lembrando-lhe que cada indivíduo deve ser responsável pelo seu próprio bem-estar. Temas complexos como uso de drogas, Aids e gravidez na adolescência também se inserem neste item.

Gráfico 13: Inserindo Eixos Temáticos - 6ª Fase

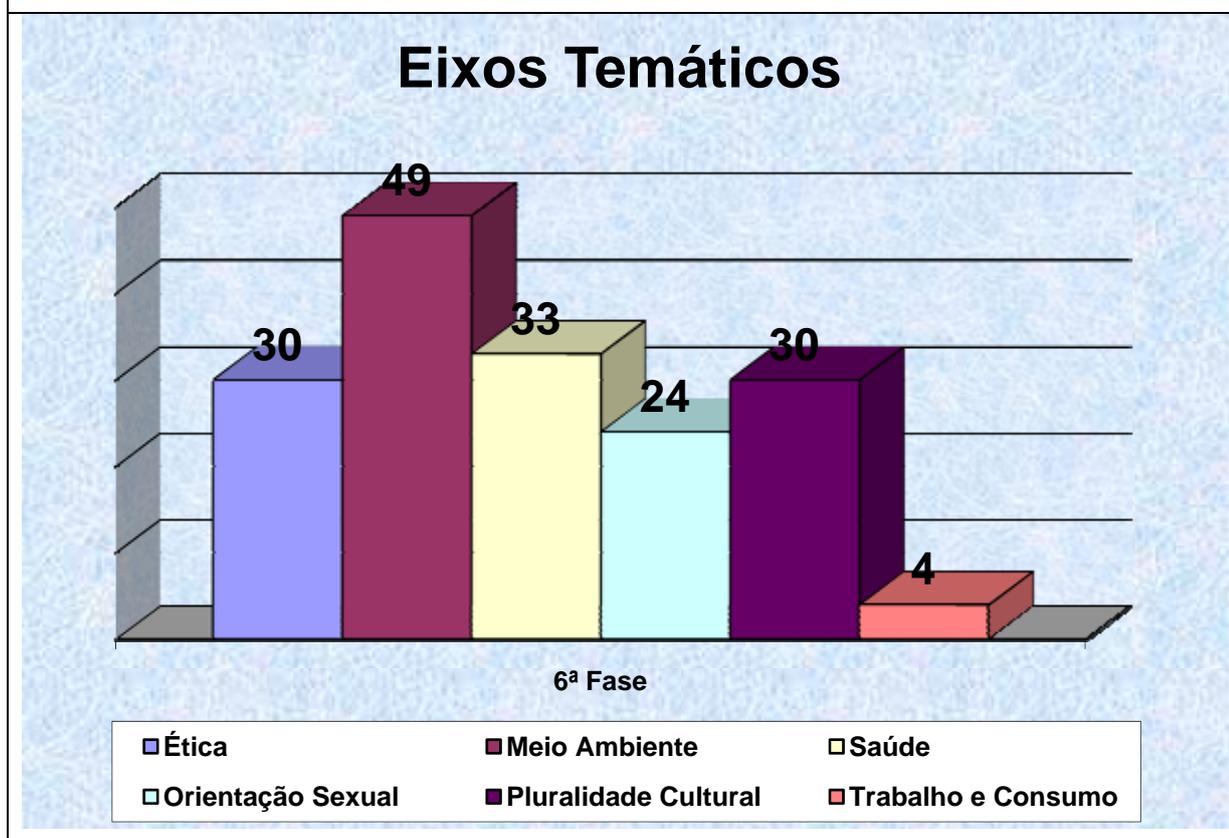
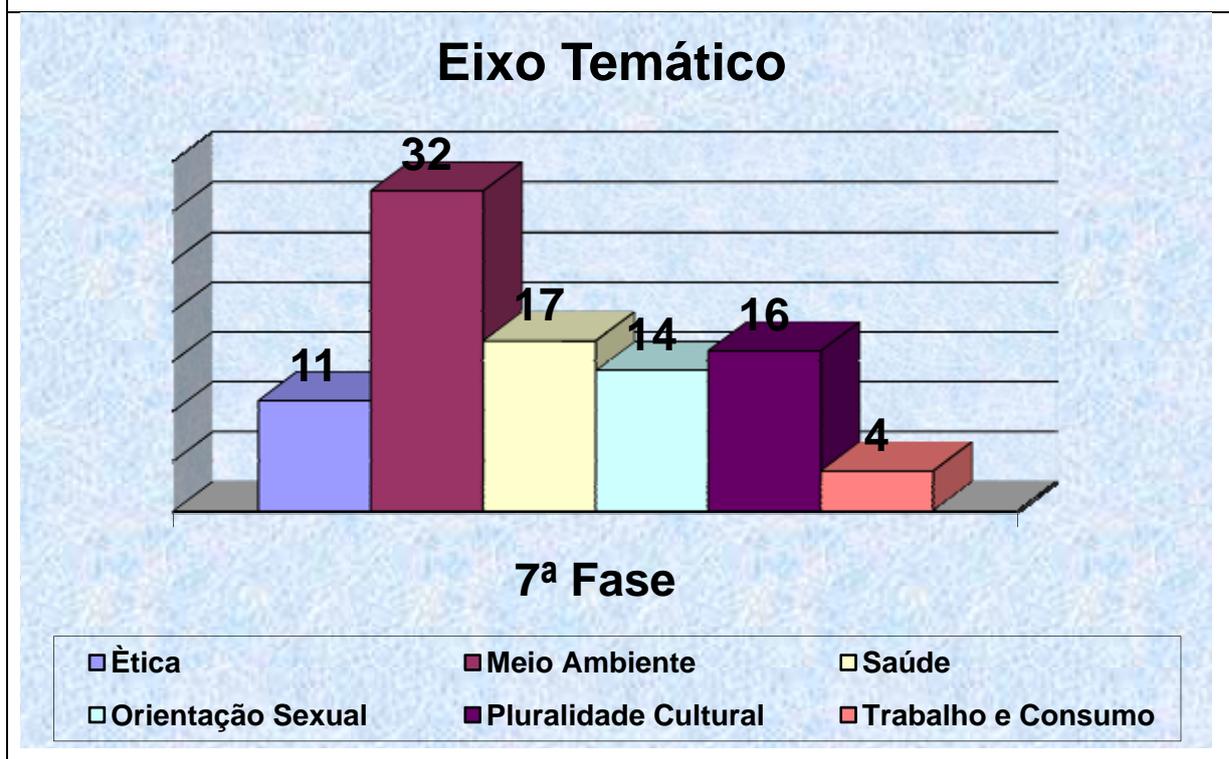


Gráfico 14: Inserindo Eixos Temáticos - 7ª Fase



Conforme os gráficos 13 e 14, podemos observar que nas duas fases, o interesse pelos eixos temáticos são parecidos.

Nas fases seis e sete, o eixo temático mais citado foi o **Meio Ambiente**, na sexta fase aparece em 29% do total de 109 planejamentos e na sétima fase, em 34% dos 60 planejamentos. Frente a essa grande preocupação evidenciada na pesquisa, podemos inferir que está ruindo a visão que a sociedade tinha sobre a natureza como fonte inesgotável. A proposta trabalhada no Educom.rádio partia da sensibilização do indivíduo em relação ao meio ambiente, a partir da vivência e do contexto sócio-histórico e cultural do grupo, do reconhecimento de que meio ambiente não está lá fora, mas que faz parte do cotidiano de cada pessoa, mesmo que não haja uma só árvore. Após esse reconhecimento, a escola precisa ir além dos limites do cotidiano e trazer à discussão a degradação provocada pelas ações do ser humano e as consequências disto na sustentabilidade do planeta.

O tema **Saúde** foi o segundo mais apontado, tanto na sexta quanto na sétima fase. Este tema foi escolhido por 19% da sexta fase e 18% da sétima fase. Saúde foi trabalhada não como ausência de doenças, mas sim associada à qualidade de vida. Sob a perspectiva de qualidade de vida, chegava-se aos fatores responsáveis pela redução da mesma. O eixo temático da saúde supera a abordagem do corpo humano dividido em partes e apresenta como um sistema integrado com outros sistemas, que depende da adoção de hábitos saudáveis para um bom funcionamento. Este tema produziu bastante interesse por ir ao encontro das angústias dos educadores no tocante às drogas legais e ilegais, suas causas e consequências em seu uso e abuso.

O eixo temático **Ética** também ocupou a segunda posição na sexta fase, com 19% dos 106 planejamentos. Na sétima fase, esse tema ficou com a quinta posição. Segundo os PCN (Brasil, 1998), a reflexão ética traz à luz a discussão sobre a liberdade de escolha, interrogando sobre a legitimidade de práticas e valores consagrados pela tradição e pelo costume. Em suma, a reflexão sobre as diversas faces das condutas humanas deve fazer parte dos objetivos maiores da escola comprometida com a formação para a cidadania. O estudo da ética abrange: respeito mútuo, justiça, diálogo e solidariedade. Estes desdobramentos do tema da ética foram apontados na pesquisa como eixos temáticos autônomos a serem trabalhados na escola, conforme veremos no gráfico adiante.

A **pluralidade Cultural** ocupou a terceira posição em ambas as fases. Na sexta fase encontramos 18% dos 109 planejamentos e na sétima fase 17% dos 60 planejamentos que priorizaram essa questão. Segundo os PCN (Brasil, 1998), o grande desafio da escola é investir na superação da discriminação e mostrar a riqueza representada pela diversidade etnocultural que compõe o patrimônio sociocultural brasileiro, valorizando a trajetória particular dos grupos que integram a sociedade. O Programa Educom.rádio foca muito este tema, por buscar a construção de uma Cultura de Paz; nesse sentido, acredita e propõe que escola precisa ser local de diálogo, de aprender a conviver, vivenciando a própria cultura e respeitando as diferentes formas de expressão cultural.

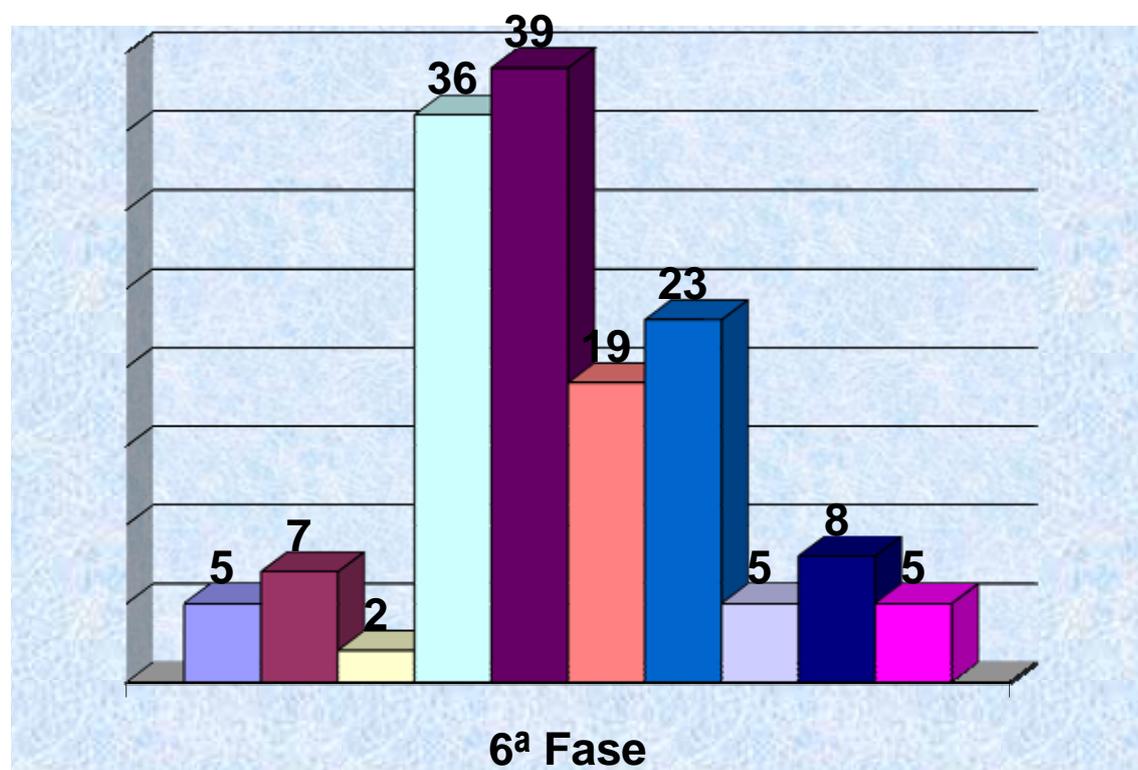
A **Orientação Sexual** apareceu em quarto lugar na lista de eixos temáticos que seriam priorizados pela escola. Na sexta fase, 14% dos 109 planejamentos e na sétima fase, 15% dos 60 planejamentos apontaram este item como sendo importante para ser trabalhado. Segundo os PCN (Brasil 1998), a Orientação Sexual na escola deve ser entendida como um processo de intervenção pedagógica que tem como objetivo transmitir informações e problematizar questões relacionadas à sexualidade, incluindo posturas, crenças, tabus e valores a ela associados. Os desdobramentos deste eixo temático são: corpo humano, relações de gênero e prevenção às doenças sexualmente transmissíveis/AIDS. Dentro deste eixo temático, o Programa Educom.rádio procurou trazer os temas deste desdobramento à discussão, como por exemplo, a questão do gênero possibilitou o questionamento de papéis rigidamente estabelecidos a homens e mulheres na sociedade.

O **Trabalho e Consumo** foi o menos citado, apareceu em 2% dos planejamentos das duas fases. A pouca referência ao tema talvez se deva ao reduzido número de escolas municipais que tenham o ensino médio; este assunto está um pouco mais distante dos alunos do ensino fundamental.

7.8.1 – Outros Eixos Temáticos

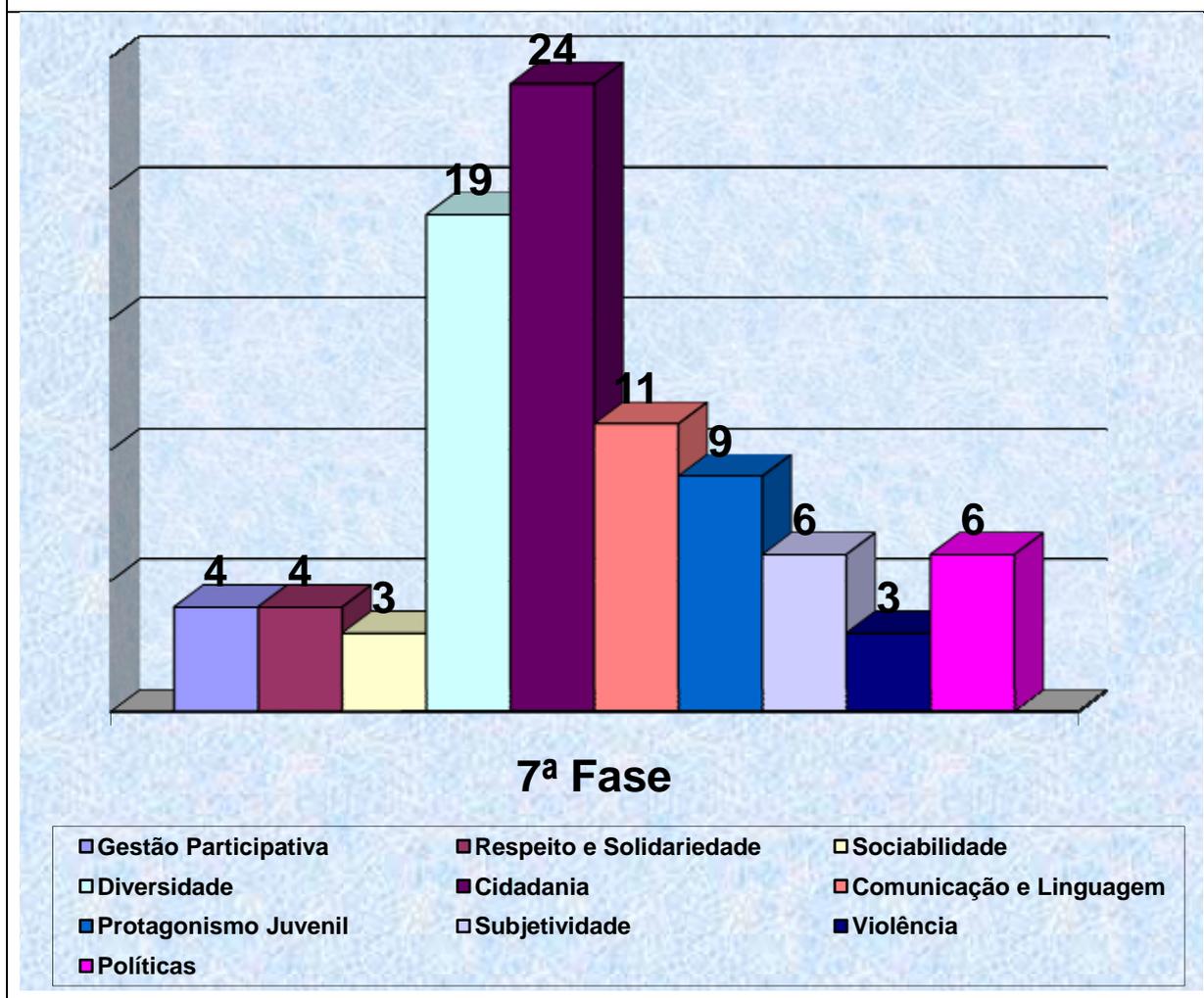
Além dos temas citados no item anterior, outros assuntos também foram trabalhados, algumas vezes até mesmo em decorrência dos eixos temáticos, são eles: cidadania, protagonismo juvenil, comunicação e linguagem, diversidade, gestão participativa, políticas públicas, respeito e solidariedade, sociabilidade, subjetividade e violência.

Gráfico 15: Outros Eixos Temáticos - 6ª Fase



- | | | |
|------------------------|----------------------------|---------------------------|
| □ Gestão Participativa | ■ Respeito e Solidariedade | □ Sociabilidade |
| □ Diversidade | ■ Cidadania | ■ Comunicação e Linguagem |
| ■ Protagonismo Juvenil | □ Subjetividade | ■ Violência |
| ■ Políticas | | |

Gráfico 16: Outros Eixos Temáticos - 7ª Fase



Cidadania - Podemos notar pelos resultados da pesquisa, que é grande a preocupação da escola com a questão da cidadania. Entendemos que cidadania é muito mais amplo que os assuntos aqui abordados, o conjunto dos eixos temáticos vão contribuir para a formação da cidadania. Os PCN (Brasil, 1998) trazem a proposta de se trabalhar o respeito às diversidades regionais, culturais e políticas existentes no país e criar condições, nas escolas, que permitam aos nossos jovens ter acesso ao conjunto de conhecimentos socialmente elaborados e reconhecidos como necessários ao exercício da cidadania. A cidadania é compreendida como participação social e política, exercício de direitos e deveres políticos, civis e sociais. O conhecimento do conceito de cidadania gera, no dia-a-dia, atitudes de solidariedade, cooperação e repúdio às injustiças, respeito ao outro e exigência para si do mesmo respeito.

O **Protagonismo Juvenil** aparece no *ranking* desses outros temas apontados pelos cursistas como necessários a serem trabalhados pela escola. O tema designa a participação ativa e construtiva dos jovens na vida da escola, da comunidade ou da sociedade de forma mais ampla. O Programa Educom.rádio trabalhou com este tema sugerindo aos educadores que promovessem em suas unidades escolares, a criação de espaços e condições capazes de possibilitar aos jovens o envolvimento em atividades direcionadas à solução de problemas reais. Quanto aos alunos, o Programa Educom.rádio estimulou a participação, criou situações que despertassem nos jovens o desejo de se inserir de forma responsável no cenário escolar, orientou e discutiu sobre a criação dos grêmios nas escolas.

Comunicação e Linguagem foi um eixo fundamental no curso e também bastante citado pelos cursistas, como sendo indispensável de se trabalhar na escola. O trabalho com esse eixo no Educom.rádio procurou mostrar aos participantes como funcionam as linguagens da comunicação, quais as consequências dessas linguagens na sociedade e como tomar posse delas para melhorar a qualidade do trabalho didático e pedagógico.

Diversidade foi um tema muito abordado no Programa Educom.rádio, principalmente a diversidade cultural, no sentido de mostrar as diferenças e fazer uma reflexão de que não há uma cultura melhor que a outra. A diversidade é trabalhada para se reconhecer as diferenças e respeitá-las. Este não foi um tema autônomo, mas foi trabalhado dentro de outros eixos, como na pluralidade cultural e na ética. É interessante observar que embora esse tema seja um desdobramento de outros, foi tão marcante aos cursistas que o apontaram como um eixo a se priorizar no ambiente educativo.

A **Gestão Participativa** foi um conceito presente em todo o Programa Educom.rádio, também não foi um eixo, mas foi amplamente entendido e defendido pelo grupo. Em qualquer atividade proposta, a gestão participativa vinha como um princípio fundamental, já que cada um tem o direito de expressar suas ideias e tê-las respeitadas no grupo. Este foi um tema muito lembrado pelos cursistas na elaboração dos planejamentos.

O desenvolvimento do eixo **Políticas Públicas** no Programa Educom.rádio foi com a preocupação de desmistificar o termo, desfazer a ideia de que política é atividade de político. Foi feito um convite ao grupo para refletir sobre o papel político de cada um, que vai além do voto, do horário eleitoral etc.

Sociabilidade, Respeito e Solidariedade foram assuntos abordados durante o curso em consequência de outros eixos trabalhados, porém se sobressaíram por traduzirem atitudes e ações esperadas e necessárias dentro de qualquer ambiente, principalmente na escola, na superação dos conflitos e até mesmo da violência no ambiente escolar.

Subjetividade também foi um assunto importante dentro do Programa Educom.rádio, ela reorganiza o imaginário e está bastante ligada à imagem e às representações simbólicas. O curso propõe reflexões acerca do jogo simbólico que estabelecemos com a mídia e da construção da subjetividade que certamente afetará a identidade de cada pessoa.

Violência - a prevenção da violência foi o que motivou a implantação do Programa Educom.rádio nas escolas do município de São Paulo. A proposta previa a formação dos educadores para estimular e exercer mediações de conflitos ao trocá-los pelo diálogo. Todos os eixos trabalhados no Programa Educom.rádio foram pensados e planejados para contribuir com a construção de uma cultura de paz dentro dos espaços educativos, promovendo as transformações necessárias e indispensáveis para que o diálogo e o respeito ao outro, ao semelhante e ao diferente seja o princípio de todas as relações.

7.9 – Competências necessárias para um educador

Muito se tem falado sobre competências na escola, nos ambientes de trabalho, na mídia. Competência tem sido um vocábulo bastante usado atualmente, até mesmo de forma banal, para conotar erudição. O desenvolvimento de competências tem sido o caminho apontado por vários estudiosos como forma de reformar a educação. No entanto, o conceito é totalmente incompatível com o modelo pedagógico tradicional, que visa substancialmente ao domínio de conteúdos e ao acúmulo de saberes.

7.9.1 – Definições de Competência

Na busca por sinônimo da palavra, o Dicionário Aurélio aponta competência como “Qualidade de quem é capaz de apreciar e resolver certos assuntos”.

No Documento do ENEM, **competência** aparece como “modalidades estruturais da inteligência, ou melhor, ações e operações que utilizamos para estabelecer relações com e entre objetos, situações, fenômenos e pessoas que desejamos conhecer”. As habilidades decorrem das competências adquiridas e referem-se ao plano imediato do “saber fazer”; através das ações e operações as habilidades aperfeiçoam-se e articulam-se, possibilitando nova organização das competências.

Para Perrenoud¹²⁸, competência é a “faculdade de mobilizar um conjunto de recursos cognitivos (saberes, capacidades, informações etc.) para solucionar com pertinência e eficácia uma série de situações que estão ligadas a contextos culturais, profissionais e condições sociais”.

¹²⁸ PERRENOUD, Philippe. Construir as competências desde a escola. São Paulo: Artmed., 2005.

Procuramos estabelecer um diálogo com o autor Philippe Perrenoud, sobre o conceito de competência, por ele ser mais familiar aos educadores, já que encontramos várias referências ao autor quando pesquisamos sobre este campo nos planejamentos.

7.9.2 – Trabalhar numa abordagem por Competência

A abordagem por competências é uma maneira de levar a sério uma problemática antiga, aquela de transferir conhecimentos. É possibilitar que se mobilize o que aprendeu em situações reais, no trabalho e fora dele. Segundo Perrenoud (2005), trabalhar numa abordagem por competência é

“vencer uma série de preconceitos e resistências. Por um lado vencer as representações deterministas de que alguns alunos são mais capazes que outros e aceitar que nem tudo está definido na vida. É preciso acreditar que os alunos podem dominar os mínimos necessários desde que lhe sejam dadas condições adequadas de aprendizagem.”

Elaborar um conjunto de competências vai além de nomear uma comissão de redação e escolher esta ou aquela competência a ser trabalhada. Esta escolha não pode ser aleatória, precisa ser uma escolha da sociedade que deve ser baseada num conhecimento amplo e atualizado das práticas sociais.

7.9.3 – Como desenvolver as competências

Para desenvolver competências, as ideias de Philippe Perrenoud aproximaram-se da educomunicação. Pois sugere trabalhá-las por problemas e por projetos, propondo tarefas complexas e desafios que incitem os alunos a mobilizar seus conhecimentos e, em certa medida, completá-los.

Como aprendiz, o indivíduo interioriza aquilo que de alguma forma está ligado ao conteúdo por um desafio, necessidade ou motivação, isso pressupõe uma pedagogia ativa, cooperativa, solidária e que se considere a comunidade educativa em que está inserido.

A indicação que Philippe Perrenoud faz ao professor é que antes de ter competências técnicas, ele seja capaz de identificar e de valorizar suas próprias competências, dentro de sua profissão e dentro de outras práticas sociais. Isso exige um trabalho sobre sua própria relação com o saber. O principal recurso do professor é a postura reflexiva, sua capacidade de observar, de regular, de inovar, de aprender com os outros, com os alunos, com a experiência. Para ele, ensinar, hoje, deveria consistir em conceber, encaixar e regular situação de aprendizagem, seguindo os princípios pedagógicos ativos construtivistas.

Trabalhar enfocando as competências significa mudança no foco do ensino. Ao invés da memorização de conteúdos, o aluno irá exercitar suas habilidades, que o levarão à aquisição de novas competências.

7.9.4 - Competências

Este campo do Planejamento foi dedicado ao registro das impressões dos cursistas quanto às competências que consideram necessárias ao educador dentro do projeto de cada escola. A seguir, serão apresentadas, por fase, as competências levantadas pelos cursistas.

Gráfico 17: Competências – 6ª Fase

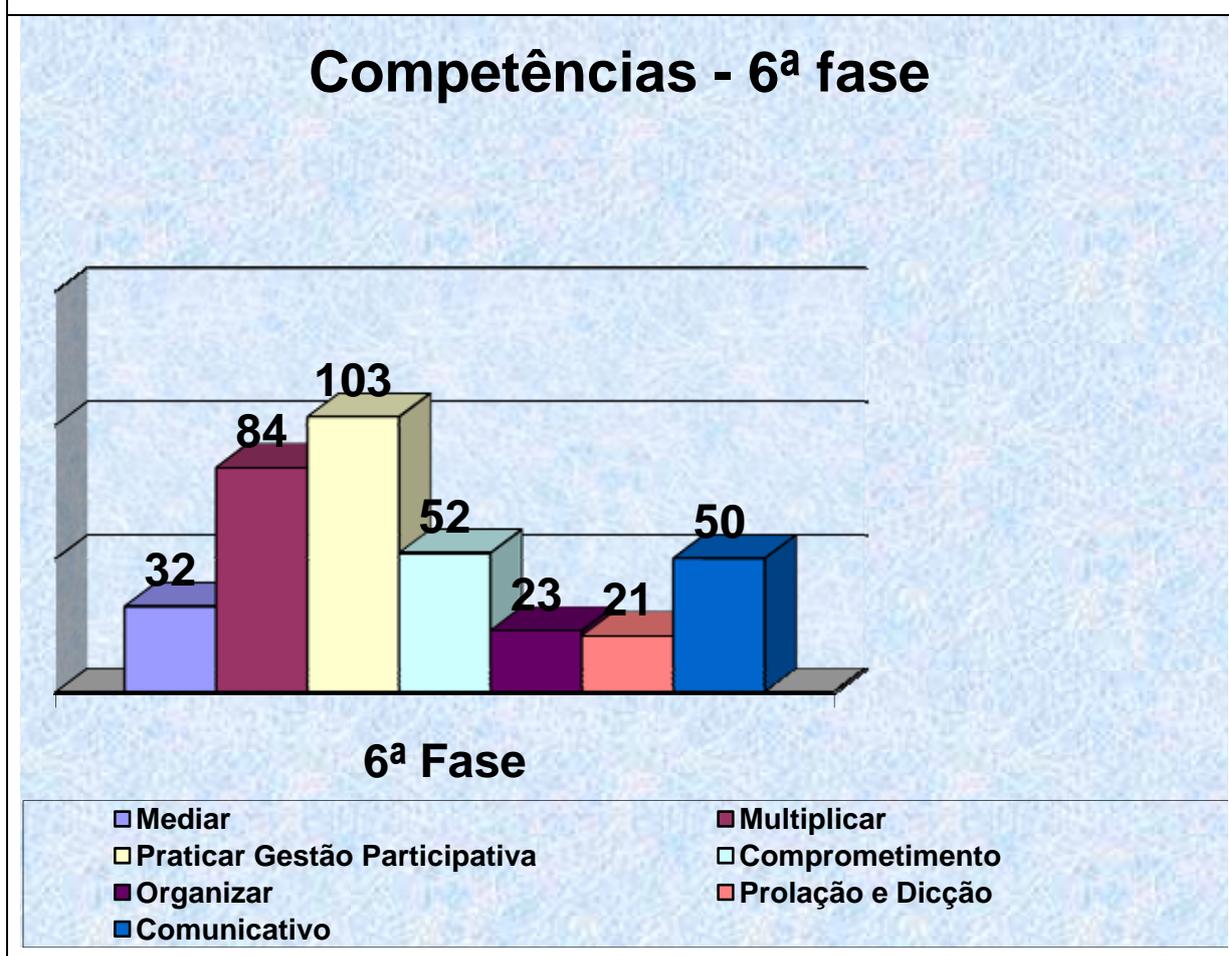
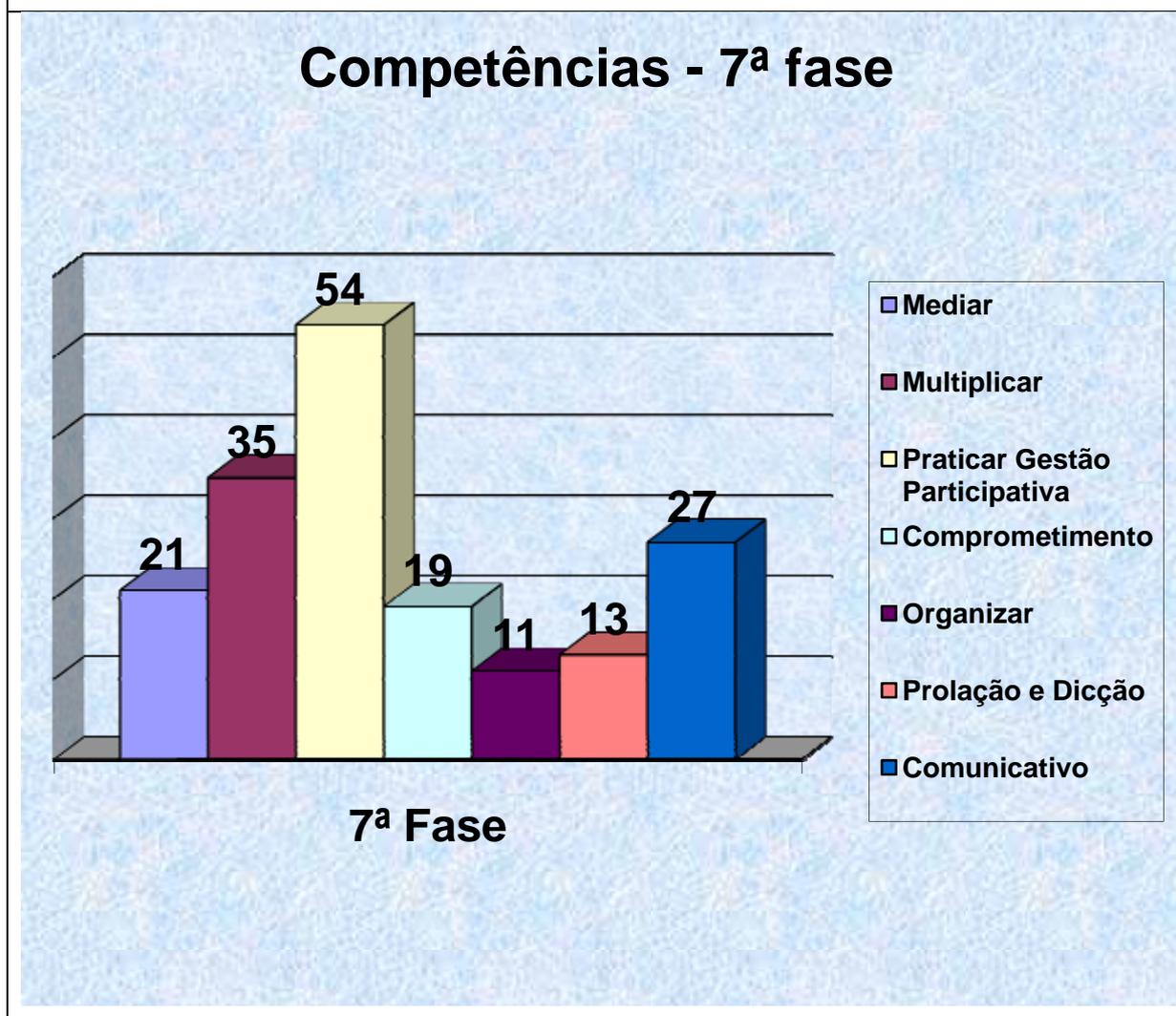


Gráfico 18: Competências – 7ª Fase



Procuramos elaborar uma legenda, que apresentamos no quadro abaixo, com as palavras associadas que levantamos nos planejamentos. Dada a vasta gama de palavras e até mesmo frases, procuramos associá-las por similitude buscando o sinônimo da palavra ou agrupando-as pelo contexto em que foram expressadas.

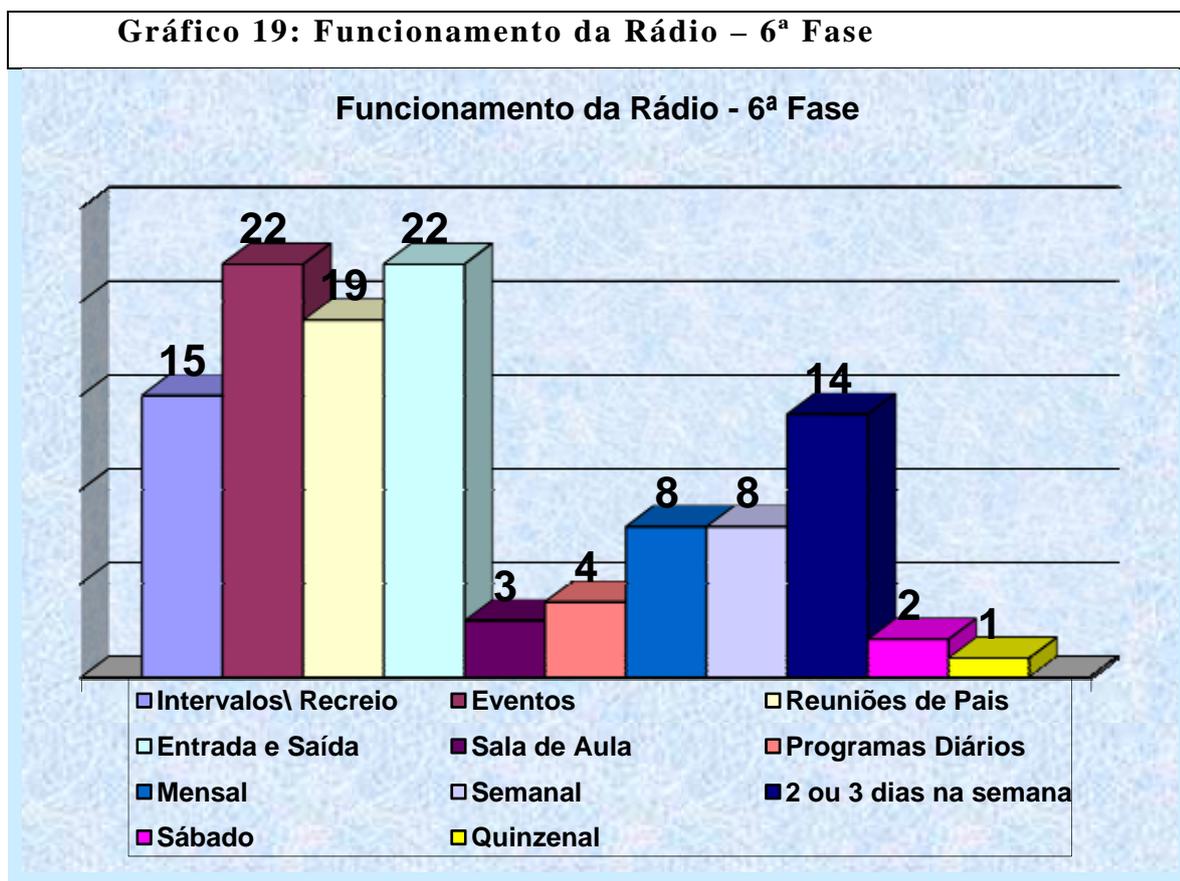
1- Mediar	Conciliar opinião, articulação.
2-Multiplicar	Com criatividade, manejar tecnologia, pesquisar.
3- Praticar a gestão participativa	Imparcialidade, dialogicidade, democrático, cooperativo, trabalhar em equipe, avaliação constante.
4- Comprometimento	Responsabilidade, assiduidade e pontualidade.
5- Organizar	Disponibilidade de tempo do grupo, monitoramento do equipamento, supervisionar o funcionamento.
6- Prolação e dicção	Ouvir e expressar com clareza.
7- Comunicativo	Capacidade de se expressar, dinamismo, carisma.
8-Estimular a participação de novos integrantes	Convidar e convencer outras pessoas a fazer parte da equipe.

Para desenvolver competências, os alunos precisam se perceber como organizadores de situações didáticas e de atividades que têm sentido para eles, que os envolva, e, ao mesmo tempo, gerem aprendizagens fundamentais. A competência é uma construção mental e não a mera resolução de tarefas.

“Competências” levantadas pelos cursistas	“Competência” para Philippe Perrenoud.
Mediar: conciliar opinião.	Saber gerenciar e superar conflitos Saber analisar situações , relações e campos de força de forma sistêmica;
Multiplicadores: criatividade, manejar tecnologia, pesquisar, articular.	Saber cooperar , agir em sinergia, participar de uma atividade coletiva e partilhar liderança; Saber formar e conduzir projetos e desenvolver estratégias, individualmente ou em grupo;
Fazer uso da Gestão Participativa: imparcialidade, dialogicidade, democrático, cooperativo, trabalho em equipe, avaliação constante.	Saber construir normas negociadas de convivência que superem diferenças culturais. Saber construir e estimular organizações e sistemas de ação coletiva do tipo democrático;
Comprometimento: responsabilidade	Saber identificar , avaliar e valorizar suas possibilidades, seus direitos, seus limites e suas necessidades;
Organização: assiduidade e pontualidade, disponibilidade de tempo, monitoramento.	Saber conviver com regras, servir-se delas e elaborá-las;
Comunicativo: capacidade de expressar, dinamismo, carisma e liderança. Prolação e dicção: ouvir e expressar com clareza.	Saber identificar , avaliar e valorizar suas possibilidades, seus direitos, seus limites e suas necessidades;

7.10 - Funcionamento da rádio

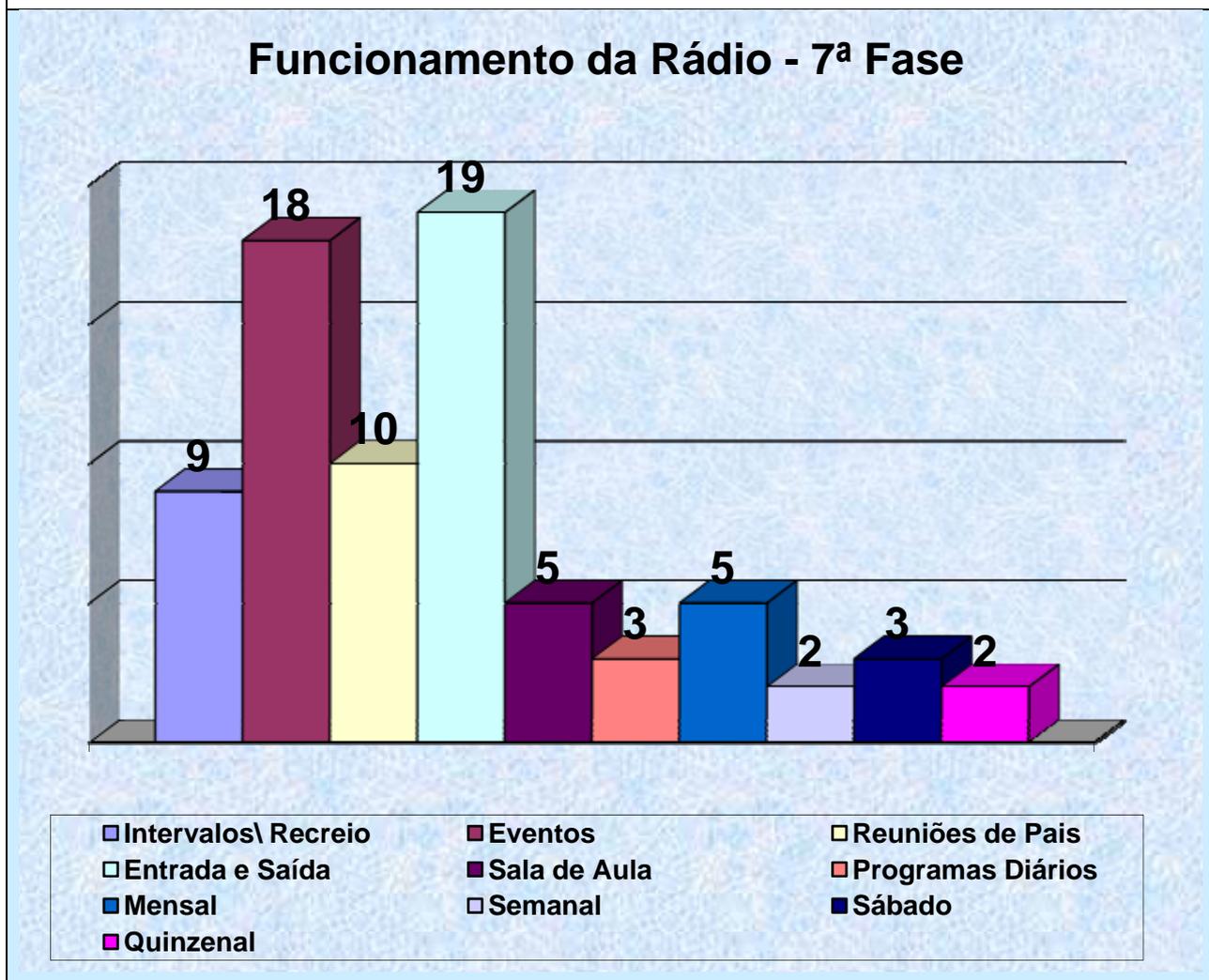
Foi proposto aos cursistas que indicassem o período em que o projeto seria implantado e como funcionaria na escola. Desse campo do planejamento, obtivemos o seguinte panorama:



Os planejamentos da 6ª fase, no item “funcionamento da rádio” tiveram os seguintes apontamentos:

Dos 109 planejamentos, 15 deles mencionaram a intenção de colocar a rádio em funcionamento nos horários de Intervalos\ Recreio. Outros 22 planejamentos revelaram que usariam a rádio em dias de festas e eventos. Mais 22 optaram por usá-la na entrada e saída dos períodos. E assim prosseguiu da seguinte forma: 19 planejamentos apontaram para o uso em Reuniões de Pais, 14 planejamentos escolheram a periodicidade de dois ou três dias por semana, 8 planejamentos indicaram um dia por mês, outros 8 planejamentos apontaram uma vez por semana, 4 planejamentos indicaram a intenção de fazer programas diários.

Gráfico 20: Funcionamento da Rádio – 7ª Fase



Os planejamentos da 7ª fase, no item “funcionamento da rádio”, tiveram os seguintes apontamentos: Dos 60 planejamentos, 9 deles mencionaram a intenção de colocar a rádio em funcionamento nos horários de Intervalos\Recreio. Outros 18 planejamentos revelaram que usariam a rádio em dias de festas e eventos. Mais 19 optaram por usar na entrada e saída dos períodos. E assim prosseguiu da seguinte forma: 10 planejamentos apontaram para o uso em Reuniões de Pais, 07 planejamentos escolheram a periodicidade de dois ou três dias por semana, 5 planejamentos indicaram um dia por mês, outros 2 planejamentos apontaram uma vez por semana, 3 planejamentos indicaram a intenção de fazer programas diários, 2 planejamentos revelaram a intenção de usar a rádio quinzenalmente e 3 planejamentos indicaram o uso aos sábados, no programa “escola aberta”.

7.11 - Rádio no projeto

A proposta deste campo do planejamento era que se indicasse qual seria o uso da rádio no projeto, a partir do que já fora elaborado anteriormente no plano de implementação do Educom.rádio na escola. Apuramos na pesquisa as seguintes funções apontadas:

- Diversão;
- Informação;
- Recados;
- Divulgação;
- Tocar música;
- Aulas interdisciplinares;
- Edições especiais para eventos;
- Programas de diferentes gêneros abordando os eixos temáticos;
- Resgate da oralidade;
- Hora da poesia;
- Apresentação de trabalhos em forma de programa de rádio;
- Elaboração e apresentação de jornal sobre o que acontece na unidade, no bairro, na cidade e no mundo;
- Caça talentos;
- Concursos culturais;
- Leitura crítica dos meios;
- Gravação de histórias para outras turmas.

7.12 – O término do Programa Educom.rádio

Para finalizar este capítulo, gostaríamos de deixar registrado que o Programa Educom.rádio foi um grande empreendimento na educação do município de São Paulo, permanentemente avaliado e revisto, um grande esforço para sincronizar teoria e prática. O conceito de educomunicação foi vivenciado de forma a possibilitar o entendimento da importância de se introduzir os processos e linguagens da comunicação nas práticas de ensino e socializar instrumentos de planejamento da ação educacional no cotidiano das comunidades escolares.

Segundo Soares¹²⁹, os professores, os alunos e membros da comunidade que se envolveram no curso “demonstraram excepcional valentia comprometendo seus preciosos momentos de descanso aos sábados, num trabalho de aprendizagem colaborativa”. O autor¹³⁰ diz ainda, que democratizar a comunicação é, seguramente apoderar-se de seus recursos técnicos e colocá-los a serviço das causas das grandes maiorias, a escola é um bom começo.

¹²⁹SOARES, Ismar de Oliveira. Boletim: *O Educomunicador* N° 02. NCE/USP/Salesianas, 2002.

¹³⁰ SOARES, Ismar de Oliveira. Boletim: *O Educomunicador* N° 12. NCE/USP/Salesianas, 2003.

Considerações Finais

Este trabalho de pesquisa se propõe a recuperar alguns documentos produzidos no Programa Educom.rádio, em nosso caso, os planejamentos, e analisá-los buscando compreender de que forma foi apreendido o conceito de planejamento sob a proposta de gestão educ comunicativa e procurar algumas respostas que contribuíssem para a constituição do campo da Educomunicação.

No primeiro capítulo, levantamos algumas hipóteses sobre o Programa Educom.rádio que segundo SOARES¹³¹, foi *uma estrutura criada para dar suporte a um projeto destinado a atender a uma rede de escolas, caracterizada justamente pela complexidade das ações. Nesse sentido, foram criadas “metodologias” para cada ação planejada (para definir os objetivos, para selecionar e capacitar a equipe, para implementar as fases do projeto e os pólos onde se realizariam, para construir o conteúdo a ser implementado, e, finalmente, para promover as oficinas de produção midiática).*

As hipóteses que tínhamos no início deste trabalho eram:

1ª. O processo de planejamento do NCE era coerente com os princípios da educomunicação, ou seja, a prática ou o ato de planejar do NCE era coerente com seu discurso educ comunicativo;

2ª. Os planejamentos no NCE eram um processo coletivo e aconteciam mediante experiências com a linguagem que se trabalhava;

¹³¹ SOARES, Ismar de Oliveira. *Educomunicação, seus procedimentos e metodologias*. In: <http://www.usp.br/nce/?wcp=/aeducunicacao/texto>.

3ª. O diferencial do Educom.rádio, no início de sua implantação, deveu-se à opção do NCE/USP de trabalhar conjuntamente com professores, alunos e membros das comunidades, fato que evitou ruídos na comunicação da mensagem do curso;

4ª. Apesar de ser bem realizado e de possuir uma documentação que orientava sua aplicação obedecendo a uma sequência, o planejamento do Educom.rádio era flexível o bastante para permitir uma adequação à realidade local e às características de cada grupo.

Para verificar estas hipóteses, trabalhamos com os planejamentos produzidos pelos cursistas do Programa Educom.rádio e com o material de apoio produzido pelo NCE para servir de subsídio ao desenvolvimento do curso. Buscamos nos embasar teoricamente nos autores Paulo Freire, Adilson Citelli, Ivani Fazenda, Martinez e Lahore, Bordenave e Carvalho, Padilha e Gadotti, Gandin e Cruz. A reflexão sobre educomunicação foi basicamente apoiada nos textos de Soares.

Quanto a primeira e segunda hipótese, podemos constatar que o processo de planejamento do NCE foi coerente com os princípios da Educomunicação e se davam num processo coletivo, vivenciando experiências com a linguagem que se trabalhava. Verificamos que houve uma preocupação do NCE, em todas as instâncias do planejamento, em se respeitar o princípio da gestão participativa do conhecimento: os professores, alunos e membros da comunidade eram convidados a observar a própria realidade e a realidade de suas escolas (examinando o plano político-pedagógico) e, a partir daí, construir seu projeto de como introduzir a Educomunicação no cotidiano de suas escolas. Esta postura também era tomada com relação aos formadores que, além de exercitar a gestão participativa nas reuniões de formação, procuravam vivenciar o que seria proposto aos cursistas e analisar se as propostas eram adequadas ao grupo.

Esta pesquisa procurou demonstrar as diversas situações em que o planejamento esteve presente nos permitindo afirmar que trata-se de um requisito fundamental para garantir o sucesso de qualquer trabalho

educativo. O rigor do planejamento facilitou o acompanhamento da aprendizagem, a garantia do respeito aos princípios da educação, a observação da interação dos envolvidos e as intervenções necessárias ao longo do percurso.

Quanto à terceira hipótese, constatamos que realmente foi um diferencial em relação aos cursos que a rede da PMSP oferecera até então. Em princípio, essa situação gerou certo desconforto nos professores por trabalharem com uma “desvantagem” em relação aos alunos. Por “desvantagem” entendemos o fato de os alunos entrarem em contato com a técnica e prática do rádio antes que os professores e membros da comunidade. Enquanto no período diurno do curso os professores tinham palestras com conteúdos teóricos sobre comunicação, educação e educação, os alunos, sob a batuta dos mediadores, aprendiam a fazer vinhetas, *jingles*, a construir uma reportagem radiofônica, entre outros exercícios. A produção midiática era proposta aos alunos em primeira instância pela própria curiosidade característica aos adolescentes em dominar as tecnologias, o que os levava a aguçar a curiosidade e sair de um aprendizado estático para algo mais dinâmico.

Logo o grupo entendeu a proposta e passou a trabalhar coletivamente, os alunos tornaram-se confiantes e participativos e os professores se conscientizaram de que também eram aprendizes. Tal proposta pôs em xeque alguns paradigmas como o de que o professor detém o saber, ou o de que os alunos são receptáculos que nada têm a oferecer fornecendo ao grupo elementos para reflexão e superação.

A quarta hipótese também se confirmou como procedente, pois apesar do Programa Educom.rádio ser bem realizado e de possuir uma documentação que orienta sua aplicação obedecendo a uma sequência, o planejamento era flexível o bastante para permitir uma adequação à realidade local e às características de cada grupo. O planejamento não só permitia uma adequação, como também era incentivado que ocorressem tais adequações. As reuniões de formação serviam para fazer estas discussões e avaliar o prosseguimento do trabalho.

Segundo SOARES¹³², o Programa Educom.rádio previa 3 etapas e após a pesquisa, afirmamos que ocorreram todas as etapas previstas:

*1. **Introdução dos cursistas ao mundo da Educomunicação** através de reflexões e de debates; esta introdução se dava a partir do confronto entre a mídia e os temas transversais (discussão sobre como os meios de comunicação trabalham temas como cidadania, a pluralidade cultural, o consumo, a saúde, o meio ambiente, o protagonismo etc.).*

*2. **Capacitação para a introdução da mídia na escola.** A prática laboratorial se dava com o uso dos recursos disponíveis. O procedimento adotado imitava, em certo modo, o cotidiano de um estúdio: elaboração de uma pauta, a gravação e a edição do programa, seguidas de sua exibição e avaliação. O que se procurava avaliar era o processo de integração, de solidariedade e de cooperação seguido pelo grupo. O grande laboratório era constituído pelo exercício de uma produção comunicativa que colocava em xeque as relações de poder entre os agentes culturais.*

*3. **Planejamento educomunicativo.** Mais do que a mídia utilizada, o que importava, era o “processo educomunicativo”. Procurava-se garantir que os cursistas, ao final do trabalho formativo, tivessem clareza sobre os objetivos da Educomunicação e dominassem os procedimentos necessários para confrontar a educação tradicional com um programa de gestão democrática da comunicação, construído, conjuntamente, pela comunidade escolar.*

¹³² Ibidem.

Segundo RODRIGUES¹³³, uma prática educomunicacional deve ser demarcada pela atitude de um educador que ouve o que o aluno sabe, lê os olhares dos alunos e reflete com eles sobre os diferentes posicionamentos sem, contudo, direcionar suas opções. Essa atitude envolve, ainda, o exercício de articulação dos saberes num processo que é interativo.

Um processo educomunicativo inicia-se com a intenção do educador quanto à formação do outro, ou seja, para planejar uma ação educomunicativa é preciso que o educador tenha claro o que deseja propiciar ao formando, considerando as experiências dos alunos, os diferentes saberes que eles possuem e as interações que estabelecem com a mídia.

Segundo SOARES¹³⁴, a Educomunicação é o campo das atividades humanas voltado para a criação de ecossistemas comunicativos abertos e democráticos. A Educomunicação garante às ações comunicativas, a intencionalidade educativa, a partir da perspectiva dialética, segundo a qual, a comunicação é um direito universal e sua prática uma condição indispensável para o exercício da cidadania.

Podemos afirmar que o planejamento educomunicativo não se restringe ao aspecto formativo da sala de aula, mas observa também as relações humanas, a relação com a mídia, a forma de gestão desenvolvida no processo ensino-aprendizagem, as intervenções sistemáticas que objetivam o desenvolvimento de sujeitos constituídos por diversidades culturais e sociais que, por não serem iguais, aprendem também de diferentes modos.

Esse planejamento não prevê a metodologia a ser empregada, porque Educomunicação não é uma metodologia, é uma concepção que pode orientar a atuação do educador.

¹³³ RODRIGUES, Cleide Aparecida Carvalho. *O processo Comunicativo na Prática Pedagógica*. In: <http://www.revistas.ufg.br/index.php/interacao/article/viewFile/1603/1568>.

¹³⁴ SOARES, Ismar de Oliveira. *Boletim: O Educomunicador* nº 17.

SOARES¹³⁵ afirma que não existem metodologias da Educomunicação enquanto campo do conhecimento, a Educomunicação é definida por concepções filosóficas e por paradigmas que contextualizam sua presença no espaço das intervenções dos grupos humanos. O que existe é uma teoria emergente e princípios que caracterizam uma ação educacional:

- *A visão da “essencialidade” da comunicação nas relações educativas. A comunicação não é simplesmente um “recurso” ou uma “ferramenta” a serviço da didática, mas é uma condição essencial e inerente a um autêntico processo educativo; é um processo gerador de conhecimento;*

- *O reconhecimento do direito dos agentes sociais (professores, alunos, membros da comunidade educativa) ao acesso aos recursos da informação, bem como a uma capacitação para seu uso a partir de uma perspectiva dialógica, dialética e participativa;*

- *A gestão democrática dos procedimentos e dos recursos da informação inerentes ao processo comunicativo (democratizando, pela mediação tecnológica, as relações no interior do sistema educativo);*

- *A disposição de colocar toda prática comunicativa a serviço, antes, da promoção à cidadania, do que dos processos persuasórios ou da promoção do marketing;*

- *A eleição de procedimentos participativos em toda ação coletiva destinada a ampliar as formas de expressão de pessoas e grupos humanos.*

Soares adverte que tais princípios não têm paternidade, tendo sido forjados na luta política ao longo dos últimos quarenta anos, contando com agentes culturais com o perfil de Paulo Freire, de Mario Kaplún ou de Hebert

¹³⁵ SOARES, Ismar de Oliveira. *Educomunicação, seus procedimentos e metodologias*. In: <http://www.usp.br/nce/?wcp=/aeducunicacao/texto>.

de Souza, como seus grandes inspiradores. Diante deste painel de princípios, os projetos que se definem como educacionais devem avaliar rigorosamente a coerência epistemológica de suas práticas, ou de seus procedimentos, para evitar incoerências, incongruências e desajustes.

A educação, independente de reconhecer ou não os meios de comunicação e informação, está imersa neles. Está inserida ainda numa sociedade que já incorporou esse processo de produção de conhecimento e circulação de informações cada vez mais velozes.

Como a escola não está à parte desta sociedade, precisa estabelecer um intercâmbio comunicativo entre educador e educando, entre escola e realidade, aproveitando os meios de comunicação e os aparatos tecnológicos para ampliar as possibilidades educativas.

A situação está dada e mediante a exposição dos fatos, assim como o resultado da pesquisa, podemos concluir que a educação precisa de algo mais que vai além da incorporação da tecnologia em seu cotidiano, precisa refletir sobre as implicações da comunicação no processo de ensino-aprendizagem, sobre esse novo clima cognitivo de aprendizagem, do qual falamos na pesquisa, e acrescentar isso à sua práxis de modo planejado e com clareza de intenções.

O planejamento educacional objetiva o desenvolvimento de práticas pedagógicas solidárias e colaborativas projetadas pelos grupos que compõem a comunidade escolar. Práticas pedagógicas que permitam à comunidade escolar dar respostas adequadas e construtivas aos problemas da convivência diária, além de propiciar uma melhora na compreensão e na aprendizagem das várias linguagens próprias da sociedade da informação.

Bibliografia

- ABRAMOVAY, Miriam. (coord) **Escolas Inovadoras**. Unesco/Mec. Brasil 2004.
- ALVES, Patrícia Horta. **Educom.rádio: uma política pública em educomunicação**. Tese de doutorado da ECA/USP, 2007.
- ALVES, Patrícia Horta. **Educomunicação: a experiência do Núcleo de Comunicação e Educação/ECA-USP**. Dissertação de Mestrado Dissertação (Mestrado) - ECA/USP, São Paulo, 2002.
- ARROYO, Miguel G. **Ofício de Mestre - Imagens e auto-imagens**. 4ª ed., Ed. Vozes. Rio de Janeiro, 2001.
- ASSUMPÇÃO, Maria Elena e BOCCHINI, Maria Otília. **Para escrever bem**. São Paulo. Ed. Manole, 2006, 2ªed.
- AZANHA, José Mário. **Uma idéia de pesquisa educacional**. São Paulo, Edusp, 1993.
- AZEVEDO, Maria Verônica Resende de. **Telejornalismo e educação para a cidadania: uma experiência de educomunicação**. Tese de doutorado, ECA/USP, 2003.
- BACCEGA, Maria Aparecida (org) **Comunicação e Cultura: um novo profissional**. São Paulo: Ed. ECA, 2ª ed., 2000.
- BACCEGA, Maria Aparecida. **A construção do campo da Comunicação/Educação: alguns caminhos**. Revista USP: São Paulo, 2000.
- BACCEGA, Maria Aparecida. **Linguagens da Comunicação**. In: SOARES, Ismar de Oliveira (org.). **Caminhos da Educomunicação**. São Paulo: Editora Salesiana, 2001, p.53-62.
- BACCEGA, Maria Aparecida. **Gestão de Processos Comunicacionais**. São Paulo: Ed. Atlas, 2002.
- BAFFI, Maria Adélia Teixeira. **Projeto Pedagógico: um estudo introdutório**. Petrópolis, 2002.
- BAGNO, Marcos. **Pesquisa na Escola – O que é – como se faz**. São Paulo, editora Loyola, 1998.
- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1979.
- BARI, Valéria Aparecida. **Por uma epistemologia no campo da educomunicação: a inter-relação comunicação e educação nos textos geradores do I Encontro Internacional sobre Comunicação e Educação**. Dissertação de mestrado, ECA/USP, 2002.
- BARROS FILHO, Clovis. **Ética na Comunicação**. São Paulo: Ed. Moderna, 1998.
- BOURDIEU, Pierre. **As regras da arte**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996,
- BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
- BOUTINET, Jean Pierre. **Antropologia do Projeto**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

- BRUNER, J. S. A cultura da educação. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- BRUNER, J. S. **Para uma teoria da educação**. Lisboa: Ensino, 1999.
- CALIL, Maria Izabel. **Da rua para a cidadania. Fundação Projeto Travessia**. Ed. Publisher Brasil. São Paulo, 2000.
- CANCLINI, Néstor Garcia. **A globalização imaginada**. São Paulo: Ed. Iluminuras, 2003.
- CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas Híbridas. Estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo, Edusp, 1998.
- CARNEIRO, Moacir Alves. **Os projetos juvenis na escola de ensino médio**. Brasília, DF: San Marino, 2001.
- CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. 3.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CASTELLS, M. **Fim de milênio**. São Paulo: Paz e Terra, 1999
- CASTELLS, M. **O poder da identidade**. 2.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CHARAUDEAU, P. e MAINGUENEAU, D. **Dicionário de análise do Discurso**. Trad. Fabiana Komesu (coord.). São Paulo: Contexto, 2004.
- CITELLI, A. **Linguagem e persuasão**. 11. Ed. São Paulo: Ática, 1997.
- CITELLI, Adilson (coord.). **Aprender e Ensinar com Textos Não Escolares**. São Paulo: Cortez, 1997.
- CITELLI, Adílson *Educação e mudanças: novos modos de conhecer*. In CITTELI, Adilson (Org.). **Outras Linguagens na escola**. São Paulo: Editora Cortez, 2000.
- CITELLI, Adilson Odair. *Comunicação, Educação e Linguagem*. In: SOARES, Ismar de Oliveira (org.). **Caminhos da Educomunicação**. São Paulo: Editora Salesiana, 2001, p.63-68.
- CITELLI, Adilson. **Comunicação e Educação: A Linguagem em Movimento**. São Paulo: Senac, 2000.
- CONSANI, Marciel Aparecido. **Mediações tecnológicas na educação: conceitos e aplicações**. ECA/USP, 2008 escola.doc, acesso em 01/04/2008.
- DE LIMA, Vinício Artur. **Comunicação e Cultura: as idéias de Paulo Freire**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2ª ed., 1981.
- FAZENDA, Ivani (org). **Didática e Interdisciplinaridade**. Campinas: Papyrus, 1998.
- FAZENDA, Ivani Catarina A. **Interdisciplinaridade – um projeto em parceria**. São Paulo: Loyola, 1991.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, s.d. p.1.153.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, , 2004, ed.10ª.

- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Cortez, 1995.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 13ª 1982.
- FREIRE, Paulo. **Extensão ou Comunicação?** São Paulo: Paz e Terra, 1969.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Editora Paz e Terra, São Paulo, 1996.
- FRIGOTTO, G. **Boletim Técnico** do Senac, nº 25.
- FUNARI, Cláudia Vicenza. **A prática da mediação em processos educacionais: o caso do projeto Educom.rádio**. Dissertação de mestrado, ECA/USP, 2007.
- GADOTTI, Moacir. ROMÃO, José E. (orgs) **Autonomia da Escola – princípios e propostas**. São Paulo: Cortez Editora, 2001.
- GADOTTI, Moacyr. **Paulo Freire – uma biobibliografia**. São Paulo: Cortez/IPF, 1996.
- GANDIN, Danilo. **A prática do planejamento participativo**. Petrópolis: Vozes. 1995.
- GARDNER, Howard. **Inteligências Múltiplas – a teoria na prática**. São Paulo: Artmed, 1995.
- GÓMEZ, Guillermo Orozco. *Professores e meios de comunicação: desafios e estereótipos*. **Revista Comunicação & Educação**, n. 10, São Paulo: CCA-ECA-USP/Moderna, 1997,
- GRISPUN, Mirian P. S. (org). **Educação Tecnológica – Desafios e perspectivas**. São Paulo: Ed. Cortez. 2ª ed. 2001.
- GUIMARÃES, Gláucia. **TV e Escola – Discursos em confronto**. São Paulo: Cortez, 2001.
- GUTIERREZ, F, PRIETO CASTILHO, D. **A mediação pedagógica**. Campinas: Papirus, 1994.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: PP& A Editora, 6ªed. 1999.
- HARVEY, David. **Condição pós-moderna**. São Paulo: Loyola. 1999.
- HERNANDEZ, Fernando. **Cultura Visual, Mudança Educativa e Projeto de Trabalho**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.
- HUERGO, Jorge A *Comunicación/Educación: Itinerarios transversales*. In **Comunicación – Educación coordinadas, abordajes y travessia**. La Plata: Universidad Central – Diuc.
- HUERGO, Jorge A. **Cultura Escolar, Cultura Mediática/ Intersecciones**. Santa Fé de Bogotá: Universidad Pedagógica Nacional, 2000.
- HUERGO, Jorge. **Comunicación/educación, ambitos, prácticas y perspectivas**. Argentina: Universidad Nacional de la Plata, EPC.1997.
- IANNI, Octavio. **A Era do Globalismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

KAPLÚN, Mário. **Continuidades y Rupturas en las busquedas de un comunicador-educador.** Mimeo, s/d

KAPLUN, Mario. *Processos educativos e canais de comunicação.* In Revista **Comunicação & Educação.** São Paulo: USP, jan./abril.,1999.

KAPLÚN, Mário. **Una Pedagogía de la Comunicación.**, Madrid: Ediciones de La Torre 1998.

KATO, Mary. **O aprendizado da leitura.** São Paulo: Martins Fontes, 1999, 5ª ed.

KENSKI, Vani Moreira. **Educação e Tecnologias, o novo ritmo da informação.** São Paulo: Papirus, 2007.

KIENTZ, Albert. **Comunicação de Massa.** Rio de Janeiro: Eldorado, 1973.

KLEIMAN, Ângela. **Texto e leitor.** São Paulo: Pontes, 2004, 9ª ed.

KUNSCH, Margarida Maria Krohling. **Planejamento de relações Públicas na Comunicação Integrada.** São Paulo: Summus Editorial, 2002.

LASSWELL, Harold. D. *A estrutura e a função da comunicação na sociedade.* In COHN, Gabriel. **Comunicação e Indústria Cultural.** São Paulo: Editora Nacional e Editora da Universidade de São Paulo, 1971.

LEÃO, Maria Izabel de Araújo. **A internet nos projetos educomunicativos do NCE/USP.** Dissertação de mestrado, ECA/USP, 2008.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura.** São Paulo: Editora 34, 2ª ed. 2000.

LIMA, Grácia Maria Lopes. **Educomunicação, psicopedagogia e prática radiofônica.** Dissertação de mestrado, ECA/USP, 2002.

LIMA, Venício Artur de. **Comunicação e cultura: As idéias de Paulo Freire.** São Paulo: Ed. Paz e Terra, 2ª ed, 1981.

LOPES, Maria Immacolata V. **Pesquisa em Comunicação.** São Paulo: Loyola, 2001.

MACEDO, Elizabeth Fernandes de. *Parâmetros curriculares Nacionais: a falácia de seus temas transversais.* In MOREIRA, Antonio Flávio Barbosa (Org). **Currículo: Políticas e práticas.** Campinas: Papirus, 1999.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações.** Rio de Janeiro: Ed. UFRJ. 1997.

MARTIN-BARBERO, Jesus. *Ensanchando Territorios en Comunicación/ Educación.* In: **Comunicación – Educación Coordinadas, abordajes y travesías.** Santafé de Bogotá, Universidad Central/ DIUC, pp101-113, 2000.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Heredando el futuro. Pensar la educación desde la comunicación.* **Revista Nómadas,** Bogotá, 1995.

MARTIN-BARBERO, Jesus. **La Educación desde la Comunicación.** Buenos Aires, Grupo Editorial Norma, 2002.

- MARTINEZ, Maria Josefina e LAHORE, Carlos Oliveira. **Planejamento Escolar**. MEC/Saraiva, 1997.
- MATTELART, Armand e Michèle. **História das teorias da comunicação**. São Paulo: Loyola, 4ª ed., 2001.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Mídia & Educação: perspectiva para a qualidade da informação**. Brasília: MEC, 2000.
- MORAN, José Manuel. **Leituras dos Meios de Comunicação**. São Paulo: Pancast Editora, 1993.
- MORIN, E. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2001.
- MORIN, Edgar. **Ciência com consciência**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez, 2000.
- MORIN, Edgard. **Introdução ao Pensamento Complexo**. São Paulo: Instituto Piaget, 2003.
- OROFINO, Maria Isabel. **Mídias e Mediação escolar**. São Paulo, Cortez, 2005.
- OROZCO, Guillermo Gomez. **Televisión, audiências e educación**. Argentina: Editorial Norma 2001.
- OROZCO, Guillermo. *Professores e meios de comunicação: desafios e estereótipos*. In Revista: **Comunicação e Educação**, no 10, São Paulo, Moderna/CCA. 1997. p.62
- PADILHA, Paulo Roberto. **Planejamento Dialógico**. São Paulo: Cortez, 2001.
- PASSOS, Laurizete Ferragut. *A Indisciplina e o cotidiano escolar: novas abordagens, novos significados*. In: **Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas**.
- PENTEADO, H.D. **Comunicação Escolar: uma metodologia de ensino**. São Paulo: Salesianas, 2002.
- PERRENOUD, Philippe. **Construir as competências desde a escola..** São Paulo: Ed. Artmed, 2005.
- PICONEZ, Stella C. Bertholo. **Extensão Universitária como compromisso social do ensino e da pesquisa**. Tese (Livre-docência) - FE/USP, São Paulo: 1999.
- PORTELLA, Priscila. In **Revista nova Escola**, fevereiro de 2001.
- QUIROZ, Maria Teresa. **Aprendizaje y Comunicación em el siglo XXI**. Grupo editorial Norma. Argentina, 2003.
- RAMAL, A. C. **Educação na cibercultura: hipertextualidade, leitura, escrita e aprendizagem**. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- REGO, Teresa Cristina. *Configurações sociais e singularidades: o impacto da escola na constituição dos sujeitos*. In: OLIVEIRA, M. K.; REGO, T. C.; SOUZA, D. T. R. (Orgs.). **Psicologia, educação e as temáticas da vida contemporânea**. São Paulo: Moderna, 2002

REVISTA **Educação** Nº2. São Paulo, Secretaria Municipal de Educação/ Diretoria de Orientação Técnica. (2001).

REVISTA **Educação** Nº3. São Paulo, Secretaria Municipal de Educação/ Diretoria de Orientação Técnica. (2002).

REVISTA **Educação** Nº4. São Paulo, Secretaria Municipal de Educação/ Diretoria de Orientação Técnica. (2003).

REVISTA **Educação** Nº5. São Paulo, Secretaria Municipal de Educação/ Diretoria de Orientação Técnica. (2004).

RIOS, Terezinha Azeredo. *Significado e Pressupostos do Projeto Pedagógico*. Publicação: **Série Idéias** n. 15. São Paulo: FDE, 1992. Páginas: 73-77

RODRIGUES, Neidson. **Da Mistificação da Escola à Escola Necessária**. São Paulo: Cortez, 1987.

ROMÃO, José Eustáquio e PADILHA, Paulo Roberto. *Planejamento Socializado Ascendente Na Escola*. In: GADOTTI, Moacir. ROMÃO, José Eustáquio. (orgs) **Autonomia da Escola - Princípios e Propostas**. São Paulo, Cortez, Instituto Paulo Freire, 2001.

SEABRA, S. **O possível (e necessário) diálogo entre Mídia e Escola**. Disponível em: http://www.portalgens.com.br/downloads/o_possivel-e_%20necessario-dialogo-entre-midia

SEVERINO, Antonio Joaquim. In FAZENDA, Ivani (org). **Didática e Interdisciplinaridade**. Papirus editora. Campinas, SP 1998.

SIERRA, Francisco. **Introducción a la teoría de la comunicación educativa**. Sevilha: Ed. Mad, 2000.

SILVA FILHO, Genésio Zeferino. **Educomunicação e sua metodologia: um estudo a partir de ONGs no Brasil**. Tese de doutorado, ECA/USP, 2004.

SOARES, Ismar de O. *Metodologias da Educação para Comunicação e Gestão Comunicativa no Brasil e na América Latina*. In: BACCEGA, M. A. (Org.). **Gestão de Processos Comunicacionais**. São Paulo: Atlas, 2002.

SOARES, Ismar de Oliveira (Org.). **Caminhos da Educomunicação**. São Paulo: Salesianas, 2001.

SOARES, Ismar de Oliveira *Educomunicação: As perspectivas do reconhecimento de um novo campo de intervenção social, o caso dos Estados Unidos*, in **Revista ECCOS**. São Paulo: Centro Universitário Uninove. V.2, n2, dez.2000. p.63-64

SOARES, Ismar de Oliveira *Educomunicação: Um Campo de Mediações*. In **Revista Comunicação & Educação**. São Paulo: USP, n.19, jan./mar.2000.

SOARES, Ismar de Oliveira. *A “Era da informação”: Tecnologias da comunicação criam novas relações culturais e desafiam antigos e modernos educadores”* in **Tecnologia Educacional** v. 22 jul./out. de 1993.

SOARES, Ismar de Oliveira. **A contribuição das ciências sociais para a avaliação dos programas de educação para a comunicação**. Tese (Livre-docência) - ECA/USP, São Paulo, 1990.

SOARES, Ismar de Oliveira. *A nova LDB e a formação de profissionais para a inter-relação Comunicação/Educação*, In **Comunicação e Educação**. nº2. São Paulo: Ed. Moderna, 1995.

SOARES, Ismar de Oliveira. *Agora, é planejar a educomunicação!* In **Agenda do educom.rádio nº2** do Núcleo de Comunicação e Educação da ECA/USP.

SOARES, Ismar de Oliveira. *Caminhos da Educomunicação na América Latina e nos Estados Unidos*. In: SOARES, Ismar de Oliveira (Org.). **Caminhos da Educomunicação**. Editora Salesianas, São Paulo, 2001, pp.35-46.

SOARES, Ismar de Oliveira. *Comunicação/educação: a emergência de um novo campo e o perfil de seus profissionais*. In: **Contato: revista brasileira de comunicação, arte e educação**, 1(2): 19-74. 1999.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Do Santo Ofício à Libertação**. São Paulo: Paulinas 1988.

SOARES, Ismar de Oliveira. *Educação para os meios nos EUA: 1970/2000* in **Revista Sem Fronteiras – estudos midiáticos**. Nº1, dez.,2000.

SOARES, Ismar de Oliveira. *Educomunicação: as perspectivas de reconhecimento de um campo de intervenção – o caso dos Estados Unidos*. In: **Revista ECCOS**, São Paulo: Centro Universitário UNINOVE, 2(2): 61-80. 2000.

SOARES, Ismar de Oliveira. *Educomunicação: um campo de mediações*. In: **Comunicação & Educação**. São Paulo: ECA/USP-Editora Segmento, 7(19), pp. 12-24. 2000.

SOARES, Ismar de Oliveira. *Educomunicación: comunicación y tecnologías de la información en la reforma de la enseñanza americana*. In **Diálogos da FELAFACS**, Lima, Peru, N. 59-60, p. 137-152. 2000.

SOARES, Ismar de Oliveira. *Gestão comunicativa e educação: Caminhos da educomunicação*. In **Revista Comunicação & Educação**. São Paulo: Editora Salesiana, nº. 23, 2002.

SOARES, Ismar de Oliveira. *Gestión de la Comunicación en el Espacio Educativo (o los desafíos de la Era de la Información para el Sistema Educativo)*. In: GUTIERREZ, Alfonso, **La Formación del Profesorado en la Sociedad de la Información**. Valladolid, Universidad de Segovia, pp. 31-44. 1998.

SOARES, Ismar de Oliveira. *La comunicación/educación como nuevo campo Del conocimiento e su perfil profesional* In: VALDERRAMA, Carlos Eduardo. **Comunicación – Educación Coordinadas, abordajes y travesías**. Santafé de Bogotá, Universidad Central/ DIUC, 2000, pp.27-47.

SOARES, Ismar de Oliveira. *La gestión de la comunicación educativa*. In: **Chasqui** Quito, 58, p. 7-11. 1997.

SOARES, Ismar de Oliveira. *Lei de Diretrizes e Bases e a Comunicação no Sistema de Ensino*. In: **Comunicação & Educação**, São Paulo: ECA/USP-Editora Moderna, 3(8): 23-26. 1997.

SOARES, Ismar de Oliveira. *Metodologia de educação para a comunicação e de gestão comunicativa no Brasil e na América Latina*, in BACCEGA. Maria Ap.(org) **Gestão de Processos Comunicacionais**. São Paulo: Atlas, 2002. p. 229 a 242

SOARES, Ismar de Oliveira. **Sociedade da Informação ou da Comunicação**. São Paulo, Cidade Nova, 1996.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Sociedade da Informação ou da Comunicação?** São Paulo: Cidade Nova, 1996.

SOARES, Ismar de Oliveira. *Tecnologias da Informação e novos atores sociais*. In: **Comunicação & Educação**, São Paulo: ECA/USP-Editora Moderna, 2(4): 41-45. (1995).

SOARES, Ismar de oliveira. **Venha ser um educador, você também**. Educom.TV, textos de apoio. NCE/ECA/USP

SOARES, Maria Salete Prado. **Processos comunicacionais em espaços educativos : estudo de caso sobre linguagens não escolares ativando ecossistemas comunicativos no projeto Retratos do Butantã, realizado na Escola Estadual Virgília de Carvalho Pinto**. Dissertação (Mestrado) - ECA/USP, São Paulo. 2004.

SOUSA, Mauro Wilton de. *O lugar social da comunicação*. In: SOARES, Ismar de Oliveira (Org.). **Caminhos da Educomunicação**. Editora Salesianas, São Paulo, 2001, pp.21-34.

SOUZA, Mauro Wilton de. **Novas Linguagens**. São Paulo: Salesiana, 2001.

TAVARES JUNIOR, Renato. **Educomunicação e expressão comunicativa: a produção radiofônica de crianças e jovens no projeto Educom.rádio**. Dissertação de mestrado, ECA/USP, 2007.

THIOLLENT, Michael. **Crítica Metodológica, Investigação Social e Enquete Operária**. São Paulo: Polis, 1980.

THIOLLENT, Michael. **Pesquisa-ação nas organizações**. São Paulo: Atlas, 1997.

VALDERRAMA H, Carlos Eduardo. *Médios de comunicación y globalización: tensiones de la política, las identidades y la educación*. **Revista Nómadas** nº 21. Médios de comunicación: Tecnologías, Política y Educación. Universidade Central, IESCO-UC, 2004.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Planejamento: Plano de ensino-aprendizagem e projeto educativo**. São Paulo: Libertad, 1995.

VEIGA, I. P. A. (Org.) **Projeto político-pedagógico da escola: Uma construção possível**. 23. ed., Campinas: Papirus, 2001.

VEIGA, Ilma Passos A. e RESENDE, Lúcia G. de (orgs.). **Escola: espaço do projeto político-pedagógico**. Campinas: Papirus, 1998.

VIANA, Claudemir Edson. **O processo educacional: a mídia na escola**. Dissertação (Mestrado) - ECA/USP, São Paulo, 2000.

VYGOTSKY, L.S. (1991), **A formação social da mente**. São Paulo, Martins Fontes, 1991.

ZEN, Maria Isabel Dalla (org). *Projetos Pedagógicos: Cenas de Sala de Aula*. **Coleção Cadernos de Educação Básica**. Porto Alegre: Mediação, 2001.

SITES

www.educomradio.com.br

www.educomradio.com.br/centro-oeste

www.inep.gov.br/

www.ipea.gov.br/

www.mec.gov.br

www.nepp.unicamp.br/

www.obore.com/

www.usp.br

www.usp.br/nce

1. **ABC** - Santo André, São Bernardo do Campo e São Caetano do Sul
2. **APM** – Associação de Pais e Mestres
3. **CAAP** – Communication Allies Around the Planet
4. **CECI** - Centro de Educação e Cultura Indígena
5. **CEI** - Centro de Educação Infantil
6. **CEU** - Centro Educacional Unificado
7. **CIEJA** - Centros Integrados de Educação de Jovens e Adultos
8. **CP** - Coordenador Pedagógico
9. **CPEC** – Construção Prática do Conceito de Ecossistema Comunicativo
10. **DOM** - Diário Oficial do Município
11. **DOT** - Divisão de Orientação Técnica
12. **DRH** - Departamento de Recursos Humanos
13. **ECA** – Escola de Comunicação e Artes
14. **ECA** – Estatuto da Criança e do adolescente
15. **EJA** - Educação de Jovens e adultos
16. **EMEF** - Escola Municipal de Ensino Fundamental
17. **EMEFM** - Escola Municipal de Ensino Fundamental e Médio
18. **EMEI** - Escola Municipal de Educação Infantil
19. **FEUSP** - Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo
20. **FIRB** – Faculdades Integradas Rio Branco
21. **FUNDEF** - Fundo Nacional do Desenvolvimento do Ensino Fundamental
22. **HTPC** - Horário de Trabalho Pedagógico Coletivo

23. **INTERCOM** – Estudos Interdisciplinares da Comunicação
24. **JEI** – Jornada Especial Integral
25. **LDB** - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
26. **MEC** - Ministério de Educação e Cultura
27. **NAE** - Núcleo de Ação Educativa
28. **NCE** – Núcleo de Comunicação e Educação
29. **NEA** - Núcleo de Educação de Jovens e Adultos
30. **NPTN** – Núcleo de Pesquisa de Telenovela
31. **ONG** – Organização Não Governamental
32. **OP** – Orçamento Participativo
33. **OP** - Orientador Pedagógico
34. **PAI** – Programa de Alfabetização Intensiva
35. **PCN** - Parâmetros Curriculares Nacionais
36. **PEA** - Projetos Especiais de Ação
37. **PEACEL** - Programa de educação, arte, cultura, esporte e lazer
38. **PMSBC** – Prefeitura Municipal de São Bernardo do Campo
39. **PMSP** – Prefeitura Municipal de São Paulo
40. **PP** – Projeto Pedagógico
41. **PPP** - Projeto Político Pedagógico
42. **PROFA** - Programa de Formação de Alfabetização
43. **PUC-SP** - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
44. **RBE** – Rede Brasileira de Educomunicação
45. **RME** - Rede Municipal de Ensino
46. **SAP** - Sala de Apoio Pedagógico
47. **SBC** - São Bernardo do Campo

48. **SENAC** - Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial
49. **SENAI** - Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial
50. **SESI** - Serviço Social da Indústria
51. **SINESP** - Sindicato dos Especialistas do Ensino Municipal
52. **SINPEEM** - Sindicato dos Profissionais do Ensino
53. **SME** - Secretaria Municipal de Educação
54. **TIC** – Tecnologia da Informação e Comunicação
55. **UCIP** – Union Catholique Internacionale de la Presse
56. **UE** – Unidade Escolar
57. **UMESP** - Universidade Metodista de São Paulo
58. **UNESCO** - Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura
59. **UNICAMP** - Universidade Estadual de Campinas
60. **UNICEF** - Fundo das Nações Unidas para a Infância
61. **UNINOVE** - Universidade Nove de Julho
62. **UNISAL** – Universidade Salesianas
63. **USP** - Universidade de São Paulo

- 1. Orientações de Atividades**
- 2. Ficha de Planejamento**
- 3. Manual do Equipamento**
- 4. Agendas do Educom.rádio da 6ª fase**
- 5. Agendas do Educom.rádio da 7ª fase**
- 6. Boletim: O Educomunicador (do número 0 ao 24)**
- 7. Fotos**